

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DOUTORADO EM LETRAS

Tese de Doutorado

**AS VOZES IDENTITÁRIAS ENVOLVIDAS NO ROMANCE:
CONDUÇÃO E ATUALIZAÇÃO DO TEXTO POR RECEPTORES
DE *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

AIRTON POTT



AIRTON POTT

**AS VOZES IDENTITÁRIAS ENVOLVIDAS NO ROMANCE:
CONDUÇÃO E ATUALIZAÇÃO DO TEXTO POR RECEPTORES
DE *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.

Passo Fundo

2024

CIP – Catalogação na Publicação

P865v Pott, Airton

As vozes identitárias envolvidas no romance [recurso eletrônico] : condução e atualização do texto por receptores de *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior / Airton Pott. – 2024. 5.2 MB ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.
Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2024.

1. Leitura. 2. Vieira Junior, Itamar. *Torto arado*.
3. Literatura - Análise do discurso. 4. Livros - Resenhas.
5. Skoob (rede social). I. Aquino, Ivânia Campigotto, orientadora. II. Título.

CDU: 82.09

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a tese

As Vozes Identitárias Envolvidas no Romance: Condução e Atualização do Texto por Receptores de *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior.

Elaborada por

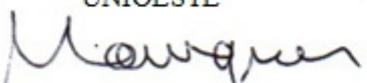
Airton Pott

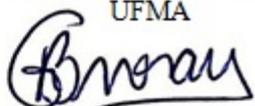
Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva.

Aprovada em: 04 de dezembro de 2024
Pela Comissão Examinadora

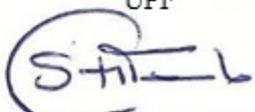

Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino
Orientadora - Presidente


Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves
UNIOESTE


Prof. Dr. Antônio Carlos Mousquer
UFMA


Profa. Dra. Gisele Benck de Moraes
UPF


Prof. Dr. Luis Francisco Fianco Dias
UPF


Profa. Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

(Estes agradecimentos são exalados, inicialmente, em forma de palavras em uma madrugada de insônia)

“Somos seres constituídos e formados por outros seres”. E, a partir desse pensamento que ilumina minha trajetória, quero mencionar os principais responsáveis, os fatos e os momentos que os tornaram e continuam a torná-los tão essenciais e marcantes para mim. Assim, neste embalo de palavras nascidas em meio às lágrimas, especialmente de emoção, agradeço calorosa e carinhosamente:

A Deus, Ser que permitiu que eu pertencesse a este mundo terreno, composto de desafios e, ao mesmo tempo, de possibilidades... e habitado por pessoas incríveis, cujos nomes completos não mencionar me soa, no mínimo, inconveniente.

À dona Lidia Lina Pott, minha mãe, e ao seu Arlindo Pott, meu pai, que são meus pilares, as principais pessoas que me constituíram e ajudaram na minha formação desde o início, que me permitiram, com muito esforço e amor, ser quem sou e tornar-me professor, que é minha essência... Tenho imenso orgulho de meus pais, que são os melhores que eu poderia ter. E hoje, nos trilhos do ensinar e do educar, realizo sonhos não somente meus, mas de vocês também. Afinal, saber, depois de adulto, que ser professora era também um sonho de minha mãe, me energiza de uma forma imensurável. Lamentavelmente, o destino, a época e as condições não lhe permitiram... Então, meus passos e minhas conquistas também são de meus pais.

Aos meus irmãos, Dilson Pott, Vilson Pott, Milton Pott e Elton Pott, pelo espírito de irmandade e por serem uma forte estrutura, sobretudo de amizade e diálogo comigo, o “mano mais novo”, que teve a oportunidade de estudar, mas que não hesita em voltar para suas raízes no Pontão dos Buenos sempre que pode, levando comigo meus filhos e esposa.

À Daiane Gräff Pott, que divide os dias comigo no lar doce lar e, lado a lado, me ensina, de uma forma ou outra, que o amor deve prevalecer diante dos

desafios do dia a dia e que temos de caminhar unidos para que os dias se tornem melhores. Mulher gigante, que cultiva e rega comigo diariamente sementes, almejando um futuro promissor com nossos “superfilhos”... Que diferentes momentos nos levem a vários lugares, destinos, conhecimentos e experiências, unidos e juntos ao “Thur” e ao “Gu”.

Ao Arthur Gräff Pott e ao Gustavo Gräff Pott, que são, para mim, a personificação do amor, a lição do amor, o amor em forma de vida e a vida em forma de amor, assim, nesta troca mútua, porque um complementa e completa o outro. Razões da minha vida e que me fazem refletir frequentemente sobre a vida, o amor e a importância de nos esforçarmos para estarmos e sermos presentes. Meus filhos são meu melhor presente... E eu quero estar muito presente em suas vidas, para sempre.

À professora doutora Ivânia Campigotto Aquino, que se transformou, ao longo do tempo do mestrado e principalmente do doutorado, em uma referência de profissional e pessoa, pois demonstra também seu lado humano e de resiliência. E gratidão por ter se tornado uma parceira nas organizações de livros e escrita de capítulos e artigos.

À banca, formada pelos professores Antônio Carlos Mousquer (FURG), Gisele Benck de Moraes (UPF), Lourdes Kaminski Alves (UNIOESTE) e Luís Francisco Fianco Dias (UPF), aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), à Universidade de Passo Fundo (UPF) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por me concederem a oportunidade de estar aqui hoje, defendendo uma pesquisa que desenvolvi ao longo dos últimos anos, e por me conferirem o título que representa uma caminhada movida por sonhos e pelo desejo de contribuir com a educação.

À Sandra de Bairros, uma das principais mentoras e incentivadoras para eu trilhar o caminho do doutoramento. Você deixou suas sementes e ramificações em mim quando foi minha professora de Biologia no 3º ano do Ensino Médio, ensinando, desde então, a importância de semearmos boas ações e cultivarmos a vida na natureza, e a nossa própria vida.

Ao Senhor Nelmo Edo Pott, que não foi meu professor em sala de aula, mas é uma pessoa que já me ensinou e aconselhou muito, tanto na profissão quanto na vida e que, portanto, merece meu carinho,

meu respeito e minha gratidão... E que assim seja por muito tempo ainda, sendo exemplo para muitos. À Lourdes Adelina Tolentino, uma senhora “moça” com espírito de jovem, que é a melhor *crush* literária que se pode ter. “Figura” que traz bons fluídos e uma vontade contagiosa de viver sem se preocupar com o desnecessário, valorizando a simplicidade da vida.

À Vanessa Amaral Leal, pela amizade, pelas conversas, pelas risadas. Por ser uma colega e amiga leal (não é à toa que tens esse adjetivo como sobrenome). Por estar sempre disposta a ajudar a fazer uma reunião ou um evento “bem-feito”.

À Eliséte Wegner Teixeira, por sua singeleza e melifluidade nas palavras e nos ensinamentos que carrego comigo desde o 3º ano do Ensino Médio. A frase das borboletas e dos jardins como forma de reflexão e motivação em uma sexta-feira de manhã foi marcante e fez a diferença em minha vida!

À Rubia Verginia Bortolini, que, mesmo um pouco distante fisicamente, sempre está perto nos pensamentos, nas alegrias, nas conversas, nas mensagens de motivação e poesia pelo WhatsApp. Você é uma “mana” muito bacana! Que com rima ensina com encanto de menina! Nas palavras, doçura, encontrada na mais bela literatura!

À professora Nelda Nelsi Pott, pelo incentivo àquele rapaz que estava no Ensino Médio sem saber ao certo o que cursar. Você fez uma pergunta importante que definiria meu rumo: “por que você não faz faculdade de português?”. E, assim, “por que não?” passou a ser uma pergunta motivadora para mim! Se estou aqui hoje, é porque devo dizer que o título de Doutor em Letras merece ser dedicado à senhora também!

Às professoras Marta Malheiros (cadê a senhora, profe? Em minhas lembranças com certeza), Margit Keller (*in memoriam*, mas muito viva em mim e em muitos outros), Andreia Voll, Silvane Bueno Fritsch, Jacira Fatima de Lima Castro, Sigrid Reinke Pautz e Tarsila Schio: eis o timaço de professoras que me ensinaram muito nos primeiros anos da minha jornada como estudante, e foram as primeiras inspirações para eu me tornar professor. Sim, SOU PROFESSOR! Gratidão, da mesma maneira, ao professor e diretor na época, Waldir Land, que não media esforços pela escola e pelos alunos. Sigrid Reinke Pautz, gratidão por fazer a diferença na vida do meu filho Arthur e ser fonte de conhecimento e amor para ele!

À Gracieli da Silva Araújo, que foi minha primeira “chefa”, mas que eu reconheço como alguém muito mais do que isso, pois me ensinou valores para a vida... “Gracinha, você é gigante!”. Você me ensinou no dia a dia o que falava: “o problema muitas vezes não está em você, está no outro. E você não pode deixar isso te ‘afetar’ e não leve para casa os problemas que acontecem no trabalho”, quando percebia que eu ficava abalado emocionalmente por consequência de palavras mal colocadas por outro alguém.

A tantos outros professores, que se tornaram especiais, amigos, colegas, mas que infelizmente não é possível mencionar aqui, senão os agradecimentos se tornam do tamanho da tese em si. Professor é uma figura que mudou a vida daquele menino que ia com boné à aula, se escondendo, querendo “sumir” embaixo da classe por pura timidez quando escutava o nome “Airton”. Professores, gratidão por terem feito a diferença na minha vida!

Ao aluno Cauã Victor Weiss Kuhn, por, “sei lá”, ser um escritor e eu enxergar nele considerável parte do meu jeito tímido da infância de pensar, ser e agir. Algo inexplicável que, ao mesmo tempo, “tem explicação sim”, como afirmou a professora Silvane Bueno Fritsch, que foi minha professora na 3ª série e, atualmente, é coordenadora na escola onde o Cauã estuda (ciclos da vida).

Aos meus alunos e ex-alunos, aos quais sempre procurei possibilitar as melhores experiências dentro e fora da sala de aula, com projetos, gravações, participações em eventos, escrita de textos, estimulando-os diariamente a vivenciarem e escreverem sobre seus sonhos e os capítulos de suas vidas. Vivenciar conquistas de alunos e ex-alunos é a minha melhor realização profissional na condição de professor.

Enfim, meu agradecimento a quem vivenciou e vivencia momentos importantes em minha trajetória, mas, de forma especial, às pessoas (seres iluminados e de energia boa) tão importantes para mim, que me fazem um bem danado e que me fazem lembrar e viver o lema que instituí para minha vida e encerra estes agradecimentos de forma tão importante e cíclica quanto o pensamento inicial: “como é bom amar e ser amado!”.

Trecho comovente de *Torto arado*:

Meu pai olhava para mim e dizia: “O vento não sopra, ele é a própria viração”, e tudo aquilo fazia sentido. “Se o ar não se movimenta, não tem vento, se a gente não se movimenta, não tem vida”, ele tentava me ensinar. Atento ao movimento dos animais, dos insetos, das plantas, alumbrava meu horizonte quando me fazia sentir no corpo as lições que a natureza havia lhe dado. Meu pai não tinha letra nem matemática, mas conhecia as fases da lua. Sabia que na lua cheia se planta quase tudo; que mandioca, banana e frutas gostam de plantio na lua nova; que na lua minguante não se planta nada, só se faz capina e coivara.

[...]

Como um médico à procura do coração. (Vieira Junior, 2019, p. 99-100).

RESUMO

Cada texto literário está envolto em vozes identitárias e culturais, o que desperta a curiosidade inicial para a realização desta pesquisa, na qual objetivamos analisar de que forma as vozes identitárias e culturais em *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, são conduzidas e atualizadas pelos leitores, receptores do romance, na rede social *Skoob*. Nosso estudo tem como eixo teórico a Estética da Recepção, fundamentada na interação entre autor, texto e leitor em um horizonte histórico, a partir dos estudos de Jauss (1994), Iser (1979, 1996, 1999) e Zilberman (1989). Além disso, estabelece um diálogo com outras vertentes teóricas, como a hermenêutica, investigada por Gadamer (2014) e, sob outra perspectiva, por Vattimo (2010), que oferecem contribuições cruciais para nossa proposta de pesquisa. Ainda no primeiro capítulo teórico, realizamos complementações por meio da Teoria das Mediações, de Martín-Barbero (1997), e por aportes teóricos que discutem sobre os fenômenos da leitura e da escrita, com base em Petit (2009). No capítulo seguinte, também de cunho teórico, enfocamos nos aspectos identitários e culturais do leitor em seu papel de sujeito produtor e propagador de informações a fim de que possamos realizar um diagnóstico a respeito da identidade e da cultura do leitor contemporâneo diante do texto no contexto digital e na era moderna. Para tanto, amparamo-nos nos estudos teóricos de Hall (2006) e Woodward (2013), visitando também as teorias de Eco (2011), Laraia (2001) e Schmidt (2008). Na sequência, realizamos a descrição dos elementos que subsidiam nossas investigações fundamentadas nos procedimentos metodológicos estabelecidos pelo método proposto na Análise de Conteúdo, de Bardin (2016), partindo da descrição dos elementos que subsidiam nossos estudos, o autor Itamar Vieira Junior, o romance *Torto arado*, enfocando em sua recepção por parte dos leitores que se manifestaram por meio de suas resenhas na rede social *Skoob*. Sendo assim, tecemos descrições e observações sobre o nosso papel de leitor do romance, considerando-o dentro do cenário contemporâneo de formação cultural e identitária e, com base nisso, pautamos e organizamos nossas análises, em virtude do expressivo número de resenhas e resultados por meio das diferentes ênfases realizadas pelos internautas da *Skoob*, em dez subcapítulos dentro do capítulo destinado às análises para conseguirmos averiguar os resultados a partir do número das palavras geradas na nuvem de palavras concebida através de programa específico para esse fim, bem como pela predisposição de resenhas individuais para fins de comprovação e análises mais detalhadas. Portanto, a partir desse processo de construção de conhecimentos e investigações, os resultados obtidos apontam a leitura e recepção do romance por leitores de diferentes formações e visões de mundo, os quais, ao

percorrerem os caminhos do texto literário, imprimem-lhe as suas interpretações, compreensões e aplicações, tanto durante quanto após o processo de condução e atualização do texto por meio da leitura.

Palavras-chave: Recepção. Leitura. Identidade. *Torto arado*. *Skoob*.

ABSTRACT

Each literary text is surrounded by identity voices, which arouses the initial curiosity to carry out this research, in which we aim to analyze the reception of the contemporary novel *Torto arado* (2019), by Itamar Vieira Junior (1979), by the more than 3,000 readers who expressed themselves about this work on *Skoob*, the largest social network of readers in Brazil, until March 2022. Our study has as its theoretical axis the Aesthetics of Reception, whose foundation is the interaction between author, text and reader in a historical horizon from studies by Jauss (1994), Iser (1979, 1996, 1999) and Zilberman (1989). It also establishing a dialogue with other theoretical aspects, such as hermeneutics itself investigated by Gadamer (2014) and, from another perspective, by Vattimo (2010), both allowing relationships at crucial points for our research proposal. Still in the first theoretical chapter, we provide complements through the Theory of Mediations, by Martín-Barbero (1997), and through theoretical contributions that discuss the phenomena of reading and writing, based on Petit (2009). In the next chapter, also of a theoretical nature, we focus on the identity and cultural aspects of the reader in their role as a subject who produces and propagates information so that we can carry out a diagnosis regarding the identity and culture of the contemporary reader when faced with the text in the context digital and in the modern era. To this end, we draw on theoretical studies based on Hall (2006) and Woodward (2013), also visiting the theory of Eco (2011), Laraia (2001) and Schmidt (2008). Next, we describe the elements that support our investigations based on the methodological procedures established by the method proposed in Bardin's Content Analysis (2016), starting from the description of the elements that support our studies, the author Itamar Vieira Junior, the novel *Torto arado*, focusing on its reception by readers who expressed their views through their reviews on the *Skoob Social Network*. Therefore, we weave descriptions and observations under our role as reader of the novel, considering it within the contemporary scenario of cultural and identity formation and, based on this, we guide and organize our analyses, due to the significant number of reviews and results by through the different emphases made by *Skoob* internet users, in ten subtitles within the chapter dedicated to analysis so that we can ascertain the results based on the number of words generated in the word cloud designed through a specific program for this purpose, as well as the predisposition of reviews for the purposes of proof and more detailed analysis. Therefore, from this process of construction of knowledge and investigations, the results obtained point to the reading and reception of the novel by readers with different backgrounds and worldviews, who, when following the paths of the literary text, imprinting their

interpretations on it, understandings and applications during and after the process of conducting and updating the text through reading.

Keywords: Reception. Reading. Identity. *Torto arado. Skoob.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O circuito da cultura, segundo Paul du Gay <i>et al.</i>	85
Figura 2 - Nuvem de palavras com as resenhas da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	127
Figura 3 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	128
Figura 4 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	130
Figura 5 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	131
Figura 6 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	132
Figura 7 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	133
Figura 8 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	134
Figura 9 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	135
Figura 10 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	136
Figura 11 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	138
Figura 12 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	139
Figura 13 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	140
Figura 14 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	141
Figura 15 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	142
Figura 16 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	143
Figura 17 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	144
Figura 18 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	146
Figura 19 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	147
Figura 20 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	147
Figura 21 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	149
Figura 22 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	150
Figura 23 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	151
Figura 24 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	152
Figura 25 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	153
Figura 26 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	154
Figura 27 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	155
Figura 28 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	156
Figura 29 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	157
Figura 30 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	158
Figura 31 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	159
Figura 32 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	160

Figura 33 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	161
Figura 34 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	162
Figura 35 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	163
Figura 36 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	165
Figura 37 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	166
Figura 38 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	167
Figura 39 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	168
Figura 40 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	170
Figura 41 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	170
Figura 42 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	171
Figura 43 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	172
Figura 44 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	173
Figura 45 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	174
Figura 46 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	176
Figura 47 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	177
Figura 48 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	178
Figura 49 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	179
Figura 50 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	180
Figura 51 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	181
Figura 52 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	183
Figura 53 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	185
Figura 54 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	186
Figura 55 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	187
Figura 56 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	188
Figura 57 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	189
Figura 58 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	190
Figura 59 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	191
Figura 60 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	192
Figura 61 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	193
Figura 62 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	195
Figura 63 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	196
Figura 64 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	197
Figura 65 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	198
Figura 66 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	199

Figura 67 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	200
Figura 68 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	201
Figura 69 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	203
Figura 70 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	204
Figura 71 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	205
Figura 72 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	206
Figura 73 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	207
Figura 74 - Resenha de internauta da <i>Skoob</i> sobre <i>Torto arado</i>	208

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	16
2	TEORIAS DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO, DO EFEITO ESTÉTICO E DA MEDIÇÃO: CONDUÇÃO E ATUALIZAÇÃO DO TEXTO DURANTE O ATO DE LEITURA	23
2.1	Linguagem e hermenêutica literária: anunciadoras das teorias da Estética da Recepção e do Efeito Estético do texto	25
2.2	Os atos de leitura e de escrita: interações entre autor, texto e leitor.....	37
2.3	Interpretação, compreensão e aplicação: ações do leitor no preenchimento das lacunas em jogo com o texto	45
2.4	O papel da mediação no ato da recepção do texto e no alcance de trabalho do autor	53
3	A ESCRITA E A LEITURA COMO FENÔMENOS CONTEMPLADORES DE OUTRAS CULTURAS E IDENTIDADES.....	61
3.1	Identidade e cultura como anunciadoras da formação do sujeito ativo no processo de leitura.....	62
3.2	Aspectos identitários e culturais do leitor em seu papel de sujeito discursivo produtor e propagador de informações	68
3.3	A identidade e a cultura do leitor contemporâneo diante do texto e do contexto digital.....	74
3.4	O leitor e as identidades culturais desterritorializadas em ascensão	83
4	O AUTOR, O TEXTO LITERÁRIO, O PÚBLICO LEITOR: DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ELEMENTOS E DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	93
4.1	O autor Itamar Vieira Junior: contextualização sobre sua trajetória, cultura e identidade.....	93
4.2	O romance <i>Torto arado</i>: acontecimento contemporâneo no circuito da cultura	98
4.2.1	Bibiana e sua voz: o fio inicial do romance <i>Torto arado</i>.....	102
4.2.2	Palavras não caladas de Belonísia: eis o <i>Torto arado</i>	109
4.2.3	Voz ao narrador encantado: revelações e desfechos.....	116
4.3	Internautas da <i>Skoob</i> e os procedimentos metodológicos: ponderações a partir da recepção e atualização de <i>Torto Arado</i>	122

5	RECEPÇÃO DE <i>TORTO ARADO</i>: RESULTADOS DA ATUALIZAÇÃO DO ROMANCE ENCONTRADOS NA REDE SOCIAL <i>SKOOB</i>	126
5.1	Escrita, leitura e canais de comunicação: voz do leitor sobre si e sobre o outro – o autor, o texto e a veiculação de informações	128
5.2	Manifestações dos leitores sobre suas próprias impressões e emoções	137
5.3	Adjetivos dando voz à história	145
5.4	Terra, povo, escravidão: uma questão histórica e social	153
5.5	Bibiana, Belonísia, irmã(s): a trama das personagens principais	161
5.6	Forças e vozes femininas sob o olhar do autor e dos leitores	169
5.7	O clássico na voz contemporânea: apontamentos e percepções dos leitores	175
5.8	Intertextualidades e relações possíveis estabelecidas pelos receptores de <i>Torto arado</i>	184
5.9	Identidade e cultura regionalista sob o olhar dos leitores do romance de Itamar Vieira Junior	194
5.10	Realidade, ficção e realismo mágico: três elementos fortalecedores da voz do romance	202
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	210
	REFERÊNCIAS	216

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura permite aos leitores viagens inesquecíveis através do texto, cujas palavras e ideias são expressas pelo seu autor. Os receptores do texto, portanto, embarcam em uma viagem guiada por outro sujeito, mas, ao mesmo tempo, podem imprimir ao texto as suas compreensões e interpretações por meio da condução e atualização dele, mediante o ato da leitura. Nesse processo, o receptor do texto, sujeito da ação da leitura, contribui para a consignação das informações presentes no que lê, predeterminado, também, pela sua prévia formação identitária e cultural.

E quando o leitor se depara com um texto que representa a identidade de várias pessoas, que têm parte de sua cultura expressa e representada naquele manifesto literário, o qual, por sua vez, é recepcionado por sujeitos que possuem suas próprias identidades e imprimem suas interpretações e compreensões ao texto conforme sua formação e trajetória? É diante desse cenário que nos sentimos inquietos e motivados a pesquisar sobre as múltiplas e estratégicas vozes culturais e identitárias envolvidas no romance contemporâneo *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior (1979), com ampla recepção crítica nas manifestações de leitores da *Skoob*, a maior rede social de leitores do Brasil.

Dado o contexto, propomo-nos, nesta pesquisa, investigar a temática apresentada à luz da seguinte problematização: como se caracteriza a recepção das vozes identitárias e culturais do romance contemporâneo *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, por leitores que realizaram manifestações na rede social *Skoob* e que possuem suas próprias vozes e formações culturais? Para tanto, traçamos como objetivo geral analisar de que forma as vozes identitárias em *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, são conduzidas e atualizadas pelos leitores, receptores do romance, na rede social *Skoob*.

Além disso, estabelecemos objetivos específicos para a realização da pesquisa, a saber: compreender a relevância das vozes identitárias e culturais presentes em *Torto arado*, desde sua criação por Itamar Vieira Junior até a recepção e atualização do romance pelos diversos receptores do texto. Com esse propósito, também intencionamos realizar a apuração das resenhas dos leitores cadastrados na rede *Skoob* sobre o romance em estudo.

Quanto ao levantamento dos dados, é realizado com base na teoria de Análise de Conteúdo, de Bardin (2016). Conforme delimitado, é possível examinar a recepção da temática, os elementos da narrativa e os demais aspectos de estruturação e composição do romance contemporâneo *Torto arado* destacados pelos leitores que se manifestaram na rede *Skoob*. Paralelamente, podemos investigar os motivos da significativa circulação e

propagação da obra na rede social *Skoob* para melhor apreendermos sobre a recepção desse texto literário.

Diante dos objetivos engendrados, embasamo-nos nas teorias da Estética da Recepção e do Efeito Estético, desenvolvidas, respectivamente, por Jauss (1979, 1994) e Iser (1979, 1996, 1999). Também nos apoiamos nas contribuições de Zilberman (1989), principalmente no que compete à Estética da Recepção, ao mesmo tempo em que transitamos pela Teoria das Mediações elaborada por Martín-Barbero (1997).

A fim de aprofundarmos sobre a recepção do romance *Torto arado* (2019), na perspectiva de compreendermos a escrita e a leitura como fenômenos culturais contempladores de outras culturas e identidades, amparamos nossas investigações em Petit (2009). Da mesma maneira, convocamos Hall (2006) e Woodward (2000) para nos auxiliarem no entendimento do processo de identidade dos sujeitos envolvidos na recepção do romance *Torto arado* (2019).

A partir desse aparato teórico, acentuamos que este estudo contribui para a linha de pesquisa “Produção e recepção do texto literário”, ao oferecer análises da recepção de um romance contemporâneo que rapidamente ganhou destaque nas mídias e continua em ascensão. Além disso, não foram encontrados estudos que abordam a recepção de *Torto arado*, o que delineia um caráter inovador à nossa proposta de pesquisa. Concomitantemente, nossos estudos favorecem as pesquisas que envolvem a escrita e a leitura, processos culturais que compreendem, por meio do texto, marcas de formação de cultura e identidade, fortemente presentes em *Torto arado* e ressaltadas por muitos leitores que se manifestaram na rede social *Skoob*.

Diante de toda essa conjuntura, registramos nosso apreço particular pelo romance, pois somos leitores e receptores de *Torto arado*. Tomá-lo como *corpus* de pesquisa deve-se também ao fato de ter vencido os prêmios LeYa (2018), Oceanos (2020) e Jabuti (2020), o que lhe conferiu grande destaque nos veículos de circulação. Em apenas dois anos, a obra acumulou mais de 3.000 resenhas na *Skoob*, produzidas por leitores heterogêneos que ressaltam diferentes aspectos da obra.

Sendo assim, tecemos nossos estudos sob o enunciado da tese de que as múltiplas e estratégicas vozes identitárias envolvidas na recepção do romance contemporâneo *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, são constituintes de sujeitos formados por textos, culturas e identidades construídas previamente, o que influencia tanto na escrita do autor quanto na recepção e atualização do texto por parte dos leitores, que imprimem as suas interpretações,

compreensões e aplicações durante e após o processo de condução e atualização do texto por meio da leitura.

Com base nisso, no primeiro capítulo teórico, intitulado “Teorias da Estética da Recepção, do Efeito Estético e da Mediação: condução e atualização do texto durante o ato de leitura”, concentramos nossos estudos nas teorias da Estética da Recepção, do Efeito Estético e da Mediação, partindo da premissa de que os três elementos envolvidos no processo de leitura – autor, texto e leitor – estão interligados. Essa investigação, amparada nos estudiosos das teorias da Estética da Recepção e do Efeito Estético, considera a linguagem e a hermenêutica literária como os fundamentos dessa linha de pesquisa, que visa às compreensões acerca dos atos de escrita e, sobretudo, de leitura.

À luz do primeiro capítulo, atrelado às teorias de Jauss (1994), Iser (1979, 1996, 1999) e Zilberman (1989), estabelecemos um diálogo com outras vertentes teóricas, como a da hermenêutica, investigada por Gadamer (2014) e, sob outra perspectiva, por Vattimo (2010), ambas permitindo relações em pontos cruciais para nossa proposta de pesquisa. E, ao nos propormos a reflexões sobre o processo de leitura, conseguimos estabelecer entrelaçamentos com os estudos de Candido (2006), que investiga a respeito do escritor e seu público – o leitor; de Ricoeur (1997), quando enfatiza sobre o texto e o leitor; de Petit (2009), que também se propôs a investigar sobre o ato de ler; e, por fim, devido à mediação do texto, amparamo-nos nos estudos de Martín-Barbero (1997) e Girardi Junior (2009).

O próximo capítulo, também teórico, intitulado “A escrita e a leitura como fenômenos contempladores de outras culturas e identidades na era contemporânea e moderna”, foca nos processos de escrita e leitura como meios de propagação de identidades e culturas. Nessa perspectiva, investigamos a identidade e a cultura como anunciadoras da formação do sujeito ativo no processo de leitura. Por isso, baseamo-nos nos estudos teóricos de Hall (2006) e Woodward (2013), visitando também a teoria de Eco (2011), Laraia (2001) e Schmidt (2008). Subsidiados por esse aparato teórico, no qual outros teóricos são convocados como aporte para sustentar nossas investigações, perpassamos pelos aspectos identitários e culturais do leitor em seu papel de sujeito produtor e propagador de informações, para melhor compreender sobre a identidade e a cultura do leitor contemporâneo diante do texto no contexto digital e na era moderna.

Por conseguinte, no capítulo dedicado à descrição dos elementos e procedimentos metodológicos que fundamentam nossas investigações e análises, partimos dos elementos essenciais, que, por sinal, inspiram o título “O autor, o texto literário, o público leitor: descrição e contextualização dos elementos e dos procedimentos metodológicos”. A partir do

romance literário e do autor, após uma sondagem no cenário contemporâneo, chegamos ao romance que nutre nossas compreensões acerca de sua recepção pelo público leitor: *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, devido à sua ampla aceitação e circulação de comentários, resenhas e outros trabalhos de teor acadêmico. Paralelamente, como público receptor a ser analisado por meio de suas resenhas, selecionamos os textos encontrados na *Skoob*, tanto por ser a maior rede social de leitores quanto por sua organização e estrutura.

Além do mais, ao iniciarmos o capítulo da descrição dos elementos, preocupamo-nos com a realização de uma contextualização a respeito da trajetória, da cultura e da identidade do escritor Itamar Vieira Junior. Na sequência, tecemos descrições e observações, sob o nosso papel de leitor, sobre o romance *Torto arado*, considerando-o dentro do cenário contemporâneo de formação cultural e identitária e, para fins de aprofundamento, explanamos nossas apurações acerca do romance em subcapítulos, conforme a organização e divisão do próprio romance, atentando-nos para o contexto de cada narrador-personagem. Por fim, descrevemos o público leitor escolhido para nossas investigações sobre a recepção de *Torto arado* – os internautas da *Skoob* – e revelamos os procedimentos metodológicos fundamentados no método da Análise de Conteúdo, de Bardin (2016).

Dessa forma, passamos para o último capítulo da nossa tese, destinado às análises sobre a recepção do romance de Itamar Vieira Junior pelo público receptor que selecionamos, intitulado “Recepção de *Torto arado*: resultados da atualização do romance encontrados na rede social *Skoob*”. Logo, para fins de organização de nossa pesquisa, dividimos este capítulo em dez subcapítulos, os quais estão atrelados aos enfoques que identificamos na totalidade das resenhas consideradas para análise. Dentro de cada subcapítulo, apresentamos resenhas individuais (representadas por meio de Figuras) para comprovação e análises mais detalhadas, que refletem as ênfases do autor da resenha e de vários outros internautas da *Skoob*, cujas opiniões e percepções coincidem.

Portanto, tendo em vista os conceitos e estudos teóricos de nossos capítulos iniciais, aprofundamos os temas e tópicos que se sobressaíram nas resenhas dos internautas da *Skoob*, dentre os quais evidenciamos as percepções dos leitores acerca do autor Itamar Vieira Junior, do romance *Torto arado* e das impressões e emoções que sentiram mediante o ato da leitura. Consequentemente, elencamos tópicos voltados aos temas que mais identificamos nas resenhas: os adjetivos usados pelos internautas, principalmente para descrever os aspectos históricos e estruturais do romance *Torto arado*, centenas dos quais enfatizaram a terra, o povo e a escravidão; aspectos do regionalismo e outros elementos levaram muitos deles a caracterizá-lo como clássico, uma vez que muitos, inclusive, estabeleceram relações de

intertextualidade ao longo de suas resenhas. Além disso, muitos ressaltaram as personagens principais, bem como as demais personagens femininas de *Torto arado*, destacando as forças e as vozes que encontraram durante a realização da leitura do romance; assim como identificaram e enfocaram nos elementos da realidade, da ficção e do realismo mágico presentes no romance de Itamar Vieira Junior.

Diante desse contexto, reiteramos que selecionamos o romance *Torto arado* por também sermos leitores dele e, durante o ato de leitura, as vozes identitárias do texto clamaram e soaram em nossas mentes para que fossem ouvidas, percebidas e analisadas. Essas vozes foram ouvidas por milhares de leitores, que também possuem suas vozes e marcas identitárias e, a partir delas, acrescentaram ao texto suas impressões durante e após a leitura e recepção do romance escrito por Itamar Vieira Junior, contribuindo, assim, para a formação e composição do amplo coro presente tanto no autor, no ato de escrita, quanto nos milhares de leitores, na recepção e atualização de *Torto arado*.

Levando em consideração o enfoque da pesquisa, salientamos que nossos estudos vão ao encontro das contribuições para a linha de pesquisa “Produção e recepção do texto literário”, proposta pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Os estudos teóricos e analíticos sobre a recepção de um romance contemporâneo, que ganhou significativo destaque nas mídias em pouco tempo e ainda continua em ascensão, possuem caráter inovador, haja vista que não foram encontrados estudos que abordam a recepção de *Torto arado* em nenhum veículo de circulação, nem mesmo no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Ao realizarmos o levantamento de teses e dissertações no site da CAPES, foram utilizados os seguintes filtros: *torto arado*, Itamar Vieira Junior, *Skoob*, recepção do texto e leitura e escrita como processos culturais. Para o filtro “*torto arado*”, foram encontrados 17 resultados; porém, todos incluíam apenas a palavra “*torto*” ou “*arado*”, e nenhum se referia ao romance *Torto arado*. No filtro “Itamar Vieira Junior”, foram obtidos 190.088 resultados, dentre os quais estão sua dissertação e sua tese, mas nenhum relacionado à sua criação literária, que subsidia nossa pesquisa. No filtro “*Skoob*”, foram obtidos 14 resultados, sendo alguns deles voltados à recepção de textos, mas nenhum abrangendo nosso *corpus* de estudo. No filtro “recepção do texto literário”, houve 1.307.515 resultados, mas nenhum envolvendo o romance *Torto arado*. Por fim, no filtro “leitura e escrita como processos culturais”, foram encontrados 1.346.294 resultados, o que confirma a importância e a relevância de estudos sobre esses assuntos; entretanto, nenhum se relaciona à compreensão desses fenômenos a partir da recepção do romance *Torto arado*.

Com relação às buscas realizadas no banco de teses e dissertações, tanto no site da biblioteca digital da Universidade de Passo Fundo quanto no da CAPES, percebemos que nosso tema de pesquisa, voltado ao processo de leitura do texto literário na perspectiva da Estética da Recepção e compreendendo a escrita e a leitura literárias como contribuintes para a propagação de informações, cultura e identidade, é de grande relevância e preocupação para muitos cidadãos, sobretudo para os pesquisadores. Nesse sentido, entendemos que nosso objeto de investigação é inovador, pois não foi encontrado nenhum estudo sobre a recepção do romance que selecionamos, considerando as estratégicas vozes identitárias envolvidas nesse processo.

Dado o exposto, propomos estudos que também contribuem para as pesquisas que envolvem a escrita e a leitura, processos culturais que compreendem, por meio do texto, marcas de formação de cultura e identidade, fortemente presentes em *Torto arado* e ressaltados por muitos leitores que se manifestaram na rede social *Skoob*. Logo, ao mesmo tempo em que contribui para estudos sobre a Estética da Recepção, também abrange questões sobre os processos de escrita e leitura literárias, bem como compreende sobre a formação de cultura(s) e identidade(s). Sendo assim, nossa pesquisa também pode ajudar (possíveis) autores na escrita de textos literários e leitores a compreenderem e identificarem os principais elementos do texto.

Dessa forma, verificamos como é feita a leitura e a recepção do romance que analisamos nesta pesquisa, averiguando como os leitores percorrem os caminhos da narrativa e imprimem as suas interpretações, compreensões e aplicações durante e após o processo de condução e atualização do texto por meio da leitura. No entanto, não se pode omitir que há os leitores de *Torto arado* e os leitores dos leitores. Afinal, os internautas da rede *Skoob* são, sobretudo, leitores, e os textos deles são lidos por outros leitores, receptores do texto escrito a partir da leitura do romance de Itamar Vieira Junior.

Portanto, ao considerarmos a proposta de investigação, ressaltamos sua relevância social, pois Itamar Vieira Junior, por meio de seu romance *Torto arado*, presenteia seus leitores com uma leitura emocionante para muitos e os convida a adentrar um mundo que representa culturas e identidades fortes, as quais correspondem à realidade de muitos brasileiros. Ademais, Itamar Vieira Junior expressa as marcas do passado escravista que se perpetuaram ao longo dos séculos em nosso país. Enfim, esse romance visa a públicos heterogêneos, isto é, leitores que recebam e compartilhem essa literatura estrategicamente, tanto pela inferência da intenção do autor e dos receptores do romance quanto pela

composição e qualidade do texto, abrangendo as diversas marcas e vozes identitárias envolvidas em *Torto arado*.

2 TEORIAS DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO, DO EFEITO ESTÉTICO E DA MEDIAÇÃO: CONDUÇÃO E ATUALIZAÇÃO DO TEXTO DURANTE O ATO DE LEITURA

No processo de leitura, três elementos são necessários, os quais possuem suas próprias funções e, concomitantemente, estão interligados entre si: autor, texto e leitor. O primeiro sujeito envolvido nessa tríade, o criador do texto, não se preocupa apenas com o processo de escrita, mas também leva em consideração como os leitores receberão o texto que criou, o que inaugura o processo de interação mencionado por Iser (1999a).

De acordo com Iser (1999a), a interação é a troca mútua decorrente da leitura como um exercício guiado pelo texto, que abrange a compreensão do texto por meio do leitor, seu receptor, sendo este influenciado por tal processo ao mesmo tempo em que aprende e descobre novidades ao longo da leitura. Essas assertivas nos permitem salientar que a motivação para a leitura está justamente no ato de descobrir coisas novas, mesmo que haja informações subentendidas. Ou seja, aquilo que ainda não foi aprendido antes da realização da leitura do texto está vinculado aos conhecimentos e experiências prévias realizadas pelo leitor, o que é corroborado por Jauss (1994, p. 28):

Ademais, a obra que surge não se apresenta com novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculada, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores.

Quando o texto, especialmente o literário, é baseado em acontecimentos reais, a motivação para a leitura e a familiaridade do leitor com o texto podem surgir do reconhecimento, por parte do receptor, dos aspectos da realidade presentes no texto ficcional, o que, conseqüentemente, desperta o que Jauss (1994) denomina de “postura emocional”.

Com relação ao despertar da postura emocional, Jauss (1994) ainda menciona as “camadas de leitores” e o “gosto dos diversos leitores”, porque, devido aos conhecimentos, vivências e experiências próprias de cada leitor, a interpretação e compreensão do texto serão próprias e particulares de cada sujeito receptor do texto. Por isso, influenciados pelo que Iser

(1979) nomeia de *O jogo do texto*, motivamo-nos a dizer que o leitor se torna o sujeito ativo no jogo ao receber o texto do autor. Conforme Iser (1979, p. 115),

Assim o jogo do texto não é nem ganho, nem perda, mas sim um processo de transformação das posições, que dá uma presença dinâmica à ausência e alteridade da diferença. Em consequência disso, aquilo que o texto atinge não é algo pré-dado, mas uma transformação do material pré-dado que contém. Se o texto acentua a transformação, é ele obrigado a ter uma estrutura de jogo, pois doutro modo a transformação teria de ser subsumida a uma armação cognitiva, com a destruição de sua própria natureza.

Em outras palavras, compreendemos que o princípio de transformação das posições mencionada por Iser (1979) ocorre porque no momento da escrita o sujeito ativo é o autor, mas quando o leitor recebe o texto e realiza o processo de leitura, interpretação e compreensão, ele imprime suas marcas ao texto, o que torna esse ato dinamizador e facilitador da alteridade. E é justamente esse passe do autor para o leitor que demarca o jogo do texto, em que um jogador passa a autonomia para outro(s) sujeito(s), que, no caso, é(são) o(s) leitor(es).

Sendo assim, o leitor é o sujeito ativo no ato da realização da leitura e, portanto, consoante Zilberman (1989, p. 34), “pode reagir individualmente a um texto” e consegue realizar suas próprias e únicas percepções, individualizadas, concordando ou não com as percepções de outros leitores. Dito de outra forma, essas funções e liberdades impulsionam o leitor a se envolver com a leitura em um processo de mediação possibilitada pelo texto, o que nos instiga a recorrermos aos estudos sobre as Mediações de Martín-Barbero (1997).

Segundo Martín-Barbero (1997, p. 287), há um “caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor [...] não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor”. Por conseguinte, o leitor torna-se um produtor de significado ao registrar e percorrer as informações presentes no texto lido, com base em suas impressões e no que lhe sobressaiu ao realizar a leitura e, conseqüentemente, as suas compressões a partir dela.

Logo, as mídias são usadas pelos leitores para registrar e propagar informações também sobre suas leituras. Assim, temos nas mídias uma importante matriz produtora de informação e cultura que, conforme Martín-Barbero (1997, p. 311-312, grifos do autor), é “uma expressão deformada, funcionalizada, mas entretanto capaz de ativar uma memória pondo-a em cumplicidade com o imaginário de massa. O que ativa essa memória não é a ordem dos conteúdos, nem sequer dos códigos, é da ordem das *matrizes culturais*”.

Dessa forma, a partir das palavras de Martín-Barbero (1997), ratificamos que os sujeitos se comunicam, seja pessoal ou virtualmente, por meio de veículo(s) de comunicação, o que possibilita o processo de interação. Nesse ato, o cognitivo dos envolvidos é acionado e motivado graças à capacidade de comunicação do sujeito social que se manifesta de acordo com o que leu no texto, associado àquilo que já conhece e experienciou social e culturalmente, o que também influencia na interpretação e compreensão do texto.

Portanto, encontramos, tanto no autor quanto no leitor, fontes de produção e propagação cultural, o que nos convida a pesquisar sobre o fato de a leitura e a escrita serem fenômenos culturais contempladores de outras culturas e identidades. Diante disso, convocamos, como aporte teórico, pesquisadores que direcionam seus estudos para tais questões e conceitos essenciais sobre essa compreensão e imprescindíveis para nossas investigações.

2.1 Linguagem e hermenêutica literária: anunciadoras das teorias da Estética da Recepção e do Efeito Estético do texto

A partir do conceito de leitura sob a ótica de Iser (1999a) e considerando o ato de ler, averiguamos que o leitor constrói suas próprias percepções e compreensões ao efetuar a leitura e, assim, atualiza as informações contidas no texto. Esses preceitos implicam a compreensão do que é a hermenêutica literária, a qual é direcionada para o efeito e a recepção de um texto, sendo ela uma corrente de estudos pertencente à hermenêutica propriamente dita, conceituada por Gadamer (2014, p. 231) como “a disciplina clássica que se ocupa da arte de compreender textos”.

Nesse contexto, é importante que compreendamos melhor a hermenêutica literária e a filosófica teorizada por Gadamer (2014), uma vez que nosso objetivo é aprofundar as considerações sobre a recepção do texto. Para tanto, partimos das considerações sobre a linguagem, que é a progenitora da hermenêutica literária, a qual tem como mentor Jauss, cuja teoria se origina na Escola de Constança. Logo, podemos corroborar que tanto a linguagem quanto a hermenêutica literária são as anunciadoras das teorias da Estética da Recepção e do Efeito Estético.

Diante desse preâmbulo, sobressaltamos que “a experiência hermenêutica é o corretivo pelo qual a razão pensante se subtrai ao encanto do elemento de linguagem, sendo ela mesma constituída dentro da linguagem” (Gadamer, 2014, p. 520). Em vista disso, o autor é um sujeito pensante, capaz de articular estrategicamente a sua escrita. Ao mesmo tempo, o leitor

também possui sua razão pensante, o que lhe permite realizar a recepção e a interpretação do texto de acordo com seu interesse e encantamento. Essa interpretação está envolta na linguagem compartilhada tanto pelo emissor do texto quanto pelo seu receptor.

Nessa conjuntura, convocamos Vattimo (2010) para dialogar com nossas pesquisas, uma vez que ele aprofunda seus estudos sobre a hermenêutica, por mais que direcione suas investigações para a hermenêutica ontológica. Vattimo (2010) torna-se importante para nossas compreensões, sobretudo pelo fato de considerar o pensamento e a filosofia contemporânea em uma perspectiva de interpretação, atribuição excepcional ao leitor, que é o principal sujeito que consideramos em nossas apurações e averiguações. Afinal, Vattimo (2010, p. 134) pondera que “podemos começar estabelecendo que o que chamamos de hermenêutica ontológica na filosofia contemporânea é a tendência filosófica que assume como tema central o fenômeno da interpretação”.

Além do mais, sendo a interpretação e a compreensão dos leitores ponto crucial em nossa pesquisa, valemo-nos também dessa vertente teórica, fundamentada em Vattimo (2010), a fim de apreender melhor o leitor e suas capacidades de realizar a interpretação e compreensão do texto e se manifestar em redes sociais a partir de suas leituras. Embora Nietzsche seja do ramo da filosofia, seus estudos são importantes para nossa proposta de pesquisa, seguindo a linha apresentada por Vattimo (2010, p. 135), na ótica de que “em sua primeira fase, a aceitação do pensamento de Nietzsche não constituiu um fenômeno especificamente filosófico, e sim literário, a maioria das vezes, ou geralmente ‘cultural’”.

Em sua teoria acerca da hermenêutica filosófica, Gadamer (2014, p. 497) reverbera que “a linguagem é o meio em que se realizam o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre a coisa em questão”. Portanto, a linguagem presente no texto, oriunda do conhecimento e da organização de palavras e frases do autor, encontra na outra ponta dessa interlocução o leitor, que dialoga com o texto. Esse diálogo torna-se, assim, o canal de comunicação cuja linguagem possibilita a conversação entre sujeitos em diferentes espaços e tempos. A respeito da relação entre autor e leitor situados em contextos diversos, Gadamer (2014) oferece uma interessante explicitação de uma forma ilustrativa:

As relíquias de uma vida passada, restos de edificações, instrumentos, o conteúdo dos sepulcros, tudo isso sofreu a erosão dos vendavais do tempo que se assolaram sobre eles – mas, desde o momento em que é decifrada e lida, a tradição escrita é de tal modo espírito puro que nos fala como se estivesse presente. Por isso, a capacidade de ler, de compreender os escritos, é como uma arte secreta, como um feitiço que nos libera e nos prende. Nela o espaço e o tempo parecem suspensos. Quem sabe ler o que foi transmitido

por escrito atesta e realiza a pura atualidade do passado (Gadamer, 2014, p. 230).

Conceituada por Gadamer (2014) inclusive como tradição, a escrita muitas vezes perpassa situações adversas até chegar ao leitor, o qual se sente enfeitado por aquilo que foi criado, escrito por outro sujeito. Nessa apreensão, o leitor torna-se também sujeito do texto, e atualiza as informações mediante o seu ato de ler. Esse “feitiço” anunciado por Gadamer (2014) mostra a força da linguagem, que é a sustentação da leitura e da escrita, cujos sujeitos que têm a posse dessas ações estão em um jogo ligado pela comunicação, isto é, por uma ligação entre um elemento constituído de linguagem que é de conhecimento do autor e do leitor.

Ao nos voltarmos à leitura e à escrita no âmbito ficcional, com relação ao elo da linguagem com a comunicação diante de sua função social, realizadas pelo autor e pelo leitor, valemo-nos novamente de Vattimo (2010, p. 196), quando ele afirma que “entre as ficções que nascem assim está a linguagem, como meio para dar uma certa estabilidade, através de generalizações redutivas, ao mundo da experiência, e também como meio de se comunicar com os outros, em conexão com um pacto social”.

Em nosso entendimento, a estabilidade mencionada por Vattimo (2010) torna-se consumável porque autor e leitor, como sujeitos sociais, compartilham a mesma linguagem e, mesmo que tenham suas características particulares, podem interagir e viver experiências por meio da linguagem, da comunicação e do texto, em uma espécie de colaboração social. Sendo assim, “pelas exigências da colaboração social, se estabelecem designações, que são nomes arbitrários, metáforas, tornam-se ‘verdadeiras’ e são impostas a todos os que querem fazer parte daquela sociedade” (Vattimo, 2010, p. 196).

Em vista disso, a arte e a literatura têm se mostrado alternativas para a realização da contemplação de inúmeros leitores, considerados, como já mencionamos, objetos de estudo de outras áreas, a exemplo da filosofia, como ressalta Vattimo (2010, p. 225):

Agora que também a filosofia, por meio de uma meditação inspirada decisivamente em Nietzsche, começou a suspeitar radicalmente do sujeito, temos condição de nos perguntar, diante da arte e da literatura do século XX, quem é ainda o “sujeito”, não apenas de sua produção mas também e sobretudo da “contemplação”.

A partir das palavras do teórico, inferimos que, nesse aspecto contemplativo do leitor, surge o questionamento, do qual compartilhamos, de “quem pode ser o ‘leitor’ de uma arte

cujo sentido fundamental parece ser – de maneira por fim explícita – o jogo da bela aparência como jogo da desidentificação” (Vattimo, 2010, p. 225-226). Sendo assim, esse jogo envolvido na leitura, interpretação e compreensão do texto, torna-se contemplativo diante do interesse e da curiosidade do leitor, realizando esse jogo mencionado tanto por Vattimo (2010) quanto Gadamer (2014), e demais teóricos da Estética da Recepção e do Efeito Estético que fundamentam nossas averiguações.

Além disso, esse jogo de bela aparência e de desidentificação, salientado por Vattimo (2010), revela que o leitor se sente motivado a contemplar a arte e a literatura justamente pelo fato de elas conterem o outro, o diferente, e dialogarem com a possibilidade de “poetar” e impulsionar o “pensar”. Conforme Vattimo (2010, p. 226), “é esse – de um ponto de vista nietzschiano – o conteúdo do diálogo entre ‘poetar’ e ‘pensar’ um diálogo em que os interlocutores põem em jogo antes de tudo a si mesmos”. Portanto, nesse jogo do qual se referem os autores, e que é importante para nossas investigações, os jogadores, receptores do texto, são os que o realizam e, ao mesmo tempo, são modificados pela realização desse processo.

De acordo com Gadamer (2014, p. 230), “assim como pudemos mostrar que o ser da obra de arte é um jogo que só se cumpre na sua recepção pelo espectador, pode-se dizer também dos textos em geral que a reconversão de um traço morto em sentido vivo só se dá ao ser compreendido”. Logo, a linguagem, fio condutor e facilitador dessa comunicação, de posse do leitor, espectador do texto, torna-se vivificada por esse sujeito que realiza compreensões a partir das informações que obtém no texto, muitas vezes assimiladas pelo conhecimento que ele já possui. É nesse viés que surge o objetivo da Estética da Recepção enunciada por Jauss (1994) e que, no Brasil, é estudada e sintetizada por Zilberman (1989).

Nas palavras de Zilberman (1989, p. 17), o objetivo da Estética da Recepção “é estudar o público enquanto fator ativo do processo literário, já que as mudanças de gosto e preferências interferem não apenas na circulação, e, portanto, na fama, dos textos, mas também em sua produção”. Desse modo, essa corrente teórica considera o leitor como o sujeito principal de seus estudos, estando este ligado ao autor por meio do texto, que utiliza uma linguagem comumente conhecida entre os sujeitos conectados a ele. O receptor possui seus gostos e preferências, os quais, conforme esclarecido por Zilberman (1989), interferem na circulação do texto. Assim, o autor precisa planejar arquitetonicamente sua escrita, sobretudo em como se valerá da linguagem sem a escrita, sempre imaginando o público leitor.

Com base no fato de que a linguagem é determinante na realização da hermenêutica e que “a ciência geral da interpretação”, conforme Zilberman (1989, p. 62), é a literária,

ratifica-se que o enfoque dela é o leitor e suas instâncias, uma vez que a “a compreensão já é sempre interpretação, porque constitui o horizonte hermenêutico no qual ganha validade a intenção de texto” (Gadamer, 2014, p. 512). Então, o horizonte hermenêutico pode ser apreendido como sendo uma linha sequencial das ações do leitor, que interpreta o texto e realiza as compreensões a partir do fenômeno da recepção do que lê, graças à linguagem do texto, que também é familiar ao leitor.

Além disso, esse horizonte hermenêutico ao qual o leitor está sujeitado na recepção do texto possui forma e conteúdo expressados por meio de linguagem, haja vista que esses elementos formam o Efeito Estético do texto, experienciado pelo leitor. Essesajuizamentos são corroborados por Zilberman (1989, p. 63), que esclarece: “não se pode entender a hermenêutica literária fora do quadro da experiência propiciada pela obra de arte, quando acontece o efeito estético”.

O Efeito Estético do texto, da obra de arte, acometido sobre o leitor, é uma experiência que não muda o que está escrito devido à leitura realizada pelo receptor do texto ao interpretá-lo, mas aquele que age sobre o texto realiza suas impressões sobre o que está lendo. Consoante Gadamer (2014, p. 517), “a interpretação não pretende pôr-se no lugar da obra interpretada”, o que implica dizer que o texto não é mutável quanto àquilo que está registrado. Contudo, isso não significa que o leitor deixará de realizar suas interpretações e compreensões sobre o texto, pois o leitor é um sujeito social e linguístico, que recebe o texto, também provido de linguagem e que alcança o seu público por meio da realização da leitura. Esse ponto é reafirmado por Gadamer (2014, p. 516):

Fundamentalmente, também a leitura contém sempre uma interpretação. Com isso não se quer dizer que a compreensão na leitura é uma espécie de encenação interior, na qual a obra de arte alcançaria uma existência autônoma – ainda que encerrada na intimidade da interioridade da alma – como se dá na encenação à vista de todos.

A partir de Gadamer (2014), frisamos que, na leitura, a compreensão não é uma encenação. Encenar significa simular, representar, e o texto é mais do que uma representação e simulação, ele outorga papéis e funções ao leitor, que não é um mero decodificador de informações, mas sim um sujeito que age sobre o texto. Nesse viés, emergem a Estética da Recepção e o Efeito Estético como teorias imbricadas, a fim de compreenderem sobre o texto e o leitor, enfocando neste último como sujeito ativo a quem o texto é destinado.

Diante da relação entre texto e leitor, destaca-se a contemplação do sujeito receptor do texto, o que nos remete a Jauss (1994, p. 23), quando afirma que “se, pois, se contempla a

literatura na dimensão de sua recepção e de seu efeito, então a oposição entre seu aspecto estético e seu aspecto histórico vê-se constantemente mediada, e reatado o fio que liga o fenômeno passado à experiência presente na poesia”. Logo, a recepção do texto pelo leitor, em período diferente de quando foi escrito pelo autor, caracteriza esse “fio” conector, mencionado por Jauss (1994), entre a escrita realizada no passado e a sua atualização posteriormente, ou seja, a experiência presente, demarcando os aspectos estéticos e históricos mediante a realização da leitura do texto feita pelo seu receptor.

Dado o exposto com relação ao ato da realização da leitura e, portanto, a recepção do texto, os aspectos estéticos e históricos atrelados ao texto estabelecem que “a relação com o passado já não é concebida nos termos da sólida constituição de um horizonte fechado, mas como o ato de jogar com formas históricas” (Vattimo, 2010, p. 145). Nesse âmbito da contemplação do texto, em que os aspectos estéticos e históricos se sobressaem, o leitor, receptor do texto, sempre será modificado de alguma forma, o que é comparado à imagem do rio por Nietzsche, conforme descreve Vattimo (2010, p. 143):

Com o objetivo de mostrar o efeito paralisante do excesso do conhecimento histórico sobre a criatividade humana, aqui ele diz que, por causa da constituição essencialmente histórica de nosso ser, se queremos mergulhar em sua essência mais peculiar e pessoal temos de aceitar que não podemos mergulhar duas vezes no mesmo rio.

A partir dessa metáfora nietzschiana, compreendemos que o sujeito leitor é mutável com o passar do tempo, o que implica em diferentes interpretações e compreensões diante da recepção do texto. Sendo assim, associado à formação histórica do sujeito leitor está o fato de que “conhecer a nós mesmos não significa captar nossa interioridade em um ato de introspecção, mas tornar-nos conscientes do passado potencialmente infinito que constitui nossa individualidade” (Vattimo, 2010, p. 143). A individualidade do leitor, sujeito histórico, entra em jogo quando está em contato com o texto, estabelecendo um elo entre o sujeito da percepção e o objeto estético.

Dessarte, Zilberman (1989, p. 19) explica que “um bom produto artístico mobiliza vários artifícios, visando motivar um choque no destinatário: somente quando se dá de modo tenso a relação entre o sujeito da percepção e o objeto estético, este pode ser considerado de valor”. Em outras palavras, o texto, caracterizado e compreendido por nós como o objeto estético destinado ao receptor, causa impactos, “choques” no leitor. Dessa forma, o texto tem “muito para ensinar ao leitor, encarado como o principal elo do processo literário” (Zilberman, 1989, p. 12).

Sob o encadeamento da Estética da Recepção, uma troca é feita entre o texto e o leitor, o qual agirá sobre o texto mediante a realização da leitura e interpretação. Afinal, se de um lado “a obra provoca determinado efeito [*Wirkung*] sobre o destinatário, de outro, ela passa por um processo histórico, sendo ao longo do tempo recebida e interpretada de maneiras diferentes – esta é sua recepção [*Rezeption*]” (Zilberman, 1989, p. 64). A reciprocidade entre o texto e o leitor indica que esses dois elementos estão condicionados um ao outro, haja vista que a razão de existência do texto é o leitor, que é modificado pela leitura daquilo que lê. Jauss (1994, p. 25) corrobora que:

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu Ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual [...].

Com base nas palavras de Jauss (1994), confirmamos que o texto, denominado pelo teórico, e sob nosso entendimento, como obra literária, não possui a existência por sua própria origem, ou seja, alguém teve de criá-lo e registrá-lo. Jauss (1994) complementa que o texto é renovado e atualizado pela leitura, ganhando uma nova dimensão, a do leitor, que percebe naquilo que lê uma representação de algo por meio da linguagem. Para ele, a linguagem “não é somente um dentre muitos dotes atribuídos ao homem que está no mundo, mas serve de base absoluta para que os homens tenham mundo, nela se representa mundo” (Gadamer, 2014, p. 571).

No contexto da recepção do texto, representação realizada pelo sujeito autor, que está inserido em um mundo com contexto diferente daquele da escrita, e que, portanto, reforça o caráter de representação do texto, a linguagem permeia esses registros escritos e representativos, motivados pelos seus recursos possíveis. De acordo com Iser (1999b, p. 19), “a essa altura, deveríamos considerar, acima de tudo, os requisitos técnicos da linguagem responsáveis por orientar a reação do leitor. Em primeiro lugar, deveríamos desmembrar um texto literário em seus elementos constitutivos [...]”.

Assim, os elementos constitutivos do texto graças às estratégias de uso da linguagem permitem que o leitor faça concatenações durante o processo de leitura, uma vez que o sujeito receptor do texto possui liberdade para realizar suas compreensões, ao mesmo tempo em que é orientado pelo texto, sobretudo pelos requisitos técnicos da linguagem utilizados pelo autor conforme suas intencionalidades. A respeito das intenções do texto, reiteramos que “o texto

provocador da estética da recepção e de uma nova história da literatura apresenta-se rico de intenções, caracterizando a globalidade e abrangência do projeto” (Zilberman, 1989, p. 39).

A partir dessa concatenação de Zilberman (1989), torna-se plausível reforçarmos a funcionalidade da Estética da Recepção, que ocorre em razão de um elo entre texto e leitor, em uma relação de interdependência e, por isso, o texto possui caráter de “projeto” que almeja a execução realizada pelo seu público, o leitor, seu receptor e agente de ação sobre ele, consumando a intenção do texto de transformar o leitor mediante a realização de sua recepção. Portanto, o leitor é um sujeito já imaginado pelo criador do texto no momento de sua criação e, dessa maneira, “prefigurado pelo texto” (Zilberman, 1989, p. 65), está envolto em estratégias e propósitos, com objetivos, problemas, hipóteses, justificativas, confirmando seu caráter de projeto elaborado pelo autor e em realização pelo leitor.

A natureza da recepção e compreensão daquilo que está escrito e prefigurado pelo texto outorga ao leitor também a função de seletor e organizador das informações que possui e encontra no texto, visto que, ao realizar a recepção do texto, o leitor empreende uma “combinação dos elementos textuais, que abrange tanto a combinabilidade do significado verbal, o mundo introduzido no texto, quanto os esquemas responsáveis pela organização dos personagens e suas ações” (Iser, 1996a, p. 18-19).

Devido à introdução de um mundo no texto, por meio de organizações feitas pelo autor e recebidas e atualizadas pelo leitor, surge “a necessidade de um forte centro da atividade da interpretação com o objetivo de dar sentido ao mundo da vontade de potência, considerado o mundo da vontade de potência, considerado como a interação de perspectivas em conflito” (Vattimo, 2010, p. 146). Logo, o aspecto contemplativo do texto, convidativo e despertador de vontades no leitor, potencializa a interação entre texto e leitor, colocando em conflito certas perspectivas, uma vez que o leitor pode ou não confirmar suas expectativas com relação ao texto.

Diante dessa magnitude comunicativa, interligada pelo texto, o leitor é o sujeito responsável pela recepção do texto, atestando que “a recepção é um fato social – uma medida comum localizada entre essas reações particulares; este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo [...]” (Zilberman, 1989, p. 34). Esse contexto comunicativo e social, no qual o leitor é responsável pelas suas reações particulares em relação ao texto – a obra que ele contempla em um momento diferente daquele em que foi criada –, compreende a relação temporal na qual a Estética da Recepção se estabelece por meio do ato de ler, realizado pelo sujeito dessa ação. Assim sendo,

A estética da recepção [...] recupera a historicidade da literatura, nascida de seus intercâmbios com o público; e chega a esse resultado por restabelecer a relação, rompida pelo historicismo, entre o passado e o presente, condição imprescindível para a reconciliação entre os aspectos estético e histórico de um texto (Zilberman, 1989, p. 33).

No que concerne à relação entre o passado e o presente resultantes dos intercâmbios do texto com o público, os quais caracterizam a Estética da Recepção, percebemos a “coexistência de passado e presente única em seu gênero, na medida em que a consciência presente tem a possibilidade de um acesso livre a tudo quanto tenha sido transmitido por escrito” (Gadamer, 2014, p. 505). Dessa forma, aquilo que está escrito, ao ser lido, é simultaneamente atualizado, ganhando “uma possibilidade autêntica de avançar os limites e ampliar seu horizonte, enriquecendo assim seu próprio mundo com toda uma nova dimensão de profundidade” (Gadamer, 2014, p. 505).

Ao nos apropriarmos da evidenciação teórica sobre a ampliação dos horizontes mediante o ato da leitura, compreendemos que existe uma perspectiva nesse elo entre texto e leitor, posto que o sujeito receptor do texto aprofunda e enriquece seus conhecimentos pela apropriação de novas informações adquiridas por causa do ato de ler, intencionando corresponder com as percepções e perspectivas do leitor a respeito da realização da leitura do texto, solidificando “a perceptibilidade assim produzida dos campos de referência alcança sua posição perspectivística através da divisão destes campos de referência em alguns elementos que são atualizados pelo texto, enquanto outros permanecem inativos” (Iser, 1996a, p. 17).

Nesse panorama de atualização e recepção do texto por parte do leitor, instaura-se “o caráter de acontecimento do texto, que se origina da seleção e da combinação, se comunica ao receptor” (Iser, 1996b, p. 12). Em vista disso, o leitor seleciona informações e realiza combinações por meio da leitura, atualizando o texto e, conseqüentemente, efetivando o acontecimento do texto.

Quanto à atualização dos elementos do texto pelo leitor, está o fato de que “[...] o significado da obra depende totalmente dos sentidos que o leitor deposita nela” (Zilberman, 1989, p. 26). Portanto, o fato de haver vários leitores diante de um mesmo texto possibilita que cada um atribua a ele diferentes interpretações e compreensões, condicionando as recepções do texto ao seu caráter histórico e estético, uma vez que este “depende do destinatário: se este não o vivencia como obra de arte e busca aí outro tipo de experiência (uma informação, por exemplo), o texto perde sua qualidade artística” (Zilberman, 1989, p. 26).

Ao vivenciar o texto, o leitor, mediante sua atribuição de receptor do texto, possui a liberdade para decidir como agir diante daquilo que está experienciando, mas, quanto mais se deter ao texto, mais ele apreende o que está lendo. Por conseguinte, “o leitor pressente o seu papel na medida em que apreende intuitivamente a obra como uma totalidade unificada” (Ricoeur, 1997, p. 278). Quando o leitor realiza essa apreensão de forma intuitiva, ele associa as informações obtidas no texto às suas experiências e aos seus conhecimentos prévios, os quais não estão sob a posse do autor do texto, que é o sujeito enunciativo do texto.

A respeito dessa função do leitor como agente receptor do texto, evidenciamos a sua capacidade e autonomia de realizar escolhas durante a leitura graças à linguagem encontrada no texto e que é de seu conhecimento. Logo, o leitor “não relaciona apenas essa unificação às regras de composição, mas às escolhas e às normas que precisamente fazem do texto a obra de um enunciativo, portanto, uma obra produzida por uma pessoa e não pela natureza” (Ricoeur, 1997, p. 279). Nesse contexto, o objeto constituído pela linguagem torna-se também dependente do leitor, o receptor a quem está predestinado.

Ademais, a dependência do texto em relação ao seu destinatário, o leitor, confere-lhe o papel de avaliador, de “pensar os fatos”, conforme denomina Zilberman (1989, p. 84). Essa avaliação do texto é uma experiência que depende das intencionalidades do leitor, e, sobretudo, do envolvimento dele com o texto, considerando seus propósitos de leitura. Quando o texto é literário e ficcional, as possibilidades de interpretações e compreensões aumentam significativamente. Aliás, a busca pela leitura desses textos não costuma caracterizar uma mera busca de informações, mas sim uma compreensão de um mundo ali representado, imaginado e, até mesmo, criado ou modificado, permitindo ao leitor “o alargamento do horizonte da pura representação ficcional, aumentando as possibilidades de compreensão do mundo ali traduzido” (Zilberman, 1989, p. 87).

Com relação à representação do mundo, Iser (1996a, p. 26) reitera que “o mundo representado há de se tomar como se fosse um mundo. Daí resulta que o mundo representado no texto não se refere a si mesmo e que, por seu caráter remissivo, representa algo de diverso de si próprio”. É nesse caráter de representação do mundo que a Estética da Recepção possui sua incorporação:

Enquanto conjunto de ideias, a estética da recepção apresenta coerência de concepções e organização interna, introduz uma terminologia, ainda que importe boa parte do vocabulário da hermenêutica, e explicita sua metodologia. Reconhece alguns de seus limites e, ao mesmo tempo, procura ampliar sua abrangência, incorporando concepções que permitem esclarecer

sobretudo as relações entre a literatura e a vida prática (Zilberman, 1989, p. 108).

Ao nos reportarmos para o fato de que a Estética da Recepção se apropria do conceito da hermenêutica, principalmente em seu caráter metodológico, e que incorpora a ela as relações entre os aspectos ficcionais da literatura em contraste à realidade da vida prática, confirmamos que a relação entre ficção e realidade está no âmbito da Estética da Recepção, sendo identificada pelo leitor na realização da leitura. Afinal, “o texto ficcional contém muitos fragmentos identificáveis da realidade, que, através da seleção, são retirados tanto do contexto sociocultural, quanto da literatura prévia ao texto” (Iser, 1996a, p. 24). A esse conceito, Iser (1996a, p. 24) acrescenta que, “por conseguinte, este mundo é posto entre parênteses, para que se entenda que o mundo representado não é o mundo dado, mas que deve ser apenas entendido como se o fosse”.

Diante da concepção de Iser (1996a) a respeito de dois mundos – a do mundo dado, que origina o outro, o mundo representado, este encontrado no texto criado pelo autor –, entendemos que o extraordinário do texto, sobretudo o literário, está justamente na representação do texto e no que pode ser criado pelo autor a partir disso. “Assim, a leitura se mostra paradoxal, permitindo ao mesmo tempo uma escapada solitária e encontros” (Petit, 2009, p. 80).

De fato, os leitores, receptores do texto, tendem a se identificar com os elementos representados e criados no texto. Em vista disso, conforme Petit (2009), a leitura transforma-se na forma de os leitores realizarem encontros e, ao mesmo tempo, escaparem da realidade. Essas escapadas são subentendidas como uma fuga do mundo real, especialmente quando o leitor enfrenta momentos não muito agradáveis. Nesses casos, ele pode encontrar refúgio e soluções na realização da leitura, o que constitui uma premissa da Estética da Recepção.

Perante o ato de ler, cujo protagonista é o leitor, receptor do texto, ratificamos que a metodologia vigente pela Estética da Recepção possibilita examinar as interpretações do leitor a respeito do texto e as relações entre o texto e as vivências e experiências do sujeito leitor. Desse modo, “a obra literária, mesmo não programaticamente, oferece indicações de ação que correspondem ou não a comportamentos já existentes” (Zilberman, 1989, p. 51-52), uma vez que essas indicações de ações persuadem “o indivíduo mais por influenciá-lo indiretamente que por transmitir-lhe uma mensagem” (Zilberman, 1989, p. 52).

Em linhas gerais, ocorre um processo de interação, de troca mútua entre o elemento que contém a mensagem, a informação, e seu receptor. Ora, “o texto e o leitor

apenas convergem por meio de uma situação que depende de ambos para se realizar; se tal situação não é dada de antemão, o texto ficcional deve ter todos os elementos necessários para que a situação se constitua e o processo de comunicação tenha êxito” (Iser, 1996b, p. 128-129). Nesse paradigma, o texto precisa ser composto por elementos mínimos e suficientes, a fim de que o leitor possa realizar a leitura e, conseqüentemente, compreender as informações ali contidas.

Nessa relação de interdependência entre texto e leitor, “a valorização da experiência estética, que confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação desse com o texto lido, enfatiza a ideia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário” (Zilberman, 1989, p. 110). É nesse relacionamento do texto com seu destinatário, o leitor, que predomina a “estética da recepção, que coloca a obra e o leitor numa relação de sinergia” (Ricoeur, 1997, p. 302).

Dado o exposto, a relação de sinergia entre texto e leitor mencionada por Ricoeur (1997) é compreendida pelo teórico como um ponto de equilíbrio “entre os sinais fornecidos pelo texto e a atividade sintética de leitura. Esse equilíbrio é o efeito instável do dinamismo pela qual, diria eu, a configuração do texto em termos de *estrutura* se iguala à refiguração feita pelo leitor em termos de experiência” (Ricoeur, 1997, p. 291, grifos do autor).

Essas refigurações feitas pelo leitor nos auxiliam a compreender a relação do texto com seu receptor, envolto na estrutura e na linguagem que o compõem, e ratificam a importância das experiências vividas pelo leitor ao estar em contato com o texto. Logo, no viés da Estética da Recepção, o leitor, sujeito preponderante nos estudos dessa vertente teórica, atualiza o texto, transformando e compartilhando as informações encontradas, o que se confirma também em Petit (2009, p. 105):

Em geral, o que essas experiências deixam entrever é, em particular, o quanto os textos ouvidos ou lidos como um segredo, na solidão, ou mesmo folheados, ajudam a despertar em uma pessoa regiões silenciadas ou enterradas no esquecimento, dar-lhes forma simbolizada, compartilhada, e transformá-las.

Valendo-nos das caracterizações de Petit (2009), ao ler, simbolizar, compartilhar e transformar as experiências de leitura, o leitor realiza a compreensão e interpretação do texto predominado por linguagem. Com relação a isso, Gadamer (2014, p. 503, grifos do autor) reitera que “todo compreender é interpretar, e todo interpretar se desenvolve no *medium* de uma linguagem que pretende deixar falar o objeto, sendo, ao mesmo tempo, a própria linguagem do intérprete”.

Diante da recepção do texto realizada pelo leitor, Zilberman (1989) consubstanciou os estudos acerca da hermenêutica literária. Trata-se da proposta teórica centralizada no receptor do texto, focado em “três aspectos: o conceito do leitor, a visão do texto literário e o alcance do trabalho” (Zilberman, 1989, p. 103). É nesse viés do leitor no papel protagonista de receptor do texto, o qual foi criado por um autor, que aprofundamos os estudos com relação aos atos de leitura e de escrita no processo interacional entre autor, texto e leitor.

2.2 Os atos de leitura e de escrita: interações entre autor, texto e leitor

Como já pudemos averiguar, a hermenêutica literária e, sobretudo, a Estética da Recepção têm o leitor como o cerne de seus estudos, sem, no entanto, ignorar o texto e o autor. Isso nos motiva a compreender melhor as interações entre autor, texto e leitor no contexto dos atos de escrita e, dentro do escopo de nossos estudos, principalmente o de leitura, uma vez que esta “torna-se esse piquenique em que o autor leva as palavras e o leitor, a significação” (Ricoeur, 1997, p. 289).

Embora o foco esteja nos estudos concernentes à Estética da Recepção e ao leitor, não podemos ignorar o texto e o autor. Afinal, “com efeito, do autor é que parte a estratégia de persuasão que tem como alvo o leitor. É a essa estratégia de persuasão que o leitor responde acompanhando a configuração e apropriando-se da proposta do mundo do texto” (Ricoeur, 1997, p. 277). Nesse processo de apropriação do texto realizado pelo leitor, por meio do ato de leitura e recepção do texto, eis o terceiro momento a ser considerado, consoante Ricoeur (1997, p. 277):

A partir daí, três momentos devem ser considerados, aos quais correspondem três disciplinas próximas, mas distintas: 1) a estratégia fomentada pelo autor e dirigida para o leitor; 2) a inscrição dessa estratégia na configuração literária; 3) a resposta do leitor, considerado quer como sujeito que lê, quer como público receptor.

Conforme os três momentos a serem observados no processo de leitura, de acordo com a explicitação de Ricoeur (1997), há uma relação interacional entre autor, texto e leitor, a qual já caracterizamos anteriormente em nossa pesquisa, mas retomamos aqui devido à sua importância para nossas sondagens, haja vista que a estratégia fomentada pelo autor e dirigida e atualizada pelo leitor, a sua configuração literária e a resposta do leitor a respeito daquilo que leu, caracterizam essa interação entre os elementos autor, texto e leitor. Em suma, o texto, “quando age sobre o leitor, convida-o a participar de um horizonte que, pela simples razão de

provir de um outro, difere do seu. É solidária e diferente ao mesmo tempo, sintetizando nesse aspecto o significado das relações sociais” (Zilberman, 1989, p. 110).

Dessarte, as relações sociais entre autor, texto e leitor são resultantes do processo de interação em que “o leitor evidencia-se como pertencendo ao texto, um componente seu a quem compete acompanhar a partitura apresentada pelo autor” (Zilberman, 1989, p. 99). Entretanto, mesmo existindo essa concepção de o leitor ser pertencente ao texto, ele possui sua autonomia ao agir sobre a compreensão e aplicação da leitura realizada por ele, o que influencia no fato de o autor pensar na escrita do texto.

No que concerne ao papel social do autor, Candido (2006, p. 83-84) esclarece que ele desempenha “um *papel social*, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores”. Por isso, o autor precisa planejar estrategicamente o texto, pois “a matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público” (Candido, 2006, p. 84).

Em vista desse diálogo entre criador e público é que se sobreleva a “fusão de horizontes, equivalente à concretização do sentido”, elucidada por Zilberman (1989, p. 65). Conforme a estudiosa, existem dois lados a serem considerados nessa fusão de horizontes, sendo um deles o da “recepção, condicionada pelo leitor, que contribui com suas vivências pessoais e códigos coletivos para dar vida à obra e dialogar com ela” (Zilberman, 1989, p. 66). E, como podemos verificar a partir dessa concepção, o leitor, mediante seu papel ativo e atuante sobre o texto, interage e é capaz de realizar interpretações e compreensões de acordo com sua realidade e contexto preestabelecidos.

Contudo, nesse processo interacional, já familiar a nós nesta altura da pesquisa, há o outro lado da fusão de horizontes, estudado por Zilberman (1989), que é onde “situa-se o efeito, condicionado pela obra que transmite orientações prévias e, de certo modo, imutáveis, porque o texto conserva-se o mesmo, ao leitor”. As orientações condicionadas pelo texto tendem a ser direcionadas, frequentemente, a uma comunidade leitora e, embora cada leitor possa realizar suas próprias compreensões, ainda assim está condicionado às informações do texto, e, muitas vezes, vários leitores realizam interpretações semelhantes às de outros. A respeito disso, Ricoeur (1997, p. 303) pondera:

O ato de leitura inclui-se, assim, numa comunidade leitora que, em certas condições favoráveis, desenvolve aquela espécie de normatividade e de canonicidade que reconhecemos nas grandes obras, aquelas que nunca

cessaram de se descontextualizar e de se recontextualizar nas mais variadas circunstâncias culturais.

Com base nessa contextualização, reiteramos que, ao se considerar uma comunidade leitora – um público receptor de determinado texto – e perceber que esse grupo de leitores manifesta opiniões semelhantes, em consonância uns com os outros, podemos inferir que as evidências revelam o que é normativo do texto, sugerindo que isso, ou algo semelhante, foi provavelmente intencionado pelo autor. Afinal, o leitor possui autonomia para ler, interpretar e compreender conforme sua leitura e aplicação do ato de ler, mas o autor imprime, ao texto, algumas orientações e informações guiadas conforme sua pretensão.

Por exemplo, o autor de texto literário constantemente terá pretensões voltadas para “bens culturais ou de a eles recorrer – na ocasião da escrita ou da leitura” (Petit, 2009, p. 265). Diante disso, salientamos que “a escrita literária é, em si mesma, em larga medida, uma tentativa de agarrar o que está perdido, faltando, ou inacabado, de superar espaços, abolir fronteiras, reunir o que está separado, reconstituir terras desaparecidas, épocas passadas” (Petit, 2009, p. 264-265).

Ao realizar essas reconstituições e tentativas de resgates por meio da escrita literária, o autor precisa ter clareza “que a ausência ou presença da reação do público, a sua intensidade e qualidade podem decidir a orientação de uma obra e o destino de um artista” (Candido, 2006, p. 86). Portanto, o autor depende do público leitor, “e quando afirma desprezá-lo, bastando-lhe o colóquio com os sonhos e a satisfação dada pelo próprio ato criador, está, na verdade, rejeitando determinado tipo de leitor insatisfatório, reservando-se para o leitor ideal em que a obra encontrará verdadeira ressonância” (Candido, 2006, p. 86).

A propósito, principalmente quando escrito em períodos passados, ou até mesmo na atualidade, o momento em que o leitor recebe o texto e realiza a leitura é diferente do momento da escrita do autor, acrescido pelo fato de que o leitor se encontra em uma posição e espaços diferentes daqueles do autor. Esse contexto tende a potencializar a autonomia do leitor na recepção do texto e reforça a necessidade de o autor articular estrategicamente a sua escrita, “mesmo porque nem sempre há contato tangível do escritor com os leitores, e estes nem sempre se ordenam em grupos definidos, podendo permanecer no estado amorfo, isolados uns dos outros, por vezes em estado potencial” (Candido, 2006, p. 86).

Logo, o estado potencial dos leitores deve ser considerado pelo autor, o que implica a aceitação do texto e, assim, poder mantê-lo vivo. Consoante Petit (2009, p. 228), “escrever é também deixar uma cicatriz [...]”, e as cicatrizes deixadas normalmente de forma proposital

pelo autor em um texto literário tendem a mobilizar e sensibilizar o leitor, para que esse público, de posse do texto, aja sobre ele, mantendo-o atualizado e vivo. Tais asseverações enfatizam o que é destacado por Ricoeur (1997, p. 302, grifos do autor):

Assim, a retórica da ficção põe em cena um autor implicado que, através de uma manobra de sedução, tenta tornar o leitor *idêntico* a ele mesmo. Mas quando o leitor, descobrindo seu lugar prescrito pelo texto, sente-se não mais seduzido, mas aterrorizado, só lhe resta o recurso de se pôr à *distância* do texto e de ter a consciência mais viva do *desvio* entre as expectativas que o texto desenvolve e suas próprias expectativas, como indivíduo fadado à cotidianidade e como membro do público culto, formado por toda uma tradição de leituras.

Ancoramo-nos nesse trecho de Ricoeur (1997) para acentuar que o autor expressa suas intenções por meio do texto e deseja que o leitor se identifique com elas, o que implica a fusão de horizontes, estudada por Gadamer (2014) e Jauss (1994). Entretanto, as expectativas do texto, criadas pelo autor, podem não ser as mesmas compreendidas pelo leitor no ato da leitura, o que ocasiona uma relação social entre o autor e sua posição, a qual “depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não corresponde necessariamente ao seu próprio. Este fator exprime o reconhecimento coletivo da sua atividade, que deste modo se justifica socialmente” (Candido, 2006, p. 85).

Diante do conceito social da escrita e da leitura, Petit (2009, p. 285) exacerba que “os escritores são criadores de sentido que tomam o tempo necessário para dar significado a um evento, individual ou coletivo, a uma experiência, singular e universal”. A partir da significação do texto escrito pelo autor, entende-se que “o reconhecimento da posição do escritor (a aceitação das suas ideias ou da sua técnica, a remuneração do seu trabalho) depende da aceitação da sua obra, por parte do público” (Candido, 2006, p. 87), uma vez que “escritor e obra constituem, pois, um par solidário, funcionalmente vinculado ao público” (Candido, 2006, p. 87).

Como já percebemos ao longo da explanação teórica, autor, texto e leitor estão interligados. Nesse ensejo, o público mencionado por Candido (2006) realiza suas ações com base na recepção do par solidário formado pelo autor e pelo texto. Assim, as reações dos leitores podem ser prefiguradas pelo texto e pelo autor, mas não controladas, tendo em vista que o leitor possui autonomia e liberdade para realizar suas percepções e reações. “De modo geral, todavia, a existência de uma obra levará sempre, mais cedo ou mais tarde, a uma reação, mínima que seja; e o autor a sentirá no seu trabalho, inclusive quando ela lhe pesa pela ausência” (Candido, 2006, p. 87).

Para evitar essa ausência, o autor deve se preocupar com as estratégias de escrita, desde a escolha do material até a formulação do tema, os quais, segundo Gadamer (2014, p. 192), “não surgem do livre-arbítrio do artista e nem são uma mera expressão de sua interioridade. [...] Ele próprio encontra-se em meio às mesmas tradições do público a que se dirige e ao qual se congrega”. Em virtude dessa congregação entre autor e leitor, a escolha do material e a formulação do tema para a escrita devem ser organizadas estrategicamente.

Uma das preocupações do autor deve ser a escolha e a composição das personagens. Segundo Zilberman (1989, p. 59), “a escolha do herói não é aleatória; [...] Os heróis se definem, portanto, não apenas por suas ações, mas pelas respostas desencadeadas no público, razão pela qual vêm a constituir o fio teórico escolhido pelo Autor”.

Aliás, as personagens são os sujeitos que estão envolvidos no enredo da história e serão “julgadas” pelos leitores, resultando, conseqüentemente, na valoração do texto mediante sua recepção pelo seu público receptor, pois ele possui consciência pensante, assim como o autor. Com relação a essa contextualização, Gadamer (2014, p. 192-193) discerne que:

Nesse sentido, como indivíduo, como consciência pensante, ele não precisa saber expressamente o que faz e o que expressa sua obra. Não se trata nunca de um mundo mágico estranho, do arrebatamento, do sonho ao qual se sente arrastado o ator, o escultor ou o espectador, mas é sempre ainda o seu próprio mundo, ao qual é remetido de modo mais autêntico ao se reconhecer mais profundamente nele. Permanece uma continuidade de sentido, que congrega a obra de arte com o mundo da existência; mesmo a consciência alheada de uma sociedade instruída jamais se separa totalmente dessa continuidade de sentido.

Ao usufruirmos das palavras de Gadamer (2014), averiguamos que a continuidade de sentido do texto é realizada pelo leitor, haja vista que “a obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito” (Candido, 2006, p. 84). Portanto, essa continuidade de sentido está intrinsecamente ligada à interdependência entre texto e leitor, pois, assim como já frisamos em momento anterior, “são dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo” (Candido, 2006, p. 84).

Diante dessa relação entre texto e leitor, em que um atua sobre o outro, destacamos que ao leitor é proporcionado um prazer único por meio do texto, despertando motivações, emoções e sensibilizações no receptor devido às informações ali contidas e escritas pelo autor. Consoante Iser (1996a, p. 334), “o prazer do texto parece oferecer o que no mundo da vida

real não pode ser alcançado”. Sendo assim, o texto desperta no leitor um prazer único por ser, muitas vezes, um lugar de refúgio, um recôndito, que motiva uma paz de espírito. Ademais, pode servir como um arquivamento de desabafo, saudades, registro e compartilhamento de memórias que são recebidas, atualizadas e familiares também ao leitor, evidenciando, dessa maneira, o caráter de mediação do texto.

Em tese, “se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre autor e obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é *mostrada* através da reação de terceiros” (Candido, 2006, p. 85). Portanto, o autor, por si só, não se mantém vivo e atualizado por meio de sua obra, tampouco sua opinião é validada no texto se não for recebida pelo leitor, uma vez que o autor só terá conhecimento sobre a aceitação ou não de seu texto mediante as reações do leitor. Dessarte, o leitor deve ser considerado pelo autor no momento do texto, pois “o prazer estético realiza-se sempre na relação dialética do prazer de si no prazer no outro (*Selbstgenuss im Fremdgenuss*)” (Jauss, 1979, p. 98).

A relação da dialética do prazer, conforme anunciada por Jauss (1979), é um alerta para o autor – e uma preocupação compartilhada por outros estudiosos já reverenciados nas teorias dos estudos das relações entre autor, texto e leitor, especialmente na literatura. Candido (2006, p. 85-86), por exemplo, afirma que “o público é condição do autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio”.

Em razão dessa resposta do público com relação ao texto do autor, ao se tratar de um texto literário e das possibilidades de representação na literatura, enfatizamos que “se deve buscar a contribuição específica da literatura para a vida social precisamente onde a literatura não se esgota na função de uma arte de *representação*” (Jauss, 1994, p. 97). A representação, portanto, integra o texto, que é atualizado pelo leitor, receptor e espectador daquilo que foi escrito e representado pelo autor. Conforme as palavras de Gadamer (2014, p. 186), “o fato de o ser estético depender de representação não significa, pois, uma carência ou falta de autodeterminação autônoma de sentido. É parte integrante de seu próprio ser. O espectador é um momento da essência do próprio espetáculo que denominamos de estético”.

O estético mencionado pelo teórico nos remete ao caráter recepcional do texto, que está intrinsecamente ligado ao imaginário do leitor, pois “o imaginário desenvolve-se como postulação, ruptura e transforma-se-em-outro (*Anderswerden*), de modo que toda determinação se comprova sempre como fenômeno produzido, e não originário” (Iser, 1999a,

p. 248). Em vista disso, o leitor, graças ao seu imaginário, age sob as informações do texto, associando-as às suas perspectivizações, termo que introduzimos à nossa pesquisa, com base em Iser (1999a).

Segundo Iser (1999a, p. 147), “no processo da leitura, o ponto de vista apenas focaliza determinados segmentos das perspectivas e a perspectivização, portanto, salta de um segmento para outro, transformando a sucessão temporal e heterogênea numa sequência de equivalências”. Logo, oriunda da heterogeneidade e da sucessão temporal, essa sequência está imbricada às perspectivizações do leitor, as quais são concebíveis por intermédio do objeto estético do texto, que “só se constitui graças às relações que se estabelecem entre elas [as perspectivizações]” (Iser, 1999a, p. 147).

Nesse contexto, à medida que o leitor realiza o ato de ler, ele encontra uma sucessão de perspectivas criadas por ele, que, conseqüentemente, se tornam motivações para efetuar a leitura, sanar suas curiosidades e realizar descobertas. Afinal, o leitor é o sujeito ativo diante da recepção do texto e, conforme realiza a leitura, encontra novas situações, espaços e informações que o mantém nesse processo de atualização do texto.

De acordo com Jauss (1994, p. 25), o ato de ler é “um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre elas reflete”. Dessa forma, autor e leitor tornam-se produtores de informações e experiências e, em virtude dessa relação de produção e reflexão, “é provável que encontremos no texto as marcas do trabalho psíquico e literário realizado por um escritor mantendo-os o mais próximo do seu corpo, de suas pulsões, das experiências sensíveis que encontrou e de seu prazer de ter podido dar-lhes uma forma simbolizada” (Petit, 2009, p. 79).

A respeito da simbolização, das experiências e das sensibilizações do leitor, reiteramos que “o símbolo não é síntese e pacificação; nem âmbito de um movimento rítmico” (Vattimo, 2010, p. 195). Nesse caráter representativo do texto, o sujeito leitor desempenha um papel atuante e decisivo na sua compreensão, estabelecendo uma forte relação com o texto e o mundo simbólico que ele representa.

Portanto, “verificam-se diversas configurações do mundo simbólico, diferentes formas de funcionamento dos símbolos e da relação que o homem tem com eles, como produtor e como ‘fruidor’” (Vattimo, 2010, p. 195). Considerando a produção e fruição do leitor, o sujeito da recepção do texto contempla a simbolização e a representação realizadas no texto, intensificando as configurações encontradas naquilo que é lido, compreendido e atualizado no ato da leitura.

Ainda conforme Vattimo (2010, p. 199), “o homem só pode se salvar das ameaças da natureza e dos outros homens refugiando-se em um sistema de símbolos definidos e estáveis – sejam eles palavras, regras gramaticais ou instituições sociais”. Afinal, as palavras, regras gramaticais ou instituições sociais possibilitam a realização da simbolização e representação, encontradas no texto e atualizadas pelo leitor por meio da interpretação e compreensão.

Em vista desse aspecto de simbolização e representação tão relevante aos olhos de muitos teóricos e estudiosos, confirmamos que “tudo o que é literatura conquistou, antes, uma simultaneidade própria com todo e qualquer presente. Compreendê-la não significa a princípio reconstruir uma vida passada, mas significa participação atual no que foi dito” (Gadamer, 2014, p. 507). Ademais, ao poder participar naquilo que lê, adquirindo compreensões sobre o que está escrito, o leitor está em processo de interação, movimento e atualização.

Sem dúvida, a participação do receptor do texto no que está lendo reforça que o “encontro com o livro coloca o leitor em movimento e lhe permite se conciliar com a sua vida interior” (Petit, 2009, p. 130). Posto isso, o texto é o que conduz o seu receptor às movimentações e descobertas conforme as intenções e individualidades de cada leitor. Iser (1999a) nos apresenta esses alertas a partir da definição do que constitui o processo de sentido, descrito por S.J. Schmidt (*apud* Iser, 1999a, p. 127):

O processo de sentido se deixa descrever como seleção progressiva, dirigida pela intenção da fala, seleção essa que escolhe entre as possibilidades de efeito e de função de elementos dados, cuja relevância é reconhecida pelos falantes; tal processo é a individualização de funções normativamente ou facultativamente dadas no sistema da *langue*, classificadas de acordo com a categoria a que pertencem e formalmente determinadas por sua posição; a individualização aponta para a adequação relevante para a comunicação, ou seja, para a adequação de transações linguísticas que se amoldam à intenção e a situação.

Diante da intenção do autor por meio do texto, e a situação entre eles e o leitor, na posição de receptor do texto e atualizador das informações ali encontradas, ratificamos que o processo de sentido está relacionado às intenções dos sujeitos envolvidos no texto. Em virtude desse contexto, tanto o autor no ato da escrita quanto o leitor no ato da leitura elege estratégias para realizarem suas ações. O leitor, em posse do texto, realiza produções de sentido associadas ao seu contexto e às suas situações, realizando interpretações, compreensões e aplicações a partir da recepção do texto, o que para nossos estudos é essencial, motivando-nos a aprofundar tais conceitos na próxima subseção.

2.3 Interpretação, compreensão e aplicação: ações do leitor no preenchimento das lacunas em jogo com o texto

Devido à relevância dos conceitos de interpretação, compreensão e aplicação para nossos estudos sobre a literatura e a recepção do texto literário, aprofundamos as investigações acerca das ações realizadas pelo leitor, reconhecendo que essas três etapas correspondem à hermenêutica literária, na seguinte ordem, conforme pontua Zilberman (1989, p. 66): “a compreensão, a interpretação e a aplicação”.

À guisa de contextualização, cada uma das etapas da leitura é essencial para as ações do leitor e, por isso, indissociável ao caráter recepcional do texto. Esses termos já foram abordados nas subseções anteriores, dada sua importância para a nossa proposta de investigação. Sujeito realizador das ações vinculadas a cada uma das etapas, o leitor estabelece relações com seus conhecimentos prévios graças às três etapas da leitura. Contudo, cada uma delas possui suas específicas e distintas funções, sendo a primeira etapa a compreensão.

De acordo com Zilberman (1989, p. 68), “a compreensão, decorrente da percepção estética, é também o ponto de partida do processo de leitura, composto de três momentos sucessivos. A fase seguinte, posterior à da leitura compreensiva, é a da leitura retrospectiva, quando se dá a interpretação”. Com base na teoria da estudiosa, percebemos que a compreensão é o ponto de partida da leitura e que, em seguida, ocorre a interpretação. Isso nos leva a inferir que a interpretação é dependente daquilo que a compreensão possibilitou a partir do texto. Ainda conforme Zilberman (1989), constatamos que a interpretação é, portanto, o processo da realização da assimilação daquilo que o leitor compreendeu no texto com os conhecimentos que ele já possuía.

Dessa forma, enquanto a compreensão é a assimilação inicial da leitura, a interpretação é o que se sucede a ela, demarcando a relação daquilo que foi compreendido com as informações que o leitor já tinha devido à sua trajetória e suas vivências e experiências prévias. Resultante dessas assimilações, surge a terceira etapa da leitura, que é a aplicação (Zilberman, 1989). Nessa etapa, há a concretização da relação das informações do texto com aquilo que já é de conhecimento antecedente e, nessa conjuntura, ocorre o momento “da leitura histórica, que recupera a recepção de que a obra foi alvo ao longo do tempo. Hermeneuticamente, corresponde à etapa da aplicação” (Zilberman, 1989, p. 69).

A partir dessa leitura histórica, situando o texto em seu tempo e espaço, correlacionado aos demais textos, acontecimentos reais e outras criações realizadas por autores, é que se concretiza a etapa da aplicação. Nas palavras de Zilberman (1989, p. 69), “a etapa da aplicação é indispensável, porque durante a leitura reconstrutiva o intérprete verifica seu lugar na cadeia temporal”.

Sob essas proposições teóricas, inferimos que a aplicação é, em linhas gerais, a etapa da leitura na qual o leitor realiza uma verificação a respeito do texto, uma vez que já efetuou os processos de compreensão e interpretação, considerando o lugar e o tempo dele com relação à realidade e à cadeia formada pelos outros textos. Também, o leitor recebe e atualiza o texto em um espaço e tempo diferentes daqueles em que o autor estava no momento da escrita e, desse modo, o sentido do texto depende do leitor. Segundo Gadamer (2014, p. 502), “um parceiro de conversação hermenêutica, o texto, só pode chegar a falar através do outro, o intérprete. Somente por ele os signos escritos se reconvertem novamente em sentido”.

Diante do fato de ser caracterizado como parceiro da conversação entre autor e leitor e, assim, ser responsável pela produção de novos sentidos, reverberamos que os textos, sobretudo os ficcionais, devido às suas finalidades e estratégias de composição, “são instrumentos que ajudam a resolver problemas e que serviam [...] na era moderna, para a extensão da mente humana” (Iser, 1996a, p. 124). A concepção de Iser (1996a) nos permite presumir que o texto contribui para a extensão da mente humana porque é composto por informações até então não reveladas ao leitor.

Em virtude disso, consideramos “que compreender um texto significa sempre aplicá-lo a nós próprios. Sabemos que, embora deva ser compreendido cada vez diferente, um texto continua sendo o mesmo texto que se apresenta cada vez diferente” (Gadamer, 2014, p. 515). Logo, o texto possui caráter multissignificativo e está suscetível à aceitação, compreensão, interpretação e aplicação do leitor, haja vista que o receptor tem seu imaginário mobilizado por intermédio do texto.

Ademais, o caráter multissignificativo do texto, ou seja, poder ser compreendido de forma diferente cada vez que é lido, inclusive pelo mesmo leitor, concede-lhe o caráter inacabado mediante seu papel de veículo de leitura (Iser, 1999a). Sendo assim, o leitor é quem dá significado ao texto ao realizar sua leitura e, conseqüentemente, torna-se um “co-criador da obra, à medida que conclui a concretização de sua forma e de seu significado” (Jauss, 1979, p. 103), consolidando sua função essencial no processo de atualização do texto.

Nessa perspectiva, a leitura, em sua composição formada pela compreensão, interpretação e aplicação, partes que estão envolvidas na atualização do texto durante a

realização de sua recepção, é conceituada por Gadamer (2014, p. 231) como sendo um acontecimento semântico: “a compreensão deve ser entendida como parte do acontecimento semântico, no qual se forma e se realiza o sentido de todo enunciado, tanto os enunciados da arte quanto os de qualquer outra tradição”.

Sendo uma questão do campo do leitor, a compreensão é, portanto, a consumação do sentido, que se torna possível graças a algo comum tanto ao autor quanto ao texto, assim como ao leitor: a linguagem. Por isso, associamos a ela o nome de jogo: “Trata-se, antes, do jogo da própria linguagem, que nos interpela, propõe e se recolhe, que pergunta e que se consoma a si mesmo na resposta” (Gadamer, 2014, p. 631). Diante de tantas funções atribuídas à compreensão, ela própria se torna um jogo, conforme esclarece o estudioso:

A compreensão portanto é um jogo, não no sentido de que aquele que compreende se coloque como jogador na reserva, abstendo-se de tomar uma posição que o ligue às pretensões que lhe são colocadas. Isso porque, aqui, de modo algum se dá a liberdade de possuir a si mesmo, inerente ao poder colocar-se na reserva, e é isso que pretende expressar a aplicação do conceito do jogo à compreensão. Aquele que compreende já está sempre incluído num acontecimento, em virtude do qual aquilo que possui sentido acaba impondo (Gadamer, 2014, p. 631).

Com base nas palavras de Gadamer (2014), sobretudo no trecho mencionado, inferimos que o leitor, realizador do ato da compreensão, já está envolvido no texto, pois o autor escreve para ele. Isso implica uma preocupação do emissor do texto em transmitir uma mensagem que será atualizada e renovada pelo leitor. Nesse sentido, o texto “é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual” (Jauss, 1994, p. 25).

De acordo com Jauss (1994), o leitor está sujeitado ao texto porque ele é formado por intenções e estratégias previamente traçadas pelo autor. Entretanto, as informações ali contidas são atualizadas pelo leitor, o qual pode ou não ter conhecimento a respeito daquilo que está escrito, e se possui conhecimento, não se sabe o quão aprofundado ele é, o que também interfere na compreensão do texto. Afinal, “onde se trata de compreender e interpretar textos de linguagem, a própria interpretação, no *medium* da própria linguagem, mostra com clareza o que é a compreensão: uma apropriação do que foi dito, de maneira que se converta em propriedade de alguém” (Gadamer, 2014, p. 515, grifos do autor).

O leitor, ao se inserir como jogador em contraste ao texto, sabe que está entrando em um campo sujeito a algumas regras definidas, mas não sabe até onde vai seu conhecimento nem os lances que o aguardam. Logo, “aquele que joga sabe muito bem o que é o jogo e que o

que está fazendo é ‘apenas um jogo’, mas não sabe o que ele ‘sabe’ nisso” (Gadamer, 2014, p. 155). Em outras palavras, o leitor sabe que o texto é um texto, mas não sabe tudo o que está contido naquele texto, por isso a motivação para lê-lo, jogá-lo. O texto joga com o leitor, e o leitor, por não ser um objeto, mas sim um sujeito ativo, também joga com o texto.

Ao aprofundar os estudos sobre o jogo do texto, Iser (1996a, p. 330) legitima que “o leitor se aproxima mais do jogo do texto quanto mais se amplia a consciência de ser jogado pelo texto”. Isto é, o leitor, receptor do texto, modifica o sentido daquilo que está lendo devido à sua formação como sujeito participante e atuante sobre aquilo que lê, em contraste com suas demais vivências e experiências, ao passo que também é modificado através do que está lendo, uma vez que adquire novos conhecimentos e informações, que se somam à sua bagagem.

Sem embargo, a aquisição de novos conhecimentos e informações é possível graças à realização da interpretação do texto, a qual, segundo Gadamer (2014), não possui comportamento pedagógico, “mas a realização da própria compreensão, que não se cumpre apenas para os outros em cujo benefício se interpreta, mas também para o próprio intérprete e somente no caráter expresso da interpretação que se dá na linguagem” (Gadamer, 2014, p. 514).

Ademais, a linguagem possibilita ao leitor a comunicação e a realização de experiências sociais e cognitivas, visto que “o homem só se torna sujeito autoconsciente na medida em que é obrigado a isso pelas necessidades da comunicação: para pedir ajuda aos outros, ele precisa adquirir consciência das próprias exigências e identificá-las” (Vattimo, 2010, p. 206). Sendo assim, esse processo de aquisição da consciência interage com as necessidades de comunicação e possibilita ao leitor a realização da interpretação e compreensão diante de cada situação de leitura, graças à linguagem comunicativa.

Dado o exposto, “a linguagem comunicativa limita-se a refletir e, indiretamente, intensificar a superficialidade da consciência” (Vattimo, 2010, p. 206-207). Portanto, a experiência da interpretação e compreensão, impulsionadas pela consciência do leitor, faz com que o “estabelecimento de conceitos e sinais, no entanto, se subtrai às características mais sutilmente específicas de cada situação, de modo que aquilo que é levado à consciência e transmitido são apenas os traços mais superficiais e genéricos da experiência” (Vattimo, 2010, p. 206). Assim, a experiência da interpretação e compreensão do texto designa ao leitor a função de sujeito contemplador, atualizador e atuante ao realizar referências por meio do estabelecimento de relações graças à sua consciência e ao conhecimento que possui a respeito da linguagem do texto.

Por isso, a linguagem, ao lado da hermenêutica, é anunciadora do texto, que pode ser interpretado, compreendido e aplicado pelo leitor junto a suas demais experiências, permitindo que sejam realizadas referências a outros textos. De acordo com Gadamer (2014, p. 514), “graças ao seu caráter de linguagem, toda interpretação contém também uma possível referência a outras”. De modo consequente, o caráter de jogo do texto está imbricado à subjetividade humana e o jogo dos sujeitos envolvidos no texto com a linguagem ali encontrada, conforme podemos verificar no trecho a seguir:

Onde se trata da subjetividade humana que se comporta ludicamente, o primado do jogo frente aos jogadores que o executam acaba sendo experimentado pelos próprios jogadores de uma forma muito especial. Outra vez são os usos figurados da palavra que dão a mais rica explicação para sua verdadeira natureza. Assim, por exemplo, costumamos dizer que alguém joga com possibilidades ou com planos. É bem nítido o que queremos dizer com isso. Este ainda não se fixou tanto em tais possibilidades como em metas sérias. Tem ainda a liberdade de se decidir assim ou assado, por esta ou por aquela possibilidade. Por outro lado, essa liberdade não está livre de riscos. O próprio jogo é um risco para o jogador (Gadamer, 2014, p. 159).

Ao adotarmos as palavras de Gadamer (2014), reforçamos que o leitor possui a capacidade de tomar decisões mediante a recepção do texto. Outrossim, todo sujeito leitor, receptor do texto, tem a capacidade de atualizar as informações do texto de acordo com suas particularidades e singularidades, realizando suas próprias compreensões, interpretações e aplicações a partir daquilo que está lendo. Nesse jogo, sob atuação do leitor, Iser (1999a, p. 129) complementa com o que ele denomina como a incorporação: “o leitor precisa reformular o texto formulado para poder incorporá-lo”.

Sendo assim, quando nos respaldamos na definição de incorporação feita por Iser (1999a), estamos dizendo que o leitor incorpora o texto a partir da compreensão daquilo que lê, eliminando a hipótese de que está apenas reproduzindo algo, pois “o sentido de um texto supera seu autor não ocasionalmente, mas sempre. Por isso, a compreensão nunca é um comportamento meramente reprodutivo, mas também e sempre produtivo” (Gadamer, 2014, p. 392).

Dessa forma, salientamos que a compreensão possibilita ao leitor a sensibilização com aquilo que lê. Esse caráter de experiência do sujeito receptor do texto nos reaproxima de Vattimo (2010), que resgata o pensamento de Nietzsche. Entretanto, o contexto da experiência com a arte e a literatura, doravante “poesia” nas palavras de Vattimo (2010), nos conecta aos estudos platônicos.

Da mesma maneira que considera os estudos de Nietzsche, Vattimo (2010) também se baseia nos estudos de Platão para apoiar suas investigações, os quais nos interessam, considerando que: “a poesia, que é antes de tudo experiência de desidentificação, do poeta e dos ouvintes, busca de preferência os objetos da própria imitação não no mundo do sempre igual, mas no âmbito do mutável e do diversificado: não no elemento do inteligível, mas na esfera do sensível” (Vattimo, 2010, p. 179). Essa experiência, realizada pelo leitor, que possui suas preferências, permite sensibilizações por meio da interpretação e da compreensão.

À luz do aspecto de produção a partir da compreensão do leitor, destaca-se o fato de que “a possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva; porém, como as leituras diferem a cada época, a obra mostra-se mutável, contrária à sua fixação numa essência sempre igual e alheia ao tempo” (Zilberman, 1989, p. 33). Logo, o leitor é influenciado pelo tempo e pelo espaço em que está inserido, embora o mesmo texto possa ser recebido por diferentes leitores, situados em diferentes tempos e espaços, o que nos leva a concordar com a assertiva de que “o ‘sujeito’ da experiência da arte, o que fica e permanece, não é a subjetividade de quem a experimenta, mas a própria obra de arte” (Gadamer, 2014, p. 155).

Não obstante, a relação de interdependência entre texto e leitor está declarada pelo fato de que um é o receptor do outro e ambos atuam um sobre o outro em uma espécie de troca. Ainda, “[...] deve-se assinalar que um texto só pode adquirir vida quando é lido e, se deve ser examinado, precisa ser visto através dos olhos do leitor” (Iser, 1999a, p. 03). Em vista disso, o texto está condicionado ao olhar do leitor, que pode examiná-lo e dar-lhe vida de acordo com suas compreensões, interpretações e aplicações.

Com relação às ações do leitor a respeito do texto, confirmamos o poder de decisão do receptor do texto no ato da leitura, o qual é comparado ao gato que escolhe com qual rolo de lã quer brincar: “é assim que o gato que brinca escolhe o rolo de lã porque este também joga com ele; e os jogos com bola são imortais por causa da mobilidade total e livre da bola, que também de si mesma produz surpresas” (Gadamer, 2014, p. 159). Novamente, estabelece-se a relação de interdependência – já abordada em outros momentos de nossa pesquisa – entre os dois elementos envolvidos, seja o texto e leitor ou, no caso da comparação, o gato e o rolo de lã.

Assim como o gato atua sobre o rolo de lã e é adestrado a realizar algumas ações, o leitor também está condicionado pelo texto, uma vez que este “motiva o retrospecto, obrigando o leitor a interpretar os acontecimentos” (Zilberman, 1989, p. 76). Nesse sentido, tais acontecimentos são dispostos no texto e apresentados ao leitor por meio de enigmas que

“são plantados durante esse percurso e precisam ser reexaminados, a fim de alcançarem o sentido e a coerência do relato” (Zilberman, 1989, p. 76).

No que concerne aos enigmas, Zilberman (1989) estabelece que eles são encontrados em pontos planejados pelo autor e colocados ao longo do texto com o intuito de motivar a atenção do leitor para que ele se sinta instigado a continuar a leitura. Essas estratégias muitas vezes estão voltadas àquilo que ainda não consta no texto, mas que pode ser imaginado pelo leitor ou estrategicamente sugerido no próprio texto, com o propósito de despertar sua curiosidade e incentivá-lo a continuar a leitura, por meio de lacunas deixadas pelo autor, que devem ser preenchidas pelo leitor.

Posto isso, as lacunas são estratégias usadas pelo autor para manter o leitor envolvido com o texto, sobretudo quando o texto possui um caráter literário e ficcional, o que aumenta as possibilidades de criação do autor e, portanto, já podem ser esperadas pelo leitor. As estratégias de motivação à leitura por meio de lacunas deixadas no texto e que devem ser preenchidas pelo leitor na realização do ato de ler podem ser associadas a três níveis textuais notabilizados por Iser (1999b, p. 20):

[...]. Podem predominar no nível sintático – ou seja, no sistema reconhecível de regras responsável por dispor os padrões textuais numa ordem premeditada. Podem predominar no nível pragmático – ou seja, na intenção buscada. Ou podem, finalmente, predominar no nível semântico – ou seja, na produção de sentido, que é a tarefa primeira do leitor. Qualquer que seja a distribuição de lacunas em cada um dos níveis, elas terão diferentes consequências no processo de direcionamento do leitor, o qual depende, em grande parte, do nível textual específico no qual predominam.

Em síntese, averiguamos que as lacunas a serem preenchidas pelo leitor estão associadas ao nível sintático, pragmático e/ou semântico, sendo todas elas direcionadas ao receptor do texto (Iser, 1999b). Tais lacunas do texto possuem um caráter de indeterminação do texto e estão associados aos lugares vazios e às negações, conceitos que encontramos na teoria de Iser (1999a).

Em consonância com Iser (1999a), reafirmamos que os lugares vazios e as negações são as estruturas básicas da indeterminação do texto e, em virtude dessa finalidade, elas auxiliam na interação do leitor com o texto, mobilizando o receptor do texto a lê-lo, podendo, diante de suas ações, duvidar, questionar, buscar respostas, investigar, levantar hipóteses, encontrar soluções, ter ou aprimorar ideias e concepções diferentes das que já possuía, dentre tantas outras aplicações possíveis devido à realização da leitura.

A disposição das lacunas deixadas no texto faz parte do jogo entre autor, texto e leitor, focando diretamente na maneira como essas lacunas são distribuídas ao longo do texto, seja nos campos sintático, pragmático ou semântico. Diante desse caráter de indeterminação do texto deixado pelas lacunas e pelos lugares vazios, concebemos que “o modo como de certo modo se coloca em jogo o peso das coisas que nos vêm ao encontro na compreensão é ele mesmo um processo de linguagem, por assim dizer, um jogo com palavras que pelo jogo transpõem o que se tem em mente” (Gadamer, 2014, p. 630).

Sob nosso entendimento, a compreensão do leitor a partir do jogo das palavras e da linguagem encontrada no texto é o que possibilita o preenchimento dos lugares vazios evidenciados por Iser (1999a), podendo o leitor concordar ou não com aquilo que lê, realizando suas próprias interpretações. Logo, a concordância com o texto, a negação e a curiosidade do leitor com relação a personagens e às ações possibilitam inúmeras e indeterminadas interpretações, e são essas indeterminações que tornam o texto ficcional, por exemplo, repleto de lugares vazios. Por conseguinte, esse caráter de indeterminação do texto “impõe o leitor a uma busca de sentido. A fim de encontrá-lo, ele deve mobilizar todas as forças de sua imaginação” (Iser, 1999b, p. 38).

A imaginação do leitor, em jogo com o texto, mobiliza lances e contralances frente às estratégias de ambos, autor e leitor, diante dos diferentes e diversos recursos estilísticos do texto, da estrutura planejada e do envolvimento do receptor do texto com aquilo que está lendo. Para amparar a percepção sobre o jogo entre leitor e texto, recorreremos a Gadamer (2014, p. 159), visto que o teórico afirma: “para que haja jogo não é absolutamente indispensável que outro participe efetivamente do jogo mas é preciso que ali sempre haja um outro elemento com o qual o jogador jogue e que, de si mesmo, responda com um contralance ao lance do jogador”.

Portanto, no processo de recepção do texto, o jogador em questão é o leitor, é ele quem “pode reagir individualmente a um texto” (Zilberman, 1989, p. 34). Diante desse papel de sujeito atuante e ativo, o leitor tem permissão para realizar suas próprias percepções, o que lhe outorga um papel de agente sobre o texto. Isso tende a motivá-lo a se envolver na leitura do texto, que, nesse sentido, cumpre uma função de mediação entre diferentes sujeitos, o que se relaciona, a nosso ver, com os estudos sobre as Mediações. Dito isso, é fundamental abrirmos uma subseção acerca da relação entre mediação e recepção do texto.

2.4 O papel da mediação no ato da recepção do texto e no alcance de trabalho do autor

Para os nossos estudos, compreender a mediação é imprescindível, pois o texto atua como mediador entre o autor e o leitor, sendo este último o receptor do texto, o elemento que fundamenta nossa pesquisa teórica e, sobretudo, empírica e analítica. Desse modo, o ato de ler concretiza e materializa o caráter mediador do texto, ou, conforme sustenta Ricoeur (1997, p. 275, grifos do autor), “com efeito, somente pela mediação da *leitura* é que a obra literária obtém a significância completa”.

Ao entendermos que a leitura atribui uma significância mediada pelo ato de ler, compreender e interpretar o texto literário, concordamos que há um “caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor [...] não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor” (Martín-Barbero, 1997, p. 287). Logo, as ações que o leitor executa com base nas aprendizagens e/ou influências da leitura concretizam a (re)produção de informações, motivadas pelas compreensões, interpretações e aplicações efetuadas pelo receptor do texto, que se torna um propagador de informações, experiências e conhecimentos.

Por meio das ações e manifestações do leitor, ocorre o compartilhamento daquilo que ele percebeu e produziu baseado na leitura do texto, influenciado pelo seu envolvimento com o texto e com o ato de ler. Quanto mais se envolver, maior será sua sensibilização e comoção. Segundo Martín-Barbero (1997, p. 71), “a comoção é um instante em que a negação do eu abre as portas à verdadeira experiência estética”, confirmando o fato de que o ato de se comover está diretamente envolvido com a entrega do leitor ao ato de ler e, conseqüentemente, à experiência a partir da recepção do texto. Ora, é comum que o leitor se envolva com o texto como se ele próprio estivesse protagonizando aquilo que está escrito.

A respeito da experiência e da representação, Gadamer (2014, p. 177) ressalta que “[...] o fato evidente de que toda representação quer ser correta serve apenas para confirmar que a não distinção entre a mediação e a obra ela mesma é a verdadeira experiência da obra”. Portanto, é natural que ocorra uma entrega tamanha do leitor que faz com que não haja distinção entre o texto e a experiência dele a partir daquilo que ele está lendo, o que está conjecturado ao leitor, o qual, devido aos meios de comunicação extremamente modernizados, possui cada vez mais facilidade de acesso aos textos. De acordo com Candido (2006, p. 87):

De qualquer modo, um público se configura pela existência e natureza dos meios de comunicação, pela formação de uma opinião literária e a diferenciação de setores mais restritos que tendem à liderança do gosto – as *elites*. O primeiro fator envolve o grau de ilustração, os hábitos intelectuais, os instrumentos de divulgação (livro, jornal, auditórios etc); o segundo e o terceiro se definem automaticamente, e aliás acabam de ser sugeridos.

Em vista do trecho citado, compreendemos que os meios de comunicação são facilitadores do processo de leitura e de sua acessibilidade por parte dos receptores de informações, que se tornam ativos nesse processo de mediação. Ainda, destacamos que existem diferentes fatores ligados a essa circulação de informações tanto pelas mídias quanto pelos textos, os quais circulam cada vez mais rapidamente, que efetivam as “pontes” entre os textos e os diferentes sujeitos, sejam autores ou leitores. Afinal, “são tantas as pontes lançadas entre o eu e os outros, tantos os vínculos entre a parte indizível de cada um e a que é mostrada aos outros” (Petit, 2009, p. 116).

Nessa perspectiva, os textos e as demais formas de circulação e propagação de informações, de forma virtual ou não, podem ser caracterizados como “dispositivos que proporcionam apoios imaginários à vida prática e pontos de apoio prático à vida imaginária” (Martín-Barbero, 1997, p. 82). Esses apoios imaginários do leitor, diante do ato da leitura, fazem com que haja conhecimentos que são adquiridos, acentuados por meio da condução da imaginação com base naquilo que foi ou está sendo lido, compreendido e interpretado, demarcando o texto como um veículo de circulação.

Consoante Petit (2009, p. 48), para os leitores, receptores do texto, “graças a mediações sutis, calorosas e discretas, em vários momentos do percurso deles, a leitura entrou na experiência de cada um. Eles não se tornaram necessariamente grandes leitores, mas os livros não os entediavam”. Adicionalmente, a estudiosa confirma que a leitura pode contribuir para que os leitores saibam agir mediante conflitos e situações inesperadas, uma vez que realizar a leitura “não seria suficiente para modificar radicalmente a linha de seus destinos sociais, mas contribuiria para que evitassem certas armadilhas” (Petit, 2009, p. 48).

Em linhas gerais, pensando no papel mediador do texto e da leitura, ressaltamos que o ato de ler e aprender por meio dessa prática é uma maneira de se preparar para evitar “armadilhas” no dia a dia. Ao mesmo tempo, o texto se configura como uma das tantas mídias utilizadas pelos leitores, possibilitando o registro e a propagação de informações. Sendo assim, o texto nos reporta às mídias, que formam uma grande matriz produtora de cultura, que, de acordo com Martín-Barbero (1997, p. 311-312, grifos do autor), é “uma expressão deformada, funcionalizada, mas entretanto capaz de ativar uma memória pondo-a em

cumplicidade com o imaginário de massa. O que ativa essa memória não é a ordem dos conteúdos, nem sequer dos códigos, é da ordem das *matrizes culturais*”.

A partir das palavras de Martín-Barbero (1997), verificamos que as matrizes culturais são demarcadas pelas manifestações dos sujeitos sociais, que, ao emitirem suas opiniões, revelam suas características e posicionamentos. Portanto, os veículos de circulação, dos quais destacamos o texto, potencializam e revelam a memória do sujeito social, que, ao interagir e se manifestar, pode concordar ou não com aquilo que recebe por meio da veiculação de informações.

Conforme a Estética da Recepção nos mostrou, o fato de o leitor poder atualizar o texto e agir sobre ele, concordando ou não com aquilo que está lendo, é influenciado pelas vivências sociais e culturais experienciadas ao longo de sua vida, o que pode, em muitos aspectos, ser familiar entre muitos sujeitos da sociedade, deslindando as matrizes culturais. Assim, as mídias, bem como a leitura e, sobretudo, aquilo que é lido, demarcam as matrizes e formações culturais dos sujeitos, o que se relaciona com a percepção de Candido (2006, p. 98):

Em nossos dias, quando as mudanças assinaladas indicavam um possível enriquecimento da leitura e da escrita feita para ser lida, — como é a de Machado de Assis, — outras mudanças no campo tecnológico e político vieram trazer elementos contrários a isto. O rádio, por exemplo, reinstalou a literatura oral, e a melhoria eventual dos programas pode alargar perspectivas neste sentido. A ascensão das massas trabalhadoras propiciou, de outro lado, não apenas maior envergadura coletiva à oratória, mas um sentimento de missão social nos romancistas, poetas e ensaístas, que não raro escrevem como quem fala para convencer ou comover.

Em relação ao enriquecimento da leitura e da escrita e à forma como isso contribui para a bagagem do leitor, retomamos não apenas os aportes de Candido (2006), mas também os da Estética da Recepção, que coincidem com a Teoria das Mediações no sentido de que no texto é feita uma representação, a qual é lida e atualizada pelo leitor, sujeito com sua própria cultura e que recebe cultura por meio do ato de ler. Condizente a essa explanação, Petit (2009, p. 115) acentua que, “não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior”.

Nesse contexto, seguimos asseverando que o texto é mediador de informações, de cultura, de identidades, de conhecimento, e o leitor também é formado por todos esses elementos, os quais podem ser influenciados e modificados a partir do que ele compreende e

interpreta de suas leituras. Ao mesmo tempo, o leitor precisa se expressar, muitas vezes impactado pela leitura, coincidindo ou não com o que já estava em sua bagagem e, por isso, “o que está em nós precisa primeiro procurar uma expressão exterior, e por vias indiretas, para que possamos nos instalar em nós mesmos” (Petit, 2009, p. 115).

Em vista da expressão exterior mencionada por Petit (2009) e do processo de busca por informações, associadas à bagagem adquirida pelo leitor ao longo de sua caminhada, a compreensão do texto “implica sempre uma mediação histórica” (Gadamer, 2014, p. 232). Essa mediação histórica acontece não apenas porque o leitor é um sujeito composto por uma formação histórica, mas também porque o texto é historicamente constituído. Afinal, o texto se mantém ao longo do tempo, isto é, foi escrito em um determinado tempo e espaço pelo autor e é recebido em diferentes momentos e períodos pelo leitor.

Diante da mediação dos textos em diferentes tempos e espaços, como mediadores de informações entre diferentes sujeitos, remetemo-nos aos mapas de significados e suas atribuições. Conforme Girardi Júnior (2009, p. 119), “as representações, os textos, os discursos estariam diretamente relacionados a certos mapas de significados que permitiriam aos agentes sociais interpretar, conhecer, reconhecer, contestar e agir no mundo social”. Desse modo, os textos são mediadores e facilitadores dos processos de interpretação e conhecimento nesse processo de interação, em que os agentes sociais estão inseridos em um mundo real ao mesmo tempo em que são capacitados a transitarem pelo seu imaginário, sendo este enriquecido pelo processo de mediação do texto e demais meios de comunicação.

Ao parafrasear Morin, Martín-Barbero (1997, p. 83) acentua que “a verdadeira mediação, a função do meio, que cumpre, dia a dia, a cultura de massa: a comunicação do real com o imaginário”. Em suma, o receptor de informações, graças ao imaginário, é capaz de instituir relações entre aquilo que é do mundo real, que está presenciando e vivenciando, estabelecendo conexões imaginárias com aquilo que é de seu conhecimento. Isso nos permite ratificar que o que é oferecido pelo texto, pelas mídias e outras formas de mediação se torna não apenas um mediador entre o conteúdo e o leitor, mas também entre o leitor e tudo aquilo com o que ele está conectado, além de influenciar o que ele virá a comunicar. Esse processo, impactado pelo que foi recebido por meio da mediação, pode somar à formação e/ou existência de uma grande cultura de massa.

Em congruência com essa concepção, podemos constatar, ancorados em Martín-Barbero (1997, p. 59), que “a cultura de massa é a primeira a possibilitar a comunicação entre os diferentes estratos da sociedade. E dado que é impossível uma sociedade que chegue a uma completa unidade cultural, então o importante é que haja circulação”. Dentro dessa

perspectiva, o leitor torna-se um sujeito contribuinte para o processo de comunicação, circulação de informações, desde a recepção do texto até as suas ações a partir daquilo que compreendeu e interpretou, aplicando o que leu a seus demais conhecimentos e ações.

Em tese, o leitor é um sujeito produtor de sentido influenciado pelas mediações e pelos meios de comunicação. Com relação a essa afirmação, Girardi Júnior (2009, p. 120) destaca que “o grande salto, influenciado pela ‘estética da recepção’, é a introdução do leitor como produtor de sentido e não apenas um objeto submetido aos efeitos de uma ação comunicativa externa”. Efetivamente, a concepção do leitor como produtor de sentido coincide com a aquisição e o repasse de informações através dos meios de comunicação, como o texto e as mídias virtuais voltadas à interação, alinhando-se, desse modo, com os dispositivos de mediação.

A respeito dos dispositivos de mediação, Martín-Barbero (1997, p. 169) elucida que eles “acham-se assim ligados estruturalmente aos movimentos no âmbito da legitimidade que articula a cultura: uma sociabilidade que realiza a abstração da forma mercantil na materialidade tecnológica da fábrica e do jornal”. Em vista disso, ratificamos que os próprios meios de circulação das informações são os dispositivos de mediação, pois intermedeiam a circulação da cultura por meio dos textos.

Ao mesmo tempo, as tecnologias de informação e comunicação aceleram a circulação de informações e, de certa forma, contribuem para que mais pessoas tenham acesso às informações com mais facilidade, abarcando, assim, as diferentes classes sociais, inclusive as mais distantes dos centros urbanos. De acordo com Martín-Barbero (1997, p. 62), “pensar o popular na cultura não como algo limitado ao que se relaciona com seu passado – e um passado rural –, mas também e principalmente o popular ligado à modernidade, à mestiçagem e à complexidade do urbano”.

Diante dessa necessidade e importância de adequação das diferentes culturas ao contexto contemporâneo, corroboramos que a tecnologia facilita a conexão de diferentes pessoas e o acesso a diferentes culturas. Afinal, “a tecnologia cria condições para trocas desterritorializadas, produzindo um campo de experiências culturais muito específicas” (Girardi Júnior, 2009, p. 123).

Ao pensarmos nas trocas desterritorializadas como produtoras de campos de experiências, destacamos que milhões de pessoas têm acesso a informações veiculadas por milhões de pessoas provenientes de territórios variados, diversificados e com realidades distintas. Essa diversidade também é confirmada na literatura, visto que encontramos, por meio das mídias e das mediações, a existência de uma indústria cultural produtora e

veiculadora de informações interligada à cultura literária e digital, na qual o imaginário dos produtores e receptores do texto pode registrar o inesgotável. Recorrendo a Martín-Barbero (1997, p. 82), salientamos que isso resulta no “lado enigmático da atualidade cotidiana”.

Associado a esse aspecto enigmático da modernidade, que resulta da sumptuosa veiculação de informações por meio dos dispositivos de mediação, está “a incorporação à modernidade de práticas e experiências que só aí recebem legitimação social” (Martín-Barbero, 1997, p. 176). Isto é, a tecnologia e seus avanços fazem com que ocorra uma rápida veiculação de informações, inclusive daquelas relacionadas às práticas e experiências do autor, permitindo que ele propague suas vivências, imaginações e criações.

Conforme as reiteraões de Girardi Júnior (2009, p. 127), “como as tecnologias de informação e entretenimento não existem isoladas, elas terão de se integrar a um conjunto de outras práticas encontradas no universo social na qual estarão inseridas, ou mesmo reorientá-las”. Em razão de o mundo virtual não ser isolado do restante, ele necessita considerar o entorno social, adequando-se a ele por meio de dispositivos do reconhecimento, que, de acordo com Martín-Barbero (1997, p. 184), é o “dispositivo que produz a identificação do mundo narrado com o mundo do leitor popular”.

No cenário atual, as mediações virtuais são comuns e são planejadas e articuladas pelos sujeitos da sociedade, visto que “no caso dos meios massivos implicaria construir sua história a partir dos processos culturais enquanto articuladores das práticas de comunicação” (Martín-Barbero, 1997, p. 229). Acerca das articulações das práticas de comunicação no espaço cultural, Martín-Barbero (1997, p. 229, grifos do autor) acrescenta que é imprescindível “focalizar o *lugar onde se articula* o sentido que os processos econômicos e políticos têm para uma sociedade”.

Diante desse cenário das mediações, o lugar de articulação – considerando os aspectos reais e contextuais da sociedade – associado à veiculação de informações resulta na circulação da comunicação como um espaço estratégico movimentando pelas “articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (Martín-Barbero, 1997, p. 258). A respeito disso, o teórico assevera que “a *comunicação* está se convertendo num espaço estratégico a partir do qual se pode pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam essas sociedades-encruzilhada, a meio caminho entre um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva” (Martín-Barbero, 1997, p. 258).

Ao nos apoiarmos no termo “sociedades-encruzilhada”, referido por Martín-Barbero (1997), realçamos que a circulação da comunicação de diferentes informações e culturas,

compartilhadas por pessoas de distintas classes sociais, espaços e tempos, permite-nos, como sujeitos sociais e interacionais, acessar um conceito heterogêneo de cultura, veiculado pelos dispositivos de mediação, aprimorados pelas mudanças tecnológicas e midiáticas. Esse panorama ilustra uma “reconceitualização da cultura que nos confronta com essa outra experiência cultural que é a popular, em sua existência múltipla e ativa não apenas na memória do passado, mas também na conflitividade e na criatividade atuais” (Martín-Barbero, 1997, p. 285).

Por consequência das experiências culturais e da reconceitualização da cultura, diante do fato de cada sujeito da sociedade, incluindo o leitor, é único e está composto de suas individualidades sociais, interacionais, culturais, geográficas, históricas e hereditárias, forma-se uma “pluralidade de matrizes culturais” (Martín-Barbero, 1997, p. 39), denominada como a alteridade cultural. Esse cenário heterogêneo e diversificado caracteriza um povo que quer “a necessidade imediata – o contrário da razão que pensa a mediação –, não se responderá com leis à descoberta do povo como produtor de riqueza” (Martín-Barbero, 1997, p. 24).

Os textos, propagados de forma impressa ou virtual, englobantes à necessidade imediata dos sujeitos da sociedade atual, demarcam a circulação das produções do povo. Nesse cenário, também a literatura tem se inovado e recorrido aos dispositivos virtuais de mediação para fazer circular os textos literários, inclusive os romances e demais gêneros que possuem dezenas ou até mesmo centenas de páginas, que são recebidos por leitores tanto de textos impressos quanto digitais.

Afinal, o texto literário pode ser dividido em capítulos, que compõem um jogo interativo ainda mais amplo em virtude dessa divisão. Essa estrutura auxilia no envolvimento do leitor com o texto, mantendo sua curiosidade e motivação para a realização da leitura, seja ela por meio do texto impresso ou virtual, que são os principais dispositivos de mediação do texto. Quanto aos textos literários mais extensos, consoante Martín-Barbero (1997, p. 180):

Essas unidades, enquanto articulam o discurso narrativo, permitem dividir a leitura do episódio em uma série de leituras sucessivas, sem que se perca o sentido global da narrativa. Isto nos remete novamente a um modo peculiar de leitura, à quantidade de leitura contínua de que é capaz um público cujos hábitos de leitura são mínimos.

Como podemos perceber no excerto mencionado, as articulações e os interesses do leitor estão suscetíveis à bagagem leitora e cultural. Por conseguinte, um texto maior, com estrutura e estratégias mais complexas, requer um leitor com habilidades para desvendar as pistas lançadas, que esteja interessado em permanecer na leitura e seja movido pela

curiosidade ou pelo interesse no texto, tanto pelo conteúdo quanto pela sua composição. O leitor, guiado pela curiosidade ou pelo interesse, quer desvendar o suspense e/ou saber a continuidade da história.

Relacionado ao suspense e ao envolvimento do leitor com o texto por conta do desvendamento e do desenrolar do enredo, Martín-Barbero (1997, p. 182) afirma que “estamos diante de uma redundância calculada e de um contínuo apelo à memória do leitor”. Afinal, o leitor, receptor do texto, já detém uma identidade e cultura registradas em sua memória, possuindo uma formação de vivências e experiências ao longo de sua vida que lhe ajudam na recepção do texto.

Em suma, o autor possui sua bagagem cultural e identitária, mas o leitor, com sua própria identidade e cultura, atualiza o texto conforme seus conhecimentos e experiências. Assim, ao propormos analisar a recepção de um texto por um público leitor que se manifestou sobre ele em um meio de comunicação e veiculação de informações, é importante aprofundarmos nossa compreensão sobre os conceitos de cultura e identidade relacionados ao público receptor do texto. Nesse sentido, iniciamos uma nova seção para entendermos essa relação.

3 A ESCRITA E A LEITURA COMO FENÔMENOS CONTEMPLADORES DE OUTRAS CULTURAS E IDENTIDADES

Compreendemos que os estudos sobre a recepção de um texto, a qual envolve condução, atualização e circulação de informações, implicam em criação e propagação de culturas, o que nos motiva a investigar os fenômenos da leitura e da escrita como práticas culturais e, ao mesmo tempo, contempladores de outras culturas e identidades. Afinal, o texto foi escrito por um sujeito autor e é lido e recebido por sujeitos leitores, cujo número é, muitas vezes, imprevisível, sendo que cada sujeito receptor do texto possui sua própria formação cultural e identitária. Como consequência, os processos de escrita e leitura apresentam um caráter amplo de identidade e cultura, o que nos leva a adotar uma abordagem teórica que discuta sobre a leitura e a escrita, assim como os conceitos de identidade e cultura de Hall (2006) e Woodward (2013).

Em razão de as pessoas construírem sentido por meio de trocas, recorremos a Woodward (2013, p. 55) para defender que “os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades”. Entretanto, na era da globalização, das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), a identidade de cada sujeito está mudando desenfreadamente, posto que ela é uma mistura de outras identidades e de outros sujeitos com os quais se convive presencial ou virtualmente.

Dado o exposto, esse novo cenário instaurado pelos avanços tecnológicos e, sobretudo, pelo mundo virtual, nos motiva a uma compreensão mais profunda sobre as mudanças decorrentes da aceleração da veiculação de informações e, conseqüentemente, dos textos literários, inclusive, para os autores e leitores. Afinal de contas, a tecnologia mudou o cenário da sociedade em geral, autores e leitores de textos literários não puderam ficar aquém das transformações, o que implica em uma averiguação sobre os aspectos culturais e discursivos do autor e, principalmente, do leitor, que é o sujeito que recebe as informações por meio de canais virtuais, ao mesmo tempo em que se torna um produtor de novas informações, disseminando-as também através de canais de comunicação virtuais.

Sendo assim, à nossa proposta de investigação estão atreladas questões norteadoras essenciais para compreendermos melhor esse processo identitário e cultural do autor e, no nosso caso de delimitação de tema, do leitor, receptor e propagador de informações. Logo, é essencial abordarmos a identidade e a cultura do leitor nessa sua condição e funcionalidade de

produtor e propagador de informações, uma vez que o leitor contemporâneo está inserido em um contexto contemporâneo. Além do mais, considerando que os leitores estão integrados a diferentes realidades e contextos, a contemporaneidade tem fomentado espaço e território para diferentes sujeitos, resultando em diferentes identidades culturais desterritorializadas graças à era digital, o que também precisa ser observado em nossa proposta de investigação.

3.1 Identidade e cultura como anunciadoras da formação do sujeito ativo no processo de leitura

Para que consigamos compreender melhor as características de formação e constituição do sujeito leitor e, conseqüentemente, o universo da realização da leitura do texto, é importante entendermos o processo identitário e cultural do sujeito que está envolvido na recepção e atualização do texto. Afinal, “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa” (Woodward, 2013, p. 10). Mas quais serão essas associações? Por que é importante termos conhecimento sobre a identidade e a cultura do leitor mediante o contexto contemporâneo, em que a modernidade e a tecnologia têm ênfase na vida das pessoas?

Para contextualizar nossa investigação sobre o processo da construção identitária e cultural do leitor, precisamos considerar que cada sujeito receptor do texto está inserido em uma comunidade e é pertencente a uma nação e, portanto, “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades” (Hall, 2006, p. 51, grifos do autor).

Diante disso, vale salientar que o fato de as culturas nacionais produzirem sentidos que são reconhecidos e, de certa forma, modificarem quem entra em contato com elas, ratifica a afirmação de que “a identidade é marcada por meio de símbolos” (Woodward, 2013, p. 9). Essas asseverações nos reportam aos estudos sobre a língua, dado que ela está atrelada tanto à identidade quanto aos símbolos, o que nos leva a alinhar-nos com as abordagens de Hall (2006, p. 40):

Saussure argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os ‘autores’ das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. Nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós.

Ao nos apropriarmos dos estudos de Hall (2006), que se ampara nas teorias de Saussure, buscamos compreender como a língua produz significados e permite a comunicação entre as pessoas. A aquisição da língua ocorre graças ao processo de comunicação, que é formado por um Emissor, uma Mensagem e um Destinatário. “Com frequência, tanto o Emissor quanto o Destinatário são gramaticalmente manifestados pela mensagem: /*Eu te digo que...*/” (Eco, 2011, p. 44).

Ademais, cada sujeito aprende uma língua ao ser exposto a ela por intermédio de outros que já a dominam, através de processos interacionais. Esse aprendizado ocorre quase que involuntariamente, pois os indivíduos estão natural e culturalmente inseridos no processo de comunicação. Consoante Laraia (2001, p. 52), “a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral”.

Ora, o homem construiu sua cultura de maneira incessante. Em outras palavras, ao longo de sua trajetória, cria e modifica continuamente aquilo que lhe preexiste. Nesse sentido, “falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (Hall, 2006, p. 40).

Logo, diante dos sistemas culturais e identitários preexistentes ao sujeito, mas já experienciados e modificados pelos seus predecessores, sobretudo com aqueles que possuiu ou possuiu interação, há uma espécie de prelação, em que os filhos aprendizes se tornam os pais ensinadores da língua, da cultura, preordenando a formação identitária. Enfim, “a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social” (Woodward, 2013, p. 10, grifos do autor), ela é resultante do passado que lhe antecede por meio dos sujeitos com os quais esteve em contato.

Ao considerarmos o contexto histórico, de origem da cultura e identidade de cada sujeito, inquirimo-nos, tal como Laraia (2001, p. 53), sobre “como o homem adquiriu este processo extra-somático que o diferenciou de todos os animais e lhe deu um lugar privilegiado na vida terrestre?”, e também nos preocupamos em compreender a identidade, a cultura e a sua origem. Na busca pela resposta, Laraia (2001, p. 53) nos apresenta um frontispício ao arguir que:

Uma resposta simplificada da questão seria a de que o homem adquiriu, ou melhor, produziu cultura a partir do momento em que seu cérebro, modificado pelo processo evolutivo dos primatas, foi capaz de assim proceder. Não resta dúvida de que se trata de uma resposta insatisfatória,

com um odor tautológico, e que não deixa de nos conduzir a uma outra pergunta: mas como e por que modificou-se o cérebro do primata, a ponto de atingir a dimensão e a complexidade que permitiram o aparecimento do homem?

Como podemos averiguar, o próprio estudioso coloca a resposta apresentada por ele como insatisfatória, rebatendo-a em seguida com outra pergunta, a qual foge de nossos propósitos de investigação. Todavia, interessa-nos entender, ou pelo menos sondar, a importância da memória para o sujeito contemporâneo, mais especificamente o leitor, no contexto de nossa investigação, pois, em tese, “sabemos o quanto a memória é operadora de identidade” (Schmidt, 2008, p. 133).

Conforme Schmidt (2008), com relação à reflexão histórica acerca da memória e da identidade, há uma diferença quando se remexem os dados da narrativa, baseada em história, haja vista que “a memória deixa de ser retrospectiva para ser prospectiva, em movimento para o futuro e, por isso mesmo, uma projeção de antigas esperanças” (Schmidt, 2008, p. 133).

Hall (2006, p. 51) também acentua sobre os registros que demarcam identidade, cultura e memória, resultando em sentidos que “estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. Assim, a identidade e a cultura do sujeito leitor nos parecem estar imbricadas às memórias e às narrativas, estando, inclusive, ele e o autor conectados não somente pelo texto, mas por seus passados, podendo tal fenômeno ser relacionado com aquilo que Schmidt (2008, p. 133) reverbera sobre a história literária e o fato de ela “constituir uma referência dos nexos da nacionalidade, pois seu modelo cristaliza o que se poderia chamar de narrativização da memória”.

Com a possibilidade de a memória ser narrada e registrada pelo autor no texto, o qual é recebido e atualizado pelo leitor, que também é sujeito histórico e cultural, há um discurso que perpassa por esse processo, que se mistura àquilo que já é de posse do sujeito receptor do texto e, portanto, são construídas e modificadas “identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade” (Hall, 2006, p. 56).

Diante do entrecruzamento entre passado e futuro, mediado por sujeitos marcados por suas diferenças, reiteramos, com base em Woodward (2013, p. 09), que “a identidade é, assim, marcada pela diferença”. Nessa perspectiva, autor e leitor são sujeitos com identidades e culturas distintas, mas que se encontram por meio do texto, da língua e da comunicação,

demarcadas pelo cruzamento de discursos próprios inseridos em uma cultura local, regional e/ou nacional.

Ao observarmos que autor e leitor são sujeitos discursivos inseridos em uma cultura e uma nação, não podemos dissociar o fato de que “uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (Hall, 2006, p. 50, grifos do autor). Do mesmo modo, cada sujeito possui seu discurso, constituinte de sua identidade e cultura. Por conseguinte, “o desejo por identidade se materializa, oferecendo ao sujeito a ilusão de uma presença/pertença, o acesso a uma imagem que assume e com a qual se identifica” (Schmidt, 2008, p. 137).

Em relação ao processo de identificação do sujeito com uma determinada cultura e identidade, confirma-se que é da natureza de cada pessoa sentir-se integrada a determinado grupo, demarcado por sua identidade e cultura, ou, então, experimentar o sentimento de não pertencimento. Essas (não) identificações com determinadas culturas e identidades resultam das próprias vivências, formações e interações do sujeito com outras pessoas, sendo também consequência de um contexto particular, familiar e social.

Nesse panorama, os contextos mencionados permitem identificar facilmente (ou não) se determinado sujeito pertence ou se identifica com um grupo cultural específico. Essa percepção também é observada por Laraia (2001, p. 68): “indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica”.

Consoante Woodward (2013, p. 16), “precisamos, ainda, explicar por que as pessoas *assumem* suas posições de identidade e *se identificam com elas*”. Logo, a constituição social, hereditária e cultural do sujeito pode ser fator decisivo e auxiliar na busca pela resposta à pergunta da estudiosa na qual nos respaldamos: “por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem?” (Woodward, 2013, p. 16).

Em um levantamento de hipóteses para responder à pergunta, Woodward (2013, p. 16) reitera que “o *nível psíquico* também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade”. Sendo a identidade do sujeito demarcada pela constituição de elementos, concordamos que o psíquico é um elemento decisivo na formação identitária e cultural do sujeito, visto que são o pensamento e o psicológico que demarcam as identificações dele com aquilo que lhe é apresentado, no caso do leitor, por meio do texto.

Em razão de o elemento psíquico ser decisivo na formação da identidade do sujeito, associamos que “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (Laraia, 2001, p. 68). Portanto, a identidade de um sujeito é formada pelo seu psíquico, suas relações sociais e sua trajetória permeada por diferentes culturas, as quais são demarcadas também por representações e marcas simbólicas.

Segundo Woodward (2013, p. 13, grifos do autor), “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades”. Ainda conforme a autora, “a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são ‘vivas’ nas relações sociais” (Woodward, 2013, p. 13).

Tais compreensões acerca das marcações simbólica e social permitem percebermos que ambas são processos diferentes, porém necessárias para a formação da identidade do sujeito. Além disso, elas se entrecruzam em alguns aspectos, uma vez que as marcas simbólicas são compartilhadas entre diferentes sujeitos, o que demarca a marcação social. Esse cenário é familiar ao autor e ao leitor em suas funções sociais e simbólicas mediante a sua identidade e a propagação de processos identitários por meio de seus discursos construídos também pela história e a narração, consumando a propagação de conhecimentos.

Em linhas gerais, observamos que “história e narração incorporam valores constitutivos do tecido social e cultural, por isso são decisões que envolvem uma dimensão estética e ética, pressupondo, portanto, uma responsabilidade em relação ao dizer/fazer” (Schmidt, 2008, p. 136). A partir dos âmbitos social e cultural, identificamos os valores constitutivos do sujeito e suas marcas identitárias e discursivas.

Ao teorizar sobre as culturas nacionais, Hall (2006, p. 61-62, grifos do autor) enfatiza que “deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade”. Esse *dispositivo discursivo* destacado por Hall (2006) nos remete à ideia de que quando “o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural” (Laraia, 2001, p. 72).

Diante dessa concepção de que o modo de vida do sujeito é adotado por ele como adequado e correto, de acordo com sua visão influenciada pelo seu universo social e cultural, é natural que o leitor, sujeito principal de nossa investigação, seja influenciado por sua cultura

e suas relações sociais prévias ao momento da recepção do texto, o qual foi escrito por alguém com suas próprias particularidades culturais e sociais. Sendo assim, também “o literário é integrado à cultura, um campo de produção histórico-social atravessado por diferentes valores, relações e interesses específicos” (Schmidt, 2008, p. 128).

Além disso, é possível salientar que a integração da literatura com a cultura ocorre de forma natural e involuntária, sendo a cultura influente sobre a literatura e, de certa forma, o oposto também acontece, pois o literário é um canal de manifestação e propagação da cultura que ali está representada graças a uma língua conhecida comumente entre autor e leitor. De acordo com Hall (2006, p. 41), “nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sanguínea de nossa língua”.

Por ora, detenhamo-nos em compreender a influência da língua, da cultura e da identidade do sujeito leitor no fenômeno da recepção do texto, que é atualizado pelo sujeito leitor e funciona como o canal que conecta o receptor do texto ao seu eminente, ou seja, o autor. Por isso, o texto une dois sujeitos com culturas e identidades diferentes por meio de uma língua comum e familiar a ambos, o que nos remete à noção de cooperação textual. Consoante Eco (2011, p. 46), “a cooperação textual é fenômeno que se realiza, repetimo-lo, entre duas estratégias discursivas e não entre dois sujeitos individuais”.

Ao nos sustentarmos na concepção de cooperação textual teorizada por Eco (2011), atentamo-nos ao fato de que autor e leitor são sujeitos formados por discursos e características distintas, resultantes de interações com outros sujeitos e, portanto, não são individuais no processo formativo e discursivo, estando em concordância com a noção de que a identidade de um sujeito é formada pela diferença, conforme supracitado. De posse do conhecimento sobre determinada língua, o autor e o leitor são sujeitos discursivos que ocupam lugar único, ou seja, “eu sei quem ‘eu’ sou em relação com ‘o outro’ (por exemplo, minha mãe) que eu não posso ser” (Hall, 2006, p. 40).

Dado o exposto, o texto e a literatura são facilitadores da propagação da cultura e da língua de forma interativa e, nesse contexto, “a literatura passa a ser vista como categoria transitiva, fenômeno histórico contextualizado no campo das formas culturais, inserida, portanto, nos modos de produção material e processos sociais concretos” (Schmidt, 2008, p. 129). Em vista disso, a cultura e a identidade de cada sujeito entram em mutação ao se depararem com outros sujeitos ou representações culturais, como sustentado nos estudos de Schmidt (2008, p. 129):

Por esse viés, aprofundam-se questões sobre a relação da literatura com representações culturais, com modos de subjetivação e com a constituição de identidades, particularmente à luz do reconhecimento das relações saber/poder e poder/saber inscritos nos mecanismos de controle e legitimação do processo de construção das tradições literárias.

Sobre a relação da literatura com as representações culturais, retomamos a ideia discutida por Schmidt (2008), de que o processo de construção das tradições literárias foi influenciado pelas relações de saber e poder. Isso pode ter influenciado autores de textos literários contemporâneos a, por meio de sua escrita, tentarem mudar esse cânone, criando espaço a outros estilos de escrita e, conseqüentemente, para novas visões e conhecimentos. O resultado é uma literatura diferente e inovadora.

Segundo Schmidt (2008, p. 139), “nessa linha, o papel de uma nova história da literatura viria ao encontro da necessária reeducação das capacidades do discernimento, da sensibilidade e do respeito incondicional à alteridade”. Considerando que a alteridade é marcada por diferentes sujeitos, formados por identidades e culturas distintas, é importante que haja espaço para suas manifestações, sem unificar e padronizar a literatura, algo que, na contemporaneidade, muitos autores parecem estar tentando fazer.

Diante disso, é indispensável compreendermos melhor a identidade e a cultura do leitor em seu papel de sujeito discursivo produtor facilitado pelas mídias, que tem ampliado os canais de comunicação, acelerando e oportunizando a propagação de informações. Da mesma forma, elas têm possibilitado não apenas que autores formados por culturas diferentes se manifestem, mas também leitores de diferentes contextos se expressem, o que influenciou a motivação para nossa proposta de investigação acerca do sujeito leitor contemporâneo.

3.2 Aspectos identitários e culturais do leitor em seu papel de sujeito discursivo produtor e propagador de informações

Sendo o leitor um sujeito com identidade e cultura em construção, como já percebemos, vale dizer que ele é alguém essencial na dialética da compreensão, pois é o sujeito discursivo produtor e propagador de informações, vinculado a aspectos identitários e culturais formados para além da função de receptor do texto. Portanto, é pertinente investigarmos mais minuciosamente sobre esse universo do leitor como sujeito formado por identidade(s) e cultura(s) e, ao mesmo tempo, propagador dela(s) por meio daquilo que ele passa adiante, seja de forma falada ou escrita, enfim, manifestada de alguma forma através de um canal.

Consoante Hall (2006, p. 12), “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Essas várias identidades são (re)passadas e modificadas de diversas formas, inclusive pela fala, escrita e leitura, o que permite compreendermos que elas são propagadoras de cultura e contribuintes para a identidade de cada sujeito, a qual é fragmentada justamente pelo caráter multifacetado da sociedade, formada por uma heterogeneidade.

A respeito do aspecto heterogêneo de uma sociedade, formada por culturas e identidades, Sodré (2023, p. 95) destaca que “o país não tem uma, duas, três ou quatro identidades (falsa a tese dos ‘dois Brasil’), mas uma dinâmica múltipla de identificações, evidenciadas pela forte heterogeneidade sociocultural da realidade sul-americana”. Dessa forma, as identidades permitem que sejam identificadas as características culturais e sociais, diante do surgimento de operadores da identidade humana, conforme esclarece Sodré (2023, p. 157):

Pelo vínculo, portanto, ou pelo entrelaçamento simbólico constitutivo do ser social é que surgem as instituições capazes de funcionar como operadores da identidade humana. São vinculativos os discursos, as ficções e os mitos de fundação da comunidade histórica que presidem às identificações com o Estado-nação, com os valores (comunidade, família, trabalho etc.) e com o *ethos* ou atmosfera emocional coletiva.

Diante do exposto sobre a operação da identidade humana em seu caráter social, compreendemos que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (Hall, 2006, p. 38). Logo, a formação da identidade, consciente ou inconscientemente, ocorre de forma contínua e inexaurível devido ao seu caráter mutável e inacabado, pois é adquirida e mudada por diversas formas, inclusive pela escrita e pela leitura, ambas aprendidas pelos seres humanos ao longo da vida.

Aliás, a escrita e a leitura literárias têm sido lugar procurado por pessoas com diferentes identidades, sobretudo não canônicas, isto é, surgidas de camadas da sociedade que antes não tinham espaço. Em vista disso, “estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais” (Hall, 2006, p. 88).

Além do mais, o fato de existir essa transição mencionada por Hall (2006) faz com que pensemos a respeito das identidades de cada sujeito que está inserido em uma sociedade que

impõe a comunicação, implicando no que Woodward (2013, p. 17) reitera sobre a significação e os sistemas simbólicos: “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito”.

Sendo assim, o posicionamento do sujeito diante dos sistemas de representação acarreta a afirmação de que ele encontra, nessas práticas de significação, aquilo em que acredita. De acordo com Sodré (2023, p. 68-69), “acredita-se naquilo que se representa, ou seja, nos sistemas de representações que se constroem como prevenção contra a diversidade e a instabilidade das crenças”. Logo, o sujeito envolvido no sistema de representação se identifica com ele, graças ao processo de práticas significativas facilitadas pela comunicação e pela socialização de conhecimentos e experiências.

À face do exposto, “a socialização é um fenômeno psíquico iniciado pela representação a priori de um indivíduo por outro (tipificação ou antecipação recíproca de caracteres pessoais), em que consiste basicamente a compreensão. Esta apoia-se na participação do indivíduo na experiência vivida” (Sodré, 2023, p. 61). Ademais, a experiência vivida pelo sujeito é mediada de diversas formas, dentre as quais se destacam os fenômenos da leitura e da escrita.

Desse modo, a escrita e a leitura tornam o sujeito um ser com posição social. Afinal, “a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas [...]” (Woodward, 2013, p. 17). E é justamente esse ponto de representação pela escrita e pela leitura um dos fatores que nos interessa para compreendermos a recepção de um texto literário por diferentes sujeitos, cada qual com sua formação identitária e cultural. Por isso, podemos associar a formação identitária e cultural do sujeito leitor ao seu lugar de fala.

Segundo Amaral (2005, p. 108), “os Lugares de Fala são lugares constituídos e legitimados a partir de posições sociais e capitais simbólicos”. Portanto, a interação, marcada pelo social e pelo simbólico, que resgatamos novamente em nossos estudos, não surge sem a existência de discursos prévios, os quais estão envoltos em aspectos identitários e culturais de determinados sujeitos e/ou grupos.

Ao aprofundar seus estudos sobre a fala – o que, na nossa investigação, pode ser igualmente aplicado à escrita –, Amaral (2005, p. 108) destaca que “uma fala não pode ser analisada de forma deslocada das condições sociais de seu falante”. Ou seja, se existe a fala e a escrita, preexiste o autor dela, seu enunciador, emissor, que está em determinado lugar, e

que possui características e uma inserção e posição na sociedade, formado por identidade e cultura.

Em tese, “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (Hall, 2006, p. 11). Nessa perspectiva, percebemos a importância da interação concebida entre autor e leitor, sujeitados à influência de um para o outro. Conforme Hall (2006, p. 11-12),

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

Inspirados nas palavras de Hall (2006), confirmamos a influência do outro para o eu. O leitor é influenciado pelo texto, tanto no âmbito cultural quanto no identitário, internalizando significados e valores, e, a partir de então, há uma tendência de sua fala e escrita serem moldadas com base nas influências que lhe transformaram e enriqueceram em termos de conhecimento e informação.

A respeito do enunciador, seja por meio da fala ou da escrita, ressaltamos que ele, “além de enunciar uma sentença, está envolvido em situações nas quais seu discurso possui um valor. Existe um mercado de sentidos no qual as falas desfrutam de valores diferenciados (Amaral, 2005, p. 107)”. Dito de outro modo, ao enunciar de um lugar, outros sujeitos, de outros lugares, manifestarão seus pontos de vista por outros discursos, o que pode gerar uma discrepância entre os discursos devido à diferença de opiniões, originadas de sujeitos formados por diferentes identidades e culturas.

Nesse sentido, “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento” (Hall, 2006, p. 39, grifos do autor). Portanto, o sujeito que entra em contato com o outro, contendo identidade, pode se identificar ou não, e ser modificado por aquilo que, até então, lhe é externo, confirmando a “concepção da identidade como movimento e transformação” (Silva, 2013, p. 92).

Também Hall (2006, p. 39, grifos do autor) ampara nossas elucidações acerca do processo de movimento e transformação da identidade existente em nós: “a identidade surge não de uma plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma*

falta de inteirezas que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser visto por *outros*”. A partir desse preenchimento do exterior ao eu, legitimamos, baseados nos estudos de Silva (2013, p. 96-97), que:

A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação.

Quando refletimos sobre a identidade do sujeito leitor, deparamo-nos com o acontecimento de que ele possui identidade inacabada, ao mesmo tempo em que ele está diante de um texto (e, conseqüentemente, diante de um autor) nas mesmas condições, isto é, sem uma identidade completa e acabada. Por isso, o texto, assim como qualquer outro canal de comunicação, torna-se meio de propagação de sujeitos que ocupam um lugar de fala.

Detendo-se ao conceito de lugar de fala para o ramo empresarial e jornalístico, Amaral (2005, p. 104) salienta que “o conceito de Lugares de Fala é um instrumento teórico-metodológico que cria um ambiente explicativo para evidenciar que os jornais populares ou de referência falam de lugares diferentes”, acrescentando a isso o fato de que eles “concedem espaços diversos às falas das fontes e dos leitores, mesmo que sejam editados pela mesma empresa” (Amaral, 2005, p. 104).

Ao nos valermos dessa percepção e relacioná-la à nossa pesquisa, podemos pensar os lugares de fala como meios de possibilitação para que diferentes pessoas ganhem espaço para se manifestarem por meio de estratégias do discurso. Entretanto, “as estratégias discursivas de um Lugar de Fala obedecem a determinadas regras para serem autorizadas e legitimadas” (Amaral, 2005, p. 105). Ou seja, ninguém pode falar e/ou escrever o que bem entender da maneira que quiser, pelo contrário, é preciso respeitar as regras pré-determinadas, sobretudo no contexto em que se está enunciando algo.

Outrossim, respeitar regras pré-determinadas faz parte do mecanismo gerativo de um texto, seja ele falado ou escrito, e que precisa do leitor para que seja bem recebido e atualizado. Conforme Eco (2011, p. 39, grifos do autor), “dissemos que o texto postula a cooperação do leitor como condição própria de atualização. Podemos dizer melhor que *o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo*”.

Dessa maneira, o autor deve se preocupar com a forma como escreverá seu texto, pois o destino interpretativo é a instância do leitor, que agirá sobre o texto. Sob esse viés, “gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos

de outros – como, aliás, em qualquer estratégia. Na estratégia militar (ou xadrezística – digamos em toda estratégia de jogo), o estrategista projeta um modelo de adversário” (Eco, 2011, p. 39).

Diante das estratégias estabelecidas por Eco (2011), podemos nos questionar, assim como Hall (2006, p. 51), sobre “como é contada a narrativa da cultura nacional?”. Na tentativa de refletirmos sobre algumas possibilidades para essa indagação, fundamentamos nossas arguições nas estratégias de Eco (2011) sobre o autor e o leitor, e também nas argumentações de Hall (2006), com o objetivo de responder à pergunta por ele formulada, visto que é importante em nossas análises e, por isso, precisamos lhe conceder atenção.

Conforme Hall (2006, p. 52, grifos do autor) assevera, “em primeiro lugar, há a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular”. Portanto, o leitor encontra, já difundido por diferentes canais de comunicação, um emaranhado de textos de diversos gêneros e estilos diferentes que trazem representação(ões) da cultura, caracterizando a narrativa da nação.

Nesse sentido, há o fornecimento de “uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação” (Hall, 2006, p. 52, grifos do autor). Nesse jogo de representação, encontra-se o que já destacamos em nossas abordagens, considerando as teorias da Estética da Recepção e do Efeito Estético do texto. Dessa forma, é possível identificar uma dupla situação, pois, por um lado “o autor empírico, enquanto sujeito da enunciação textual, formula uma hipótese de Leitor-Modelo e [...] configura a si mesmo autor na qualidade de sujeito do enunciado, em termos igualmente ‘estratégicos’, como modo de operação textual” (Eco, 2011, p. 46).

Entretanto, conforme constatamos no capítulo anterior, amparados nos estudiosos das teorias da recepção e do efeito do texto, precisamos considerar que, por outro lado, “também o leitor empírico, como sujeito concreto dos atos de cooperação, deve configurar para si uma hipótese de Autor, deduzindo-a justamente dos dados de estratégia textual” (Eco, 2011, p. 46). Diante do papel do leitor, considerando sua identidade e sua cultura, está, portanto, a função de atualizador e propagador de informações e, sob esse aspecto, “deve postular algo que atualmente ainda não existe e realizá-lo como série de operações textuais” (Eco, 2011, p. 46).

Envolto a essa série de operações textuais realizadas pelo leitor, temos que considerar como alternativa para a resposta à pergunta supracitada “a ênfase nas *origens*, na *continuidade*, na *tradição* e na *intemporalidade*” (Hall, 2006, p. 53, grifos do autor). Esses elementos são essenciais na construção e propagação de uma narrativa que contém a

representação de uma cultura e uma nação, e por isso é necessário que o leitor tenha consciência disso. Afinal, “os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história. Está lá desde o nascimento, unificado e contínuo, ‘imutável’ ao longo de todas as mudanças, eterno” (Hall, 2006, p. 53).

Consoante Hall (2006), o imutável, na verdade, está suscetível às mudanças, as quais ocorrem, mas não em proporção para mudar definitivamente a identidade e a cultura de uma nação. No entanto, é natural que elas passem por transformações ao interagirem com o diferente, tendo em vista que “a identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído” (Silva, 2013, p. 89).

Sendo assim, vale reiterar que a identidade de um sujeito é influenciada pela cultura e pela sociedade. Essa suscetibilidade confirma o aspecto de sujeitos diferentes na sociedade, e o leitor, por exemplo, ao interagir com demais sujeitos e com o próprio texto, está em contato com a diferença. Nessa perspectiva, “a teoria cultural recente expressa essa mesma ideia por meio do conceito de representação. Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação” (Silva, 2013, p. 89).

Em face do exposto, é possível constatar que “a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. [...] Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais” (Silva, 2013, p. 76). Portanto, o fato de haver sujeitos leitores contemporâneos produtores e propagadores de informações, moldados por suas formações identitária, cultural e social, os torna também fabricantes de identidade e cultura. Esses aspectos variam diante do texto no contexto digital e virtual, o que precisa ser considerado e aprofundado em nossa investigação.

3.3 A identidade e a cultura do leitor contemporâneo diante do texto e do contexto digital

As tecnologias e a internet fizeram com que o contexto virtual também se instaurasse para o sujeito leitor, que, por sua vez, tem sua identidade e cultura modificadas devido às adaptações necessárias para se adequar à era digital. Diante desses aspectos, partimos do pressuposto de que “a identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas, no contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos ‘novos movimentos sociais’” (Woodward, 2013, p. 67-68).

A identidade do leitor na era digital é, para nós, assunto central na tentativa de compreendermos melhor o seu universo e seu papel diante das tecnologias e das mudanças

que vêm acontecendo nas últimas décadas. Essas mudanças trouxeram à tona novos movimentos sociais, que, conforme Woodward (2013, p. 68), “estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais”.

Em nosso objetivo de compreender o papel do leitor diante das tecnologias, precisamos considerar que “rastrear o modo como a figura do leitor está representada na literatura supõe trabalhar com casos específicos, histórias particulares que cristalizam redes e mundos possíveis” (Piglia, 2006, p. 21). Em um país onde há uma carência de valorização da literatura, do livro e, conseqüentemente, de uma cultura de leitores, na qual a identidade de cada sujeito é construída e enriquecida por meio da leitura, é preciso analisar a história desses sujeitos para identificar estratégias que promovam mudanças e transformações.

Ao considerarmos a identidade do leitor, podemos nos alicerçar nas ponderações de Hall (2013, p. 109) sobre o fato de as identidades terem “a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos”. Portanto, a identidade é construída ao longo da trajetória e história do sujeito leitor, influenciada pela linguagem e pela cultura.

Conforme Certeau (2012, p. 36), “duas histórias reais indicam dois modos sob os quais opera essa conjugação entre a geografia tácita da experiência e aquela outra, visível, dos recursos existentes”. Ao se deter para a história real voltada à segunda, referente aos recursos existentes, ele esclarece que ela “desenha uma topologia da ação. O que dá autoridade em uma sociedade toma uma destas duas figuras: discursos (obras, textos), ou então pessoas (que são também representantes)” (Certeau, 2012, p. 36). Portanto, pessoas e textos são agentes de transformações e mudanças, são influenciadores; e cada sujeito é, também, influenciável e mutável.

O fato de o texto influenciar a mudança, a qual é realizada pelas pessoas, tendo em vista que os leitores são essenciais nessa relação, torna-o único e tangível ao leitor. Afinal, “um texto representa uma cadeia de artifícios de expressão que devem ser atualizados pelo destinatário” (Eco, 2011, p. 35). Desse modo, a identidade do leitor se expressa no contexto do texto e da era digital, onde a atualização do texto realizada pelo próprio leitor adquire superfícies linguísticas manifestadas no contexto virtual, como em redes sociais, sites, blogs ou outros meios de comunicação digital.

Diante de suas funções e características, “um texto distingue-se, porém, de outros tipos de expressão por sua maior complexidade” (Eco, 2011, p. 36). E, como já pudemos perceber, é uma complexidade “abraçada”, atualizada, continuada e modificada na esfera virtual, que ocasiona, voluntária ou involuntariamente, formas diferentes de manifestações de identidades

e culturas, facilitando o acesso às diversas sociedades e grupos, o que demarca mudanças e transformações globais.

Logo, precisamos examinar que “as mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas” (Woodward, 2013, p. 25). Nesse cenário, em que a política e a economia interferem na identidade e na cultura dos sujeitos, levando em conta também os leitores, necessitamos estudar minuciosamente sobre “o leitor perante o infinito e a proliferação. Não o leitor que lê um livro, mas o leitor perdido em uma rede de signos” (Piglia, 2006, p. 27).

Ainda em consonância com os estudos de Piglia (2006) sobre o leitor, e considerando nosso contexto contemporâneo do leitor inserido em uma rede de signos, que passa a fazer ainda mais sentido quando em consonância ao universo virtual, que acelera, difunde e espalha mais rapidamente as informações e os textos, concordamos que “a pergunta ‘o que é um leitor?’ é, sem sombra de dúvida, a pergunta da literatura” (Piglia, 2006, p. 25). Portanto, o sujeito leitor, devido ao seu caráter único e à sua própria formação identitária e cultural, faz com que, na contemporaneidade, se considere ainda mais, para fins de estudos, o universo dos textos e de seus sujeitos receptores e agentes.

Na tentativa de responder à pergunta por ele formulada, Piglia (2006, p. 25) acentua que “essa pergunta a constitui, não é externa a si mesma, é sua condição de existência. E a resposta a essa pergunta – para benefício de todos nós, leitores imperfeitos porém reais – é um texto: inquietante, singular e sempre diverso”. Nesse viés, o texto, provocador e singular, é a representação de algo manifestado por alguém, por pessoas que “participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional” (Hall, 2006, p. 49, grifos do autor).

Cada sujeito leitor está inserido em uma cultura, assim como em uma nação, uma vez que esta “não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*” (Hall, 2006, p. 49, grifos do autor). Em vista disso, o sujeito leitor tem sua identidade e sua cultura difundidas em meio a sistemas de representação cultural, sendo o universo virtual um facilitador dessa formação identitária, colocando-as, muitas vezes, em conflito. Nessa conjuntura, Woodward (2013, p. 25) ratifica:

As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial.

Ao nos alinharmos às palavras de Woodward (2013) sobre os conflitos das identidades na contemporaneidade, entendemos que a identidade do leitor está passando por mudanças devido ao universo virtual, principalmente pela aceleração da circulação das informações referentes aos mais diferentes grupos culturais e sociais, acentuando “o conflito entre as diferentes identidades, o que tende a reforçar o argumento de que existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo” (Woodward, 2013, p. 26).

Sendo assim, a crise de identidade na contemporaneidade é intensificada pela rápida circulação de informações e textos das mais diversas culturas entre os sujeitos do mundo todo. Afinal, “as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’ (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’” (Hall, 2013, p. 112).

Além disso, a identidade de um sujeito leitor, por exemplo, entra em conflito na contemporaneidade porque ela se depara com várias outras informações e textos de outros sujeitos, que possuem sua própria identidade, o que é acentuado pelo fato de nenhuma identidade estar completa. Posto isso, “diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais” (Woodward, 2013, p. 31), de modo que teremos diferentes significados sociais envoltos em cada sujeito e sua identidade.

Outrossim, nas relações com esses diferentes contextos sociais, sejam elas de forma real ou virtual, há o encontro de inúmeras identidades inacabadas, influenciáveis e que, ao mesmo tempo, influenciam, mas que jamais serão iguais a qualquer outra identidade, pois “elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos” (Hall, 2013, p. 112). E é essa diferença que também se torna proeminente para o sujeito leitor na contemporaneidade.

Como sujeito de interação – disseminada, por exemplo, nas redes sociais –, o leitor se sente convidado e intimado a se manifestar e a se posicionar de acordo com sua opinião e identidade. Pois, “em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando” (Woodward, 2013, p. 31).

Nessa perspectiva, o leitor posiciona-se diante de diversos campos sociais, como a família, grupos de colegas e amigos, partidos políticos e instituições educacionais. Na contemporaneidade, de forma sôfrega e rápida, esses campos incluem também as mídias digitais, onde o leitor encontra espaço para buscar informações e, ao mesmo tempo, compartilhar suas experiências e opiniões. Entretanto, “todo contexto ou campo cultural tem

seus controles e suas expectativas, bem como seu ‘imaginário’, isto é, suas promessas de prazer e realização” (Woodward, 2013, p. 33).

Ao refletirmos sobre a identidade e o imaginário do sujeito leitor, recorremos novamente a Piglia (2006, p. 23) para nos certificarmos de que “nesse registro imaginário e quase onírico dos modos de ler, com suas táticas e seus desvios, com suas modulações e suas mudanças de ritmo, produz-se também um outro deslocamento, que é uma amostra da forma específica com que a literatura narra as relações sociais”. Nesse processo de relações sociais entre os sujeitos, no âmbito da leitura em nosso caso de estudos, os modos de ler do leitor estão em consonância à situação comunicativa do texto, na relação de troca entre ambos. Com relação a esse aspecto de comunicação do texto com o leitor, Eco (2011, p. 47) salienta que:

Se aquele texto executa um trajeto comunicativo mais amplo e circula como texto “público” não mais atribuível ao seu sujeito enunciativo original, então será preciso vê-lo na sua nova situação comunicativa, como texto que, por intermédio do fantasma de um Autor-Modelo muito genérico, se reporta ao sistema de códigos e subcódigos aceito pelos seus possíveis destinatários e que, por conseguinte, quer ser atualizado segundo a competência de destinação.

A partir das considerações de Eco (2011), que são importantes para nós pelo seu teor de complementação às considerações sobre o leitor e sua formação identitária e cultural, confirmamos que a identidade do sujeito leitor se manifesta durante o processo de compreensão daquilo que está sendo lido pelo receptor e atualizador do texto. Desse modo, “trata-se naturalmente de decisões cooperativas que exigem avaliações a propósito da circulação social dos textos” (Eco, 2011, p. 47).

As decisões cooperativas entre autor, texto e leitor, cada qual com sua identidade em mudança e construção, permitem que o leitor seja o sujeito da ação no processo de recepção do texto, conforme já vimos nos estudos teóricos acerca desse campo e, portanto, “o destinatário é sempre postulado como o operador (não necessariamente empírico) capaz de abrir, por assim dizer, o dicionário para toda palavra que encontre e de recorrer a uma série de regras sintáticas preexistentes” (Eco, 2011, p. 35).

Nesse processo de encontro e seleção de regras sintáticas feitas pelo leitor para interpretação e compreensão do texto, “a configuração do Autor-Modelo depende de traços textuais, mas põe em jogo o universo do que está atrás do texto, atrás do destinatário e provavelmente diante do texto e do processo de cooperação (no sentido de que depende da pergunta: ‘Que quero fazer com este texto?’)” (Eco, 2011, p. 49).

Assim, da mesma forma que é importante o que se deseja fazer com o texto, o momento do leitor também é essencial, demarcando, por exemplo, “um contraste entre as exigências práticas, digamos, e aquele momento de quietude, de solidão, aquela forma de recolhimento, de isolamento, em que o sujeito se perde, indeciso, na rede dos signos” (Piglia, 2006, p. 29). Contudo, na contemporaneidade, devido ao contexto digital, temos uma rede de signos mais complexa, ampla, disseminada virtualmente e que possibilita ao leitor não somente um recolhimento físico, mas uma integração virtual a partir de suas interações escritas lançadas às redes virtuais.

Já que “o livro é um objeto transacional, uma superfície sobre a qual se deslocam interpretações” (Piglia, 2006, p. 34), também as telas e o mundo virtual são “superfícies” que recebem e propagam informações, interpretações, compreensões e aplicações realizadas por sujeitos conectados ao universo digital. Logo, na contemporaneidade, temos identidades veiculadas virtualmente, estando integradas a uma relação de subjetividade do eu sujeito leitor com a rede a qual está vinculado. De acordo com Woodward (2013, p. 55-56):

Os termos “identidade” e “subjetividade” são, às vezes, utilizados de forma intercambiável. Existe, na verdade, uma considerável sobreposição entre os dois. “Subjetividade” sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos.

Como podemos verificar nas palavras de Woodward (2013), a subjetividade envolve os sentimentos e pensamentos de cada sujeito e, portanto, cada leitor possui suas particularidades também nesses aspectos, e, conseqüentemente, tem sua identidade influenciada por eles. E, se a experiência de cada sujeito resulta também da sua linguagem e da sua cultura, o contexto social em que está inserido está entrelaçado à identidade e à subjetividade do indivíduo.

Diante da identidade e subjetividade do sujeito, devemos aprofundar o caráter de sensibilidade, na qual “a referência é a vida prática e a emotividade. Mas a sensibilidade social implica representação, afeto e ação concreta. O que é o concreto numa forma social? Em princípio, a sua materialidade aqui e agora, pois a forma tem matéria ou consistência, que

se impõe” (Sodré, 2023, p. 87). Nesse sentido, é natural que surjam a sensibilidade e a emoção ao se entrar em contato com a representação, intensificando o vínculo afetivo.

Ainda conforme Sodré (2023, p. 57), “a elucidação objetiva e subjetiva da vinculação entre afeto, representação e ação – e não apenas o entendimento obtido por descrições históricas, sociológicas, antropológicas e psicológicas, demanda um “além”, uma sensibilidade social presente na base do senso comum”. Esse “além” é o que tende a intensificar a sensibilização, sobretudo quando abrange o ramo da arte e da literatura, propagadoras de identidade e cultura.

Nessa conjuntura, confirmamos que “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (Hall, 2013, p. 109). Logo, identidade e discurso estão imbricados, e o discurso do sujeito leitor é caracterizado por aquilo que lê, associando a interpretação e compreensão aos aspectos identitários que já possui, o que marca esse entrelaçamento entre discurso e identidade.

Ademais, o discurso e a identidade de determinado sujeito, formado culturalmente, estão vinculados à sua compreensão a respeito de seu lugar na sociedade. Segundo Sodré (2023, p. 43), “a compreensão implica a profundidade do ver como algo além da incorporação intelectual de um saber, que pode ser a própria desincorporação emocional de uma representação ou de uma crença”. Essa situação permite-nos inferir que as crenças e o sistema emocional do sujeito também são influenciados pela cultura do sujeito, o que demarca a sua formação identitária.

Sendo assim, Hall (2013, p. 111-112) utiliza “o termo identidade para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nosso lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares”. Nessa direção, o leitor é um sujeito social que possui seu papel e seu discurso particular, mas que está sujeitado ao ponto de encontro com aquilo que vem do outro, uma vez que as identidades, como já vimos e ratificamos, são mutáveis e inacabadas.

Consoante Woodward (2013, p. 33), “as identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições”. Enfim, no jogo de posições entre um sujeito e outro, dentro de suas funções culturais e sociais, está o fato de cada um, devido ao processo de interação, integrar uma sociedade.

A respeito da integração em sociedade, Sodré (2023, p. 60, grifos do autor) afirma que “*social e sociedade* são noções aplicáveis a modos de organização tanto humanos como animais, enquanto cultura – que abarca formas de mediação como crenças, artes, ritos, pensamentos e configura uma dimensão moral ou afetiva – restringe-se à dimensão humana”. Portanto, o social e a sociedade consistem no ato de interação de um sujeito com os demais.

Certeau (2012, p. 38) corrobora a ideia de que “uma sociedade resulta, enfim, da resposta que cada um dá à pergunta sobre sua relação com os outros”. Logo, são as relações de cada sujeito com os demais de uma sociedade que estão em sintonia com a cultura e a identidade nacional, tendo em vista que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas; no interior da *representação*” (Hall, 2006, p. 48, grifos do autor).

Nesse caráter de representação de cultura e identidade nacional, precisamos considerar que autores e leitores contemporâneos têm encontrado alternativas para compartilhar suas percepções, opiniões e produções literárias nas redes sociais e em outros canais virtuais de comunicação, sendo a cultura popular algo muito presente nesses compartilhamentos. Identidade, cultura e modernidade têm anunciado culturas nacionais, o que, de certa forma, é reiterado por Hall (2006, p. 47):

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.

Quando Hall (2006) afirma que as identidades fazem parte da natureza essencial do ser humano, entendemos que o leitor possui e constrói sua identidade de acordo com suas próprias vivências e experiências, inserido em uma sociedade e, portanto, integrante de uma cultura e uma nação. E se, na contemporaneidade, a cultura popular tem ganhado espaço nas mídias, é natural que o sujeito leitor se identifique, leia e se manifeste sobre ela, que é considerada por Certeau (2012, p. 63) como um patrimônio: “a cultura popular define-se, desse modo, como um patrimônio, segundo uma dupla grade histórica (a interpolação dos temas garante uma comunidade histórica) e geográfica (sua generalização no espaço atesta a coesão desta)”.

Em virtude de a cultura ser marca de patrimônio, surge também a questão da identidade e de outras características de uma comunidade ou nação, incluindo aspectos como o racismo brasileiro, amplamente discutido por Sodré (2023, p. 37, grifos do autor): “o racismo brasileiro de hoje persiste no interior de um efeito permanente da antiga estrutura escravista: uma verdadeira *forma social autonomizada* como herança autoritária de *práticas patrimoniais* das classes dirigentes”.

Essas práticas patrimoniais concebem “a permanência de elementos estruturais numa transição histórica não significa a continuidade da estrutura e sim um jogo de recomposição indireta, com novas regras” (Sodré, 2023, p. 39). Afinal, a trajetória dos sujeitos, os quais possuem contato com heranças culturais e identitárias, identificando-se ou não com outras identidades e culturas, implica em uma formação cultural e identitária previamente posta e herdada patrimonialmente.

Desse modo, as heranças culturais e identitárias de cada sujeito envolvem a constituição do sujeito, que é formado e influenciado institucionalmente, como afirma Sodré (2023), pela identificação do sujeito pela sua aparência. De acordo com Sodré (2023, p. 40, grifos do autor): “aparência, desde a cor da pele até a roupa, é uma categoria que se constrói socialmente e que atribui poder social, conforme os quadros de referência instituídos; isto é, conforme determinados marcadores semióticos que concorrem para a definição de cor e *status*”. Logo, aparência, estilos de vestimentas e comportamentos, bem como costumes e demais marcas identitárias e culturais, predeterminam histórica, geográfica e institucionalmente o sujeito, pertencente, por exemplo, a determinada cultura popular.

Ademais, se a cultura popular faz parte da sociedade, da literatura e, conseqüentemente, do leitor, é natural que ela se encontre e se entrecruze com o universo daqueles com quem ela interage, interferindo na sua identidade cultural. Em suma, “a política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política” (Woodward, 2013, p. 34).

Portanto, na condição de sujeito político, social e interativo, o leitor tem sua identidade ligada à cultura, à sociedade, à política e ao ato de ler, o que é, contemporaneamente, conectado às mídias e ao mundo virtual. Nessa conjectura, o leitor contemporâneo tende a se mostrar um leitor amadurecido na literatura e na crítica literária, levando-nos a pensar em um novo estatuto do leitor e na mobilidade do gênero romance, por exemplo, que está emaranhado em nosso caso de investigação. Assim, diante da contemporaneidade e desse novo estatuto do leitor, frente às diversas redes sociais e virtuais, é conveniente

aprofundarmos nossas tessituras sobre as identidades culturais desterritorializadas em virtude da modernidade.

3.4 O leitor e as identidades culturais desterritorializadas em ascensão

As tecnologias e a circulação em massa de informações provenientes de diferentes sujeitos, formados por diversas culturas e identidades, abrem espaços para leitores e autores de territórios que, antes da contemporaneidade, não tinham acesso nem lugar de fala. Nesse cenário, com a profusão de novas tecnologias, houve aproximações discursivas de diferentes sujeitos de diversas culturas que se encontram por meio do universo virtual, resultando em identidades culturais desterritorializadas e, assim, motivando-nos a entender melhor o espaço e o papel do leitor nesse novo contexto que vem sendo estabelecido.

Ao compreendermos a propagação de informações pelo universo virtual, que é um espaço de socialização e de novos paradigmas quanto às mudanças de cultura e identidade, podemos fazer sobressair que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam” (Laraia, 2001, p. 45).

Contudo, as numerosas gerações que antecederam às de agora não estavam propensas às tecnologias, que inovam e aproximam a difusão de culturas e identidades de diferentes grupos e nações, que até então tinham seu patrimônio cultural demarcado em seus espaços físicos, históricos e geográficos, sem influências tão acentuadas de sujeitos externos. Em suma, “a manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade” (Laraia, 2001, p. 45).

No que tange aos impactos na cultura e na identidade dos grupos e das nações em relação à modernidade, Woodward (2013, p. 17) frisa que “na arena global, por exemplo, existem preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas; em um contexto mais ‘local’, existem preocupações com a identidade pessoal como, por exemplo, as relações pessoais e com a política sexual”. Portanto, tanto a identidade nacional quanto a pessoal têm despertado preocupações por essas mudanças ocasionadas pelo mundo digital, que tem colocado as pessoas de diferentes espaços físicos em contato umas com as outras.

Nesse contexto da identidade nacional, recorreremos novamente a Sodré (2023), que aborda a noção de racismo institucional, constituído ao longo dos acontecimentos históricos e

sociais. No caso do Brasil, por exemplo, Sodré (2023, p. 25) faz o seguinte esclarecimento: “país territorialmente segmentado e controlado por oligarquias latifundiárias, não houve aqui um pacto fundacional dos estados, e sim uma transformação multissecular de uma empresa colonial das origens – realizada por latifúndio monocultor e regime escravista”.

Diante do território nacional, marcado pela escravidão e pelo domínio imperial e latifundiário, Sodré (2023) atribui ao país o termo de “empresa-Brasil”, uma vez que “foi sempre um negócio muito lucrativo, primeiro (séculos XVI e XVII) devido à exportação do açúcar e depois graças ao diamante e ao ouro” (Sodré, 2023, p. 26). Além do mais, esse cenário mercantil é marcado identitária e culturalmente pelo trabalho escravo, ou, posterior e até mesmo contemporaneamente, pela falta de valorização do trabalhador braçal e rural. Quanto a isso, para fins de aprofundamento, mantemo-nos nas reiteraões de Sodré (2023, p. 29, grifos do autor):

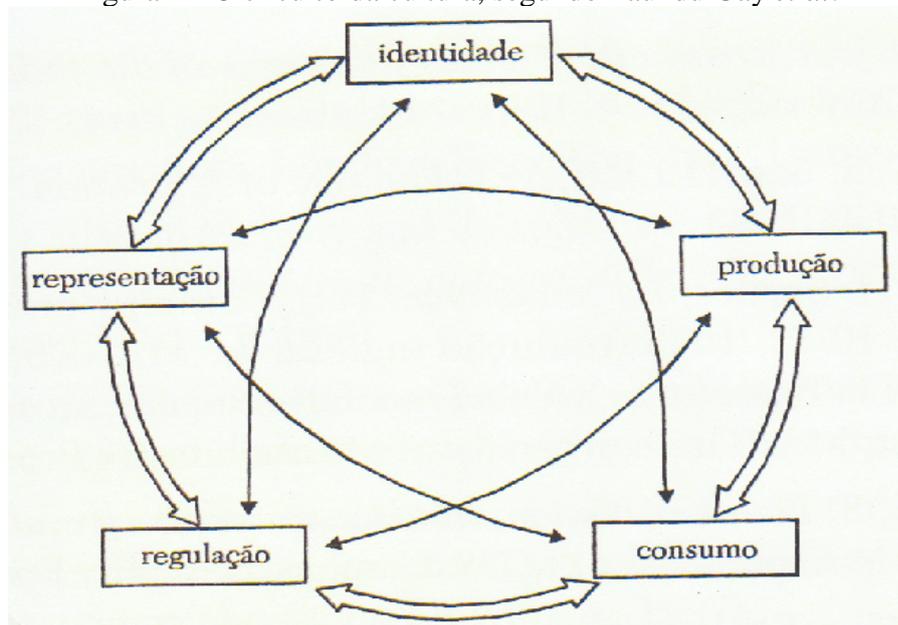
Na sociedade escravista, o racismo era uma tecnologia de poder declarada ou visível, cujo arcabouço consistia em um tríptico de estigmatização/discriminação/segregação, *estruturalmente* ou *sistematicamente* inscrito em leis e fatos normativos. Ou seja, não era um fenômeno ideologicamente dependente apenas de doutrinas e discursos, uma vez que estava “naturalizado” pelo arcabouço colonial.

Sodré (2023) acentua a respeito do racismo, e, ao nosso ver, a identidade, a cultura e outras marcas de uma nação também são fenômenos dependentes de discursos e formas de poder estigmatizadores e segregadores, inseridos dentro de um sistema. Ademais, esse sistema é institucionalizado historicamente, fazendo com que tais fenômenos ocupem “um lugar cultural transmitido de uma geração para outra dentro dos processos de produção econômica e de sociabilidade nacionais” (Sodré, 2023, p. 33). Logo, cultura e identidade são historicamente marcadas por heranças e ao mesmo tempo transformações econômicas e sociais pelas quais perpassa uma nação ou comunidade.

Sendo assim, com relação às identidades globais e locais, abordadas a partir de Woodward (2013), Hall (2006, p. 76) também se preocupa com as transformações que abrangem esses âmbitos: “em certa medida, o que está sendo discutido é a tensão entre o ‘global’ e o ‘local’ na transformação das identidades. As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares”. Essas identidades são propagadas e conflitadas quando disseminadas de forma rápida e abrangente, especialmente ao serem compartilhadas virtualmente, podendo alcançar o mundo todo em instantes.

Nesse panorama de circulação e propagação de informações, culturas e identidades, Woodward (2013, p. 17) notabiliza que “há uma discussão que sugere que, nas últimas décadas, estão ocorrendo mudanças no campo da identidade – mudanças que chegam ao ponto de produzir uma ‘crise de identidade’”. Essa “crise de identidade” é demarcada, como a estudiosa esclarece, pelas mudanças que estão ocorrendo, que colocam em conflito diferentes informações, vivências, opiniões, enfim, identidades e culturas, remetendo-nos à imbricação dos elementos constituídos por Gay *et al.* (*apud* Woodward, 2013, p. 17) no circuito da cultura, disponibilizado na Figura 1.

Figura 1 - O circuito da cultura, segundo Paul du Gay *et al.*



Fonte: Woodward (2013, p. 17).

Como podemos apurar, inspirados no circuito da cultura de Gay *et al.* (*apud* Woodward, 2013, p. 17), identidade, produção, consumo, regulação e representação estão inter-relacionados e são identificáveis e relacionáveis a qualquer sujeito da sociedade. Especialmente ao leitor, que é sujeito com identidade, que produz, consome, regula, representa e realiza a representação por meio de seu discurso, seja ele verbal (falado ou escrito), gestual ou outra forma de manifestação.

Sendo assim, o sujeito leitor possui seu discurso e seu sistema de representação inseridos em um grupo, em uma sociedade e uma nação e está em constante interação com sujeitos diferentes dele, alguns com os quais se identifica mais e outros menos, o que pode lhe causar aversão ou estranhamento ao desconhecido. Nesse sentido, “os discursos e os sistemas

de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (Woodward, 2013, p. 18).

Diante dessas mudanças acometidas por uma série de fatores, mas principalmente pela aceleração de informações em virtude do universo virtual, Hall (2006) afirma estar preocupado com a identidade nacional, convidando-nos a refletir com base em suas indagações: “o que está acontecendo à identidade cultural na modernidade tardia? Especificamente como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização?” (Hall, 2006, p. 47).

Esses questionamentos nos levam a afirmar que a globalização e a disseminação de identidades e culturas pelos canais virtuais de comunicação estão gerando identidades plurais, o que pode provocar contestação por sujeitos de outras identidades e culturas, caracterizando um fenômeno semelhante ao que ocorre no processo de migração, alertado por Woodward (2013, p. 22): “a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades. A migração é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento”.

Como é possível averiguar, assim como a migração, a “globalização tem, *sim*, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e ‘fechadas’ de uma cultura nacional” (Hall, 2006, p. 87). Esse descentramento das culturas, inclusive as nacionais, ocorre pelo fato de que a globalização “tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (Hall, 2006, p. 87).

Ademais, o efeito pluralizante da globalização tem provocado aceleradas mudanças nas identidades de cada sujeito, inclusive do leitor, que, em virtude dela, entra em contato com inúmeras identidades encontradas no universo virtual, propagadas por autores, textos e demais leitores. Forma-se, assim, uma grande rede em que cada sujeito compartilha suas particularidades, demarcando o fato de que a sociedade “está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma” (Hall, 2006, p. 17). Da mesma maneira, ainda convém considerar que:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (Hall, 2006, p. 75).

Perante a identidade, a cultura e, portanto, a essa vida social compartilhada no universo virtual, em nível global, em contato com uma gama de outras identidades e culturas, Woodward (2013, p. 21) reforça que “a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local”. Entretanto, na esperança de que a propagação e o compartilhamento de identidades e culturas pelo universo virtual, em nível global, possam ser positivos, a estudiosa afirma que isso, ao mesmo tempo, “de forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade” (Woodward, 2013, p. 21).

Logo, o caráter dúbio de mudanças de identidades e/ou de fortalecimento delas é reforçado pelos seus sistemas de representação e sistemas simbólicos, haja vista que “os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados” (Woodward, 2013, p. 20). Essas experiências novas, no contexto contemporâneo, inseridas no universo virtual, estabelecem um olhar para o presente e o passado, posto que esses dois tempos “exercem um importante papel nesses eventos. A contestação no presente busca justificação para a criação de novas – e futuras – identidades nacionais, evocando origens, mitologias e fronteiras do passado” (Woodward, 2013, p. 24).

Esses encontros e desencontros entre o presente e o passado, no âmbito da identidade e da cultura, disseminados no universo virtual, são questionados e contestados por muitos sujeitos, atingindo a todos. Por conseguinte, o leitor, inserido e integrante dessa propagação global da identidade e da cultura, está também diferente, visto que passa por mudanças sociais e até mesmo comportamentais nessas sociedades modernas, as quais “são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades ‘tradicionais’ e as ‘modernas’” (Hall, 2006, p. 14).

Ao nos direcionarmos novamente ao círculo da cultura supracitado, podemos afirmar que os leitores tendem a querer produzir e regular representações por meio de suas interações, as quais são facilitadas no universo virtual, resultando em uma ampla propagação de informações e representações realizadas por incontáveis leitores espalhados mundo a fora. Nesse contexto, “somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais” (Woodward, 2013, p. 19).

Diante da descentralização da cultura e da identidade, causada pela variedade de representações e relações sociais oferecidas pela cultura, Hall (2006, p. 34) anuncia que “os escritos de Marx pertencem, naturalmente, ao século XIX e não ao século XX”, mas que já revelavam “um dos modos pelos quais seu trabalho foi redescoberto e reinterpretado na década de sessenta foi à luz da sua afirmação de que os ‘homens (sic) fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas’” (Hall, 2006, p. 34).

Os alertas marxistas tornam-se importantes anunciadores do que vem acontecendo na contemporaneidade, principalmente devido ao universo virtual, uma vez que o espaço digital tem permitido novas condições de cada sujeito fazer história por meio de representações, produções e regulações realizadas por sujeitos leitores impactados por essas mudanças e, portanto, sendo pertencentes e atuantes nesses sistemas de representação no circuito da cultura. Segundo Woodward (2013, p. 17, grifos do autor):

Só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas [de representação] se tivermos alguma ideia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior. Aqui, estaremos tratando de um outro momento do “circuito da cultura”: aquele em que o foco se desloca dos sistemas de representação para as *identidades* produzidas por aqueles sistemas.

Com base nas afirmações de Woodward (2013), voltamo-nos, a partir delas, para o fato de que o universo virtual tem intensificado o circuito de cultura, em que os sujeitos leitores contemporâneos têm produzido e modificado identidades por meio do sistema digital. Aliás, ao interagirem virtualmente, estão em contato com demais sujeitos que sequer conhecem e que, também, eles, os próprios produtores de informações, nem sabem a quem chegarão tais informações e como elas serão recebidas e atualizadas. Consoante Woodward (2013, p. 24), “uma vez que não seria possível conhecer todas aquelas pessoas que partilham de nossa identidade nacional, devemos ter uma ideia partilhada sobre aquilo que a constitui”.

Ao mesmo tempo, o sujeito leitor, ao propagar informações sobre suas leituras e vivências, tende a imaginar o público com o qual interage por meio de seu compartilhamento e que tal diversidade dos sujeitos com os quais estabelece contato demarca que “a diferença entre as diversas identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas” (Woodward, 2013, p. 24). Porém, tais formas imaginadas, no universo virtual, podem fazer com que as dimensões tomadas fujam daquilo imaginado pelo sujeito que produziu e tentou regular a informação, tendo em vista que “no mundo contemporâneo, essas

‘comunidades imaginadas’ estão sendo contestadas e reconstituídas” (Woodward, 2013, p. 24).

O mundo contemporâneo, as comunidades imaginadas e o universo virtual estabelecem ao leitor uma nova gama de possibilidades e de significados, o que já é permitido pelo simples fato de se ler um texto, mas tal imaginação é reinventada pelas mídias virtuais. Conforme Lemke (2010, p. 474), “lendo um texto, nossas imaginações verbais e visuais podem começar a formar um segundo mundo de significados somado aos costumeiramente reais”.

Outrossim, o mundo de significados compartilhados na contemporaneidade está passando por um processo de inovação e, dada essa circunstância, é possível “comparar a revolução eletrônica com a revolução de Gutenberg” (Chartier, 1998, p. 7). Ao estabelecer essa comparação, o teórico esclarece sobre a importância e os impactos positivos da Revolução de Gutenberg para a evolução da sociedade no âmbito da escrita e, conseqüentemente, da leitura.

De acordo com Chartier (1998, p. 7), “em meados da década de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, e de repente uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa transfigurou a relação com a cultura escrita”. Assim como ocorreu com a revolução de Gutenberg, na era digital há uma transfiguração da relação com a cultura escrita, mas, agora, no século XXI, isso se deve à escrita virtual ou à propagação e comercialização do objeto impresso.

Com o surgimento e a forte adesão e expansão do universo virtual, “pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição” (Soares, 2002, p. 148). Dada essa perspectiva, a leitura e a escrita estão predispostas às tecnologias a fim de que consigam acompanhar os avanços tecnológicos e as mudanças do mundo contemporâneo.

Além disso, a reorganização das condições de leitura e escrita instauradas e possibilitadas pelas tecnologias resulta em uma nova conjuntura, já que “o texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal. O mesmo processo ocorre com quem escreve” (Chartier, 1998, p. 14). Logo, autor e leitor são sujeitos que estão em distância física com os demais sujeitos em interação pelo universo digital e, portanto, adotam novas estratégias, conforme frisado por Chartier (1998, p. 14):

A nova posição de leitura, entendida num sentido puramente físico e corporal ou num sentido intelectual, é radicalmente original: ela junta, e de um modo que ainda se deveria estudar, técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história da transmissão do escrito, permaneciam separadas.

Sob nosso entendimento, apoiados nas palavras de Chartier (1998), novas técnicas, posturas e possibilidades surgiram e ainda estão surgindo com o universo do mundo virtual, expandindo também os estudos teóricos sobre as tecnologias de informação e comunicação, como é o caso de Lemke (2010, p. 460), que subsidia nossas investigações com o princípio de que “novas tecnologias da informação estão mediando a transformação de nossas comunidades de construção de significado. Podemos nos comunicar, de forma inédita, com maior frequência e intimidade com as comunidades mais diversas em termos geográficos e culturais”.

Diante disso, as tecnologias de informação estão difundindo as nações, culturas e identidades por meio do mundo virtual, posto que “a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento” (Soares, 2002, p. 152). Em virtude do novo contexto do leitor e do autor no universo virtual, é, no mínimo, convidativo para eles aderirem às novas formas de veiculação e propagação dos textos, a fim de difundir suas produções e compreensões.

Na era digital, “um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores: graças à rede eletrônica, esta difusão é imediata” (Chartier, 1998, p. 16). Devido à propagação imediata dos textos e à possível troca e interação entre leitores por meio de canais de comunicação, há no universo digital dois elementos essenciais a serem considerados: “o *espaço de escrita* e os *mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita*” (Soares, 2002, p. 149, grifos do autor).

Outrossim, os autores e leitores contemporâneos, introduzidos nos espaços de escrita e integrados aos mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita e da leitura, estão inseridos no que Lemke (2010) lembra ser a rede de significados que é partilhada e formada junto com demais sujeitos, fazendo com que cada autor e/ou leitor seja sujeito integrante e participante de relações sociais.

Quanto ao processo de interação e troca, Chartier (1998, p. 19) alerta que é imprescindível “considerar o conjunto dos condicionamentos que derivam das formas particulares nas quais o texto é posto diante do olhar, da leitura ou da audição, ou das

competências, convenções, códigos, próprios à comunidade à qual pertence cada espectador ou cada leitor singular”. No contexto da interação associada às práticas sociais de leitura e de escrita, considerando as características particulares de cada sujeito leitor, é importante considerarmos mais dois elementos – o estado e a condição de cada um deles que está inserido nesse processo amplo de integração e interação. Tal asseveração é confirmada também nos estudos de Soares (2002, p. 145, grifos do autor):

Embora mantendo esse foco nas práticas sociais de leitura e de escrita, este texto fundamenta-se numa concepção de letramento como sendo não as próprias *práticas* de leitura e escrita, e/ou *os eventos* relacionados com o uso e função dessas práticas, ou ainda o *impacto* ou as *consequências* da escrita sobre a sociedade, mas, para além de tudo isso, o *estado* ou *condição* de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação – *os eventos de letramento*.

Posto isso, enfatizamos que os eventos de letramento que envolvem os sujeitos leitores e suas manifestações nas redes sociais virtuais, assim como demais canais de comunicação com rápida propagação e difusão de informações, permitem que o leitor se torne um sujeito crítico. Nesse viés, conforme Chartier (1998, p. 17) nos lembra, “o papel do crítico é ao mesmo tempo reduzido e ampliado. Ampliado na medida em que todo mundo pode tornar-se crítico”.

Em linhas gerais, essa dimensão paralela de tempo, proporcionada ao crítico – adjetivo que associamos ao principal sujeito de nossa investigação, o leitor –, permite que ele se veja como aplicador de seus conhecimentos, compartilhando suas interpretações e compreensões nas redes sociais e demais espaços possibilitados pelo universo virtual. Nesse contexto, concordamos com Soares (2002, p. 156) quando reverbera sobre a proposta do “uso do plural *letramentos* para enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes *estados* ou *condições* naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita”.

Dessarte, os diferentes estados e condições de uso de tecnologias por um mesmo sujeito, a exemplo do leitor, em suas socializações, formam uma rede de interações por meio de suas manifestações, que, conforme Lemke (2010, p. 457) alerta, “deve também incluir aquelas com professores, colegas e comunidades de pessoas que assumem práticas que tornam uma combinação *sígnica* significativa. Isolados de todas as interações, os humanos não aprendem a falar ou a escrever”.

Em vista dessa necessidade de interação e, conseqüentemente, de aprender a falar, escrever e se manifestar, o leitor torna-se sujeito atuante sobre aquilo com que entra em contato, estabelecendo uma relação de convencimento e confiança preestabelecida tanto com o leitor quanto com suas interações a partir de suas relações sociais, sejam elas virtuais ou não. Essas interações legitimam um contrato de credibilidade e confiabilidade entre ele e os sujeitos com os quais interage.

Com a aceleração da propagação de informações e o surgimento de novos aparelhos tecnológicos, softwares, aplicativos e demais invenções e inovações multimidiáticas, “ninguém pode prever as transformações do século XXI durante a revolução tecnológica da informação” (Lemke, 2010, p. 475). Para mais, pensando no contexto escolar, o estudioso alerta que “precisamos ajudar essa geração a aprender a usar sabiamente os letramentos e esperar que eles saiam-se melhor do que nós”.

Diante de nossas explicações, com o objetivo de compreendermos melhor a leitura, a escrita e o papel do leitor – sujeito com sua identidade e sua cultura – frente ao universo virtual, propomo-nos a investigar as possibilidades e os desafios de um grupo de leitores sob a movência de um texto, por meio de seu público, que se manifestou nas mídias a respeito do texto lido. Nesse sentido, convém selecionar um público leitor, uma rede atual e um texto que vêm em consonância com nossos objetivos para apurarmos nossas investigações e, assim, consolidarmos nossos estudos também sob o viés analítico e empírico.

4 O AUTOR, O TEXTO LITERÁRIO, O PÚBLICO LEITOR: DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ELEMENTOS E DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A literatura contemporânea tornou-se o lugar de fala de inúmeras pessoas que não se enquadram no cânone, mas buscam espaço para expressar sua arte, sua cultura e até mesmo sua identidade, as quais são recebidas por outros sujeitos que também possuem sua própria bagagem cultural e identitária. Nesse contexto, almejamos selecionar um romance contemporâneo que tenha conseguido um número expressivo de leitores que se manifestaram a respeito dele em diferentes veículos de comunicação.

Sendo assim, realizamos uma investigação de textos literários escritos nos últimos anos que possuem ampla recepção de diferentes sujeitos que registraram suas opiniões, reflexões e comentários em diferentes suportes literários virtuais e na rede *Skoob*, que é considerada a maior rede social nacional de leitores. Essas sondagens permitiram selecionar o romance *Torto arado* (2019), escrito por Itamar Vieira Junior (1979), publicado em 2019, o qual, em março de 2022, já havia recebido mais de 3.000 avaliações de internautas¹, leitores e receptores do romance, que se manifestaram por meio de resenhas na *Skoob*.

4.1 O autor Itamar Vieira Junior: contextualização sobre sua trajetória, cultura e identidade

“Ao meu pai” (Vieira Junior, 2019, s.p.) é a dedicatória do autor Itamar Vieira Júnior em seu romance *Torto arado*, levando-nos a inferir que a família, sobretudo seu pai, é muito importante para ele. Conforme as palavras do autor, em uma entrevista, “a inspiração vem da minha própria vida, são as pessoas que estão à minha volta, as pessoas que eu sempre convivi. É minha ancestralidade” (Vieira Junior, 2023, s.p.).

Nessa perspectiva, torna-se essencial, para nós, compreendermos melhor o autor por trás do romance *Torto arado*, publicado no Brasil em 2019, que subsidia nossos estudos, visando investigar as possibilidades e as manifestações dos leitores a partir de um texto contemporâneo com ampla circulação. Assim, pela dedicatória e pelas palavras do autor,

¹ Na atualização da quantidade de resenhas, já constava, em 5 de dezembro de 2023, o total de 6.185 resenhas na *Skoob*. Entretanto, pelo fato de ser um número que não se mantém, que altera a cada dia, ou até mesmo em questão de minutos, mantemo-nos na coleta das resenhas escritas e publicadas na *Skoob* até o mês especificado (março de 2022), que já nos fornece um material riquíssimo que permite a realização de nossos objetivos nessa pesquisa, de analisarmos o conteúdo das resenhas no processo de recepção e atualização do texto realizada pelo leitor, sujeito com identidade e cultura.

percebemos a relevância de seus pais, avós e demais ancestrais para ele, que inspiram e influenciam sua escrita.

Nossa pesquisa considera, a priori, também a trajetória e a formação cultural e identitária de Itamar Vieira Junior, que possui uma interessante jornada acadêmica, profissional e pessoal. Segundo o *site* Liteafro, o portal da literatura afro-brasileira (2022, s.p.), vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG):

Nascido em Salvador, em 1979, Itamar Rangel Vieira Junior é Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia. Sua ligação com o estado em que nasceu reflete de forma intensa em seu interesse acadêmico, como nos demonstra sua monografia intitulada *A expansão de Salvador: a produção do espaço urbano em uma via metropolitana* (2005) e sua dissertação de mestrado denominada *A valorização imobiliária empreendida pelo Estado e mercado formal de imóveis em Salvador: analisando a avenida paralela* (2007). Na mesma instituição de ensino superior, concluiu também sua tese de doutorado, dessa vez na área de Estudos Étnicos e Africanos, com o nome de *Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo Iuna* (2017), pesquisa que se volta sobre a formação de comunidades quilombolas no interior do Nordeste brasileiro.

Conforme podemos perceber, Itamar Vieira Junior possui uma caminhada acadêmica sólida e interessante, chegando ao título de doutor com pesquisas em temáticas bastante relevantes e que envolvem a cultura e o espaço do Nordeste brasileiro, região onde nasceu e cresceu. Afeiçoado às suas origens e culturas, ele realizou várias pesquisas e escreveu textos não ficcionais acerca da região nordestina, abordando questões como territorialidade, cultura, identidade e memórias, o que também se reflete em seus textos ficcionais, como *Torto arado*.

Antes de *Torto arado*, Itamar Vieira Junior lançou dois livros de contos: *Dias*, publicado em 2012, e *A oração do carrasco*, em 2017 (ambos premiados). Em 2021, publicou outro livro de contos, *Doramar ou a odisseia: histórias*, e, em 2023, foi a vez de *Salvar o fogo*. Contudo, é com *Torto arado* que o escritor ganha significativo reconhecimento e alcançabilidade de sua escrita, com o qual, inclusive, foi premiado internacionalmente em 2018 com o prêmio LeYa, em Portugal. Segundo o *site* Liteafro (2022, s.p.):

O Prêmio LeYa 2018 é atribuído ao romance “Torto Arado”, de Itamar Vieira Junior, pela solidez da construção, o equilíbrio da narrativa e a forma como aborda o universo rural do Brasil, colocando ênfase nas figuras femininas, na sua liberdade e na violência exercida sobre o corpo num contexto dominado pela sociedade patriarcal. Sendo um romance que parte de uma realidade concreta, em que situações de opressão quer social quer do homem em relação à mulher, a narrativa encontra um plano alegórico, sem entrar num estilo barroco, que ganha contornos universais. Destaca-se a

qualidade literária de uma escrita em que se reconhece plenamente o escritor. Todos estes motivos justificam a atribuição por unanimidade deste prêmio.

Ao considerarmos a contextualização feita sobre Itamar Vieira Junior e sua obra premiada, constatamos que, embora seja ficção, seu romance possui relações com as vivências do autor, assim como com suas preocupações e visões acentuadas sobre a representatividade que realiza em *Torto arado*. É preciso, também, levar em conta o estilo particular de escrita do autor e sua vontade, sua forma de pensar e agir, enfim, sua trajetória, sua identidade e sua cultura.

Com relação à escrita, Itamar Vieira Junior demonstra, nas entrevistas e publicações, seu amor e fascínio por ela, uma vez que, para ele, “escrever é estar vivo. A gente movimenta o que está em nossa volta e em nosso interior quando escrevemos. Não é só grafar palavras em uma folha. Escrever são muitas coisas: é a maneira como a gente olha para o mundo; como a gente fala” (Vieira Junior, 2021, s.p.).

Ao ponderarmos sobre as teorias que abordamos, tanto aquelas relacionadas à identidade e à cultura quanto ao efeito estético e à recepção do texto, percebemos, em relação à trajetória do autor – integrante da tríade autor-texto-leitor, que já mencionamos em nossos estudos teóricos –, a influência de seus aspectos culturais e identitários. Nessa linha, o passado e a cultura de sua família são realçados pelo próprio escritor, que, em uma entrevista, contextualiza sua trajetória e a escrita de *Torto arado*: “ninguém conta uma história de qualquer jeito, mas sempre na tentativa de prender a atenção do interlocutor. Os meus antepassados contavam histórias narradas, que passavam de geração para geração, e para mim já era literatura” (Vieira Junior, 2021, s.p.).

Assim como a reverência pela escrita, também a leitura possui dimensão magnânima na vida do escritor Itamar Vieira Junior. Conforme ele mesmo declara: “Eu sou um leitor voraz, cresci com esse interesse pela literatura e eu tinha muita dificuldade de me ver representado na literatura” (Vieira Junior, 2023, s.p.). A esse respeito, ele faz uma ressalva, esclarecendo sua consideração sobre a representação: “Não que as obras não fossem excelentes. Mas ainda assim, ver que o Brasil é um país tão grande e tem uma população tão diversa, do ponto de vista cultural e étnico, que eu sentia que a nossa literatura, nos últimos anos principalmente, não dava conta da nossa diversidade” (Vieira Junior, 2023, s.p.).

Quanto à questão da representação, abordada pelo próprio autor, estabelecemos relação com os estudos de Woodward (2013), ao reiterar que a representação é um processo cultural e estabelecadora de identidades, as quais podem ser individuais, próprias de cada

sujeito, ou coletivas, de um grupo ou até mesmo uma nação. Portanto, sendo a representação um processo cultural, podemos afirmar que Itamar Vieira Junior retrata sobre a cultura e a identidade de um povo por meio de seu romance, que, então, pode ser compreendido como um processo cultural e identitário.

Da mesma maneira, a memória é mobilizadora de identidade e realiza conexões e prospecções entre diferentes tempos, conforme vimos em nossos estudos teóricos ancorados em Hall (2006) e Schmidt (2008). Nas palavras de Itamar Vieira Junior, proferidas em entrevista concedida recentemente, sua memória é evocada pelo autor ao revelar seu contexto profissional, “comecei a trabalhar no estado do Maranhão e depois fui pra Bahia, viajando para o interior, encontrando pessoas” (Vieira Junior, 2023, s.p.).

Ao mesmo tempo, o autor revela a importância de suas memórias familiares, ao expor que a experiência de trabalho “fez com que eu pudesse contrastar essas memórias familiares com o que existe no campo hoje. Então, foi uma fonte inesgotável de imagens, situações, de personagens, que, de uma maneira ou de outra, atravessam aquilo que eu escrevo” (Vieira Junior, 2023, s.p.). Sob nosso entendimento, esse atravessamento da escrita é o que relaciona as experiências reais com a escrita ficcional, em que a representação aproxima o texto, pelas personagens e pelos espaços e tempos, da realidade não apenas do autor e de seus familiares, mas na identificação da escrita com as vivências de milhares de outras pessoas.

No tocante à capacidade de criação e representação na literatura, de poder registrar e criar, através da história, da ficção e da imaginação, familiaridades suas, as quais, por meio do texto, almejam chegar a leitores que se identifiquem e se sintam representados no romance de Itamar Vieira Junior, o autor ressalta que “a literatura para mim também é um caminho para a reconstrução de histórias íntimas, ancestrais, mas a gente já dispõe de tecnologias para nos ajudar a encontrar um elo perdido com nossa ancestralidade” (Vieira Junior, 2021, s.p.).

Além disso, sendo seu antepassado desconhecido devido à história e ao processo de imigração, Itamar Vieira Junior enfatiza, em entrevista, que “em relação aos meus antepassados negros, a minha história foi negada. Provavelmente, foram escravizados, que foi a maneira de chegar na Bahia por quatro séculos de escravidão” (Vieira Junior, 2021, s.p.). Nesse contexto histórico e geográfico, atrelado à sua vida familiar, social e profissional, o autor salienta que:

Meu passado, como geógrafo, de entender o trânsito humano, sobre a Terra, me faz ver uma ligação muito forte entre nós, humanos, e o ambiente onde vivemos. A relação do homem com a terra é o foco de quando escrevi “Torto Arado”: uma terra que muitas vezes é negada de inúmeras formas. Hoje,

acrescento que a degradação do mundo nos afeta e afeta nossa relação com tudo (Vieira Junior, 2021, s.p.).

Enquanto Itamar Vieira Junior aprofunda, em seu romance, a relação do homem com a terra em um sentido histórico, geográfico e agrário, ele também deslinda, com sensibilidade e senso de valorização, a figura mulher, presente na vida do autor, a qual o autor relembra ao refletir sobre seu passado: “eu cresci num ambiente doméstico onde as mulheres tinham voz ativa e pra mim aquilo era muito curioso, porque elas também eram vítimas de violência” (Vieira Junior, 2023, s.p.).

Ainda sobre as mulheres, tanto na vida real quanto nas representações delas em seu romance, Itamar Vieira Junior ressalta que, embora sejam vítimas da violência, elas demonstram, concomitantemente, força diante dos obstáculos e constroem sua própria história. Segundo as palavras do autor, “Então, como que pode? Você é vítima de violência, você deveria ser subalterno. Mas ao mesmo tempo tinha força. Então, essa foi a sensibilidade de olhar para as mulheres com essa visão de que elas constroem a história. Elas são personagens ativos de qualquer história” (Vieira Junior, 2023, s.p.).

Sua experiência profissional permitiu que Itamar Vieira Junior adquirisse mais experiência e conhecimento sobre as mulheres no sistema agrário, pois, devido ao seu trabalho no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), atuou com as mulheres do campo. Conforme ele mesmo elucidou em entrevista, “depois fiz documentação de trabalhadoras rurais, voltado só para mulheres, e trabalhei para regularizar terras quilombolas. É uma política profunda que dá oportunidade de conhecer a história do país e saber o que aconteceu na pós-abolição” (Vieira Junior, 2021, s.p.).

Através desse trabalho no INCRA, em que acompanhava a vida no campo de muitas famílias, ele também presenciou o processo de leitura, escrita e alfabetização de inúmeras pessoas do campo, que se alfabetizaram já na vida adulta. Em um paralelo com os dias atuais, Itamar Vieira Junior frisa que acompanhou “muitos trabalhos de alfabetização de trabalhadores rurais e era especial. Eu vi pessoas que aprendiam a ler e a escrever em idade avançada e era muito poderoso. Hoje há cursos até de pós-graduação para trabalhadores rurais” (Vieira Junior, 2021, s.p.).

O contexto social, rural e agrário também é anunciado no livro *Torto arado*, na parte da epígrafe, em que está disposto, unicamente, um trecho do livro *Lavoura arcaica*, do escritor Raduan Nassar (*apud* Vieira Junior, 2019, s.p.): “a terra, o trigo, pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo”. Com

relação ao homem e à terra, a obra mencionada na epígrafe se assemelha a *Torto arado*, e o escritor Raduan Nassar foi premiado em 2016 com o Prêmio Camões. Itamar Vieira Junior também foi agraciado com três premiações desde 2019: vencedor do Prêmio LeYa, em 2018, do Prêmio Jabuti, em 2020, e do Prêmio Oceanos, em 2020, confirmando sua consagração e renome.

Nas redes sociais, a popularidade de Itamar Vieira Junior é bastante expressiva, visto que cria conteúdos e publica com frequência em suas páginas no Instagram e no Facebook. Ademais, o autor é constantemente mencionado (na linguagem virtual, “muito marcado”) por outras pessoas e páginas, principalmente devido à sua atuação e participação em eventos voltados à cultura e literatura. No Instagram, por exemplo, até início de dezembro de 2023, a página pessoal de Itamar Vieira Junior contava com 117.000 seguidores e 1.747 publicações realizadas pelo autor.

Ao pesquisarmos sobre o autor Itamar Vieira Junior e seu romance *Torto arado*, encontramos uma gama de informações e publicações, incluindo pesquisas científicas e conteúdos nas redes sociais. Além disso, no Instagram, além do perfil pessoal do autor, há a comunidade *@tortoaraders*, que, em dezembro de 2023, contava com mais de 9.000 seguidores, na qual é possível acessar mais de 600 publicações, tanto da página quanto de seus membros, feitas em diferentes formatos, como vídeos, depoimentos escritos e notícias a respeito de Itamar Vieira Junior e *Torto arado*.

Diante do exposto sobre Itamar Vieira Junior, é evidente sua popularidade, especialmente a partir do romance *Torto arado*, obra que realiza a representação de diversos aspectos do contexto do autor e aborda a representação da identidade e da cultura de várias outras pessoas. Cabe pontuar que Itamar Vieira Junior encontrou na literatura um refúgio desde a infância, tornando-se um leitor voraz. Consequentemente, ele investiu na carreira de autor, o que o tornou conhecido tanto nacional quanto internacionalmente.

4.2 O romance *Torto arado*: acontecimento contemporâneo no circuito da cultura

“Quando retirei a faca da mala de roupas, embrulhada em um pedaço de tecido antigo e encardido, com nódoas escuras e um nó no meio, tinha pouco mais de sete anos. Minha irmã, Belonísia, que estava comigo, era mais nova um ano” (Vieira Junior, 2019, p. 13). Eis as protagonistas do livro *Torto arado* anunciadas de forma impactante aos receptores do romance de Itamar Vieira Junior, junto ao objeto que desencadeia considerável parte do enredo, o qual revela vários jogos e nuances ao longo do texto. A obra, dividida em três

capítulos, cada um narrado por diferentes narradores, envolve os leitores em várias surpresas, mistérios e personagens.

Com o desencadear das descrições e análises do romance *Torto arado*, vamos realizando inferências, revelações e apontamentos que demonstram possíveis aspectos principais que contribuem para o sucesso do livro de Itamar Vieira Junior. Autor ativo nas redes sociais, participante de eventos presenciais e concedente de entrevistas, Itamar Vieira Junior fala sobre seu livro e o sucesso que ele alcançou, como quando foi entrevistado pela conhecida jornalista Maria Júlia Coutinho, em julho de 2023: “Na Bahia, ao lado de Maria Júlia Coutinho, Itamar falou sobre o sucesso do primeiro livro e as expectativas para ‘Salvar o fogo’, seu segundo romance” (Fantástico, 2023, s.p.).

Conforme a página do programa em forma de revista eletrônica Fantástico (2023, s.p.), até meados do segundo semestre de 2023, foram “700 mil exemplares vendidos do romance *Torto Arado*, com edições traduzidas em 24 idiomas. A obra conquistou o Prêmio Jabuti e ganhou fãs, alguns autointitulados ‘tortoarenders’”. Esses números tornam incontestáveis o sucesso e a alcançabilidade do autor e de seu livro, o qual se torna mediador e facilitador do sucesso de outros livros do autor, como é o caso de seu novo livro: “‘Salvar o Fogo’ já vendeu 35 mil cópias ainda no pré-lançamento. O livro, lançado em abril, chegou cercado de expectativa” (Fantástico, 2023, s.p.).

Para mais, em uma das entrevistas concedidas por Itamar Vieira Junior, o autor revela sobre suas expectativas com a adaptação de *Torto arado* para o audiovisual em formato série, projeto planejado e desenvolvido pela HBO Max: “meu barato é escrever, é a literatura. Mas eu tive algumas conversas com eles – os diretores da série – e falei um pouco sobre o meu processo criativo, daquilo que eu considerava importante, relevante” (Vieira Junior, 2023, s.p.).

Além disso, *Torto arado* “será adaptado para os palcos com estreia prevista para o primeiro semestre de 2024. O texto e direção da peça ficarão por conta do ator, dramaturgo, roteirista, apresentador de televisão e diretor brasileiro Aldri Anunciação” (Vieira Junior, 2023, s.p.). E, segundo o próprio autor Itamar Vieira Junior (2023, s.p.), ainda há “uma adaptação teatral que está circulando na Europa e nos Estados Unidos, da Cristiane Jataí. Eu fui assistir e gostei muito. É uma versão da história, interpretação dela, com atores do Brasil, inclusive uma atriz quilombola”.

A respeito das releituras e adaptações do romance *Torto arado*, que legitimam e acentuam sua popularidade e difusão, Itamar Vieira Junior (2023, s.p.) esclarece que cada adaptação “sempre vai ser uma versão da história, independente de quem queira contá-la e eu

fico tranquilo em relação a isso. Desde que não seja um desvio muito grande. O que não pode é trair a história, se isso não acontecer, está tudo bem”.

Diante do romance *Torto arado*, de seu autor, das adaptações feitas, das manifestações de milhares de leitores, da grande circulação do livro e de informações sobre ele, confirmamos que todos esses acontecimentos demarcam o circuito de cultura de Gay *et al.* (*apud* Woodward, 2013, p.17), que subsidia também nossos estudos teóricos. Esses fenômenos estão visivelmente atrelados aos aspectos de identidade envoltos no romance *Torto arado*, no livro e nas representadas nele contidas, realçados pelos demais termos do circuito de cultura de Gay *et al.*, como a produção – desde a do romance até a das demais mídias e textos inspirados nele –, o consumo e a regulação – que fazem parte do processo de circulação e veiculação da cultura. Também se destaca o caráter de representação realizado pelas mídias produzidas, sobretudo pelo próprio romance *Torto arado*, que representa identidades e culturas de pessoas por meio das personagens e da narrativa.

Ao considerarmos a construção narrativa de *Torto arado*, assim como as produções a partir do romance, percebemos a preocupação do autor com a criação de suas personagens, as quais, conforme o próprio autor Itamar Vieira Junior, possuem camadas que, subentendemos, se referem à complexidade identitária, social, emocional, psicológica e cultural delas:

Das camadas que as personagens têm. Então, talvez de não imaginar uma história que deixasse de lado a profundidade delas. Porque ali, talvez, um leitor desatento não consiga entender as camadas que existem neles. O Zeca Chapéu Grande estava lutando à sua maneira, no seu tempo. A Bibiana e a Belonísia de outra forma. Mas todos tinham um interesse em comum, que era melhorar a vida da sua comunidade (Vieira Junior, 2023, s.p.).

Quanto às camadas das personagens, o autor dirige seu olhar para os leitores quando ressalta que os mais desatentos podem não conseguir compreender a profundidade das personagens, e não somente das protagonistas, as irmãs Bibiana e Belonísia, pois, em seu registro, comenta a respeito de Zeca Chapéu Grande. Nesse mesmo sentido, Itamar Vieira Junior ressalta as camadas psicológicas e sociais quando evidencia que os interesses das personagens se voltavam à melhoria da vida da comunidade à qual elas pertenciam no interior nordestino.

Segundo a página Brazilian Publishers (2023, s.p.), “ambientado no sertão baiano, ‘Torto Arado’ conta a história das irmãs Bibiana e Belonísia, que têm as vidas marcadas e interligadas por um acidente ainda na infância ao encontrarem uma velha e misteriosa faca na mala guardada sob a cama da avó”. Esses fatos e cenários familiares desencadeiam o enredo

do romance de Itamar Vieira Junior e, assim, “com essa trama como pano de fundo, o autor desenvolve temas atuais, como o racismo e a escravidão. No Brasil, o romance liderou a lista de livros mais vendidos por dois anos, tornando-se um enorme fenômeno literário” (Brazilian Publishers, 2023, s.p.).

Além das adaptações para séries e teatros, *Torto arado* também inspirou a criação de uma música, conforme noticiado pela Revista Cenarium (2023, s.p.): “o cantor e compositor Rubel lançou, nesta sexta-feira, 3, a canção ‘Torto Arado’, inspirada no livro homônimo de Itamar Vieira Junior, publicado em 2019. ‘Torto Arado’ faz parte do novo disco do compositor, ‘As Palavras Vol. 1 & 2’, que chega agora às plataformas digitais”. O cantor já gravou a música e o videoclipe, que estão disponíveis em canais digitais de veiculação.

Ainda de acordo com a Revista Cenarium (2023, s.p.), a composição da música “se ambienta com a mesma magia do livro, citando suas personagens centrais, as irmãs Bibiana e Belonísia que encontram uma misteriosa faca numa mala sob a cama da avó antes de se ligarem para sempre por um terrível acidente”. O objeto cortante e a conexão entre as irmãs intensificada após o corte da língua de uma delas também são enfatizados na letra da música, como demonstrado no trecho a seguir:

“Torto arado”

Lá bem longe o cacarejo, junto à voz de minha avó
Que tanto bem escondia, debaixo da
Cama o seu
E o nosso passado eu via, dentro da sua mala o pó
E a luz de uma faca fria, quase a me cegar os óio

Refletiu, a minha irmã
Quis sentir o seu sabor
Bibiana e Belonísia desabava nossa avó
Falou: Te arranco a língua, sem saber que a língua estava em minha mão

Tive que ser sua boca, sua vontade, seu falar
Mesmo muda me contava, tudo através do olhar
Meu sangue, minha irmã
Mas pra gente, como a gente, meu pai
Me ensinou
Terra aqui só tem valor se tem trabalho
E pro dono dessa terra, severo, me ensinou
Gente aqui não tem valor, só tem trabalho

[...] (Rubel, 2023, s.p.).

Com base na letra da música e, paralelamente, tendo conhecimento e leitura do romance *Torto arado*, é possível constatar a busca pela compreensão do Brasil

contemporâneo, com ênfase no interior nordestino, que carrega, historicamente, marcas da escravidão, da resistência do povo e da luta das mulheres pelo seu espaço. Nesse sentido, “os pontos capitais do livro são retomados na canção. ‘Meu pai me ensinou/ Terra que só tem valor/ Se tem trabalho/ E pro dono dessa terra/ Severo me ensinou/ Gente aqui não tem valor/ Só tem trabalho’, diz um trecho da canção” (Revista Cenarium, 2023, s.p.).

Com temas bem peculiares, contemporâneos e, ao mesmo tempo, que incorporam questões históricas, como a escravidão e a luta do povo pela terra, o romance *Torto arado* é dividido em três partes. Cada uma delas é narrada sob um ponto de vista, ou melhor, por um narrador diferente, e são intituladas, respectivamente, como *Fio de corte*, *Torto arado*, título homônimo ao do romance, e *Rio de sangue*. As partes são subdivididas em capítulos, sem títulos, sendo separados e identificados apenas por algarismos numéricos sequenciais, em ordem crescente.

4.2.1 Bibiana e sua voz: o fio inicial do romance *Torto arado*

A primeira parte, *Fio de corte*, é subdividida em 15 capítulos e demarca o início de *Torto arado*. Como já vimos, a obra começa de forma impactante e já na segunda palavra do romance – o verbo “retirei” – percebemos que se trata de uma narração feita por uma personagem: “Quando retirei a faca da mala de roupas, embrulhada em um pedaço de tecido antigo e encardido, com nódoas escuras e um nó no meio, tinha pouco mais de sete anos” (Vieira Junior, 2019, p. 13).

Além do mais, ainda no primeiro parágrafo do romance, descobrimos que o narrador é Bibiana: “falávamos que as bonecas eram nossas filhas, filhas de Bibiana e Belonísia” (Vieira Junior, 2019, p. 13). Temos a confirmação de que Belonísia não é a narradora, pois seu nome é revelado pouco antes, acompanhado do pronome possessivo “minha”: “Minha irmã, Belonísia, que estava comigo, era mais nova um ano” (Vieira Junior, 2019, p. 13).

Eis o começo do romance *Torto arado*, com a apresentação das personagens principais – as irmãs Bibiana e Belonísia – e do objeto – a faca – que desencadeará grande parte da trama. Da mesma forma, a faca e os acontecimentos decorrentes do uso do objeto a uma das irmãs protagonistas servem como base para o título da primeira parte do romance, que já revelamos ser *Fio de corte*. Além desses elementos, também surge, no primeiro capítulo dessa parte, Donana, a avó de Bibiana e Belonísia, que foi quem guardou a faca no fundo de uma mala em seu quarto.

O segundo capítulo de *Fio de corte* começa com a introdução de novas personagens, em um tempo cronológico ao anterior, devido à sequência de ações. Essa estratégia de incorporar novas personagens e elementos é uma das muitas técnicas utilizadas pelo autor Itamar Vieira Junior ao longo de seu romance. Isso, por sinal, contribui, a nosso ver, para a grandiosidade e boa aceitabilidade do romance, assim como os temas abordados, como a escravidão, os conflitos familiares, o contexto histórico e rural, entre outros.

As personagens que são introduzidas no início do segundo capítulo são os pais das protagonistas: “nossos pais retornaram da roça e encontraram minha avó desorientada, com nossas cabeças mergulhadas numa tina de água, gritando: ‘Ela perdeu a língua, ela cortou a língua’” (Vieira Junior, 2019, p. 17). Assim, ao mesmo tempo em que novas personagens se somam ao enredo, o conflito inicial – o corte da língua de uma das irmãs – continua sendo enfatizado e serve como cenário para o desenrolar da história.

Nesse panorama, por mais que surgissem novas personagens e elementos, o mistério sobre qual das duas irmãs perdeu a língua segue por um bom tempo ao longo da narração: “quanto mais chorávamos abraçadas, querendo pedir desculpas, mais ficava difícil saber quem tinha perdido a língua, quem teria que ir para o hospital a léguas de Água Negra” (Vieira Junior, 2019, p. 17). A respeito desse espaço em que ocorre parte da narrativa, está atrelado a ele o tema do preconceito contra pessoas negras e interioranas: “foi o primeiro lugar em que vi mais gente branca que preta. E vi como as pessoas nos olhavam com curiosidade, mas sem se aproximar” (Vieira Junior, 2019, p. 18-19).

Portanto, a inserção de novos temas ao conflito principal, o desenrolar do que já está sendo narrado e a curiosidade sobre qual das duas protagonistas teve sua língua decepada mantêm o leitor preso ao romance, motivando-o a continuar a leitura e a se envolver com as personagens e a história narrada. À semelhança do segundo capítulo de *Fio de corte*, no início do terceiro são narradas novas informações sobre temas impactantes: “Salu disse que eu era a filha mais velha, a primeira de quatro filhos vivos e de outros tantos que nasceram mortos” (Vieira Junior, 2019, p. 21). A questão do grande número de mortalidade infantil e natimortos no interior brasileiro não é aprofundada, mas anunciada na narrativa, e está entrelaçada às personagens principais.

Ao longo do enredo, surgem outros temas, como a disputa por terras e o abandono delas por aqueles que tinham menos condições financeiras: “outros trabalhadores que não tinham tanto tempo na terra estavam sendo dispensados. Os homens investidos de poderes, muitas vezes acompanhados de outros homens em bandos armados, surgiam da noite para o dia com um documento de que ninguém sabia a origem” (Vieira Junior, 2019, p. 22).

Entretanto, em meio a esses acontecimentos, com frequência e de alguma forma, é retomado o conflito do corte da língua de uma das protagonistas e o quanto isso mudou a vida delas, unindo-as ainda mais: “nos primeiros meses após perder a língua fomos tomadas de um sentimento de união que estava embotado com aquele passado de brigas e disputas infantis” (Vieira Junior, 2019, p. 23).

Entre um capítulo e outro, novas personagens e eventos são inseridos, assim como são retomados alguns que haviam sido anunciados em capítulos anteriores. Por exemplo, no quarto capítulo de *Fio de corte*, é reavido o que estava sendo narrado no segundo, quando Donana estava levando o órgão cortado, e que ela havia embrulhado, para algum lugar. Cabe salientar que no terceiro capítulo esse fato nem é mencionado, mas é retomado já no início do quarto capítulo: “Donana retornou com a barra da saia molhada. Disse que tinha ido à beira do rio deixar o mal por lá” (Vieira Junior, 2019, p. 25).

No quinto capítulo de *Fio de corte*, é narrado sobre a família das protagonistas, mas também são introduzidas novas personagens, as irmãs gêmeas Crispiniana e Crispina, que possuem algumas características similares às de Bibiana e Belonísia, principalmente pelo fato de serem irmãs e jovens: “E não é Crispiniana quem vem ali? Ou é Crispina?, perguntou minha mãe, se referindo às gêmeas, filhas de Saturnino, nossos vizinhos em Água Negra” (Vieira Junior, 2019, p. 31).

As irmãs gêmeas, inseridas nesse capítulo do romance, possuem uma conexão semelhante à das irmãs protagonistas, mas sem a marca da comunicação devido ao corte de língua, obviamente. A saber: “Saturnino, impaciente, desferiu um tapa sonoro na cara da filha, que não reagiu, ao mesmo tempo que Crispiniana, que testemunhava o ato, levava a mão ao rosto como se o golpe do pai tivesse sido em sua própria face” (Vieira Junior, 2019, p. 34).

No mesmo capítulo é revelada uma das muitas habilidades desenvolvidas por Zeca Chapéu Grande, pai de Bibiana e Belonísia: “eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam” (Vieira Junior, 2019, p. 33). Sua atividade de curador é bem-vista pelas pessoas de Água Negra e região, especialmente pelo fato de haver precariedade de médicos na região. Além do mais, como podemos averiguar nesse trecho, o romance é marcado por elementos do regionalismo nordestino, como na expressão “jarê”, que é um ritual religioso para onde confluem as identidades e significados culturais da comunidade quilombola.

No capítulo seguinte de *Fio de corte*, a narração continua centrada nas irmãs Crispina e Crispiniana, trazendo à tona momentos vividos com a família das protagonistas de *Torto*

arado. O principal desencadeamento desse capítulo consiste na briga entre as irmãs, motivada pelo interesse amoroso de uma delas por um homem que acaba se envolvendo com a outra. Isso leva a um conflito intenso, fazendo com que uma das irmãs busque refúgio na casa de Bibiana, Belonísia e seus pais. O capítulo inclui cenas fortes e impactantes, como uma delas sendo encontrada em uma cova no cemitério, em uma situação deplorável. Por fim, é relatado o desfecho do conflito entre Crispina e Crispiniana:

Quando deixou nossa casa, ela voltou, contra a vontade do pai, a se encontrar com Isidoro. Pegaram seus pertences e foram morar juntos numa casa de barro que levantaram na parte destinada à morada dos trabalhadores. Da porta da casa do pai, Crispiniana mirava a vida da irmã com sua grande paixão. Não acreditávamos que a história das irmãs fosse terminar daquela forma (Vieira Junior, 2019, p. 40).

Enquanto no final do sexto capítulo de *Fio de corte* é narrado o desfecho do conflito entre as irmãs Crispina e Crispiniana, o início do sétimo remete novamente ao ato do corte da língua de uma das irmãs protagonistas, netas de Donana. Desse modo, resgata-se e relembra-se o leitor sobre o acontecido, ao mesmo tempo em que se anuncia o aparecimento de uma nova personagem: “Anos depois do acidente que emudeceu uma de suas filhas, meu pai, incentivado por Sutério, havia convidado o irmão de minha mãe para residir em Água Negra” (Vieira Junior, 2019, p. 41).

O surgimento das novas personagens – tio de Bibiana e Belonísia, com sua esposa e filhos –, evidencia o desafio dos retirantes nordestinos em busca de melhores condições de vida: “meu tio viajou no lombo de um burro, a mulher em outro, os filhos caminhando, se revezando na travessia para a montaria dos animais. Foram morar em uma construção de alvenaria, uma casa vazia que abrigava os trabalhadores que chegavam” (Vieira Junior, 2019, p. 42). Entretanto, o final desse capítulo de *Fio de corte* revela algo que pode desestabilizar a união das irmãs protagonistas, em virtude do que Bibiana enxerga ao ser enviada pela mãe para procurar a irmã:

Me aproximei devagar da árvore onde se abrigava a sombra e, antes que chegasse mais perto, a vi se dividir. Belonísia deixou o abrigo como se nada tivesse acontecido. Passou por mim de cabeça erguida e sorrindo. Antes que eu me aproximasse mais, Severo também deixou o umbuzeiro e seguiu em direção aos pais que estavam prontos para caminhar até sua casa com o candeiro que tremulava a luz ao longe nas mãos. (Vieira Junior, 2019, p. 46).

Inicialmente, isso poderia parecer um acontecimento normal presenciado pela protagonista e narradora de *Fio de corte*. No entanto, a possível ruptura do forte laço entre Bibiana e Belonísia surge do fato de que Belonísia sabia que sua irmã tinha sentimentos por seu primo Severo, com quem ela se envolveu e foi flagrada por Bibiana. Isso fez com que a provável rivalidade entre as irmãs fosse despertada: “sem conseguir dormir o resto da noite, nem olhar para minha irmã, fui tomada por um sentimento de decepção e rivalidade que desconhecia até aquele instante” (Vieira Junior, 2019, p. 46).

Ora, os recursos empregados no estilo de escrita de Itamar Vieira Junior têm o poder de envolver os leitores na história, despertando seu interesse e curiosidade pelos fatos narrados no romance *Torto arado*. A título de exemplo, o que aconteceu com Crispina e Crispiniana parece ser um indício de que algo semelhante poderia ocorrer também com as irmãs protagonistas. Da mesma forma, as entrelinhas deixadas no final do sétimo capítulo são retomadas no oitavo, visando aprofundar, esclarecer e continuar desenvolvendo os eventos já introduzidos no início do novo capítulo: “ao amanhecer, fiz chegar a minha mãe a mensagem de que Belonísia estava com primo Severo debaixo do umbuzeiro na noite passada. Sem ter certeza do que virá, mas intuía, adicionei à narrativa a visão de um beijo” (Vieira Junior, 2019, p. 47).

Ao longo do oitavo capítulo, aprofunda-se a narração do conflito instaurado entre as irmãs Bibiana e Belonísia, originado por uma paixão juvenil, devido a duas adolescentes estarem amorosamente interessadas no mesmo rapaz. Aliás, o capítulo também se desenrola em meio a elementos de regionalismo e à religiosidade da família das protagonistas, como no seguinte trecho, em que as mulheres da família vão pescar e tentar pegar peixes em função do temporal que está surgindo: “‘Tá parecendo são Sebastião’, e todas rimos juntas, menos minha mãe, que censurou: ‘não brinca com o santo, Domingas. Onde já se viu?’” (Vieira Junior, 2019, p. 49-50). Nesse diálogo, percebemos, também, uma típica repreensão de mãe para filha. Aqui, cabe esclarecer que Domingas é irmã mais nova de Bibiana e Belonísia, assim como Zezé.

O nono capítulo dá continuidade cronológica ao final do oitavo, em que Bibiana, Belonísia e a mãe voltam do riacho para casa, sendo Bibiana carregada pela irmã e pela mãe por causa do seu pé cortado. Esse fato reaproxima as irmãs: “afora o corte profundo que me impediria de colocar o pé no chão por muitos dias, senti certo alívio ao perceber que minha irmã havia voltado a se comunicar comigo” (Vieira Junior, 2019, p. 52). Ainda no mesmo capítulo, é narrado sobre o bom desempenho de Zeca, pai de Bibiana e Belonísia, em seu trabalho e na confiança que a família Peixoto, dona das terras, tinha nele.

Na sequência do capítulo nove, as irmãs Crispina e Crispiniana ressurgem, mas apenas nas conversas da família das protagonistas, que dialogam sobre o fato de ambas estarem grávidas: “Crispina estava de barriga de Isidoro, mas Crispiniana estava de barriga mais avançada e ninguém sabia quem era o pai” (Vieira Junior, 2019, p. 55). Esses episódios têm sua continuidade no décimo capítulo, em que se retoma, inicialmente, o ofício de parteira na família de Bibiana e Belonísia: “naquele tempo, minha mãe já havia assumido em definitivo o ofício de parteira. Meu pai, que era o parteiro até então, transferiu a responsabilidade para Salu” (Vieira Junior, 2019, p. 56).

Anunciada a nova parteira da família, o desenrolar do décimo capítulo aprofunda-se nas gravidezes das irmãs Crispina e Crispiniana. Assim, boa parte desse capítulo é dedicada à narração do parto de Crispiniana; enquanto seu final se concentra no parto de Crispina, cujo filho nasceu morto: “algo adverso aconteceu a Crispina e minha mãe achou por bem buscar Zeca. Com o pé direito na barriga da mulher, meu pai viu que não havia mais movimento da criança. / ‘É um anjo’, minha mãe disse. A sentença que ninguém queria ouvir naquelas horas” (Vieira Junior, 2019, p. 60).

No próximo capítulo, a narração dos acontecimentos envolvendo as irmãs Crispina e Crispiniana continua, com ênfase para o fato de que aquela que perdeu seu filho amamenta o sobrinho, embora as irmãs estivessem brigadas: “vi o menino dando seus primeiros passos e depois correndo para o seio da tia” (Vieira Junior, 2019, p. 62). Esse evento, indiretamente, parece ser o estopim para anunciar outro problema enfrentado no interior nordestino – a falta de escolas e professores: “da primeira vez, meu pai não aceitou seu pagamento, mas pediu que trouxesse um professor da prefeitura para que desse aula às crianças da fazenda” (Vieira Junior, 2019, p. 65).

Na sequência do décimo primeiro capítulo, é narrado sobre o fato de o pai das protagonistas ter conseguido um professor para dar aulas às crianças da região, o que se associa a outros temas, como o analfabetismo e o conflito de gerações devido às mudanças: “meu pai não era alfabetizado, assinava com o dedo de cortes e calos de colher frutos e espinhos da mata [...]. De tudo que vi meu pai bem-querer na vida, talvez fosse a escrita e a leitura dos filhos o que perseguiu com mais afinco” (Vieira Junior, 2019, p. 66).

No início do capítulo seguinte, há o registro da evolução da educação no interior nordestino, na região de Água Negra, mas que representa todo esse contexto marcante no Brasil: “em poucos meses iniciaram a construção da escola” (Vieira Junior, 2019, p. 67). Contudo, surge o desafio de construir a escola em meio a outro problema comum no interior nordestino, a estiagem: “foi uma obra providencial, porque naquele mesmo ano se iniciou um

período longo de estiagem, de modo que o pouco dinheiro destinado aos que construíam a escola [...] garantiu a sobrevivência de muitas famílias” (Vieira Junior, 2019, p. 67).

Sendo assim, o foco do décimo segundo capítulo está voltado para a seca, narrando os diversos desafios enfrentados pelas pessoas, pelos animais e pelas plantações, acentuados no período de estiagem: “disputamos a palma com o gado da fazenda. Havia uma parcela de terra destinada ao seu plantio. O cacto que se destinava à nossa alimentação estava em nossos quintais” (Vieira Junior, 2019, p. 68). Nesse capítulo, também há presença de regionalismo relacionado à plantação, vegetação e geografia do interior nordestino: “continuávamos a colher buriti e dendê para levar para a feira da cidade às segundas-feiras. Minha mãe, as comadres, eu, Belonísia e Domingas catávamos os frutos nas várzeas dos marimbus²” (Vieira Junior, 2019, p. 69).

No mesmo capítulo, narra-se sobre as diferenças entre as pessoas do âmbito rural e as do urbano: “nossa pele negra ficava quase acobreada. Chegávamos à cidade envergonhadas da sujeira em nosso cabelo e roupas”. (Vieira Junior, 2019, p. 70). E, ainda no décimo segundo capítulo, Severo ressurge, assim como o interesse de Bibiana por ele: “voltei no meio da tarde debaixo do sol escaldante, sem almoçar, mas na companhia de Severo” (Vieira Junior, 2019, p. 73).

Agora, com dezesseis anos, Bibiana começa a ter concepções e experiências diferentes das que na infância, o que é continuado e aprofundado no décimo terceiro capítulo: “continuei a encontrar Severo na estrada, quase sempre no mesmo lugar, às segundas-feiras” (Vieira Junior, 2019, p. 74). Esses episódios prosseguem no décimo quarto capítulo, mas com novos e importantes fatos já em seu início: “fui tomada por uma intensa ansiedade quando comecei a sentir tontura e enjoos quase diários. Tinha dezesseis anos e já havia visto muitas mulheres da fazenda pegarem barriga” (Vieira Junior, 2019, p. 77).

Também no décimo quarto capítulo, a narrativa aprofunda-se nos desafios enfrentados pela família de Bibiana, nas preocupações de Bibiana sobre sua gravidez e em como sua irmã Belonísia poderia reagir, dado que ela estava grávida do homem por quem a irmã teve interesse no passado. Ainda, é narrado sobre crenças populares por meio da figura de dona Miúda, quem faz previsões para Bibiana: “falou também que eu estava para correr o mundo a cavalo, animal que nossa família não tinha, o que me deixou meio atordoada. Que tudo iria

² **Buriti**, conforme o *site* Wikipedia (2023), significa “natural da vida” e é o nome de espécie de palmeira. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Buriti>. Acesso em: 27 dez. 2023. **Dendê** é o “fruto extraído do dendezeiro (*Elaeis guineenses*), palmeira originária da parte ocidental e central da África”. Fonte: http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6131:dende&catid=2072&Itemid=121. Acesso em: 27 dez. 2023. E **marimbu** é o “terreno pantanoso na margem de um rio”. Fonte: <https://dicionario.priberam.org/marimbu>. Acesso em: 27 dez. 2023.

mudar” (Vieira Junior, 2019, p. 81). Esses presságios correspondem com a vontade manifestada por Severo de sair de Água Negra e tentar uma nova vida longe da região.

Nessa perspectiva, o décimo quinto capítulo, que encerra a primeira parte, continua em meio a suspenses já anunciados no capítulo anterior, possivelmente por estratégia do autor em concluir a primeira parte e anunciar a segunda. Ao longo desse capítulo, ressurgem a mala de Donana, aquela em que estava a faca que cortou a língua de uma das irmãs e, em uma espécie de ciclo narrativo, eis o fechamento da primeira parte, *Fio de corte*, acentuando o nome dessa parte e revelando qual das irmãs teve sua língua cortada:

Dentre as coisas que levava, e talvez a que mais me machucava, era a minha língua. Era a língua ferida que havia expressado em sons durante os últimos anos as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos ruídos estranhos que haviam substituído a sua voz. Era a língua que a havia retirado de certa forma do mutismo que se impôs com o medo da rejeição e da zombaria das outras crianças. E que por inúmeras vezes a havia libertado da prisão que pode ser o silêncio (Vieira Junior, 2019, p. 87).

Apesar de revelar quem perdeu a língua, a narrativa deixa para a segunda parte outros mistérios e curiosidades, por exemplo, se Bibiana e Severo serão felizes longe de Água Negra, e quais desafios os aguardam fora da convivência familiar. Da mesma forma, fica sem ser desvendado, por ora, o que acontecerá com Belonísia e os demais. Em suma, ao revelar quem teve a língua cortada pela faca, *Fio de corte* se encerra e abre espaço para a segunda parte, *Torto arado*.

4.2.2 Palavras não caladas de Belonísia: eis o *Torto arado*

Nova parte, novas descobertas, novo narrador. A segunda parte, intitulada *Torto arado*, título homônimo ao do livro, fica sob a voz narrativa de Belonísia, o que já é revelado no primeiro parágrafo: “a faca que num impulso retirei da boca de Bibiana para repetir o gesto, naquela idade em que queremos ser como os irmãos mais velhos, sem perceber que da boca de minha irmã minava sangue” (Vieira Junior, 2019, p. 91-92). A revelação de que Belonísia é a narradora dessa parte está embainhada no fato que mudou a vida das irmãs, que foi o decepamento da língua de uma delas, que agora já sabemos ser a de Belonísia.

Logo no primeiro capítulo dessa parte, percebemos a sua versão de Belonísia sobre muitos dos fatos que haviam sido narrados por Bibiana ao longo dos capítulos da parte anterior, como o episódio do corte da língua e o ocorrido com as duas e o primo delas,

Severo: “poderia ter feito como ela mesma fez ao me ver com Severo debaixo do umbuzeiro numa noite de jarê. Poderia ter azucrinado o juízo de minha mãe para que lhe devolvesse a surra que levei por conta da mentira que inventou sobre mim e meu primo” (Vieira Junior, 2019, p. 92).

No mesmo capítulo, descobrimos que a segunda parte, *Torto arado*, pode até ter outra voz narrativa, mas segue a ordem cronológica dos acontecimentos (salvo os *flashbacks*), o que fica perceptível já no decorrer do segundo parágrafo do primeiro capítulo da segunda parte, quando Belonísia narra sobre a saída de Bibiana da casa de seus pais, o que foi narrado pela irmã no último capítulo de *Fio de corte*: “Na noite em que Bibiana deixou nossa casa, o sonho se repetiu dessa exata forma. E talvez por isso passei a contar a mim mesma dessa maneira. Quando despertei sufocada, percebi que o lugar onde minha irmã dormia estava vazio” (Vieira Junior, 2019, p. 92).

No primeiro capítulo da segunda parte, quando Belonísia relata sobre a saída da irmã de casa na calada da noite, Itamar Vieira Junior introduz no seu romance outro tema muito atual e frequente, principalmente entre os jovens, que é a (auto)mutilação: “o que se seguiu àquela descoberta, que para mim não chegava a ser uma surpresa, foi uma comoção que só havia visto antes, quando me mutilei” (Vieira Junior, 2019, p. 93). Portanto, temos uma narrativa, com seu tema central, mas ao qual, paralelamente, são introduzidos outros temas, por meio das personagens do romance, sobretudo as protagonistas e sua família.

No primeiro capítulo da segunda parte, a narradora ainda se detém em vários episódios, como o da seca e o da escola. Aliás, a escola é a ponte para o início do segundo capítulo: “na escola, sem Bibiana ao meu lado para me ajudar, a minha vida se tornou um momento. Desde o início, minha mãe avisou à dona Lourdes, a nova professora, da minha mudez. Ela foi cuidadosa, no começo, e bastante generosa para me ensinar as tarefas” (Vieira Junior, 2019, p. 97).

O ambiente escolar faz com que Belonísia profira lamentações pelo fato de Bibiana não estar mais com ela para ajudá-la, ao mesmo tempo em que revela sobre as genialidades e gostos muito diferentes entre ela e a irmã: “diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes” (Vieira Junior, 2019, p. 97). Esse fragmento, encontrado no primeiro parágrafo do segundo capítulo dessa parte, parece anunciar o fascínio de Belonísia, especialmente por seu pai e seus ensinamentos, revelado ao final do capítulo, do qual transcrevemos um trecho a seguir:

Meu pai olhava para mim e dizia: “O vento não sopra, ele é a própria viração”, e tudo aquilo fazia sentido. “Se o ar não se movimenta, não tem vento, se a gente não se movimenta, não tem vida”, ele tentava me ensinar. Atento ao movimento dos animais, dos insetos, das plantas, alumbrava meu horizonte quando me fazia sentir no corpo as lições que a natureza havia lhe dado. Meu pai não tinha letra nem matemática, mas conhecia as fases da lua. Sabia que na lua cheia se planta quase tudo; que mandioca, banana e frutas gostam de plantio na lua nova; que na lua minguante não se planta nada, só se faz capina e coivara.

[...]

Como um médico à procura do coração (Vieira Junior, 2019, p. 99-100).

Essa passagem ganha um significado especial aos nossos olhos, pois também somos leitores do romance *Torto arado*, e, certamente, ele acaba emocionando a outros leitores, o que é perceptível pelo fato de muitos deles se manifestarem em canais e meios virtuais, como no caso das resenhas encontradas na rede social *Skoob*, em que mencionam e até mesmo transcrevem frases desse trecho narrado. A nós, visto como justificável tal respaldo do romance e desse fragmento, uma vez que contém belas e comoventes palavras em meio ao contexto familiar, de convívio entre pais e filhos, que tende a ser tocante para muitas pessoas.

Já no início do terceiro capítulo da segunda parte, são inseridas novas personagens: “meses depois que a escola abriu, chegou uma pequena leva de trabalhadores à fazenda. Dentre eles, uma mulher franzina de cabelos negros e lisos, de nome Maria Cabocla. Estava na companhia do marido e seis filhos” (Vieira Junior, 2019, p. 101). No mesmo parágrafo, é introduzido o personagem Tobias, que se torna o foco de Belonísia na narração ao longo do capítulo, e no final dele descobrimos o porquê: “senti vontade de que Tobias voltasse naquele instante, quiçá amanhã ou depois, mas que não demorasse a fazer de mim sua mulher também” (Vieira Junior, 2019, p. 104).

O quarto capítulo se inicia com Belonísia narrando o fato de estarem nascendo várias crianças em Santo Antônio, onde fica Água Negra, incluindo o segundo filho de Crispina e o de Crispiniana. Ela também menciona outros acontecimentos, como o pedido de namoro feito por Tobias ao seu pai. Nesse sentido, no começo do capítulo seguinte, há a narração de que ela parte com ele em busca de uma nova vida: “deixei a casa de meus pais montada num cavalo e na companhia de Tobias, levando uma trouxa pequena de roupas, lembrando a mala de couro surrada de Donana que Bibiana havia retirado de debaixo da cama antes de partir” (Vieira Junior, 2019, p. 109).

Diante disso, o quinto capítulo se concentra no novo lar de Belonísia e Tobias, bem como no espanto dela sobre a nova moradia deles: “Precisava pôr um pouco de ordem naquele chiqueiro que passaria a ser minha casa, caso aguentasse. Fui para a cozinha, porque decidi

que deveria começar por ali” (Vieira Junior, 2019, p. 111). Nesse novo lar, surgem os desafios devido ao fato de Tobias sair para trabalhar e Belonísia ficar sozinha em casa, como quando ela precisou fazer fogo e não tinha fósforo, tentando encontrar uma solução: “levei um pedaço pequeno de lenha comigo para poder dizer a quem encontrasse pelo caminho que precisava de chama” (Vieira Junior, 2019, p. 112).

No sexto capítulo, inicialmente é narrado que Belonísia conseguiu fogo com Maria Cabocla e organizou diversos itens em sua nova casa com Tobias. Em seguida, o capítulo discorre sobre as dificuldades devido à sua mudez e, também, aprofunda outro tema bem polêmico, atual e histórico, que é a submissão da mulher ao homem: “depois que ele me deitou na cama, beijou meu pescoço e levantou minha roupa, não senti nada que justificasse meu temor. Era como cozinhar ou varrer o chão, ou seja, mais um trabalho de mulher” (Vieira Junior, 2019, p. 114).

Ainda no mesmo capítulo, Belonísia narra sobre seu sentimento de solidão, sua relação cada vez mais desgastada com Tobias, sua rotina e sobre, inclusive, sua falta de “nome”, autonomia: “continuávamos a frequentar a casa de meu pai nas noites de jarê, todos agora sabiam que eu não era mais ‘Belonísia de Zeca Chapéu grande’, e que agora vivia com Tobias, logo, eu era ‘Belonísia de Tobias’” (Vieira Junior, 2019, p. 116). Esse trecho enfatiza a visão estereotipada que a sociedade tem da mulher e sua imagem de submissão ao homem. E, no término desse capítulo, por meio de *flashback*, Belonísia relata sobre a falta de interação com as demais pessoas, principalmente rapazes, na sua adolescência.

No sétimo capítulo, há o aprofundamento do desgaste da relação entre Belonísia e Tobias, que começa a ficar embriagado e sair de casa mais do que de costume, fazendo com que Belonísia decida sair de lá e ir para a casa de seus pais, deixando a incógnita sobre se é para passear ou morar, e revelando mais surpresas ao leitor no final desse capítulo: “bati com os pés devagar na soleira da porta. Ouvi um rumor de vozes, dona Tonha deveria estar por lá, pensei. Quando ultrapassei a porta vi uma mulher sentada, de perfil, com um bebê no colo. Bibiana havia regressado” (Vieira Junior, 2019, p. 123).

O oitavo capítulo é composto quase inteiramente por *flashback*, conduzidos pelas recordações de Belonísia, como o incidente com a faca e o corte de sua língua. A narrativa traça sua trajetória a partir daquele momento, destacando os principais acontecimentos conforme suas lembranças. Também pontua os desafios de tentar falar, o que desencadeia o título do romance e da segunda parte, *Torto arado*: “passado muito tempo, resolvi tentar falar, porque estava sozinha me embrenhando na mesma vereda que Donana costumava entrar. Ainda recordo da palavra que escolhi: arado” (Vieira Junior, 2019, p. 127). E, assim, a

narradora vai relatando situações à medida que suas lembranças vão se aproximando de sua realidade atual, em que está sofrendo com seu companheiro Tobias, sendo este fato o encerramento do capítulo:

Agora, com os maus tratos de Tobias, elas [as palavras] se tornaram mais vis, eram gritadas por minhas ancestrais, por Donana, por minha mãe, pelas avós que não conheci, e que chegavam a mim para que as repetisse com o horror de meus sons, e assim ganhassem os contornos tristes e inesquecíveis que me manteriam viva (Vieira Junior, 2019, p. 128).

Já o nono capítulo tem a atenção e a narração de Belonísia voltada à sua irmã Bibiana, que mudou fisicamente por ter se tornado mãe, fez supletivo para ingressar no magistério, e cuidava de crianças pequenas para que outras mulheres pudessem trabalhar. Essas revelações são feitas pela própria Bibiana à Belonísia, que fica admirada com as aventuras e a nova vida da irmã, o que dá esperanças à Belonísia de que a sua vida também pode mudar.

O décimo capítulo, porém, passa a se centrar em Tobias e sua situação cada vez mais precária devido à embriaguez, agressividade e falta de atenção e tempo com Belonísia. Nesse ensejo, o capítulo termina com o aparecimento de Genivaldo, o vaqueiro da fazenda, contando para Belonísia que encontrou Tobias jogado no chão: “Me convidou a acompanhá-lo pela estrada para o lugar onde encontrou o homem que havia me tirado de casa, caído” (Vieira Junior, 2019, p. 137).

Na sequência, cronologicamente, Belonísia relata que encontrou Tobias morto, discorre sobre seu velório e sua insignificância por não ter deixado nada para ela e, em seguida, conta sobre ter furado seu pé em um espinho, o que fez com que seu pé nunca mais voltasse a ser como era – o último fato é narrado como se tivesse sido mais relevante e mudasse mais sua vida do que a morte de Tobias. Também, Belonísia narra sobre a construção de sua nova casa de barro e os episódios que passa com sua vizinha Maria Cabocla.

No décimo segundo capítulo, Belonísia continua narrando o infortúnio que teve com o espinho em seu pé, e de momentos com a vizinha Maria Cabocla, que conta sobre circunstâncias de sua vida à Belonísia. Na casa da vizinha Maria Cabocla, Belonísia acaba adormecendo e tendo pesadelos, o que a faz acordar e voltar preocupada para sua casa. De certa forma, essa preocupação é revelada no início do próximo capítulo: “menos de uma semana depois, um dos filhos de Maria foi me encontrar enquanto limpava a roça. Disse que o pai estava louco, batendo de novo na mãe” (Vieira Junior, 2019, p. 149).

Nesse panorama, a narrativa do décimo terceiro capítulo se aprofunda na vida de Maria Cabocla. Seu marido, Aparecido, não valoriza a família, frequenta a casa de prostituição, agride a esposa e deixa os vários filhos sob os cuidados dela. Belonísia preocupa-se com Maria Cabocla, e pensa em ir cuidar da amiga, que sofre e chegou a tentar o suicídio. Toda essa conjuntura faz com que Belonísia, que se tornou uma mulher forte e independente, decida enfrentar o marido de Maria Cabocla. Contudo, essa atitude a obriga a se afastar da vizinha: “eu também, para não a magoar sem querer, nem mesmo ofender, deixei de levar as coisas que plantava e que fui trabalhando com minha força” (Vieira Junior, 2019, p. 152).

Já o décimo quarto capítulo é voltado para Bibiana e sua família: “Bibiana e Severo retornaram com seus quatro filhos para a fazenda alguns anos depois. Nesse meio-tempo, vieram para as festas de fim de ano e de São Sebastião com certa frequência” (Vieira Junior, 2019, p. 153). É narrado, ao longo desse capítulo, sobre o batismo dos filhos deles e há um avanço significativo no tempo, pois Inácio, o filho mais velho de Bibiana e Severo, já era “menino crescido, tinha corpo de homem, gostava de me ajudar a plantar no quintal de casa” (Vieira Junior, 2019, p. 156).

Ao mesmo tempo, ainda no décimo quarto capítulo, é narrado sobre o envelhecimento do pai de Bibiana e Belonísia, o que é aprofundado no decorrer do capítulo seguinte, que termina com a narração da morte de Zeca Chapéu Grande, encontrado por sua esposa: “o encontrou com os olhos abertos, apesar da face serena. Seu rosto, à luz parca, era um jogo de sombras contornando os ossos. Foi assim que veio chamar pelos filhos, com sua voz rompendo o canto dos insetos. Zeca havia partido” (Vieira Junior, 2019, p. 163).

No capítulo seguinte, os feitos de Zeca Chapéu Grande são narrados em estilo de *flashback*, com Donana reaparecendo várias vezes, inclusive no momento do nascimento do pai de Bibiana e Belonísia. No início do décimo sétimo capítulo, revela-se que aquilo que Belonísia havia narrado no capítulo anterior eram lembranças: “se soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse” (Vieira Junior, 2019, p. 170).

Ao longo do décimo sétimo capítulo, há a narração em tempo cronológico dos acontecimentos: Bibiana está novamente morando em Água Negra; e menciona-se o enterro de Zeca Chapéu Grande. O décimo oitavo capítulo tem Donana como personagem central, que sofre com a partida do filho, não aceita a sua perda e clama por ele, chegando a adentrar a mata para procurá-lo. Nessa direção, o início do décimo nono capítulo revela que Donana

enxergar seu filho Zeca era, na verdade, imaginação sua: “aquele foi o último enterro realizado em Viração por muito tempo. Não que não houvesse morrido mais gente, mas porque a fazenda foi vendida meses depois da morte de meu pai” (Vieira Junior, 2019, p. 176).

Na sequência do décimo nono capítulo, é narrado o temor dos moradores de Água Negra sobre o que acontecerá com aquele lugar e, conseqüentemente, com eles. Já o vigésimo capítulo retorna à personagem Donana em episódios envolvendo sua família, sobretudo Zeca. Esses eventos, narrados por Belonísia, oscilam entre a possibilidade de serem fruto da imaginação de Donana ou lembranças de acontecimentos passados, apresentados sob a forma de *flashback*.

O vigésimo primeiro capítulo se inicia também em forma de *flashback*, quando Zezé, irmão de Bibiana e Belonísia, indaga Zeca sobre como funciona morar e cultivar naquela terra, sabendo que eles não são os donos delas. No entanto, já no segundo parágrafo desse capítulo, fica claro que esse episódio é uma lembrança: “esse dia vive em minha memória. Não se apaga nem se afasta ainda que envelheça. O sol era tão forte que quase tudo ao alcance de minha visão estava branco, refletindo a luz intensa do céu sem nuvens” (Vieira Junior, 2019, p. 185). E, assim, tanto esse capítulo quanto o vigésimo segundo concentram-se nas lembranças de Belonísia sobre a vida deles nessa morada.

O vigésimo terceiro capítulo narra sobre os desafios atuais, relatando que Salu, mãe de Bibiana e Belonísia, não aceita o que está acontecendo e recorre à espiritualidade: “o mesmo pai de santo que havia cuidado de minha mãe em Cachoeira veio até Água Negra para orientar a transferência de uma casa para outra. [...] O pai de santo bateu com ervas nas paredes e entoou cantigas que nunca havia escutado nas brincadeiras de jarê” (Vieira Junior, 2019, p. 194). Ao final desse capítulo, Belonísia percebe a passagem do tempo: “olhei com certo encanamento o tempo caminhando, indomável como um cavalo bravo” (Vieira Junior, 2019, p. 195).

O vigésimo quarto capítulo, que encerra a segunda parte, se inicia com Severo e seus enfrentamentos contra os novos donos da terra, o que é comparado pela narradora à liderança de Zeca Chapéu Grande, em sua época, e intensificado ao longo do capítulo: “a cada movimento de Severo e dos irmãos contra as exigências impostas pelo proprietário, as tiranias surgiam com mais força” (Vieira Junior, 2019, p. 197). No final do capítulo, é revelado o drástico resultado do conflito entre Severo e os demais na luta pelos seus direitos: “Severo estava caído. A terra seca aos seus pés havia se tornado uma fenda aberta e nela corria um rio de sangue” (Vieira Junior, 2019, p. 199).

4.2.3 Voz ao narrador encantado: revelações e desfechos

As últimas três palavras da segunda parte carregam o título da terceira e última parte do romance *Torto arado*, intitulada *Rio de sangue*. Na abertura dessa parte, é natural que haja certo estranhamento nas palavras narradas, especialmente em relação à identificação do narrador, que não parece ser nem Bibiana, nem Belonísia, nem outra personagem humano, mas sim uma figura encantada:

Meu cavalo morreu e não tenho mais montaria para caminhar como devo, da forma que um encantado deve se apresentar entre os homens, como deve aparecer por esse mundo. Desde então, passei a vagar sem rumo, arrodando aqui, arrodando acolá, procurando um corpo que pudesse me acolher (Vieira Junior, 2019, p 103).

Como se pode averiguar no trecho inicial de *Rio de sangue*, o próprio narrador se autocaracteriza como “encantado”, remetendo-nos a um ser místico, ao menos diferente que um ser humano “normal”. Tal misticismo continua ainda no primeiro parágrafo: “meu cavalo era uma mulher chamada Miúda, mas quando me apossava de sua carne seu nome era Santa Rita Pescadeira. Foi nela que cavalguei por um tempo, não conto o tempo, mas montei o corpo de Miúda, solitária” (Vieira Junior, 2019, p. 203).

Ao longo do primeiro capítulo da terceira parte, confirmamos que o narrador não é um ser humano, mas sim uma entidade ligada ao povo daquelas terras do interior baiano: “meu povo seguiu rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde houvesse uma tapera para chamar de casa” (Vieira Junior, 2019, p. 204). Nesse fragmento, confirmamos que essa narradora, a entidade, também se preocupa com o povo que não tem terra para cultivar e casa para morar, intensificando os temas já evidenciados nas partes anteriores.

A entidade vagante por dentre as vidas e os acontecimentos, vai narrando episódios das terras interioranas e, no segundo capítulo, percebemos o tempo cronológico dos fatos acontecidos no término da segunda parte, pois é narrado sobre a morte de Severo, que é chamado de senhor pelo narrador dessa parte: “a fonte do rio era Severo, o senhor que mobilizava os trabalhadores de Água Negra, caído na terra com oito furos feitos à bala. O grito era de Bibiana, prostrada no chão com a cabeça do marido no colo. O rio era sangue e lágrima, caudaloso e lento [...]” (Vieira Junior, 2019, p. 206). A cena nos remete diretamente

ao título dessa parte e principalmente pelo pronome de tratamento empregado, *senhor*, nos indica um narrador bem diferente das duas partes anteriores.

Posto isso, o segundo capítulo se concentra nos episódios do velório e do enterro de Severo. Por sua vez, o início do terceiro capítulo relembra a morte de outro personagem, que havia sido narrada na segunda parte, Zeca Chapéu Grande: “os novos proprietários chegaram um ano após a morte de Zeca Chapéu Grande. O homem era alto e corpulento. Negociou com os herdeiros da família Peixoto e esteve, durante o período de negociação, algumas vezes na fazenda” (Vieira Junior, 2019, p. 210).

Ao longo do terceiro capítulo, é narrado sobre as intenções dos novos donos em explorar as terras de Água Negra. Concomitantemente, no penúltimo parágrafo, temos a confirmação de que a narradora da terceira e última parte do romance *Torto arado* também é uma figura feminina, a entidade Santa Rita Pescadeira: “sou uma velha encantada, muito antiga, que acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente [...]” (Vieira Junior, 2019, p. 212).

Diante da falta de direitos e oportunidades dos moradores de Água Negra, em face dos novos donos das terras, o quarto capítulo traz o clamor por justiça, iniciado por Bibiana, também em razão do assassinato de seu marido, Severo, devido a conflitos originados por questões territoriais. O caso é investigado pela polícia, mas termina em injustiça. O desfecho da investigação é revelado ao final do quarto capítulo:

Iriam investigar a morte de um homem simples como investigariam a morte de um fazendeiro ou de qualquer homem poderoso da cidade. Mas, algumas semanas depois, surgiu a notícia de que o inquérito havia sido concluído. Que haviam descoberto um plantio de maconha numa área próxima aos marimbus. Que Severo havia sido morto numa disputa do tráfico de drogas na região (Vieira Junior, 2019, p. 216).

O resultado do inquérito sobre a morte de Severo causa revolta em Bibiana, que resolve agir por conta própria, o que é narrado na sequência do romance, logo no início do capítulo seguinte: “foi nesse dia que Bibiana resolveu reunir o povo de Água Negra para falar. Mesmo enredada em seu luto, precisava expor o que pensava. Não poderia deixar as coisas se desenrolarem do jeito que estavam ocorrendo porque, do contrário, em breve todos estariam em perigo” (Vieira Junior, 2019, p. 217).

Nesse contexto, as páginas do quinto capítulo se voltam para a busca de Bibiana por justiça pela morte de seu marido, entremeada por recordações de seus pais e irmãos, incluindo

a situação de Belonísia devido à perda da língua, mas que, mesmo assim, não se intimida diante de Salomão, o novo dono das terras: “Belonísia encarou o fazendeiro, enquanto os sobrinhos seguiam, tentando alcançar a mãe. Seus olhos rutilavam um brilho vivo, encantado, e fez o homem sentir um arrepio aparente nos pelos dos braços, que se eriçaram” (Vieira Junior, 2019, p. 222).

Já o sexto capítulo começa com a narradora entidade e suas peregrinações no tempo: “encontrei Miúda ainda muito nova. Fui me acostumando a me movimentar dentro das camadas de saias que vestia quando foi amadurecendo mulher. Miúda e o povo daqui não diziam que eram pretos” (Vieira Junior, 2019, p. 223). Nesse trecho e no que se segue, o autor faz uma crítica à exclusão dos pretos, assim como às marginalizações com os índios, embora estes últimos sejam protegidos por leis. Assim, a narradora conta, no decorrer do capítulo, em meio ao misticismo dela e de Miúda, sobre o que enxergam naquelas terras ao longo da passagem do tempo, sobrelevando as dificuldades e as injustiças do povo acometidas pelas disputas por poder e território.

No sétimo capítulo, é feita uma crítica aos donos das terras, que se aproveitam de diferentes situações e artimanhas para persuadir os trabalhadores e outras pessoas que não têm terras e que são pessoas de bem, apelando inclusive para a igreja. O autor escreve isso utilizando estratégias de narração e escrita diferentes das dos capítulos anteriores, começando com narração em terceira pessoa do plural ao se referir aos donos das terras: “levaram um pastor de igreja, dias depois, para celebrar um culto. A intenção era reunir alguns poucos moradores que frequentavam eventualmente igrejas no dia da feira na cidade e já tinham seu rol de orações e pecados” (Vieira Junior, 2019, p. 226).

No decorrer do capítulo, há o encontro de Estela, mulher de Salomão, com Salustiana, Bibiana e demais membros da família. Nesse capítulo, Zeca Chapéu Grande e a casa de jarê em que ele era curador são mencionados novamente. Depois, é narrado sobre Estela e o pastor, que vão de casa em casa falando de religião, mas não são bem recebidos por Salustiana, que argumenta ter se criada naquelas terras, ser uma pessoa de bem e bons princípios, que possui sua conexão com a espiritualidade e as terras de Água Negra. É possível notar, nesse capítulo, que a força e a resistência das mulheres são acentuadas diante daqueles que querem amedrontá-las.

Como estratégia de rompimento da narração do episódio supracitado, o autor do romance *Torto arado* inicia o próximo capítulo com o reaparecimento da faca que havia decepado a língua de Belonísia no passado: “a faca ressurgiu, rutilante, entre as coisas que Belonísia levava em sua sacola de palha. Por um instante, Bibiana não acreditou se tratar da

mesma peça que havia desaparecido da casa antiga, provavelmente pelas mãos de Donana” (Vieira Junior, 2019, p. 231).

Assim, em meio a um jogo entre passado e presente, com o ressurgimento da faca e do que havia acontecido no passado, é narrado, mas sem a aparição da narradora, a entidade Santa Rita Pescadeira, sobre Bibiana, Belonísia e a avó Donana, que possui seus mistérios com relação àquela faca: “‘Belô’, disse para a irmã, ‘o que será que fez minha avó guardar essa faca como um tesouro?’ Belonísia fez a linha de sua boca ganhar a forma de um arco” (Vieira Junior, 2019, p. 234).

Os episódios sobre a avó Donana e a faca continuam no nono capítulo: “Donana roubou a faca do coldre esquecido no alpendre da casa sede da Fazenda Caxangá no começo da tarde. Havia viajantes em visita naquele dia” (Vieira Junior, 2019, p. 236). Portanto, Donana e a faca protagonizam um momento inesperado até então. Donana havia abrigado um homem trabalhador em sua casa, que acabou se relacionando sexualmente com Carmelita, filha de Donana: “se passou um ano, dois. Adentrava o terceiro. Os machucados que a filha escondia, como se estivesse boba de atenção, esbarrando em tudo, caindo em todo lugar. Tudo fazia sentido. Seu homem batia, maltratava, violava e ameaçava sua filha debaixo do seu teto” (Vieira Junior, 2019, p. 239).

O fato de sua filha ter sido violentada pelo homem que ela havia abrigado fez com que Donana tomasse uma atitude surpreendente: “quando chegou ao local onde ele estava viu que dormia, prosternado na beira do rio. Parecia morto antes mesmo de ser sangrado. Não havia luz, não havia candeeiro nas mãos de Donana. Não queria deixar rastros ou lembranças de seus passos e atos” (Vieira Junior, 2019, p. 240). Na sequência, Donana encheu os bolsos do homem de pedras e o arrastou para o rio, na certeza de que Deus não a perdoaria. Entretanto, fica perceptível que se trata de um ato de uma mulher-mãe corajosa, que age diante da injustiça e do medo.

No décimo capítulo, há inicialmente a menção de Salustiana e, em seguida, o pronome de tratamento “você”, que se repete várias vezes ao longo do capítulo. Essa técnica é adotada como estratégia pelo autor para se referir à Salustiana, sensibilizando os leitores também nessa estilística de escrita e narração: “Mãe Salu dizia desde sempre que seu cabelo já tinha muitos fios brancos aos dezoito anos. Deixou de alisá-lo a ferro e o guardou sob os lenços que a maioria das mulheres camponesas usava. Você olha para si mesma no espelho que se apoia no chão contra a parede” (Vieira Junior, 2019, p. 241).

O pronome “você”, ao mesmo tempo em que se refere à personagem Salu, também remete a outras mulheres que estão em situações semelhantes de sofrimento e luta pelas terras

e pela família. Afinal, é natural que uma pessoa trilhe seu caminho com perseverança e esperança, o que fica apresentado análoga e metaforicamente no encerramento do décimo capítulo: “com a força de suas mãos dilaceradas você apenas abria um caminho” (Vieira Junior, 2019, p. 244). Trechos como este, em que é utilizado o pronome você, permitem ao leitor inferir que, embora se refira à Salustiana, o pronome também possibilita associações e relações com outras personagens e até com o próprio leitor.

Valendo-se da mesma estratégia, o emprego do pronome “você” no estilo de narração e escrita, no décimo primeiro capítulo ele alude, entretanto, à Belonísia, conforme fica implícito em seu início: “durante sua vida, desde o silêncio, você sentiu falta de poder cantar. Ainda muito pequena, nas noites de jarê, sentava na sala da casa, no colo de sua avó ou de sua mãe, e cantava o ponto de santa Bárbara e do Velho Nagô” (Vieira Junior, 2019, p. 245). Assim, no decorrer capítulo, com intermédio do pronome “você”, é narrado sobre episódios de Belonísia, como a admiração dela pelo trabalho de seu pai com o arado antigo de ferro, o que havia feito com que “desde sempre o som do mundo havia sido a sua voz” (Vieira Junior, 2019, p. 248).

Após esses capítulos, em composições, estilos e enfoques narrativos diferentes, no décimo segundo capítulo, retoma-se a narração dos conflitos entre os donos das terras e os moradores. No final do primeiro parágrafo desse capítulo, é anunciado que Salomão, o dono das terras, está morto, o que desencadeia a narração dos acontecimentos nos parágrafos seguintes, e a polícia investiga o possível assassinato.

No décimo terceiro capítulo, todavia, é narrado sobre momentos em que Belonísia, Bibiana e Salu realizam atividades, como o cultivo de milho, e também da vontade de os moradores construírem casas, o que acontece em meio a um *flashback*, já que ocorre antes da morte de Salomão: “fazia algum tempo que os moradores decidiram levantar suas casas com materiais duráveis. Aconteceu antes da morte de Salomão. Era um desejo antigo, sufocado pelos interditos. Queriam ter casas de alvenaria” (Vieira Junior, 2019, p. 254-255). Nessa perspectiva, o capítulo aprofunda-se nas dificuldades e confrontos, com enfoque na luta pelo direito à moradia e nas investigações sobre a morte de Salomão:

Muitos foram conduzidos à delegacia. Até mesmo Bibiana foi levada, junto com o filho. Lá se recordou da morte do marido, que ainda não havia completado um ano. Questionaram sobre o papel dela na desordem que relatavam na fazenda. Disse que era professora, casada por muitos anos com um militante. Disse que era quilombola. Escutou que ninguém nunca havia falado sobre quilombo naquela região (Vieira Junior, 2019, p. 256).

Logo, percebemos que Bibiana honra seu povo e suas raízes e não nega sua origem, pelo contrário, faz questão de salientá-las aos policiais e investigadores. Quanto ao final do inquérito, ele acabou ficando inconcluso. E Estela, esposa do agora finado Salomão, mudou-se para a capital, mas continuou administrando a fazenda. Na sequência, a narração se volta para a família de Belonísia e Bibiana, cujo filho Inácio decidiu ir para a cidade estudar e se tornar professor. É nesse episódio que se ressalta a aproximação de Belonísia com Bibiana e seus filhos, assim como com Domingas, que estava grávida do primeiro filho.

No final do décimo terceiro capítulo, é relatada a partida de Inácio, o que leva Bibiana e Belonísia a juntarem forças e permanecerem novamente unidas: “Belonísia segurou suas mãos. Juntas fecharam os olhos e compartilharam a dádiva daquele instante. Entregaram-se àquele gesto por inteiro e experimentaram algo que poderiam chamar de perdão” (Vieira Junior, 2019, p. 258). Assim, à medida que o romance se aproxima de seu desfecho, os clímax e os destinos das personagens, incluindo as protagonistas, vão se revelando.

Na continuidade dos capítulos, deparamo-nos com o décimo quarto capítulo, que é narrado novamente na primeira pessoa do singular, que vai ao encontro de Bibiana, que faz a encantada entidade narradora refletir sobre a força feminina: “cada mulher sabe a força da natureza que abriga na torrente que flui de sua vida” (Vieira Junior, 2019, p. 260). E, dessa forma, a entidade encantada leva Bibiana para a noite, onde vivenciam experiências encantadas. Em outro momento, a entidade une-se ao corpo de Belonísia, e, com isso, a narradora vai ressaltando características marcantes de ambas, comparando-as à Donana, por serem da mesma família.

À guisa de conclusão do romance, é relatado o episódio da caça das irmãs protagonistas a uma onça, em que se ressalta sobre Belonísia e as consequências do corte de sua língua, que, na verdade, a tornam uma mulher forte: “os sons que a boca de Belonísia não era capaz de reproduzir, mas que, naquele instante, soaram forte como um trovão” (Vieira Junior, 2019, p. 261). A forma da caça à onça é comparada pela narradora às armadilhas de caça aos escravos fugidos no passado, o que leva à frase final do livro: “Sobre a terra há de viver sempre o mais forte” (Vieira Junior, 2019, p. 262).

Em vista às considerações feitas até o momento, fazemos sobressair que elas se tornam importantes para nossas compreensões e percepções acerca da recepção de *Torto arado*, pois subsidiam as análises das resenhas dos internautas da *Skoob*. Afinal, ao analisarmos um conjunto de textos sobre uma mesma obra literária, é importante que tenhamos realizado a leitura dela, a fim de termos melhores condições e conhecimentos para averiguarmos sobre o

material produzido por receptores do romance *Torto arado*, sendo considerado, portanto, em nossos procedimentos metodológicos.

4.3 Internautas da *Skoob* e os procedimentos metodológicos: ponderações a partir da recepção e atualização de *Torto Arado*

As questões centrais do romance *Torto arado* também são aprofundadas pelas milhares de resenhas encontradas na *Skoob* e que são alvo de nossos estudos na busca por uma melhor compreensão sobre a identidade e a cultura veiculadas a um romance contemporâneo de sucesso, o qual foi atualizado e recebido por leitores que se manifestaram a respeito de sua leitura, interpretação e compreensão.

Na rede social de leitores *Skoob*, até outubro de 2024, estão registradas mais de 7.800 resenhas, com uma avaliação média de 4,6 estrelas, resultado de mais de 41.000 internautas que atribuíram sua “nota” ao livro. Além disso, mais de 52.000 participantes da rede indicaram que já leram o romance *Torto arado*. Esses dados nos levaram a selecionar as resenhas da *Skoob* sobre *Torto arado* para o escopo de nossa pesquisa, que trata da recepção de um romance contemporâneo com significativa circulação nos meios de veiculação entre leitores.

Pelo fato de a *Skoob* ser a maior rede social de leitores no Brasil e pela expressiva quantidade de resenhas em um período consideravelmente curto, selecionamos essa plataforma como o canal para a coleta de dados e informações. Nosso objetivo é analisar não só o romance *Torto arado*, mas também sua recepção, a qual, devido ao grande número de leitores que se manifestaram nessa rede, apresenta uma diversidade significativa de opiniões, informações e destaques acerca do romance de Itamar Vieira Junior.

Portanto, ao examinarmos a recepção do romance *Torto arado*, é pertinente realizarmos considerações quanto ao texto literário, uma vez que também somos leitores dele. Desse modo, ao longo das análises e da explanação dos principais resultados obtidos a partir das palavras mais encontradas nas resenhas da *Skoob* sobre *Torto arado*, e de resenhas considerando essas palavras, evidenciamos também nossas leituras, interpretações e compreensões.

Para tanto, a fim de analisarmos as conduções e atualizações feitas pelos leitores durante o ato de leitura e recepção do texto literário, selecionamos como *corpus* as mais de 3.000 resenhas de internautas da *Skoob* que se manifestaram a respeito do romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, até o dia 31 de março de 2022. Entretanto, mesmo

considerando a quantidade de comentários acerca do romance em questão, ressaltamos que nossa pesquisa é qualitativa, haja vista que investigamos as diferentes interpretações, compreensões e aplicações realizadas pelo público leitor que abrange nosso *corpus*.

Ademais, na condição de também sermos leitores, receptores, condutores e atualizadores do romance *Torto arado*, realizamos uma sintetização e análise desse texto, imprimindo a ele nossas principais impressões e percepções, sendo que muitas coincidem com as percepções dos leitores que se manifestaram na rede *Skoob*. Da mesma forma, fizemos uma pesquisa e um levantamento sobre a vida do autor Itamar Vieira Junior. Afinal, o autor também confere ao texto sua cultura e identidade, ou seja, suas vozes identitárias, as quais nós, leitores, compreendemos e atualizamos conforme nossas interpretações.

Sendo assim, partindo da seleção do *corpus* e da coleta de dados, realizamos de estudos investigativos e teóricos a respeito de críticas feitas por estudiosos da Estética da Recepção e do Efeito Estético, bem como das relações entre a escrita e a leitura como processos culturais, propagadoras de outras culturas e de marcas identitárias, o que as torna especiais e fundamentais. Depois, efetuamos a análise de *Torto arado*, considerando tanto nossas percepções quanto os comentários da recepção desse romance pelos leitores que se manifestaram em referência a ele na rede social *Skoob*. Dessa forma, a nossa pesquisa também é documental, descritiva e analítica.

Diante desse caráter de seleção, interpretação, compreensão e análise de leitores do romance *Torto arado* que se manifestaram na rede social *Skoob* através de textos/resenhas, reiteramos a importância de amparar esses estudos na hermenêutica, sobre a qual já discorreremos teoricamente, mas necessitamos retomar aqui na descrição dos procedimentos metodológicos. Baseamo-nos na hermenêutica, especialmente porque ela busca, como já foi abordado no primeiro capítulo teórico, a compreensão de textos, conforme revela Gadamer (2014). Como nosso objetivo principal de pesquisa é voltado para a análise, interpretação e compreensão de resenhas sobre outro texto – no caso, o romance selecionado –, potencializamos nossos estudos amparados na corrente da hermenêutica literária, em virtude de nosso objeto de estudo e objetivos elencados, como já foi exposto desde o início de nossa pesquisa.

Além disso, a partir da nossa proposta de estudo com caráter exploratório, fundamentado no procedimento bibliográfico e empírico, salientamos que nosso aporte de pesquisa, além de considerar a proposta hermenêutica direcionada à corrente literária, também segue os passos de seleção e análise propostos pelo método de Análise de Conteúdo fundamentado por Laurence Bardin (2016). Afinal, segundo a teórica, “a análise de conteúdo

aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2016, p. 44).

Já mencionamos o *corpus* de nossa pesquisa inicialmente. Entretanto, convém ressaltar que os mais de 3.000 comentários encontrados no período selecionado integram o que, no método de Análise de Conteúdo de Bardin (2016, p. 39), é denominado de “domínios da aplicação potencial das técnicas da análise de conteúdo”, que partem de dois critérios: “a quantidade de pessoas implicadas na comunicação; / a natureza do código e do suporte da mensagem” (Bardin, 2016, p. 39). Logo, a natureza do código é a rede social *Skoob*, mais especificamente a página que comporta as resenhas acerca do romance *Torto arado*.

Conforme Bardin (2016, p. 44), “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Diante do fato de nossos indicadores, isto é, o número de resenhas na *Skoob* no tocante ao romance *Torto arado*, serem bastante altos, na casa dos milhares, optamos por utilizar uma ferramenta tecnológica que seleciona as palavras dos textos, as quais foram analisadas e complementadas por averiguações das resenhas da *Skoob*, na íntegra ou fragmentadas, para que examinássemos mais categórica e pormenorizadamente o material de análise. Atualmente, uma ferramenta que está ao nosso alcance é o *WordArt*, um *software* que possibilita a coleta, manipulação, classificação e análise de dados.

Para conseguirmos atingir nossos objetivos de estudos, seguimos as três fases propostas pela Análise de Conteúdo, as quais são denominadas por Bardin (2016, p. 125) como “polos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”. Além do mais, para realizarmos o passo a passo de cada uma das três etapas, seguimos a ordem sugerida pelo método de Análise de Conteúdo.

Dessa forma, na pré-análise, efetuamos a seleção e organização dos documentos, bem como a formulação das hipóteses e a preparação do material. Afinal, “geralmente, esta primeira fase possui três missões: a *escolha dos documentos* a serem submetidos à análise, a formulação das *hipóteses* e dos *objetivos* e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (Bardin, 2016, p. 125, grifos do autor).

Após o levantamento dos indicadores, ou seja, o número de resenhas a respeito de *Torto arado* encontradas na *Skoob*, passamos para a fase da exploração do material, ou seja, a codificação e a categorização do material. De acordo com Bardin (2016, p. 131), a fase da exploração do material “longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”.

Portanto, nessa fase, analisamos as palavras que mais apareceram nas resenhas dos internautas da *Skoob* que se manifestaram sobre o romance *Torto arado*, conforme o software da nuvem de palavras gerado pelo *WordArt* (2022), bem como consideramos as resenhas em si, das quais foram selecionadas e analisadas as mais relevantes e coincidentes com as palavras que se sobressaíram na nuvem de palavras.

Na terceira fase da Análise de Conteúdo, analisamos a nuvem de palavras e as resenhas selecionadas, seguindo a proposta de tratamento dos resultados, inferências e interpretações que Bardin (2016) propõe. Afinal, com resultados significativos e fiéis, podemos “então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (Bardin, 2016, p. 131).

A partir da estruturação proposta por Bardin (2016), organizamos nossas análises com base na nuvem de palavras obtida pelo *software* selecionado e pelas resenhas dos internautas da *Skoob* que se manifestaram sobre o romance *Torto arado*. Essa organização abrange as técnicas de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), considerando os indicadores e a exploração do material por meio das operações estatísticas obtidas sobretudo pela nuvem de palavras, as inferências e as interpretações realizadas a partir dela e das resenhas na *Skoob*. Por fim, utilizamos os resultados de análises para a discussão, traçando um paralelo com as investigações feitas por meio de nossos estudos das abordagens teóricas, a fim de contemplar as dimensões e direções que optamos por seguir.

Logo, em nossas análises, com base nas palavras que mais aparecem nas resenhas da *Skoob* e revelam resultados interessantes, bem como nas resenhas selecionadas especificamente com base na coleta na nuvem de palavras, também evidenciamos nossas percepções a respeito de *Torto arado*, considerando todo o material selecionado para as análises. Desse modo, traçamos um perfil dos leitores do romance de Itamar Vieira Junior, ou melhor, o que há em comum e de diferente entre perfis dos leitores, receptores de *Torto arado*, tendo em vista que cada leitor possui sua identidade constituinte e discursiva.

5 RECEPÇÃO DE *TORTO ARADO*: RESULTADOS DA ATUALIZAÇÃO DO ROMANCE ENCONTRADOS NA REDE SOCIAL *SKOOB*

Conforme já adiantamos, há uma gama de elementos temáticos, literários, estruturais e composicionais encontrados em *Torto arado* que contribuem para o seu sucesso nacional e internacional, visto que já foi traduzido para várias línguas em diversos países, inclusive em outros continentes. O grande número de leitores reflete o sucesso da obra nas diferentes mídias e canais de comunicação e veiculação de informação, dentre os quais está a *Skoob*, rede da qual extraímos nosso material de estudos a partir da realização da leitura de *Torto arado* e respectivas considerações acerca desse romance.

Ao considerarmos as 3.119 resenhas sobre *Torto arado* disponíveis na *Skoob* até 31 de março de 2022, observamos que se trata de um número bastante elevado para analisarmos individualmente, dado que a média de palavras por resenha é de aproximadamente 115. Por essa razão, optamos por incorporar, na metodologia de análise, a nuvem de palavras, que se mostra adequada e oportuna para que possamos partir da análise por palavra, dando ênfase, sobretudo, para aquelas que mais aparecem nos comentários e indicam percepções relevantes do público receptor de *Torto arado* que se manifestou na rede social *Skoob*. Cabe salientar que a nuvem de palavras é formada por substantivos, adjetivos, verbos, numerais e advérbios, isto é, as classes gramaticais que julgamos imprescindíveis para o estudo.

Portanto, a nuvem de palavras gerada pelo programa *WordArt* evidencia os vocábulos mais usados pelos internautas da *Skoob*. Ademais, é possível identificar a quantidade de vezes que cada palavra aparece por meio de uma planilha gerada no mesmo programa, a qual salvamos em Excel para nossas análises e pesquisas. Sendo assim, as nossas análises se fundamentam nas palavras e resenhas dos internautas da *Skoob* que são, em outras palavras, os *feedbacks* dos mais de 3.000 receptores do romance *Torto arado* dentro do período considerado para a coleta de dados.

Ao usarmos o termo *feedback*, apoiamo-nos no conceito de Iser (1996, p. 128): “o que de antemão assegura o êxito do discurso cotidiano, aqui deve ser produzido. É o *feedback*, portanto, o responsável por situar o leitor em relação ao texto; esse trabalho do *feedback* coincide com a compreensão do texto”. Em vista disso, as milhares de resenhas dos internautas da *Skoob* com relação ao romance *Torto arado* revelam as manifestações individuais e coletivas dos sujeitos receptores desse texto literário. Conforme o que já vimos em Jauss (1994), trata-se da subjetividade da interpretação segundo os gostos de cada leitor,

5.1 Escrita, leitura e canais de comunicação: voz do leitor sobre si e sobre o outro – o autor, o texto e a veiculação de informações

Conforme verificamos na nuvem de palavras gerada, algumas palavras são mencionadas com frequência e em abundância, sendo o número de vezes que aparecem na soma das 3.119 resenhas na *Skoob* indicado entre parênteses no final da palavra: palavras ligadas ao ato de ler, como *livro* (4.985), *leitura* (1.639), *obra* (775); assim como advérbios, a exemplo de *muito* (2.573), *todo* (953) e *ainda* (969); bem como verbos de ligação, como *ser* (1018), *são* (921) e *ter* (490); e, obviamente, as palavras do título da obra, *torto* (1.627) e *arado* (1.663).

Ao percebermos que muitos dos leitores de *Torto arado* que se manifestaram na rede social *Skoob* dentro do período de delimitação de tempo para nossa coleta de dados direcionavam suas resenhas, ou parte delas, para o contexto não só da obra, mas também do autor e dos próprios receptores, passamos a considerar como um dos principais pontos de análise a questão do autor, do romance *Torto arado*, do leitor e de seu posicionamento mediante o caráter de receptor de texto, veiculador de informações.

Portanto, constatamos, individualmente, o número de vezes que cada uma das palavras a seguir apareceu no coletivo das 3.119 resenhas dos internautas da *Skoob* registradas até março de 2022: *leitor(es)* apareceu 299 vezes; *escritor*, 104; *autor*, 754; *Itamar*, 802; e *Itamar Vieira*, 434. A questão da interação entre autor, texto e leitor, sob a ótica do leitor, receptor do texto, é um dos enfoques de centenas de leitores que se manifestaram na *Skoob*, como é o caso do autor da resenha representada na Figura 3.

Figura 3 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Do que é feito o Brasil
 Todos falaram desse romance com tantas palavras, tantos elogios e tantos incentivos, que eu decidi ler.

Terminei agora e ainda estou completamente surpresa, impactada e sem palavras com tudo que vivi ao embarcar nessa leitura.

O livro é escrito de maneira fluida, poética, empolgante e realista. Ele nos leva ao passado e nos mostra o presente do Brasil. O quanto os acontecimentos do passado ainda se repetem e o quanto os acontecimentos do presente podem se repetir no futuro se não mudarmos o agora.

Bibiana, Belonísia e o povo de Água Negra são uma força pulsante de coragem e dor em meio a um Brasil escravista. Saber que a dor e a luta delas se repete hoje é um verdadeiro assombro e um aviso.... precisamos todos mudar o Brasil e tudo começa com a mudança interna. O entendimento da situação de escravidão que vivemos no presente, escravidão disfarçada de liberdade.

O livro é maravilhoso. Uma verdadeira lição sobre o passado e presente.

Fonte: *Skoob* (2022).

Conforme podemos observar, já de início o autor da resenha revela que realizou a leitura de *Torto arado* em razão da receptividade e divulgação feita por pessoas que já haviam lido o romance e que teceram palavras, incentivos e elogios a respeito dele. Esse fenômeno de um indivíduo ser influenciado e motivado por demais sujeitos nos remete àquilo que Vattimo (2010) afirma estar associado à colaboração social, como vimos no primeiro capítulo teórico. Ou seja, a partir do momento que há interação e influência de um ou mais leitores, há uma colaboração social, convidando demais sujeitos a fazerem parte daquela experiência, de vivenciarem algo que para ele foi prazeroso, coincidindo com a teoria do prazer estético teorizada por Jauss (1979), da qual também já nos valem nos estudos teóricos de nossa pesquisa.

Essa perspectiva de colaboração social e de prazer estético proporcionado por aquilo escrito e compartilhado por outro sujeito é acentuada no segundo parágrafo da resenha representada na Figura 3, uma vez que o resenhista e internauta da *Skoob* ressalta a surpresa e o impacto do romance *Torto arado* para ele, confirmando os anúncios e os manifestos dos sujeitos que, de certa forma, motivaram-no a realizar a leitura dessa obra. O encantamento do leitor ainda é manifestado no terceiro parágrafo de sua resenha, em que fica nítido seu fascínio pelo romance, sobretudo pelo emprego dos adjetivos *fluída, poética, empolgante e realista*.

Na sequência de sua resenha, o internauta da *Skoob* direciona-se à realidade do presente e do passado do Brasil que o romance *Torto arado* constrói, enfatizando os impactos do passado nos acontecimentos do presente e alertando que, no futuro, ainda podem ocorrer eventos semelhantes, envolvendo a escravidão. Isso é sugerido ao analisarmos o próximo parágrafo da resenha, no qual o internauta da *Skoob* discorre sobre esse tema, associando-o às personagens de *Torto arado*. Paralelamente às considerações sobre o romance, o internauta da *Skoob* afirma que, no presente, vive-se uma escravidão que está disfarçada de liberdade.

Feita essa contextualização entre passado e presente no Brasil, inserido no tema da escravidão, considerando os acontecimentos e as personagens do romance de Itamar Vieira Junior, o internauta da *Skoob* volta novamente, no último parágrafo de sua resenha, a manifestar que o texto literário que leu é maravilhoso, presumindo, aqui, que o adjetivo é atribuído pelo internauta da *Skoob* sobretudo pela relação entre o passado e o presente resgatada pelo autor, conforme identificamos pelo destaque que ele atribui a essa questão em sua resenha.

De maneira semelhante, outros leitores de *Torto arado* manifestaram-se na rede social *Skoob*, destacando os impactos do romance e associando-o à realidade histórica e cultural do

Brasil explorada pelo autor do romance. Por exemplo, já no título da resenha disposta na Figura 4, percebemos, pela atribuição do adjetivo incrível, que esse internauta da *Skoob* também teve boas impressões acerca do texto lido, despertando a curiosidade dos leitores da resenha sobre o porquê de ele ter tido essas percepções a respeito do romance de Itamar Vieira Junior.

Figura 4 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

É simplesmente incrível

Quando comecei a ler *Torto Arado* eu disse para minha amiga no nosso grupo de leitura conjunta: "esse livro tem um sério potencial pra desgraçar a minha cabeça". Dito e feito, me encontro seriamente abalada emocional, espiritual e fisicamente até. É um livro muito fluido, com capítulos curtos e muito tensos. Cada parágrafo é um tapa na sua cara. Eu demorei muito pra ler, parte por que achei muito pesado (tem coisas que precisam de tempo para serem absorvidas) e parte por que não queria que acabasse nunca. Bibiana e Belonísia são as criaturas mais fortes que eu já vi e moram no meu coração agora. A história se passa em uma fazenda (Água Negra) e conta a história de Bibiana e Belonísia, filhas do curandeiro Zeca Chapéu Grande. Elas estavam brincando com uma faca quando uma delas acaba decepando a própria língua, e a partir daí uma vai ter que falar pela outra. É basicamente isso, mas o livro vai se aprofundando na cultura daquele povo, na religião, no dia a dia. Não vou me permitir falar muito, por que soltar um spoiler aqui sem perceber é a coisa mais fácil que tem. Enfim, entrou pra lista de livros mais importantes da minha vida. Não é uma leitura exatamente divertida, mas prende demais e é, antes de uma leitura foda, uma leitura no mínimo primordial e extremamente essencial, que deveria ser obrigatória nas escolas ou no vestibular. Enfim, leiam.

Fonte: *Skoob* (2022).

Ao analisarmos a posição do internauta da *Skoob* manifestada na resenha, percebemos claramente que o adjetivo incrível foi atribuído a *Torto arado* por vários aspectos, inclusive pela relação do aprofundamento de determinada cultura e religião do povo, e pela força das personagens principais, Bibiana e Belonísia. Ao romance também é atribuído o adjetivo *pesado*, mas pelo fato de aprofundar questões e temas fortes e/ou tensos, que mexem com o emocional, o espiritual e, também, com o físico, conforme o internauta reitera, confirmando o estado de comoção do leitor mediante o texto lido, uma vez que se permitiu viver a verdadeira experiência estética, consoante verificamos em Martín-Barbero (1997).

Sobre o ato de leitura de *Torto arado*, o internauta da *Skoob* manifesta que se trata de uma leitura que prende o leitor, mas não de uma leitura divertida, devido ao tema. Entretanto, para ele foi uma leitura primordial e essencial, recomendando, ainda, que o livro seja trabalhado nas escolas e nos vestibulares. Essa recomendação parte, conforme podemos ver, principalmente pelo fato de o livro ser impactante e ter personagens fortes, que é uma característica demarcada e aprofundada no comentário de outros internautas da *Skoob*, por exemplo, do autor da resenha representada na Figura 5.

Figura 5 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Belonísia <3
 No livro de Itamar Vieira Junior, vencedor do prêmio Leya de 2018, acompanhamos a trajetória de vida de duas irmãs: Bibiana e Belonísia, nascidas e criadas em uma fazenda na Chapada Diamantina, no meio rural da Bahia. O tipo de narrativa apresentada, que se desenrola ao longo de vários anos e gerações, é um dos meus preferidos e a escrita do autor é fluida e envolvente, me lembrou bastante o estilo de Gabriel García Márquez com um ritmo leve e profundo. Já que me referi a Gabo, conhecido por sua obra classificada como realismo fantástico, faço uma observação: durante a busca de *Torto Arado* na Amazon ele me foi mostrado como número um em vendas de livros de realismo fantástico, "oi?"; O retrato de crenças religiosas de um povo, que vive uma verdade tão palpável, não pode ser considerado, em minha opinião, como algo que não faça parte do real. Ah! Gostaria de citar também um artigo que me ajudou muito no desvelamento dessa religião existente apenas nessa região baiana: "O Jarê - Religião e terapia no candomblé de caboclo", de Paulo César Alves e Miriam Cristina Rabelo da Universidade Federal da Bahia. Bom, após esse desabafo, sigamos.
 Fui fisgada logo nos capítulos iniciais e vivi momentos sublimes durante toda a leitura. Me peguei por vários momentos prendendo a respiração ou ofegante, apertando o livro entre as mãos e ansiosa pelo que me trariam as próximas palavras do texto. Itamar Vieira consegue criar uma costura complexa que vai sendo trabalhada a cada capítulo, caseando aqui e ali e se fechando numa trama perfeita.
 A leitura reavivou em mim memórias de minha infância, de brincadeiras no terreiro de casa, de observar e tentar compreender o mundo dos adultos ainda tão enigmáticos, de reconhecer elementos de uma infância simples e humilde. Ela reavivou também momentos de curiosidade, medo e respeito perante uma religiosidade sagrada, misteriosa e, por vezes, assustadora a uma criança. Religiosidade entranhada de sobrenatural que o autor consegue entregar de forma tão bonita e natural em meio à vida dessas pessoas que se amparam na fé para suportar uma vida de muito trabalho, abuso, sujeição e exploração frente à ganância e à desumanização de grandes latifundiários e proprietários de terras. Pude sentir as marcas da vida de um povo que vai sobrevivendo como pode, se contentando com o mínimo e se sentindo grato por cada migalha, e que se não o faz, é descartado. Povo esse que desconhece suas origens e que se aproxima e cria uma cumplicidade e intimidade para se apoiar e persistir. Senti a cada linha toda a força dessas mulheres nessa vida dura de labuta e sofrimento, rodeadas por homens embrutecidos. E por fim, me apaixonei por Belonísia, mulher destemida e independente que tomou sua vida nas mãos e nunca aceitou se tornar vítima. Itamar fez um belo trabalho nos permitindo observar, e mesmo vivenciar, a beleza e a dor do campo brasileiro.

Fonte: Skoob (2022).

Além da ênfase sobre as personagens fortes destacada pelo internauta da *Skoob* em sua resenha, conforme salientamos anteriormente, outro aspecto demarcado por esse receptor de *Torto arado* é o de que a obra o remeteu a seu passado, o que é natural ocorrer para o leitor. Afinal, já vimos em Schmidt (2008) que a memória opera a identidade e, portanto, o aspecto identitário desse internauta, construído ao longo de suas vivências e experiências, foi somado à leitura do romance, fazendo com que sua memória o remetesse a seu passado devido às identificações de sua infância e os acontecimentos narrados no romance de Itamar Vieira Junior.

Sem aprofundarmos outros aspectos ressaltados pelo internauta da *Skoob* que escreveu a resenha apresentada na Figura 5, por exemplo a intertextualidade, que serão analisados em subcapítulos posteriores, detemo-nos aqui às impressões do leitor ao ler e se manifestar a respeito de *Torto arado*. Quanto a isso, o internauta manifesta em sua resenha os impactos da escrita de Itamar Vieira Junior, que lhe despertou diversas sensações e sentimentos, ao mesmo tempo em que admirou o estilo de escrita do autor, essencialmente pela forma como ele foi costurando a trama. Esses aspectos – o estilo de escrita do autor e, simultaneamente, a associação do romance com sua vida – nos remetem à ideia de que o leitor produz

significados e comportamentos com base naquilo que leu, confirmando o que Gadamer (2014) assevera sobre o sentido do texto ir além do proposto pelo autor.

A resenha do internauta da *Skoob*, disposta na Figura 5, revela ainda os impactos que o romance teve sobre ele, especialmente no que diz respeito aos aspectos daquele grupo social explorados pelo autor, o que o sensibilizou e o fez sentir a força do povo. Isso se intensifica pelo fato de ele saber que tais vivências condizem com a realidade de muitas pessoas, como aquelas que vivem no interior baiano. Nesse sentido, muitos dos internautas da *Skoob*, no título ou ao longo de suas resenhas, abordam a frase de torto arado: “sobre a terra há de viver sempre o mais forte”, como é o caso do internauta cuja resenha está representada na Figura 6.

Figura 6 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

?Sobre a terra há de viver sempre o mais forte?
 Torto arado é uma história impactante de duas irmãs, seus familiares, amigos e pessoas que vivem em seus entornos, que vivem em uma fazenda. O enredo se desenrola após as meninas manejarem uma faca que sua avó escondia, onde uma delas perde a língua, após isso a vida de toda a família muda. Conhecemos a fundo os personagens, suas lutas e dores, a dificuldade de viver em uma terra seca, sendo submetidos a humilhações por sua cor, por parte das pessoas que moram na cidade e de seus benfeitores. Além de não terem liberdade nas terras que moram, ainda são humilhados, é uma situação dolorosa é muito triste.
 Meu único problema com o livro foi a escrita, não acredito que esse tipo seja para mim, tanto que demorei meses pra conseguir retornar ao fio e focar de vez na história. A última parte, Rio de sangue, foi a mais chocante e dolorosa para mim, então eu consegui me concentrar bem. Indico **DEMAIS** essa leitura!!!

Fonte: *Skoob* (2022).

De acordo com o que é possível averiguar, o internauta em questão usa seu primeiro parágrafo para descrever o enredo de *Torto arado*, enfatizando sobre as personagens e o conflito do corte da língua de uma delas. Entretanto, no segundo parágrafo, direciona sua resenha para o fato de ele não ter gostado do estilo de escrita do livro porque não se identificou com ele, destacando, contudo, que a última parte do livro foi a mais impactante para ele, o que fez com que ele conseguisse se concentrar na leitura.

Diante disso, os adjetivos *chocante* e *dolorosa* parecem, a nosso ver, relacionados aos temas fortes e impactantes explorados ao longo do enredo do romance de Itamar Vieira Junior, uma vez que, na sequência de sua resenha, ele conclui que indica a leitura, evidenciando a palavra *demais* em letras maiúsculas para dar ênfase a isso. Cabe frisar que os destaques e as recomendações de internautas da *Skoob* a *demais* (possíveis) leitores e receptores de *Torto arado* confirmam o que Eco (2011) diz ser a comunicação entre emissor e destinatário, em que um diz para o outro que vale a pena realizar a leitura, coincidindo, ainda, com a postura emocional teorizada por Jauss (1994) e à reação individual de cada receptor do texto, conforme salienta Zilberman (1989). Esses preceitos são confirmados nas *demais* resenhas, como na que está representada na Figura 7.

Figura 7 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Não gostei muito, mas o autor não teve culpa

Confesso que iniciei a leitura com um pé atrás depois de escutar uma entrevista em que o autor recomendava Socorro Accioli, escritora paulista que escreve sobre o sertão, ao ser questionado sobre autores baianos contemporâneos (ainda que fazendo o parêntese), e depois de perceber que era um baiano que utiliza o artigo antes de nomes próprios, o que considero um vício de fala "quero ser sudeste", quando praticado por um baiano. Todavia, são incômodos meus que não vem ao caso quando se trata da sua obra. Até porque este vício não ocorreu na obra.

Enfim, iniciei a leitura com entusiasmo, impactado com a primeira cena e com os fatos que se sucederam nos primeiros capítulo. No entanto, a partir de uns 30% da leitura (li no Kindle), comecei a achar a leitura maçante. Em primeiro lugar, por retornar a todo instante à perda da fala da personagem. Em segundo, pela mesma questão que me fez não gostar do também adorado "cem anos de solidão": os personagens se apresentam através da voz do narrador, quase não se manifestam em diálogos - o que, como leitor, me deixa distante, a julgar que não confio nos narradores e consigo enxergar o personagem somente através de suas falas, salvo exceções.

Além disso, não posso deixar de ressaltar que há, também, o fato de ser baiano e ter crescido escutando histórias do sertão até cansar. Por isso, fora o sofrimento ocasionado pela história da faca e do corte, para não dar spoilers, me pareceu uma história sem novidades. Imagino que para as pessoas do sul e sudeste deve soar diferente. O que não tira o cuidado e mérito que Itamar teve em seu mergulho para a construção da obra.

Fonte: Skoob (2022).

Já em seu título, conforme podemos constatar, esse internauta da *Skoob* afirma não ter gostado muito do romance, mas não atribui ao autor essa reação. No primeiro parágrafo, menciona uma entrevista da qual o autor Itamar Vieira Junior participou e não se torna relevante para nossos estudos aprofundar-nos nesse fragmento. Todavia, despertou nossa atenção o fato de o internauta da *Skoob* revelar que a leitura do romance se tornou maçante para ele, e que realizou a leitura no Kindle, sendo este um articulador de práticas de comunicação, amparando-nos em Martín-Barbero (1997) acerca das teorias sobre as mediações do texto.

Assim como qualquer outro meio de veiculação de informações, o Kindle é uma ferramenta que facilita a mediação da leitura, mas pode ter influenciado o leitor em termos de cansaço ou falta de concentração na leitura, dependendo do contexto e do envolvimento do receptor com o texto, de acordo com o que Jauss (1994) caracteriza como as camadas de leitores e o envolvimento do leitor com o texto.

Ao longo de sua resenha, o internauta da *Skoob* desvenda porque não gostou do texto, atribuindo sua reação ao fato de a narrativa ficar retomando sobre a perda da língua e, conseqüentemente, da fala (o que é descrito por outros receptores de *Torto arado* como uma estratégia positiva do autor a fim de manter o leitor curioso sobre o que acontecerá com as personagens com relação a esse episódio). Outro aspecto que não favoreceu sua leitura,

conforme enfocou, é a ausência de diálogos, assim como a questão de o texto não oferecer muitas novidades a ele, por ter nascido no interior nordestino brasileiro. No entanto, provavelmente os leitores de outras regiões, como o Sul e o Sudeste, teriam outras impressões devido às novidades que o texto proporciona a eles.

As afirmações do internauta da *Skoob* nos conduzem à teoria de Schmidt (2008) sobre a presença/pertença do sujeito à determinada cultura, remetendo-nos também ao teórico Sodré (2023), quando este cogita existirem múltiplas identidades em virtude da heterogeneidade sociocultural. Da mesma maneira, argumentos como os desse internauta da *Skoob*, ao afirmar suas impressões particulares sobre o texto pela abordagem e estilística de escrita, evidenciam as diferenças de unidade e identidade e os dispositivos discursivos associados ao texto e ao leitor, de acordo com nossos amparos na teoria de Hall (2006). Nesse sentido, convocamos também para uma análise mais individualizada, dentro das 3.119 resenhas, a representada na Figura 8.

Figura 8 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Não gostei (mas gostei)?

Torto arado não é um livro ruim, muito pelo contrário. Mas é um livro que não funcionou pra mim.

A escrita do autor é simples, mas também é bastante poética, e eu não gosto desse tipo de escrita. Itamar conta a história de Bibiana e Belonísia de um jeito que deixa muito para a interpretação do leitor, e eu realmente tenho muita dificuldade em gostar desse tipo de escrita.

As duas primeiras partes são narradas pelas duas irmãs, e nessa troca de voz você fica um pouco confusa para entender quem realmente está contando aquela parte. Mas nada supera as outras duas partes, que são extremamente difíceis (na minha opinião) de identificar a voz que narra.

Mas agora preciso falar da beleza e da grandiosidade da leitura em si. Mesmo eu não tendo gostado do livro, pude aprender com ele. A história é real demais, seca demais, trágica demais, porém completamente humana.

Entender uma parte da história do nosso país que não está nos livros de história da escola foi uma experiência enriquecedora. Fico pensando, quantas Bibianas e Belonísias, Marias Caboclas e Tobias, Donanas e tantas outras que devem existir por esse Brasil.

Torto Arado não funcionou pra mim, a escrita de Itamar Vieira Junior não me cativou. Mas mesmo assim o livro é um experiência fantástica. E por incrível que pareça, não por ser uma ficção, mas sim por parecer tanto com a realidade.

Fonte: *Skoob* (2022).

O título da resenha parece ser contraditório, e razão para isso é explicitada ao longo do texto, que nos reporta ao conceito de desidentificação postulado por Vattimo (2010), ao realizar suas considerações sobre o jogo da bela arte e nos convidar a refletir sobre quem pode ser o leitor desse texto. O título paradoxal é esclarecido no primeiro parágrafo escrito pelo

internauta da *Skoob*, quando ele reconhece que *Torto arado* é um bom livro, mas não para ele, reforçando, no parágrafo seguinte, que o estilo de escrita, bastante poético, não lhe agrada.

Embora haja essas ressalvas, o internauta da *Skoob* reconhece que *Torto arado* possui beleza e grandiosidade, e que aprendeu com o livro, o que nos remete àquilo que Zilberman (1989) enfatiza ser a provocação do efeito do texto em seu destinatário, fazendo com que ele possa ser recebido e interpretado de maneiras diferentes. Logo, a interpretação de um texto fica a cargo do leitor, e, nesse caso, a interpretação de *Torto arado* é difícil para o internauta. Ele reconhece, porém, que a história é fantástica e parece muito com a realidade de muitos brasileiros, contribuindo, portanto, para os processos de identificação e construção de identidade, confirmando os estudos de Hall (2006) acerca das culturas nacionais e da produção de sentido sobre a nação, o que também identificamos na resenha representada na Figura 9.

Figura 9 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

TORTO ARADO: o potencial e a maravilha de uma obra nacional!
 Beleza, riqueza cultural e personagens humanos. Um retrato do Brasil em sua cultura, sua sociedade e seus preconceitos. Conclusão: o livro é maravilhoso. Um retrato incrível a respeito da cultura afro-brasileira e da realidade dos pretos em nosso país.
 A construção dos personagens é extraordinária, e eu me apaguei muito a Belonísia. A escrita é poética e linda e simples. Apesar de termos um romance com pouquíssimos diálogos e com parágrafos grandes, o que na maioria das vezes torna a leitura mais lenta e mais extensa, os capítulos em si são curtos, tendo de 4 a 5 páginas, o que torna a leitura rápida.
 Devo dizer que minha nota é mais baseada na qualidade do livro do que necessariamente na minha experiência em lê-lo. Sim, foi uma leitura ótima e importante, mas eu não me apaguei tanto assim. Ela é necessária e rica culturalmente, com uma escrita cheia de passagens bonitas, mas isso não fez com que eu amasse com todo o meu coração.
 O livro é consideravelmente parado. São assuntos e temas cotidianos sobre a vida desses personagens, e não sobre acontecimentos grandes. Todas as relações e ações desenvolvidas são ligadas estritamente aos personagens, suas respectivas personalidades e seus desenvolvimentos pessoais. É um livro íntimo e ao mesmo tempo social.
 Quando o pegava para ler, conseguia ler várias páginas e capítulos seguidos, mas mais porque a leitura era fácil e fluída, com uma escrita muito acessível do que por uma curiosidade aguçada sobre o que ia acontecer.
 Reconheço a importância dessa obra, principalmente em relação ao seu potencial de mostrar do que a literatura nacional é feita; do que ela é capaz. Tudo isso mostrando verdadeiramente o que é o Brasil.

Fonte: *Skoob* (2022).

Além do conceito de nação representado no romance e identificado pelo leitor, há o reconhecimento desse internauta da *Skoob* sobre a riqueza de *Torto arado* em vários aspectos, como na retratação da cultura afro-brasileira e na construção das personagens, revelando sua identificação e apego à personagem Belonísia. O internauta da *Skoob* também pontua sobre a riqueza cultural do romance, classificando-o como um livro social.

Quanto à leitura, o internauta afirma ser fácil e fluída, mas, particularmente, não lhe despertou uma curiosidade aguçada, embora isso não o faça desmerecer a obra. Pelo

contrário, ele reconhece que é um texto em potencial e de considerável importância, pois revela o que é o Brasil. Portanto, há uma representação da realidade de muitos brasileiros, acentuada pela socialização e pela representação de um indivíduo por outro, estimulando a participação do indivíduo na experiência vivida, corroborando tais preceitos na teoria de Sodré (2023), o que também se confirma na resenha exposta na Figura 10.

Figura 10 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Conhecer nosso passado, para mudar nosso futuro
 Foi através de uma resenha incrível que eu li aqui no Skoob que eu quis ler esse livro, que de início me chamou atenção a capa.

Depois de ler a resenha, eu quis ler porque o assunto que o escritor se propunha a escrever era interessante a mim, que queria saber mais do meu povo e da minha história. Essa que se perdeu entre as idas e vindas da minha família que se perdeu de bando em troca de trabalho em cidade grande.

Então diferente do que aquele moço de fala bonita escreveu em sua resenha, eu falarei sobre como me senti lendo:
 - Senti em meu coração fortemente um vibrar da coragem das personagens grandiosas desse romance, me senti orgulhosa por ver em suas histórias, aquilo que pode ser também história minha, perdida que nunca saberei. Mas, quando se fala desse povo descendente de escravizados que até hoje sofre por tudo que lhe foi tirado, eu tenho compreendido mais e por isso o livro, me fez estar lá em Águas Negras, vivendo cada choro, cada nascimento, as curas, as lutas, as desavenças, os questionamentos, seus medos, seus amores, suas crenças, alegrias, suas vidas, suas mortes.

De alguma maneira eu pude perceber que falta tanto a ser feito para que esse povo todo meu, possa conseguir compensar o atraso, compensar tudo que não lhe foi dado e que hoje em nossos dias mostra o quanto que se vê em faculdades uma minoria de pretos, uma minoria em cargos grandes, uma minoria sendo médicos, advogados, psicólogos...
 E quanto de negros sendo gari, atendente de padaria, ajudante geral, pedreiros, e com isso para além da função, mas trabalhos que exigem tanto e se paga tão pouco.

Ainda hoje a maioria dos que moram na favela são negros, a maioria dos que morram na rua, são negros, a morte e o abuso do corpo negro ainda é normalizado nos índices e há muito de solidão na mulher negra...

Mas retornando ao livro, ele trás a gente pra perto de um tempo não muito distante, e fala de um povo sofrido, de uma gente batalhadora, que muito sofreu para sobreviver diante de um Brasil que muito explorou e até hoje explora...

Recomendo muito, a todos.
 Vale cada prêmio recebido, e sua leitura é maravilhoso de adentrar ?

Salve!

Fonte: Skoob (2022).

Ao analisarmos a resenha representada pela Figura 10, notabilizamos que o internauta da *Skoob* explana sobre as dificuldades dos negros e demais minorias do povo brasileiro, sendo essas reflexões motivadas a partir da leitura do romance *Torto arado*. Diante dessa gama de diferentes profissões e condições do povo brasileiro, tanto no âmbito social quanto profissional, o que é reverberado pelo internauta da *Skoob* em sua resenha, ratificamos a

veracidade da teoria de Woodward (2013), quando ela afirma que a identidade é marcada pela diferença, uma vez que tais aspectos levantados na resenha remetem à identidade do povo brasileiro.

Além do mais, voltamos nossa atenção para o fato de o internauta da *Skoob* iniciar sua resenha mencionando que se sentiu estimulado a realizar a leitura por uma motivação encontrada em uma resenha da própria rede *Skoob*. Isso confirma sobre a autenticidade de a *Skoob* ser um canal de veiculação e comunicação atual, ao encontro da modernização, sobretudo por ser virtual e, também, ser espaço estratégico de comunicação e constituinte de uma pluralidade de matrizes culturais, consoante as teorias de Martín-Barbero (1997) sobre os textos e os canais de mediação e articulação de práticas de comunicação, das quais a *Skoob* é integrante.

A mediação facilitada pela *Skoob* e as afirmações do internauta em sua resenha potencializam a motivação para a criação do título da resenha, que alerta sobre a necessidade de conhecer o passado a fim de que seja possível mudar o futuro. Nessa perspectiva, temos, por meio dessa resenha, o que Schmidt (2008) ratifica ser uma memória que deixa de ser retrospectiva, olhando ao passado, e passa a se direcionar ao futuro, como um alerta, tornando-se uma memória prospectiva.

Sendo assim, confirmamos a importância de considerarmos as resenhas da *Skoob* para compreendermos melhor o processo da recepção do romance *Torto arado*, em que os leitores manifestam suas percepções e, conforme percebemos, muitos deles direcionam suas resenhas para os processos de escrita, leitura e os canais de comunicação, sobretudo o próprio texto literário. Da mesma maneira, muitos dos internautas da *Skoob* registram em suas resenhas as suas impressões e emoções a partir da leitura de *Torto arado* e, devido à relevância dada por eles, motivamo-nos a aprofundarmos nossas análises considerando tais aspectos no tópico a seguir.

5.2 Manifestações dos leitores sobre suas próprias impressões e emoções

Ao percebermos a relevância atribuída pelos internautas da *Skoob* às suas próprias impressões, emoções e sentimentos despertados a partir da leitura de *Torto arado*, buscamos palavras que remetessem a esse universo, com o objetivo de considerar a quantidade de vezes em que cada uma aparece, a fim de comprovarmos tal constatação e hipótese. Nessas circunstâncias, evidenciamos que, nas 3.119 resenhas encontradas e consideradas até 31 de

março de 2022, a palavra *sentimento(s)* apareceu 208 vezes; *emoção*, 28; *emoções*, 58; *soco no estômago*, 17; *chorei*, 22; e *emocionei*, 34.

De acordo com nosso levantamento, palavras que expressam emoção e sentimentos fortes apareceram consideravelmente nas resenhas, a exemplo dos verbos empregados na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, como os verbos *chorei* e *emocionei*: “Eu chorei, me emocionei, ri, fiquei feliz, nervosa, apreensiva... É realmente uma obra riquíssima e que não tem como continuar o mesmo ao terminar de lê-la. Vou levá-la para sempre no meu coração e entrou na lista dos meus livros favoritos” (Skoob, 2022, s.p.).

Também a expressão *soco no estômago* foi utilizada por diferentes internautas, uma vez que significa, metaforicamente, ter causado forte impacto emocional ao leitor, conforme o internauta da *Skoob* que registrou a seguinte afirmação em sua resenha ao utilizar a referida expressão: “Torto arado é um soco no estômago, é um livro maravilhoso, mas te provoca asco, revolta e te faz refletir sobre as injustiças do passado ainda tão presentes na atualidade” (Skoob, 2022, s.p.). De forma similar, são registradas em outras resenhas várias palavras e frases que comprovam os sentimentos e as emoções vivenciadas pelos leitores de *Torto arado*, como na resenha representada na Figura 11.

Figura 11 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Um futuro clássico brasileiro

Que livro lindo! ?Torto Arado? é tocante, verdadeiro e cheio de sentimentos e emoções que transpassam as páginas. Mergulhei de cabeça nessa história sem nem ler a sinopse e já fui surpreendida pelos acontecimentos iniciais. A escrita de Itamar é totalmente fluida, e encanta com seu jeito meio poético e conquistador, que apesar do excesso de descrições, não é uma leitura maçante, mas sim uma escrita que instiga o leitor e faz com que ele se prenda na história. As personagens são muito bem escritas, principalmente Belonísia, minha favorita. A parte narrada por ela é delicada e brutal, e reflete muito bem a força de uma mulher que não se abate diante das adversidades. Acredito que essa seja uma retratação totalmente verdadeira, que permite com que o leitor se lembre da grande diversidade do Brasil e suas milhares realidades existentes, a partir do uso de palavras e traços culturais de uma região específica da Bahia. Recomendo!

Fonte: Skoob (2022).

Desde o início de sua resenha, o internauta afirma seu encantamento pelo romance *Torto arado*, pois no título ele já o classifica como um futuro clássico brasileiro, o que, aliás, será outro tópico de análise em virtude da gama de internautas da *Skoob* que fazem essa asseveração. No início da resenha, os adjetivos atribuídos ao romance de Itamar Vieira Junior são lindo, tocante e verdadeiro, informando, na sequência, que ele é cheio de sentimentos e emoções.

Dado o exposto, o leitor se emociona e mergulha de cabeça nessa história, ele se surpreende desde o início e, assim, consegue vivenciar a obra de arte, viver a experiência da

leitura. Nesse contexto, embasados na teoria de Zilberman (1989), ratificamos que ele consegue apreciar a qualidade artística da obra. As manifestações dos internautas da *Skoob* referentes ao texto e ao autor, como no caso desse internauta que registra em sua resenha a escrita fluída de Itamar Vieira Junior, confirmam aquilo já previsto por Candido (2006), de que o reconhecimento do escritor e a aceitação de seu texto dependem de seu público leitor.

Na sequência de sua resenha, o internauta da *Skoob* ressalta as personagens, destacando Belonísia como sua favorita, pois ela é uma das protagonistas, perde a língua e é a narradora da segunda parte, a qual é mencionada pelo internauta como a sua predileta. Essa análise nos conduz à teoria de Zilberman (1989), na qual nos respaldamos, de que a escolha do herói é planejada pelo autor e é definida pelas suas ações, visando à aceitação do leitor, o que, no caso de *Torto arado*, deu certo com boa parte de seu público receptor, a exemplo das manifestações encontradas na *Skoob*, como ocorre também na próxima resenha analisada, que está representada na Figura 12.

Figura 12 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

"Sobre a terra há de viver sempre o mais forte"

Demorei pra fazer a resenha deste livro por justamente ainda estar digerindo tudo que foi lido, mais não pude deixar de escrever o que senti durante a leitura. Ambientado no interior do sertão na Bahia em uma fazenda chamada água negra, somos apresentados logo de início duas irmãs Bibiana e Belonísia que, movidas pela curiosidade encontram uma faca na mala da avó, ocorre então um acidente e pra sempre suas vidas estaram interligadas. A partir daí temos um cenário de extrema miséria.

O livro é muito bem escrito com aquele toque poético, tem mulheres fortes, foi uma leitura difícil mais necessária visto que, a realidade na qual esses personagens se encontram mostra só como consequência o que o governo não quis resolver depois da abolição. As injustiças e desigualdades aqui presentes também são nítidas fazendo o leitor refletir muito durante, e depois da leitura.

Gostei que esse livro abriu meus olhos e me fez enxergar um Brasil invisível, quase esquecido da qual eu não conhecia até então, e devo acrescentar a conexão que esses personagens tem com a terra é extremamente bonita, principalmente uma personagem em específico.

Recomendo e recomendo, Leiam esse livro.!

Fonte: *Skoob* (2022).

Ao nos depararmos com essa resenha, notamos que *Torto arado* foi impactante para esse internauta da *Skoob*, o que é perceptível no início de sua manifestação, quando registra que demorou para conseguir escrever sobre o romance, mas sentia a necessidade de compartilhar suas percepções. Na sequência, o internauta descreve brevemente sobre o cenário, as personagens e o enredo de *Torto arado*, enfatizando as condições precárias e de miséria das protagonistas Bibiana, Belonísia e sua família.

No segundo e terceiro parágrafos, o internauta faz sobressair sobre a qualidade de escrita do livro e sobre como gostou do livro, que lhe fez enxergar um Brasil diferente do que

é costumeiramente mostrado. Isso confirma o que afirmamos na parte teórica, amparados em Hall (2006), sobre o fato de estarem emergindo identidades e culturas de diferentes posições. E Itamar Vieira Junior potencializa em seu romance *Torto arado* a cultura de um povo sofrido, que vive na injustiça e na desigualdade, conforme acentua o internauta da *Skoob* em sua resenha, despertando emoções como as do internauta cuja resenha é compartilhada na Figura 13.

Figura 13 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Sobre a Terra há de viver sempre o mais forte

Muitas pessoas falavam bem D+ desse livro e eu não fazia ideia de como seria uma experiência incrível folhear suas páginas e me aventurar por suas narrativas. Fui ler o livro sem saber nada sobre a história, então me surpreendi bastante pela sua profundidade e pelo jeito que o autor trabalha com temas necessários de serem discutidos na nossa atual sociedade brasileira.

O primeiro ponto que deve ser ressaltado é o protagonismo negro e feminino. Itamar consegue retratar a vida feminina brasileira com maestria, nos mostrando as dificuldades de ser uma mulher no sertão baiano e mostrando que mesmo diante delas, elas são capazes de tomar as rédeas da vida e decidir o seu futuro. As mulheres são representadas com uma gigantesca humanidade, parecendo até que seus personagens não saem do livro para a vida real, mas sim que vão do mundo para as páginas. Quanto ao protagonismo negro, vemos, ao longo do livro, a influência das culturas e tradições afro-brasileiras e o passado de um Brasil escravista, onde os negros não tinham direito sobre suas próprias vidas, e, que mesmo após a "abolição" eles não tinham autonomia, tendo que submeterem-se a situações análogas a escravidão, não tendo nem direito sobre a Terra onde construíam suas casas de barro. Suas tradições tem significativa importância para a história, tanto que a terceira parte do livro acaba sendo narrada por um ser místico (encantado, como é referido) que nos dá uma visão bem única sobre a história.

Outro ponto que deve ser ressaltado é a habilidade narrativa de Itamar Vieira Junior. Uma escrita tão simples e de fácil compreensão que acaba tendo em certos momentos um tom poético. Como um sulista, me localizar dentre os cenários do livro seriam difícil, visto que não era algo de meu convívio, entretanto a sua narração geográfica consegui cumprir com exímia qualidade esse papel, me fazendo ver os cenários como se eu mesmo estivesse lá espectando essa história.

A retratação da vida brasileira, mostrando não só o bom e belo, mas também o visceral e sujo é algo de enorme destaque no livro. Presenciamos a vida e a morte, a luta e a paz, a presença familiar e a solidão, o combate e a redenção. Vemos as correntes que ainda prendem o Brasil a seu passado e que não adianta correr para se tentar desprender; devemos voltar para onde a corrente está presa e trabalharmos para que enfim sejamos soltos

O livro consegue ainda trabalhar inúmeras situações, como o acesso a educação e o aprendizado no Brasil, a exploração e a superioridade que certas pessoas acham o direito de ter, a luta pela emancipação dos trabalhadores rurais e muito mais. O livro é um marco na literatura contemporânea brasileira e deve ser visitado por todos que o possam fazê-lo.

Apesar de muitos terem o direito a fala, poucos são aqueles que as usam para transformar a realidade num lugar melhor

Fonte: Skoob (2022).

De acordo com o que percebemos na resenha representada na Figura 13, o internauta da *Skoob* se surpreendeu e se emocionou com o romance *Torto arado*, mesmo que já tenha ouvido bastante sobre ele, como evidencia no início de seu registro. Tais surpresas ocorreram, segundo verificamos em sua resenha, pela exploração de temas da atual sociedade brasileira, bem como pelas personagens protagonistas serem femininas e negras, indo contra aquilo que Sodré (2023) teoriza ser a forma social autonomizada da estrutura escravista.

Após se aprofundar, em um longo parágrafo, nas protagonistas e nos temas associados a elas, o internauta da *Skoob* se detém, na sequência, à habilidade narrativa do autor de *Torto arado*, afirmando ser uma escrita simples, de fácil compreensão e com tom poético em alguns momentos. Assim, confirmamos que o público receptor, espectador do romance de Itamar Vieira Junior, aprecia e aprova o ser estético do texto lido, uma vez que, conforme já atestamos em Gadamer (2014), o estético depende de sua representação e, portanto, da aceitação por parte do público receptor.

No parágrafo seguinte de sua resenha, representada na Figura 13, o internauta da *Skoob* enfatiza sobre vários temas abordados em *Torto arado*, como o acesso à educação e o aprendizado no Brasil, assim como a desigualdade social, o que o leva a afirmar que esse livro é um marco na literatura contemporânea brasileira. Por fim, conclui que muitos não utilizam seu direito de fala, reportando-nos à nossa abordagem teórica consubstanciada em Amaral (2005) sobre os lugares de fala, que estão relacionados com as posições sociais do sujeito, o que faz com que muitos se sintam inibidos a se manifestar, conforme também pontuado pelo internauta da *Skoob*. Outrossim, outros internautas têm suas emoções e impressões sobre *Torto arado*, a exemplo do leitor que tem sua resenha representada na Figura 14.

Figura 14 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Um história triste, de luta e resistência. Esse livro poderia ter, facilmente, mais umas 200 páginas.
Gostei bastante, de uma forma geral. Mas em alguns momentos achei um pouco arrastado, em outros, como o fim, um pouco corrido e confuso.
Esperei um pouco mais da relação das irmãs e da vida de Bibiana longe da fazenda.
Todavia, a história em si é muito tocante. E, por fim, Donana me lembra um pouco minha avó, que eu tenho certeza que teria adorado ler esse livro e quem me contou muitas histórias da roça, do sertão nordestino.

Fonte: Skoob (2022).

Ao examinarmos a resenha, percebemos que o internauta da *Skoob* realça, inicialmente, que a história narrada em *Torto arado* é triste porque trata de luta e resistência. No entanto, esse contexto prende o receptor do texto ao ato de leitura, o que se confirma na próxima frase, quando o internauta afirma que o livro poderia ter mais páginas, o que coincide com a teoria da perspectiva e da perspectivização de Iser (1999a), pois o romance de Itamar Vieira Junior correspondeu às perspectivas do internauta da *Skoob*, que, aliás, gostaria que o livro fosse maior, demonstrando envolvimento e interesse pela história narrada.

No segundo parágrafo de sua resenha, o internauta da *Skoob* destaca que gostou de ler *Torto arado*, embora tenha tido impressões diferentes em alguns trechos do livro. A saber,

algumas de suas perspectivas não foram sanadas, por exemplo, a relação das irmãs, conforme ele pontua. Entretanto, esse processo de expectativas não correspondidas em alguns aspectos é normal e recorrente, haja vista que cada leitor possui suas perspectivas, mas o texto é somente um e não dá conta de corresponder e alcançar a todos os leitores. Logo, precisamos considerar que cada sujeito possui seus gostos e preferências que, por sinal, a exemplo da reiteração de Zilberman (1989), são mutáveis.

No último parágrafo de sua resenha, o internauta da *Skoob* revela que a história é tocante para ele, especialmente porque a personagem Donana lhe lembra sua avó, que, segundo ele, também teria gostado de ler *Torto arado*. Em vista disso, temos representações e construções de identidades que são simbólicas e sociais, o que ratificamos em Woodward (2013) e nas considerações de Hall (2006) sobre as memórias que conectam o presente com o passado. No caso de *Torto arado* e desse internauta da *Skoob*, o texto conectou o receptor ao seu passado, em vivências com sua avó. Impressões e sentimentos parecidos são experimentados pelo internauta da *Skoob* que tem sua resenha representada na Figura 15.

Figura 15 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Um encanto
 Não havia uma parte do livro que eu não finalizasse com um aperto no peito de saudades das irmãs.
 O livro inicia com o ponto de vista de Bibiana, por quem me afeiçoei rapidamente. Quando essa primeira parte acabou, senti saudades imediatamente, e praticamente comecei a segunda parte do livro já em negação, achando que não haveria ninguém que pudesse ocupar o lugar dela em mim, mas estava muito enganada.
 Com o ponto de vista da segunda irmã, Belonísia, percebi que também haveria espaço para ela, um espaço até bem maior.
 A terceira e última parte do livro, narrada por uma terceira personagem, foi o ponto chave para que as duas irmãs, seu pai, sua mãe, irmãos, filhos, sobrinhos, vizinhos... se tornassem parte de mim.
 Me envolvi muito na narrativa, que inclusive é o principal ponto que nos leva de cabeça a adentrar a história das duas, e representa maravilhosamente uma história tão brasileira e que infelizmente não aprendemos de forma adequada.
 Além da saudade de Bibiana e Belonísia, fica também a reflexão sobre uma parte do Brasil e da história do país que permanece recente, apesar do tempo passado.
 Saio desse livro com pensamentos e visões diferentes que tinha de quando o abri pela primeira vez.

Fonte: Skoob (2022).

Ao compreendermos que o leitor é um sujeito produtor e contemplador diante da arte e da literatura, motivados por Vattimo (2010) a tal percepção, confirmamos na resenha supracitada que o internauta da *Skoob* registra sua contemplação e produção imerso no sentimento de saudade, ao mesmo tempo em que caracteriza *Torto arado* como sendo um encanto. Na sequência, passa a escrever rapidamente sobre cada uma das três partes do romance, resgatando, no encerramento de sua resenha, o sentimento de saudade.

No último parágrafo, porém, o internauta da *Skoob* revela que o romance de Itamar Vieira Junior lhe proporcionou pensamentos e visões diferentes daqueles que teve na primeira vez em que entrou em contato com o livro. Essa alegação nos remete à teoria de Gadamer (2014), o qual, conforme já vimos em nossa explanação teórica, afirma que texto é sempre o mesmo, mas se apresenta de forma diferente ao leitor, o que condiz também com a teoria de Iser (1999a), quando declara que o leitor é sujeito ativo na atualização do texto e é capaz de realizar fenômeno da incorporação no processo de compreensão e reformulação do texto. Afinal, o texto desperta sensações, emoções e sentimentos diferentes no leitor devido ao momento e às características do sujeito leitor, gerando reações diferentes, como é o caso do receptor de *Torto arado* que compartilhou suas impressões na resenha representada na Figura 16.

Figura 16 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Com uma história densa e sofrida.
 Possuindo um sentimentalismo muito forte.
 O autor também utilizou dos pontos de vista dos personagens, alternando as narrativas, no decorrer do livro, deixando a leitura mais comovente, intrigante e misteriosa.
 A ênfase mais densa da história foi a citação do povo trabalhador, que viviam a permuta de morada, em troca de trabalho, um povo sofrido que em suas andanças trabalharam se safando várias vezes dos donos da fazenda e de toda a ganância que deles viam.
 Cheio de demonstração da riqueza cultural que o povo negro possui, de linguajar e ditados culturais, o livro tem muita retratação na questão cultural.
 A trajetória das irmãs é um tanto intrigante e vai fazendo o leitor se questionar ao que levou toda aquela situação.
 A parte misteriosa do livro é de certa forma em torno da religião que é citada, e de todas as andanças dos personagens.
 Um livro para sentir e refletir sobre a nossa liberdade, sobre a luta e a força do nosso povo, sobre a resistência, sobre a ganância e o dinheiro, sobre religião e a política.
 É uma aula de história com um toque peculiar de mistério.
 Alguns quesitos ficaram a desejar, como certos mistérios que ao ser revelados não foram tão surpreendentes quanto eu esperava, talvez eu estava esperando algo mais fantasioso e dramático, e algumas situações que foram repetidas inúmeras vezes tornando a leitura um pouco demorada e arrastada.
 A leitura foi interessante, trazendo conhecimentos de meu interesse.

Fonte: *Skoob* (2022).

Notamos que esse internauta da *Skoob* destaca inicialmente seus sentimentos e impressões particulares com relação ao romance *Torto arado*, ressaltando que possui um sentimentalismo muito forte, e que o livro é comovente, mas, ao mesmo tempo, intrigante e misterioso. Sendo assim, os *feedbacks* dos internautas da *Skoob* podem ser entendidos, consoante Ricoeur (1997), como a resposta do leitor ao autor e às estratégias por ele utilizadas, recebidas e atualizadas pelo receptor do texto.

Da mesma maneira, a atualização do texto e os retornos dos internautas da *Skoob*, por meio de suas resenhas que evidenciam os diversos aspectos destacados, são marcas de cooperação textual, termo que encontramos em Eco (2011). Essas cooperações textuais entre leitor e autor acontecem, por exemplo, nas manifestações dos receptores de *Torto arado* em suas resenhas encontradas na *Skoob*, onde evidenciam os aspectos de uma história densa, da riqueza cultural, da religiosidade, da trajetória das personagens, dentre outros aspectos, demarcando valores sociais e culturais incorporados pela história e pela narração, conforme verificamos nas reiterações de Schmidt (2008).

Ao tecer observações sobre o romance *Torto arado*, na continuidade de sua resenha, o internauta da *Skoob* acentua que ele faz refletir sobre a liberdade das pessoas, aproximando a ficção da realidade, motivando-nos a concordarmos com Woodward (2013) e resgatarmos sua teoria acerca da diferenciação social e das relações sociais atreladas à luta e à força do povo. Isso também se aplica às impressões emitidas pelo internauta da *Skoob*, autor da resenha apresentada na Figura 17.

Figura 17 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Visceral
Um livro perfeito!
Não tenho palavras para expressar todo o sentimento que a escrita crua mais tbm delicada despertou em mim.
A estrutura narrativa me cativou desde a primeira página e ao longo de uma semana foi meu companheiro contante, quando não estava lendo, estava pensando ou estava falando desse livro. Que traz como principal assunto a exploração disfarçada de caridade, a sujeição disfarçada de gratidão. E também a cultura, e a religião de uma grande parte do nordeste.
É mais que um livro, é quase um manifesto cultural, social...

Fonte: *Skoob* (2022).

Quando o internauta descreve em sua resenha que o livro é perfeito e o deixa sem palavras devido à escrita crua e delicada do autor, lembramo-nos da linha teórica de Sodré (2023), quando o estudioso afirma que a sensibilidade social resulta em afeto, representação e ação concreta, tendo em vista que *Torto arado* é uma ação concreta e representação produzida por um autor, e que é recebida e atualizada por milhares de leitores que se sensibilizam e se sentem cativados pelo romance, a exemplo desse internauta.

Nesse sentido, sentimo-nos no papel de concordantes com Certeau (2012), quando ele afirma que a cultura popular é um patrimônio e, portanto, *Torto arado* faz parte de um conjunto patrimonial que representa o povo do interior nordestino, que é apreciado pelos receptores do romance, caracterizando-o como manifestação cultural e social, a exemplo do resenhado pelo internauta da *Skoob*. Assim, temos uma identidade cultural de um determinado

grupo, o qual Woodward (2013) classificaria como oprimido e marginalizado, que obtém espaço na literatura de Itamar Vieira Junior e, assim, ganha veiculação e propagação de informações referentes à cultura desse povo representado em *Torto arado*.

Diante dessa conjuntura de resenhas em que se priorizou o enfoque e as análises para as manifestações dos leitores quanto às suas impressões e emoções a partir da leitura de *Torto arado*, confirmamos que muitos leitores se sensibilizaram de diversas formas ao realizarem a atualização e recepção do romance, associando-o a vários outros aspectos da realidade de milhares de pessoas, inclusive, como vimos em alguns casos, comparados à sua própria vida ou a de algum familiar. Logo, é natural que um romance do patamar de *Torto arado* desencadeie diversas posturas emocionais em seus leitores, em virtude do que Petit (2009) afirma serem encontros ou escapadas solitárias, atrelados a vários temas, como a realidade histórica retratada no romance de Itamar Vieira Junior, notabilizada e considerada por muitos de seus receptores que se manifestaram na *Skoob*, o que nos motiva a aprofundar, a seguir, tais aspectos.

5.3 Adjetivos dando voz à história

O contexto histórico representado em *Torto arado* é percebido por milhares de leitores, haja vista que a palavra *história* é mencionada 3.381 vezes, ou seja, com uma média pouco maior do que uma vez por resenha, o que se explica pelo significado da palavra estar voltado para a narratologia. Entretanto, também para o sentido de passado, ou ainda relacionado à história de uma família ou grupo em específico. Por conseguinte, esse sentido polissêmico de *história* se faz presente em várias resenhas dos internautas da *Skoob*. Aliás, em muitas resenhas, a palavra *história* aparece mais de uma vez e, em diversas delas, é empregada com significados diferentes em cada ocorrência, como é o caso da resenha representada na Figura 18.

Figura 18 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

O sucesso é merecido

O autor nos transporta para meados do século XX e, acompanhando a história da família das irmãs Bibiana e Belonísia, vamos entendendo os meandros da formação de nossa sociedade, sobre os anos que se seguiram à abolição da escravatura e a razão de tanto preconceito e desigualdades em nossa sociedade, que permanecem até os dias de hoje.

O livro é uma aula de história contada através de uma ficção. É prosa, mas tem gosto de poesia.

As palavras de Itamar nos emocionam página a página.

Imperdível!

Fonte: Skoob (2022).

Na Figura 18, a palavra *história* aparece na primeira linha com sentido de história da família das irmãs protagonistas, Bibiana e Belonísia, posto que a partir da história delas o público leitor pode compreender a formação da sociedade brasileira, sobretudo naquelas regiões em que a escravidão foi muito marcante, como é o caso da Bahia. Na sequência da resenha, ainda percebemos que o leitor de *Torto arado* afirma que as desigualdades sociais permanecem na sociedade atual, consequências do período de escravidão.

No parágrafo seguinte, o autor da resenha registra novamente a palavra *história*, mas em um sentido diferente, compreendido por nós como podendo ser a disciplina de História, ministrada na escola, ou, então, a história do passado, mas não a história das irmãs Bibiana e Belonísia. Nessa perspectiva, fica nítida a diferença do emprego da palavra *história*, embora ambas possuam alguma relação com o sentido de remeter ao passado, o que também acentua a relação do texto ficcional com a realidade do Brasil, e a percepção dos leitores dessa comparação, que é algo que se sobressaiu em muitas resenhas.

Já no terceiro parágrafo, conforme podemos averiguar, encontramos uma frase curta que revela a emoção despertada no receptor de *Torto arado* durante o ato de leitura, o que nos remete à postura emocional evidenciada por Jauss (1994) em sua teoria sobre a Estética da Recepção. Essa emoção é reforçada pela única palavra que integra o quarto e último parágrafo da resenha: “Imperdível” (Skoob, 2022, s.p.). Ou seja, o receptor julga *Torto arado* como uma leitura imperdível, tamanho foi o impacto favorável do romance sobre o leitor, que, certamente, tem seu discurso favorável ao texto.

Em contrapartida, outros internautas da *Skoob* evidenciam o lado da história que identificaram, mas sem tecer comentários que deixem explícita sua postura emocional diante da leitura e do livro, exceto no título, como é o caso do internauta autor da resenha representada na Figura 19.

Figura 19 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Maravilhoso

Bibiana e Belonisia contam suas histórias em um povoado rural do sertão da Bahia, q vive em condições de escravidão.

É a história de duas mulheres, q mostram uma pequena parte da cultura negra, das relações de exploração, das dificuldades da vida no campo. Mas acima de td é uma história de resistência, resiliência de um povo pelo direito à vida, a dignidade.

Fonte: Skoob (2022).

O internauta da *Skoob* que escreveu a resenha reproduzida na Figura 19 revela-se envolvido emocionalmente com o romance *Torto arado*, considerando-o maravilhoso. Entretanto, no restante da resenha, o internauta se detém à história narrada no romance, e, assim como o internauta autor da resenha anterior, às associações com a realidade do povo negro, destacando a sua resistência, que é o caso realçado pela palavra *história* da penúltima linha da resenha. Contudo, a relação com a realidade aqui não é tão evidente quanto na resenha analisada anteriormente, cabendo ao leitor da resenha estabelecer essa relação, desde que detenha conhecimentos prévios sobre a Bahia, a qual é mencionada na primeira linha.

Além do mais, salientamos que a palavra *história* aparece três vezes na resenha representada na Figura 19. Na primeira aparição está no plural, remetendo à narração das histórias das irmãs Bibiana e Belonísia. Aliás, nas três vezes em que aparece, é empregada referindo-se à história narrada em *Torto arado*. Ainda com relação à história utilizada pela primeira vez na resenha desse internauta da *Skoob*, frisamos que ela auxilia na revelação feita pelo autor da resenha de que a história é contada pelas duas irmãs, Bibiana e Belonísia, mas ele não aponta de que forma ocorre, ou seja, essa é uma questão que envolve a trama, as duas personagens e que por isso desperta a atenção do(s) leitor(es). Essa percepção também é identificada na resenha de outros internautas da *Skoob*, como na representada na Figura 20.

Figura 20 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Muito bom

A história é muito boa, a leitura flui e não dá vontade de parar de ler. Nas primeiras páginas do livro já levamos um choque!

A terceira parte do livro explica muitas curiosidades que ficam no decorrer da história, e muito interessante quem a narra.

O livro mostra um parcela de tudo a que o povo negro passou após a abolição...muito intenso.

Fonte: Skoob (2022).

Assim como na resenha representada na Figura 19, nesta também é revelado, já no título, o apreço do internauta da *Skoob*, receptor de *Torto arado*, pelo romance de Itamar Vieira Junior. Todavia, a opinião de que o romance é muito bom continua sendo ressaltado no

primeiro parágrafo, haja vista que o autor da resenha não só ratifica que a história é muito boa, mas também que a leitura é fluente, posto que deixa o leitor enlaçado com a história narrada. Na frase seguinte, ainda no primeiro parágrafo da resenha, o autor revela ter sido impactado já no início do livro, o que coincide com o despertar da interioridade pela literatura que Petit (2009) traz à tona e da qual nos valem no aparato teórico de nossa pesquisa.

O internauta da Figura 20 não afirma diretamente que a história é contada por mais de um personagem, mas evidencia, no início do segundo parágrafo, a divisão em partes ao mencionar a existência de uma terceira seção, deixando uma curiosidade aos leitores sobre quem é o narrador dessa parte. Diante disso, através das resenhas apresentadas nas Figuras 19 e 20, sabemos que existem três narradores: Bibiana e Belonísia nas duas primeiras partes, e um narrador “misterioso” na terceira. O “mistério” deixado pelo internauta comprova o que Martín-Barbero (1997) assevera sobre o receptor ser atuante e produtor de significações, e, portanto, não só contribui com a circulação de informações, mas também age, modifica e acrescenta por meio da produção e veiculação de informações.

Na veiculação de informações realizada por esse internauta, percebemos que, no último parágrafo de sua manifestação sobre *Torto arado* (2019), há o estabelecimento de uma comparação com a realidade do povo negro, o que permite inferir que Bibiana e Belonísia são negras. No final da resenha, após a parte sobre a abolição e o povo negro, o internauta da *Skoob* termina sua resenha escrevendo “muito intenso” (Skoob, 2022, s.p.), corroborando sua reação ao escrever sobre o romance.

Adjetivos como *intenso*, *interessante* e *maravilhoso* revelam a opinião do(s) receptor(es) do texto e tendem a influenciar outros sujeitos a lerem o livro. Diante desse contexto, temos as reações individuais a um texto, conforme já percebemos nas palavras de Zilberman (1989). Logo, essas reações individuais que denunciam o gosto de determinado(s) leitor(es) nos permitem identificar que elas estão dentro de uma teia coletiva maior, em que há um consenso entre inúmeros leitores sobre *Torto arado*, ao descreverem que esse romance é maravilhoso e interessante. Adjetivos parecidos, a exemplo de *fantástica*, são atribuídos por outro internauta da *Skoob*, cuja resenha é representada a seguir, na Figura 21.

Figura 21 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

O livro conta a história de duas irmãs, Belonísia e Bibiana, que moram na fazenda Água Negra, na Chapada Diamantina, uma cidade da Bahia. A sua família reside na fazenda em troca do seu trabalho na terra e doação de parte do seu fruto para o dono da fazenda.

O livro é escrito em três capítulos, um narrado por Bibiana, o segundo por Belonísia e o terceiro por Santa Rita Pescadeira, que consiste em um encantado, uma espécie de entidade da religião Jarê, de origem africana, popular na região.

Nesse contexto, o livro explora a relação entre as duas irmãs, que após um acidente na infância acabam passando por altos e baixos ao longo dos anos. E em meio ao crescimento de ambas, são vividas as alterações climáticas da caatinga, os períodos de fertilidade, mas também os graves momentos de seca e os seus impactos nas vidas dos moradores da fazenda.

Concomitantemente, a história se baseia em reflexos da loucura da mineração do diamante na região e na crítica do passado escravocrata, bem como todas as suas consequências para a população negra, que mesmo após a abolição não recebeu auxílio ou políticas de reinserção na sociedade, de modo a perpetuarem vítimas de um sistema de servidão. E dentro dessa história a educação e conscientização dos moradores se faz estopim de reivindicação dos seus direitos.

A religião também de papel importantíssimo para a família e todos os moradores da fazenda, se faz de suporte diante das enfermidades, dos partos e da proteção, sendo ativa durante toda a história e recebendo destaque também no último capítulo do livro, essencial para a compreensão da origem do sistema e da própria família.

Como um todo o livro consegue abordar diversos assuntos e levantar discussões sobre a sociedade, sobre o nosso passado e também sobre a perpetuação de condições análogas que se perpetuam até hoje na profundidade do Brasil, mesmo que a história aparente ocorrer no passado.

O autor consegue com genialidade escrever de forma poética e ao mesmo tempo simples e dinâmica, explorar diversos assuntos por meio de personagens tão bem desenhadas e com uma relação linda de se conhecer. Sem sombra de dúvidas é uma obra fantástica que vai ficar registrada não só em mim como em todo mundo, mais do que merecendo 5 estrelas e ser favorito da vida.

Fonte: Skoob (2022).

Ao examinarmos a resenha, percebemos que nos primeiros parágrafos o internauta da *Skoob* se detém à história, à estrutura e às personagens de *Torto arado*, considerando alguns aspectos históricos e geográficos. Contudo, nos parágrafos seguintes da resenha, o internauta volta suas palavras também para o livro em si, o qual ele afirma conter forma poética, simples e dinâmica, e que explora diversos assuntos, confirmando, assim, a escrita genial do autor, o que se comprova por meio do substantivo abstrato *genialidade* empregado pelo receptor de *Torto arado*.

Após a sua explanação acerca do livro e seus diversos aspectos, como a geografia e a história entrelaçadas ao enredo de *Torto arado*, a religião, que ganha destaque no quinto parágrafo da resenha, o passado escravocrata, o cenário da caatinga, da mineração e do interior, o internauta da *Skoob* faz sobressair, à guisa de conclusão de sua resenha, que o livro é fantástico e que ficará registrado nele, sendo conceituado como o seu favorito, o que abrange a dimensão humana salientada por Sodré (2023), visto que compreende a dimensão moral e afetiva do sujeito. Esse contexto afetivo mediante a história narrada em *Torto arado* também é manifestado pelo internauta que escreveu a resenha representada na Figura 22.

Figura 22 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Dolorosamente familiar, furiosamente atemporal & necessário.
Torto arado: 10/10

Cheguei a conclusão que: não consigo colocar em palavras a grandiosidade desse livro. É de uma riqueza e familiaridade única. Eu só consigo me sentir feliz por saber que a história de Belonísia e Bibiana alcançaram tanta gente. Esse livro vale todo hype do mundo, porque é a história dos que tiveram a história apagada, a dignidade negada, sua cor desprezada, sua religião marginalizada. É o se fazer presente, em lugares e espaços antes nunca alcançados pelos nossos antepassados.

É lindo, é sofrido, é necessário.

"O vento não sopra, ele é a própria viração", e tudo aquilo fazia sentido. "Se o ar não se movimenta, não tem vento, se a gente não se movimenta, não tem vida", ele tentava me ensinar."

Torto arado é movimento. É voz dos que tiveram sua voz roubada. É memória guardada e contada. É bagagem pra quem ainda vem, e sentido para os que estão presente. Torto arado se faz presente, e podia ser a história contada pela sua avó, ou contada por um professor de história, e de todas as formas possíveis você terminaria a leitura chamando a história de sua.

É um pedaço meu, seu, e de todo brasileiro que tem como memória o derramamento de sangue como destino de se ser quem se é.

Torto arado é visceral. E assim como Belonísia, espero que esse livro seja a fúria que cruza o tempo. E alcance mais e mais de nós.

"Aonde quer que fôssemos, encontrávamos um parente, nunca estávamos sós. Quando não éramos parentes, nos fazíamos parentes".

Depois de fazer morada em meu coração durante esses dias de leitura, que Torto Arado se faça parente mundo afora e habite em muitos outros.

Fonte: *Skoob* (2022).

Conforme podemos nos certificar, já no início de sua resenha, o internauta da *Skoob* descreve *Torto arado* com substantivos abstratos que remetem a adjetivos que caracterizam o romance como grandioso, rico, familiar e único. E, ao enfatizar o contexto histórico explorado no livro, quando menciona as personagens principais, atribui ao romance os adjetivos lindo, sofrido e necessário.

Na sequência, o internauta cita dois trechos do livro que se referem ao vento, fenômeno da natureza conhecido pelo seu movimento, utilizado pelo autor para associar essa ideia também à vida das pessoas. E, nesse ritmo, o internauta da *Skoob* corrobora que o romance *Torto arado* é movimento, é voz e é memória guardada e contada, o que nos instiga a pensar na teoria de Gadamer (2014), quando nos confirma que a experiência hermenêutica, de compreender e interpretar o texto, consiste no encanto do elemento de linguagem, que, aliás, se constitui dentro da própria linguagem.

Afirmações como a desse internauta da *Skoob*, de que a história de *Torto arado* pode ser contada por outro sujeito, mas que o sujeito receptor do texto se sente pertencente à história, conduzem-nos à teoria de presença/pertença que já vimos em Schmidt (2008) e à

sensibilidade social enfocada por Sodré (2023), uma vez que ela e a emotividade do sujeito receptor de um texto fazem com que surjam *feedbacks* como o do internauta da *Skoob*, que se sente integrado emocionalmente à história que lê.

Na resenha, o internauta da *Skoob* expressa seu desejo de que *Torto arado* alcance um bom público e conquiste seus leitores, o que nos remete ao posicionamento dos indivíduos, conforme discutido por Woodward (2013) ao teorizar sobre discursos e sistemas de representação. Logo, esse posicionamento do internauta da *Skoob*, de seu encantamento por *Torto arado*, se estende até o final da resenha, onde ele reitera seu desejo de que o romance faça morada nos corações de seu público e que se expanda cada vez mais, o que nos levou a selecionar também a resenha representada na Figura 23.

Figura 23 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Um dos meus favoritos a partir de hoje

Que protagonistas são essas, senhor Itamar Vieira Junior!? E que enredo, que escrita, que riqueza! Da pra entender a razão de tantos já considerarem um clássico da nossa literatura. As irmãs Bibiana e Belonisia são incríveis, todos os personagens na verdade são maravilhosamente bem construídos. Nos apegamos a cada um deles. Além disso, o livro mostra uma encorajadora história de luta por direitos, bem como elementos culturais interessantíssimos do povo de água negra. De certa forma, é um livro que me remeteu muito às histórias da minha própria família, contadas pela minha avó. Do povo negro, sertanejo, simples, que tiveram todos os seus direitos, mesmo os mais elementares, negados. O mais triste é perceber que, ainda hoje, pouco ou nada mudou.

Fonte: *Skoob* (2022).

À medida que analisamos a resenha, verificamos que, apesar de breve, ela revela o encantamento e a emoção que o romance *Torto arado* despertou nesse internauta. Afinal, ele adjetiva a história como *encorajadora* e utiliza o adjetivo *interessante* com o acréscimo do sufixo com valor superlativo *-íssimo*, formando a palavra *interessantíssimo*, justamente para enfatizar as boas impressões causadas pela obra, especialmente pela composição dos elementos culturais.

No título de sua resenha percebemos que o livro de Itamar Vieira Junior conquistou o favoritismo desse internauta da *Skoob*. Ao mesmo tempo, conforme constatamos nas últimas frases da resenha, a história retratada em *Torto arado* fez com que o internauta da *Skoob* lembrasse de sua própria família, destacando que o livro aborda a realidade do povo negro e sertanejo, historicamente excluído, e que essa exclusão persiste até os dias de hoje. Essa percepção também é respaldada na teoria de Sodré (2023), que utilizamos em nossos estudos, aqui cabendo suas ponderações acerca do racismo brasileiro atual ser uma herança autoritária da antiga estrutura escravista. Esse contexto foi destacado por vários outros internautas da

Skoob, e muitos ressaltaram que são histórias que devem ser contadas, como podemos constatar na resenha representada na Figura 24.

Figura 24 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Histórias que devem ser contadas

Torto arado é dessas histórias que já foram contadas centenas senão milhares de vezes mas ainda sim parecem insuficientes. Insuficientes para abarcar toda a história geracional de um povo, mas demasiadas por continuarem se repetindo e se renovando no espaço-tempo social. Nesses contos, o uso social da terra é capitalizado por uma família de poder social e financeiro, auto proclamadas donas da terra e dos direitos de quem ousar produzir nela.

Esse sistema de exploração enraiza gerações de famílias na terra sem que sequer uma delas possa a chamar de sua. O que quer que produzido fosse - aliás, especialmente o que fosse produzido - era deduzido do suposto direito do dono da terra. Assim dezenas de famílias realizavam o serviço em nome de uma só, tendo que se acomodar com os restos ou com lampejos de humanidade de seus malfeitores.

Essa história, embora contada mil vezes, nunca havia sido contada. Pois cada história é a história de cada um, e as personagens - as pessoas - aqui representadas são únicas e trilham dentro da mesma trilha seus próprios caminhos.

Assim, torto arado promove uma mudança de paradigma com suas personagens e o entrelaçar dos seus caminhos. O que nasce disso é a luta pelos seus direitos, pela sua terra, uma flor rara nunca antes descrita numa história que já foi contada mil vezes.

Torto arado é o viver e o morrer de um povo. É suas dores e suas alegrias, suas decepções e suas expectativas, é sua luta.

Fonte: *Skoob* (2022).

Com base na averiguação da resenha, que inicia fazendo sobressair sobre as milhares de histórias que já foram contadas e que são parecidas com as retratadas em *Torto arado*, mas ainda insuficientes, recordamos de Hall (2006) quando ele teoriza sobre a formação e a transformação das identidades nacionais no interior da representação. Afinal, como o romance de Itamar Vieira Junior e outros milhares de textos são representações que consideram o social e a sociedade, reiteramos que eles integram a cultura popular e integram o patrimônio histórico e geográfico mencionado por Certeau (2012), o qual contemplamos também em nossas investigações teóricas.

O contexto histórico abordado no primeiro parágrafo da resenha inspira considerável parte do restante dos registros do internauta da *Skoob*, que reafirma a história de luta do povo pelos seus direitos. Por fim, conclui que *Torto arado* retrata dores, alegrias, decepções, expectativas e lutas do povo, deixando, portanto, cicatrizes registradas em sua escrita, termo que já havíamos encontrado em Petit (2009) e que simboliza as marcas perpassadas pelo autor por meio do texto, caracterizando o par solidário entre eles e vinculado ao público, conforme acentua Candido (2006). Aliás, outros internautas salientam as marcas deixadas pelo romance de Itamar Vieira Junior, como é o caso representado na Figura 25.

Figura 25 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Um retrato histórico do Brasil, pós-escravidão, que nos deixa reflexivos sobre as questões de desigualdade, luta por direitos e acesso à terra. Personagens femininas fortes e uma bela representação das religiões afro-brasileiras.
O livro te prende e logo você fica ansioso para saber a história daquela família e o desenrolar dos acontecimentos.
Muito didático sobre os resultados da escravidão no país e a luta dos povos quilombolas.

Fonte: Skoob (2022).

Embora seja uma resenha curta, a ênfase desse internauta da *Skoob* é direcionada para a representação histórica do Brasil no período pós-escravidão, que, segundo ele mesmo ressalta, deixou marcas de desigualdade e luta pelos direitos, destacando também as personagens femininas. Essa conjuntura confirma o que já havíamos examinado nas palavras teóricas de Petit (2009), que aponta que a escrita literária é uma tentativa de superar espaços e reconstituir épocas passadas e terras desaparecidas, ou seja, de dar voz e vez aos excluídos.

Diante desse compêndio de resenhas que frisam sobre o contexto histórico, confirmamos que a história do povo contada por meio da literatura recebeu ênfase do autor, e foi bem-recebida e percebida pelos leitores, que enfatizaram esse contexto atrelado a outros aspectos de *Torto arado*. Conforme examinamos, o romance de Itamar Vieira Junior recebeu inúmeros adjetivos que o contextualizam e confirmam as boas impressões da maioria de seus leitores, muitos dos quais destacaram sobre a questão histórica e social da terra, do povo e da escravidão, que subsidiam nossas investigações no próximo subcapítulo.

5.4 Terra, povo, escravidão: uma questão histórica e social

Ao realizarmos as análises a partir da nuvem de palavras formada, considerando a quantidade de vezes que aparece cada palavra, e, na sequência, atentando-nos as 3.119 resenhas da *Skoob* sobre *Torto arado*, um conjunto de palavras nos levou a perceber a importância e a relevância atribuídas pelos receptores desse romance à questão histórica e social presente na obra. Palavras como *terra*, *povo* e *escravidão* denunciam não só o contexto histórico, social e cultural abordado, mas a relação dele com a realidade vivida e denunciada por Itamar Vieira Junior por meio de seu texto literário.

Quando passamos a nos embasar nos conceitos de identidade e representação, fundamentados por Woodward (2000), averiguamos que uma parte considerável do público receptor de *Torto arado* que se manifestou na *Skoob* registrou sobre a identidade histórica e social que envolve o período da escravidão e o povo negro. Sendo assim, temos a construção

da identidade do(s) diferente(s) leitor(es) que se expressam sobre a identidade e a cultura de um povo representado em *Torto arado*.

Em vista disso, considerando o número de vezes que são mencionadas no total das 3.119 resenhas da *Skoob* selecionadas em nossos estudos, constatamos os seguintes dados quantitativos por palavra: *terra* aparece 1.664 vezes; *povo*, 1.033; *escravidão*, 770; *negra*, 611; *negro*, 303; *quilombo*, 308; e *escravo*, 286. Com base nesses dados, percebemos a significativa importância que a questão histórica e social do povo negro despertou nos leitores por meio do romance *Torto arado*. Desse modo, como já ratificamos nos estudos de Woodward (2000), os indivíduos são sujeitados ao discurso, ou seja, os leitores de *Torto arado* estão sujeitados ao discurso do texto, e este está atrelado ao discurso do ser constitutivo de cada leitor, que possui sua identidade construída ao longo do tempo. Consequentemente, essa conjunção constitui a identidade do sujeito e influencia na sua construção e mudança.

Além disso, os conhecimentos e a constituição do sujeito também se manifestam pelo vocabulário empregado em sua resenha. No caso da *Skoob*, por ser uma rede social, há uma diversidade de textos, alguns com caráter mais científico e outros com um teor mais coloquial. A isso se associa a abordagem de cada internauta dessa rede social, que realiza registros individuais que integram o conjunto de resenhas sobre um livro, no contexto de nossa investigação, o romance *Torto arado*. Comumente são encontradas evidências da opinião particular do sujeito ao escrever sobre o romance *Torto arado*, como é o caso das palavras *incrível* (primeira linha) e *cativantes* (quinta linha) da resenha representada a seguir, na Figura 26.

Figura 26 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

"Sobre a terra há de viver sempre o mais forte"

Simplesmente uma das melhores leituras da minha vida. É incrível como esse livro une temas como exploração trabalhista, segregação de terras, pobreza, racismo, ancestralidade e muitos outros pontos.

Os personagens são muito cativantes e a escrita é fora do real. Itamar consegue fazer um romance de menos de 300 páginas uma aula sobre a história do Brasil.

Fonte: *Skoob* (2022).

Observemos que os adjetivos atribuídos pelo leitor de *Torto arado* (2019) em sua resenha na *Skoob* mostram sua opinião favorável com relação ao romance, mas isso é realizado em meio à explanação das temáticas encontradas no livro e destacadas pelo internauta receptor da obra, tanto é que o adjetivo *incrível* é atribuído por ele justamente pela

adjeção de vários temas, por exemplo: “exploração trabalhista, segregação de terras, pobreza, racismo, ancestralidade e muitos outros pontos” (Skoob, 2022, s.p.).

Algo semelhante ocorre no segundo parágrafo, quando o internauta da *Skoob* (2022) atribui o adjetivo *cativantes* às personagens e *fora do real* à escrita. Já na segunda frase desse parágrafo, ele reverbera o contexto histórico e social presente em *Torto arado* ao afirmar que o autor do romance tematiza sobre a história do Brasil. Portanto, temos três adjetivos (uma vez que o *fora do real* também, nesse contexto, tem caráter qualitativo) que se referem a elementos diferentes do romance: o *incrível* remete à questão histórica e social, o *cativantes*, às personagens e o *fora do real*, à escrita. Essas adjetivações nos permitem concluir que, mesmo que sua resenha seja curta, o internauta conseguiu identificar e registrar as relevâncias encontradas e acentuadas em *Torto arado*. Algo parecido é realizado na resenha de outro internauta, mas este enfoca a questão da história e da realidade comparada ao romance, como podemos verificar na Figura 27.

Figura 27 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

História incrível que narra uma história não tão distante do nosso país. Um história triste que infelizmente ainda é presente, o trabalho forçado, a falta de dignidade e acesso à diversas necessidades básicas, a exploração e o sofrimento que as pessoas passam nesse livro nos faz refletir muito sobre o nosso processo de formação como país. Construímos um país apoiado na exploração e sofrimento do próximo, dos povos quilombolas, índios e negros. Esse livro é uma chamado para refletir sobre o nosso passado, lutar por políticas públicas eficazes, pela valorização da agricultura familiar, pela demarcação efetiva das terras indígenas e pela dívida histórica que temos com esse povo.

Fonte: Skoob (2022).

A partir da análise da resenha representada na Figura 27, encontramos um texto que não descreve elementos propriamente do romance *Torto arado*, mas sim de sua abordagem temática comparada à história de sofrimento de povos no Brasil, o que faz com que o internauta atribua o adjetivo *incrível* à história narrada no livro. Logo, a comparação do romance com a realidade de muitos brasileiros que têm marcas da escravidão e da desigualdade social se sobressai em muitas resenhas e elas acabam compreendendo as denúncias do Brasil real. Podemos ressaltar que, nesse romance, são retratadas várias identidades da realidade, as quais, como destaca Hall (2006), podem ser contraditórias ou mal resolvidas.

Ao notarmos, em trechos de resenhas como a representada na Figura 27, a menção e descrição de povos, como os quilombolas, os índios e os negros, que obviamente têm suas marcas culturais e identitárias, remetemo-nos às explicitações que utilizamos no aparato

teórico, baseados em Hall (2006), quando ele destaca a emersão de identidades culturais influenciadas por diferentes tradições culturais, passando por um processo de transição. Em vista disso, ao realizar a comparação das marcas culturais e identitárias encontradas em *Torto arado*, os leitores, receptores desse romance, também têm sua identidade em processo de mudança, por influência de todo esse processo cultural.

Diante do processo de influência de diferentes culturas identificadas e mencionadas, que causam mudanças no receptor do texto, como no caso do romance *Torto arado*, reverberamos a interação teorizada por Iser (1999), da qual nos amparamos. Essa interação resulta do ato de leitura e concretiza o jogo do texto, em que as transformações feitas pelo leitor diante do texto e as mudanças ocorridas no leitor ao ler o texto consomem o jogo de troca entre texto e leitor. Afinal, como mesmo revela o receptor de *Torto arado* em seu comentário representado na Figura 27, o romance de Itamar Vieira Junior é um “chamado para refletir sobre o nosso passado, lutar por políticas públicas eficazes, pela valorização da agricultura familiar, pela demarcação efetiva das terras indígenas e pela dívida histórica que temos com esse povo” (Skoob, 2022, s.p.). Aliás, trabalho e família são palavras-chave de outro internauta da *Skoob* em sua resenha, representada na Figura 28.

Figura 28 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

deveria ser leitura obrigatória

As personagens são tão reais, a história é tão tocante... O livro narra a vida após a abolição da escravidão de uma família em uma comunidade. Diante disso, somos apresentados a rotina das pessoas daquela fazenda às margens dos rios, suas lutas, seus pensamentos, sua ligação com o mundo, tão próximos que chegam a ser eles mesmos a própria terra que tudo os dá. A narração deixa tangível a importância do trabalho que prove o sustento dos habitantes, explorados ao máximo pelos donos daquela terra (no papel). A fé e a força que a religião das personagens exhibe, chega a ser mágica. Os laços da família e o valor dessa, a construção dos personagens e seus caracteres, tudo é extremamente, extremamente, bem feito. Eu me apaixonei pela simplicidade com que o autor conta uma história tão forte e sofrida.

Fonte: Skoob (2022).

Quando o internauta da *Skoob* escreve que as personagens de *Torto arado* são reais e que a história é tocante, ele faz referência à narração sobre a abolição da escravidão e sobre uma família que representa muitas famílias do povo, de uma comunidade do povo, pois ambas as afirmações estão uma ao lado da outra, mencionando, posteriormente, a questão das lutas daquelas pessoas, as quais o internauta da *Skoob* chega a afirmar que são a própria terra. Portanto, resgatar esse povo excluído é, como afirma Petit (2009) em sua teoria, reconstituir terras desaparecidas por meio da escrita literária, a exemplo do que Itamar Vieira Junior fez em seu romance e foi destacado pelo internauta da *Skoob*.

Ao associar a questão da luta do povo e da escravidão que aconteceram na realidade às personagens de *Torto arado*, conforme enfatizado pelo internauta da *Skoob* em sua resenha, ocorre uma combinação de temas e elementos textuais que estão atrelados aos esquemas utilizados pelo autor e compreendidos pelo leitor, “responsáveis pela organização dos personagens e suas ações”, consoante a teoria de Iser (1996a), que já mencionamos no primeiro capítulo teórico, mas necessitamos recuperar aqui devido à sua eficácia de sentido às percepções desse internauta da *Skoob* com relação aos diferentes elementos explorados por Itamar Vieira Junior em *Torto arado*. Paralelamente, na Figura 29 há a representação de uma resenha que aborda as questões de escravidão e outros temas associados às personagens.

Figura 29 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

ótimo livro pra começar o ano
 O livro começa com um acidente que marca pra sempre a vida das duas irmãs, mostra uma presença muito marcante da avó na vida delas.
 A escrita do autor é muito bonita, é sempre muito lindo em todos os capítulos ele descrevendo a natureza, a história dos personagens e seus ancestrais, a religião.
 Gostei muito também de como o desenvolvimento das protagonistas é feito, elas se desenvolvendo juntas e depois separadas.
 Todos os personagens coadjuvantes também são muito necessários e marcam muito a história.
 Eu gosto de como o livro se aprofunda no assunto do racismo e da escravidão mas sem ser de uma forma que deixe o livro tão pesado a ponto de fazer a gente precisar descansar dele por um tempo, e ele não deixar claro exatamente o período em que o livro se passa é genial, mas também muito triste.

Fonte: *Skoob* (2022).

Em sua resenha, inicialmente o internauta da *Skoob* relata sobre o acidente que aconteceu com as duas irmãs protagonistas, o que o leva a afirmar, no segundo parágrafo, que a escrita do autor em *Torto arado* é muito bonita, associando tal adjetivação também à descrição do autor sobre demais elementos, como a natureza, a história e a religião ligadas às personagens. Há, portanto, uma construção de identidade por meio desses elementos, que é explorada pelo autor e compreendida pelo leitor, que manifestou tais aspectos em sua resenha. Essa construção é simbólica e social, conforme as teorias de Woodward (2013), que nos ajudam a entender o processo identitário abordado em nossos estudos.

Na sequência de sua resenha, o internauta tece algumas considerações sobre as protagonistas e as personagens secundárias; e, no quarto e último parágrafo, ele conduz suas palavras para os temas do racismo e da escravidão, cuja exploração é feita pelo autor de *Torto arado*, e é aprovada a contento pelo leitor. Nesse viés, a escrita do autor e a reação do leitor caracteriza o que Candido (2006) afirma ser um diálogo mais vivo entre criador e público. Entretanto, em alguns casos, pode haver reações diferentes no leitor em virtude de temas

fortes abordados pelo autor em seu texto, como é o caso do internauta da *Skoob* cuja resenha compartilhamos na Figura 30.

Figura 30 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Eu tive que parar *Torto Arado* porque não estava me sentindo bem. Livro extremamente difícil, mas não de ler, mas de imaginar as injustiças desse povo. O questionamento sobre a terra, quem de fato a possui? O dono que a comprou, por ter papéis que comprovam a transação; ou o povo que ali reside, que a cultiva e cativa, transformando espaço em vivência. A verdade é que *Torto arado* toca na ferida mal resolvida do Brasil: a relação entre servidão contemporânea e o passado brasileiro escravagista. A escravidão acabou, mas será que de fato acabou, se olharmos onde o Estado não atua de maneira eficiente, deixando pessoas vulneráveis à deriva, sendo exploradas por pessoas com "pedaços de terra". É um pedaço de literatura fantástico, cheio de personagens fortes e um final sensacional. Chorei em diversos momentos e vibrei em tantos outros.

Fonte: *Skoob* (2022).

Nas primeiras palavras de sua resenha, o internauta já evidencia que achou *Torto arado* difícil, haja vista que teve de parar a leitura porque não estava se sentindo bem, esclarecendo, logo em seguida, que não era pela falta de qualidade de escrita e pelo ato da leitura, mas por se colocar no lugar das personagens, que estavam sofrendo inúmeras injustiças. Reações como essas nos remetem àquilo que Sodré (2023) relaciona com o *ethos* e a atmosfera emocional coletiva.

Na continuação de sua resenha, partindo de uma indagação, o internauta da *Skoob* argumenta sobre as terras, seus donos, os direitos e as comprovações das terras, confirmando que, devido a esses temas, *Torto arado* aborda uma ferida mal resolvida no Brasil. Nesse sentido, Itamar Vieira Junior propõe um jogo de recomposição, termo que encontramos em Sodré (2023), a fim de que haja espaço para a literatura de diferentes sujeitos com abordagens de temas sobre povos excluídos.

Esse jogo nos direciona e instiga a refletirmos sobre a teoria do jogo do texto, fundamentada por Iser (1979), uma vez que as reações dos leitores de *Torto arado*, como as manifestadas pelo internauta da *Skoob*, são, a exemplo das palavras de Iser (1979), uma transformação do texto pré-dado, realizada pelo leitor, conforme sua interpretação e compreensão. No entanto, o texto faz condicionamentos ao seu público leitor, pois, se muitos internautas da *Skoob* estão identificando e destacando temas como o da escravidão, é porque o autor explorou estratégica e genuinamente esse tema em seu texto. Tal jogo do texto também impactou o internauta da *Skoob* que escreveu a resenha da Figura 31.

Figura 31 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Que mundo vamos deixar para o nosso povo?

O livro retrata a história da escravidão, mas do meu modo de ver, de uma forma mais leve. A escravidão não tem nada de leve, mas baseado em tudo que aconteceu, tantas mortes e sofrimentos, o povo que morava em Água Negra tinha a proteção dos seus deuses, da terra, um do outro, eles lutavam juntos e por isso continuavam firmes. Apesar de não sofrerem nas mãos dos donos da terra, tinha o sofrimento da sua vida. De trabalhar de domingo a domingo, sem salário, mexer com a terra debaixo do sol, quando chegasse da roça ainda tinha que caçar seu próprio alimento; e o que plantavam no seu quintal, o dono levava e deixava apenas restos, e a única coisa que eles queriam era montar uma casa e chamar de sua, algo que para os patrões era inconcebível.

A história é mais voltada para as irmãs Bibiana e Belonisia - que perderam a fala em um acidente quando criança - nós vemos elas crescendo e tomando rumos diferentes, para no final se encontrarem de novo. É um livro emocionante e que retrata algo derivado do real, algo que muitas pessoas tentam esquecer.

"Vi tanta crueldade ao longo do tempo, e mesmo calejada me comovo ao ver os homens derramando sangue para destruir sonhos".

Fonte: Skoob (2022).

Diferentemente das impressões do internauta da resenha representada na Figura 30, este internauta afirma que a retratação da escravidão é feita de forma leve, embora o tema seja forte. Nessa perspectiva, entendemos que um mesmo texto pode ser recebido de forma diferente pelo leitor, sendo que cada um deles é produtor de informações, e não apenas decodificador, conforme frisa Martín-Barbero (1997), o que também está associado ao fato de que cada leitor reage individualmente ao texto, citando a concepção aludida por Zilberman (1989).

De acordo com Sodré (2023), representa o, afeto e a o concreta são implicados pela sensibilidade social, que   justamente o que Itamar Vieira Junior faz em *Torto arado*, motivando rea oes do público leitor como as registradas pelo internauta da *Skoob*. Portanto, o romance de Itamar Vieira Junior legitima uma luta também de seu autor contra a crise de identidade, que   preocupa o de Woodward (2013), a qual ainda reverbera que no campo da identidade estão ocorrendo mudanças e, a nosso ver, *Torto arado* possui significativa contribui o para esse fenômeno.

Com o tema da disputa de terras, da escravidão, das mortes e sofrimentos associados às personagens principais e seus familiares e amigos, o internauta da *Skoob* conclui que *Torto arado*   um livro emocionante pelo fato de ser inspirado na realidade de muitas pessoas, a qual   esquecida (em um sentido de ignorada) por muitas pessoas. Afinal,   o ser humano quem faz a história, como ratificado em Hall (2006), mas sempre conforme as condi oes que lhe são dadas. Em suma, Itamar Vieira Junior soube aproveitar, ou melhor, buscar as

condições de escrita e publicação de seu romance, que, conforme verificamos, possui ampla circulação e aceitação pelo público leitor. Esse sucesso ocorre devido a diversos aspectos, alguns dos quais estão mencionados na resenha apresentada na Figura 32.

Figura 32 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

O interior
Aqui vários crimes sociais podem ser percebidos, contraímos uma dívida social eterna para com algumas pessoas devido a escravidão e o que é pior. Ainda vivemos em paralelo a isso em algumas regiões.

Neste livro vamos acompanhar a história de uma família no interior da Bahia, sem mencionar exatamente em que ano se passa a história, mas é possível perceber isso com as informações do texto. É repleto de cultura "brasileira" do interior e junto a isso a opressão dos poderosos, as dificuldades das secas e das cheias que permeavam a vida dos habitantes daquela região.

Decisões que afetam de forma permanente a vida das protagonistas fazem com que o leitor fique o tempo todo pensando no que faria em situação similar.

A escrita do autor é limpa e apesar da diagramação sem muitos respiros, é uma leitura fluida.

Torto arado é um marco na literatura nacional e deve ser conhecido por todo mundo. Os temas abordados aqui não podem jamais cair no esquecimento.

Fonte: Skoob (2022).

“O interior”, título da resenha, possui dois sentidos: pode remeter ao interior de uma pessoa, no que diz respeito aos sentimentos e emoções, ou ao interior no sentido de zona rural. Embora caibam as duas identificações, a segunda opção de interpretação parece-nos ser a mais coerente, de acordo com nossas inferências, pois o corpo da resenha é direcionado ao interior baiano. Esse contexto é compreendido principalmente nos três primeiros parágrafos, em que o internauta da *Skoob* explana sobre a cultura brasileira do interior, a escravidão, e a história da família que vive no interior baiano.

As percepções do internauta da *Skoob* motivam-no a concluir que o romance de Itamar Vieira Junior é um marco na literatura nacional, devendo ser conhecido no mundo todo, pois contém temas que jamais devem ser esquecidos. Tal circulação e mediação do texto são facilitadas pelas tecnologias, que, segundo Girardi Junior (2009), criam condições para os campos de experiências e as trocas desterritorializadas.

Em virtude das resenhas selecionadas e analisadas, considerando principalmente os temas voltados à terra, ao povo e à escravidão, confirmamos que eles estão em voga no romance, e engrandeceram ainda mais a qualidade de *Torto arado*. Afinal, a questão histórica e social retratada no romance aproxima o leitor não só do texto, mas da realidade de muitas pessoas, o que sensibiliza vários receptores do texto, ainda mais quando associadas a personagens fortes e envolventes como as protagonistas, por exemplo, e que merecem considerações e análises mais aprofundadas no próximo subcapítulo.

5.5 Bibiana, Belonísia, irmã(s): a trama das personagens principais

Assim como as questões ligadas à história e ao contexto social abordados em *Torto arado*, identificadas por milhares de receptores do romance e registradas em suas resenhas na *Skoob*, também foram encontrados em quantidade proporcional manifestos sobre as personagens protagonistas Bibiana e Belonísia. A palavra *Bibiana* aparece 1.091 vezes; *Belonísia*, 1.177; *irmã(s)*, 1.301; *personagem*, 156; *personagens*, 998; *protagonista(s)*, 149; *personagem principal*, 02; e *personagens principais*, 47. Nesse ensejo, os números revelam que a questão familiar, especialmente das irmãs protagonistas, se destaca sob o olhar dos leitores, sendo também vinculada a outras temáticas de *Torto arado*, como podemos perceber na resenha disposta na Figura 33.

Figura 33 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Avassalador
O livro e tocante, eu amei demais!

A gente acompanha a história de duas irmãs (Belonisia e Bibiana), elas conseguem ser tão diferentes e tão iguais, me identifico com as duas.

Além disso, da pra sentir a vivência da galera da vizinhança, da família, cada fim de capítulo é um aperto no coração. É um eterno apelo pra que tudo dar certo.

A última parte do livro acontece a coisa mais inesperada possível, a ligação entre as irmãs se mostra novamente fortificada, apesar de todas os contratempos no decorrer do livro.

É um livro que eu vou querer reler várias vezes e em cada vez o sentimento vai se manter.

Fonte: Skoob (2022).

A postura emocional do internauta da *Skoob* diante de *Torto arado* é antecipada já no título de sua resenha, por meio do adjetivo *avassalador*, seguido da palavra *tocante* e da expressão *amei demais*, ambos empregados na primeira frase. No entanto, selecionamos esse trecho para análise em razão dos fragmentos que se referem às irmãs Bibiana e Belonísia, sobre as quais é perscrutado principalmente no segundo e quarto parágrafos da resenha. Aliás, o internauta da *Skoob* revela se identificar com as irmãs pelo fato de ambas serem, assim como ele, diferentes e iguais ao mesmo tempo, o que denota o caráter de instabilidade do ser humano – ao qual também estão suscetíveis os leitores, que podem ser compreendidos em camadas, segundo Jauss (1994), justamente pelos diversos possíveis gostos de cada um e pelo caráter de subjetividade da interpretação.

Na sequência da resenha, o internauta da *Skoob* se detém nas vivências dos familiares e da vizinhança, acrescentando que cada capítulo guarda surpresas e suspenses, o que contribui para a postura emocional dos leitores durante a leitura, alinhando-se ao que Iser (1979) descreve como parte do jogo do texto. E, no quarto parágrafo, o internauta enfoca na terceira parte do romance *Torto arado*, que, para ele, é o momento em que o inesperado ocorre, porque a ligação entre as irmãs Bibiana e Belonísia é fortalecida, superando os obstáculos que se travaram ao longo da história, ensinando sobre a importância de transpormos os desafios, isto por nós compreendido a partir da leitura tanto do romance quanto desta resenha. Da mesma forma, outras características reais são destacadas por outro internauta da *Skoob* em sua resenha, representada na Figura 34.

Figura 34 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

dolorosamente necessário

esse livro nos obriga a ver a realidade não qual vivemos, mas preferimos ignorar na maior parte do tempo. por mais que o tempo tenho passado e nós tenhamos afirmado que evoluímos, talvez estejamos tão presos no passado quando estávamos. a escravidão acabou, mas será que acabou mesmo? bibiana e belonisia nos mostram valores básicos para viver, como a conexão humana, o perdão, a necessidade de nos apoiarmos em alguém quando não temos como nos expressar, e o quanto a nossa identidade, voz e liberdade são mais essenciais do que algo que já temos. pessoas não tem. pessoas negras não tem. pessoas negras estão presas ao passado porque o passado não deixa nossa sociedade, e a nossa sociedade não os deixa livres. seus machucados, suas dores, sua vivência, sua herança foram esquecidos, mas isso não pode continuar assim. tais mágoas não podem continuar sendo ignoradas.

Fonte: Skoob (2022).

Quando analisamos a resenha, percebemos que ela parte da relação entre o livro *Torto arado* e a realidade vivida por muitas pessoas, mencionando o passado e a escravidão. E, a partir disso, o internauta introduz em sua resenha as personagens Bibiana e Belonísia, que, conforme destaca, externalizam sobre a necessidade de as pessoas se apoiarem e mostrarem o quão essenciais são a identidade, a voz e a liberdade, direcionando tais ponderações para a questão das pessoas negras. Esse contexto confirma o que defendemos com base em Zilberman (1989), de que a escolha do herói pelo autor é intencionalmente pensada e desenvolvida, e não criada aleatoriamente.

Além do mais, é possível verificar que as protagonistas Bibiana e Belonísia possuem características criadas e aprofundadas por Itamar Vieira Junior e que protagonizam e cultivam valores, como a conexão humana, o perdão e o apoio um ao outro, destacados pelo internauta em sua resenha representada na Figura 34. As assertivas do autor de *Torto arado*, que

sensibilizou aos leitores por meio das protagonistas, estão em consonância com o que vimos em Ricoeur (1997) como sendo manobras de sedução, o que também observamos na resenha encontrada na Figura 35.

Figura 35 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Torto Arado - @sabe.aquele.livro
 "Sobre a terra há de viver sempre o mais forte".

Assim, com esta tijolada, termina "Torto Arado". Acredito que existem livros que nascem clássicos, e este assim o é. "Torto Arado" me dividiu: em alguns momentos não é uma leitura empolgante, tem um início lento, mas em muitos é impactante, cru e dolorido. E tem este final, que vou levar para o resto da vida.

Itamar Vieira Junior trata com rica prosa o que se trata - a princípio - da história das irmãs Bibiana e Belonísia. Mas esta trama tem um fermento que a faz crescer e ficar muito maior que a trama das irmãs unidas além da fraternidade por um acidente terrível. Ela cresce com o sofrimento do povo negro pelo direito de existir, de viver além da escravidão, disfarçada de servidão.

Bibiana e Belonísia vivem com os pais, Zeca Chapeu Grande e Mãe Salu, a avó Donana e os irmãos menores como trabalhadores da fazenda Água Negra. Tem que trabalhar de sol a sol nas terras do patrão, sem ganhar nada por isso, a não ser poder viver em uma casa de barro (nada de alvenaria) e ter um roçado para que pudessem plantar o que comer quando sobrasse tempo da plantação do patrão. Crianças, as curiosas irmãs são atraídas pela velha mala de couro da avó, e um dia descobrem que entre tantas coisas ali guardadas, há uma faca. O fascínio pelo objeto faz as duas levarem a afiada faca à boca, e o resultado é que uma delas perde a língua.

Assim, as duas se vem ligadas pelo laço da necessidade: uma vai ser a voz da que perdeu a fala. Até que a maturidade e as escolhas levam a uma separação que vai mudar profundamente a história da Água Negra.

"Torto Arado" alcança diretamente quatro gerações de quilombolas. Versa sobre os costumes daqueles que trabalhavam por morada no interior baiano, "negros do mato", pessoas que por vezes se passavam até por índios, para ter um resquício de amparo legal. Através de Donana e Zeca Chapeu Grande entramos no universos das festas de jarê, dos curadores, e das entidades que eram recebidas com respeito nas rodas destas festas, em uma abordagem muito bonita e rica dos ritos de matriz africana.

Um drama familiar, a história de uma nação e seus costumes, lutas, sofrimentos e toda a injustiça a que foram submetidos. E à medida que o tempo passa, as mudanças, o fio da justiça e o clamor da esperança.

Tenho certeza que meus filhos terão que conhecer este livro no futuro, nas aulas de Literatura Brasileira. Saio de "Torto Arado" mais rica em conhecimento e empatia. Saio arrepiada pela força da narrativa, pelo impacto de seu final, e sua última frase. Mais uma obra que vou passar panfletando, sempre que tiver oportunidade. Leiam!

Fonte: Skoob (2022).

Em uma resenha que possui um número de palavras bem acima da média na *Skoob* sobre *Torto arado*, com 468 palavras, a representada na Figura 35 revela um internauta atento a diferentes aspectos do romance de Itamar Vieira Junior, como a relevância das irmãs Bibiana e Belonísia. No primeiro parágrafo de seu texto, o internauta tece algumas percepções a respeito de sua leitura e comenta sobre o final do romance. Isso evidencia a condução realizada pelo leitor e as posturas emocionais que nele são despertadas, em conformidade com o que Jauss (1994) afirma sobre as expectativas referentes ao "meio e fim", associadas aos demais conhecimentos e lembranças do leitor.

Entretanto, nos próximos parágrafos, o resenhista da *Skoob* realça as personagens de *Torto arado*, sobretudo as irmãs Bibiana e Belonísia e as tramas que as envolvem ao longo do

romance. Ao mencionar a riqueza percebida pelo leitor de *Torto arado*, esse internauta da *Skoob* acentua sobre o acidente que muda a vida das duas personagens, mas ao mesmo tempo as une (quem leu o romance se certifica de que ele se refere ao corte da língua de uma das irmãs com a faca da avó Donana). Ainda no segundo parágrafo de sua resenha, o internauta da *Skoob* focaliza sobre os sofrimentos e as dificuldades do povo negro, causados principalmente pela escravidão.

Manifestações sobre tramas familiares e, principalmente, questões históricas que registram as marcas da escravidão e conflitos de terra, por exemplo, permitem-nos presumir que essas são marcas registradas pelo autor e atualizadas pelos leitores, que manifestam em suas resenhas terem conhecimento sobre os temas abordados em *Torto arado*. Portanto, essa temática não está lançada aos leitores como aquilo que Jauss (1994) caracteriza ser o que não se apresenta como verdade absoluta, ou seja, os leitores se identificam, se familiarizam e se solidarizam com as vivências das personagens mediante os conflitos históricos e sociais nos quais estão inseridos porque já presenciaram algo semelhante ou pelo menos estudaram sobre questões como a escravidão, dentre outras dificuldades do povo negro.

No parágrafo seguinte, o internauta da *Skoob* direciona seu manifesto para o fato de que as irmãs protagonistas vivem com sua família na fazenda Água Negra, onde trabalham arduamente na roça que não é delas, o que demonstra as marcas da escravidão, do mundo capitalista e mercantil entre patrões e “empregados”. Sendo assim, temos o registro de mais uma matriz cultural, conforme conceitua Martín-Barbero (1997), manifestada por um veículo de comunicação – o romance *Torto arado* – lido e recepcionado por diferentes sujeitos que atualizaram a leitura e propagaram suas percepções através das resenhas na *Skoob*.

Na sequência, o internauta continua descrevendo sobre as irmãs Bibiana e Belonísia, que possuem um elo muito forte porque uma delas perdeu a língua e estabelece comunicação com os demais intermediada pela irmã. Entretanto, uma complicação é identificada e mencionada pelo leitor, que mantém o suspense ante os demais ao revelar que uma separação entre ambas acontece e muda a linearidade narrativa.

Já no próximo parágrafo, o antepenúltimo de sua resenha, o internauta retoma os assuntos que abordou, reiterando “um drama familiar, a história de uma nação e seus costumes, lutas, sofrimentos e toda a injustiça a que foram submetidos. E à medida que o tempo passa, as mudanças, o fio da justiça e o clamor da esperança” (Skoob, 2022, s.p.). Após essa síntese, o internauta da *Skoob* reafirma o impacto positivo que o livro teve para ele, que repassará o livro *Torto arado* (2019) aos seus filhos pelo fato de a leitura desse romance ter lhe proporcionado conhecimento e mais empatia, o que faz novamente surgir a postura

emocional do leitor, teorizada por Jauss (1994), e o despertar da interioridade, ponderado por Petit (2009). Esses efeitos são perceptíveis em outros leitores, como nos registros do autor da resenha representada na Figura 36.

Figura 36 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Fantástico. Cru. Poético.

Eita, que comecei o ano com uma leitura arrebatadora que, com certeza, vai me acompanhar pelo resto de minha vida .

Torto Arado conta a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, moradoras de uma fazenda no interior da Bahia, com suas vidas marcadas na infância que construiu uma dependência e cooperação inacreditáveis.

Esse livro é cru. Ela conta a verdadeira história do interior do Brasil, com o que já é história e o que ainda acontece no nosso país.

Com uma narrativa rica, que lembra a maneira de escrever que conheci nos tempos de escola, nos grandes clássicos da nossa Literatura, Itamar conseguiu minha total atenção e compromisso com essa leitura. Dividido em três partes, no terceiro ato eu estava imersa nesse universo e torcendo muito para essas irmãs conseguirem seus objetivos, uma diferente da outra , e eu queria muito a felicidade da minha favorita (não vou dizer quem é kkk).

Com esse livro eu sorri, senti raiva, impotência, amor, saudade... EU SENTI.

E não poderia ter escolhido livro melhor para viver nesse momento. Obrigada, Itamar.

Peço que se ainda não dei, dê uma chance para esse livro. Não irá se arrepender Mas não espere mirabolantes plots nesta história. Ela é real. E a realidade já assusta e enraivece por si só.

Fonte: Skoob (2022).

Fantástico, cru e poético são os adjetivos atribuídos pelo internauta da *Skoob* em sua resenha sobre *Torto arado*, o que nos leva a inferir que eles se referem ao romance de Itamar Vieira Junior. Esse pressuposto é confirmado na primeira frase de sua resenha, uma vez que, já de início, o internauta da *Skoob* caracteriza a leitura de *Torto arado* como arrebatadora e diz, também, que lhe acompanhará ao longo da vida. Revelações como essas, devido à composição e estrutura do texto, remetem-nos à normatividade e à canonicidade de Ricoeur (1997), ao afirmar que elas permitem o mobilizam o reconhecimento de grandes obras, coincidindo também com as ponderações de Candido (2006) acerca da intensidade e da qualidade da obra, que orientam o leitor, resultando em percepções e sentimentos como as desse internauta da *Skoob*.

Ao longo de sua resenha, o internauta da *Skoob* cuja resenha representamos na Figura 36 tece considerações sobre diversos aspectos, como a comparação do romance com clássicos que leu na escola, a divisão de *Torto arado* em três partes, mas, sobretudo no segundo parágrafo, sobre as irmãs Bibiana e Belonísia, às quais dedicamos maior atenção neste subcapítulo em razão das percepções de centenas de internautas da *Skoob*. Aliás, os resultados e manifestações encontradas na *Skoob* confirmam o reconhecimento da posição do escritor e da aceitação de seu texto. Afinal, escritor e texto formam, conforme Candido (2006), um par solidário e que é vinculado ao público.

À guisa de finalização de sua resenha, o internauta da *Skoob* destaca diferentes sentimentos que teve ao ler *Torto arado*, enfatizando o sorriso, o amor, a saudade e até mesmo a raiva, que, imaginamos, é causada devido ao sofrimento das personagens e da verossimilhança da situação delas com a de pessoas na realidade. Esse misto de sentimentos, realizado pelo sistema de representação feito em *Torto arado*, reporta-nos ao conceito de identidade, que está, segundo Silva (2013), ligado a estruturas discursivas e narrativas e que é, ao mesmo tempo, um processo de produção e um efeito, tendo em vista que encontramos tais aspectos no romance de Itamar Vieira Junior.

Sendo assim, ao analisarmos a resenha representada na Figura 36, percebemos que o romance *Torto arado* despertou diversas sensações nesse internauta da *Skoob*, deixando, portanto, cicatrizes, termo que encontramos em Petit (2009). Simultaneamente, esse leitor de *Torto arado* indica a leitura do romance, advertindo que o possível leitor ao qual recomenda a leitura não deve esperar um enredo muito *mirabolante*, conforme adjetiva, em virtude da realidade encontrada no romance, que, para ele, já é assustadora, demarcando o diálogo entre o criador e público, também reiterado por Candido (2006). Além do mais, percepções como essas, sobre a realidade explorada pelo autor, considerando as personagens, sobretudo as principais, são manifestadas por vários internautas da *Skoob*, como é o caso do leitor que tem sua resenha disposta na Figura 37.

Figura 37 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Um romance, uma ficção, uma história do pós-Abolição no Brasil

Eu simplesmente terminei esse livro encantada. Encantada com os diálogos, com as palavras, com o enredo, com as personagens, com as construções e mistérios. PS: "meu Deus, quem foi que perdeu a língua, qual das duas? será que perdi essa informação?" Mas não, o autor soube guardar e deixar essa curiosidade, assim como outros ganchos que são essenciais para a história.

O que foi retratado ali, mais do que a história do ponto de vista de duas irmãs é a história real de muitos negros e negras quilombolas no Brasil que ainda hoje lutam por ter suas terras demarcadas. A terra que foi trabalhada, arada, construída por eles e quem vai dizer que não é? Essa história fala de injustiça e de luta pela liberdade (mesmo depois da abolição). Fala de perdão e amor entre as pessoas, de pessoas más, muitos más, mas de outros boas e muitos boas, que pensavam no coletivo e em ajudar o próximo (o que falta muito na nossa realidade atual).

O autor tem o dom de conseguir mesclar e mudar as narrativas de uma forma espetacular. Sem me atentar tanto ao enredo, eu simplesmente amei conhecer essas irmãs, essa família e essas pessoas que representam tantas outras que construíram nosso país.

Fonte: *Skoob* (2022).

Ao nos depararmos com o título da resenha, imaginamos que o cerne dela seja a relação entre ficção e realidade, e de fato é. Entretanto, em seus três parágrafos há menção às irmãs protagonistas, inclusive sob diferentes aspectos. No primeiro, o internauta da *Skoob* destaca sobre a construção de *Torto arado*, questionando, em seguida, sobre qual das duas

irmãs perdeu a língua, e se teria perdido essa informação durante a leitura, mas revela que esta foi uma estratégia utilizada pelo autor a fim de fomentar a curiosidade dos leitores de seu romance. Portanto, esses “ganchos”, que o próprio internauta da *Skoob* menciona, correspondem às perspectivizações do leitor teorizadas por Iser (1999a), as quais podem ser imaginadas pelo autor, resultando em recepções do texto e manifestações como as desse leitor de *Torto arado*.

No segundo parágrafo, também há menção das duas irmãs, destacando que o que é narrado sobre elas reflete a realidade de muitas pessoas brasileiras, as quais lutam pelas suas terras. Aliás, esse parágrafo destaca sobre as injustiças e a luta dos negros pela liberdade, coincidindo com o termo *pós-abolição* encontrado no título da resenha. Esse cenário que permeia a luta dos negros pelas suas terras e seus direitos remetem à teoria de Sodré (2023), que acentua sobre os valores, o *ethos* e a atmosfera emocional coletiva, sendo tais características exploradas por Itamar Vieira Junior e identificadas por leitores, marcas de identidades demarcadas social e culturalmente.

Já no último parágrafo de sua resenha, o internauta da *Skoob* enfoca, em teor de conclusão, que atentou sua leitura para as personagens, mencionando novamente as irmãs, fazendo sobressair, novamente, a representa o delas como símbolo de tantas pessoas que ajudaram a construir o Brasil. Isso nos conduz novamente a Sodré (2023), que ratifica sobre a falsa tese de existirem “dois Brasil”, afirmando, em verdade, a existência de uma heterogeneidade sociocultural. Nessa perspectiva, acrescentamos que as pessoas representadas por Bibiana, Belonísia e demais personagens de *Torto arado* são constitutivas da história social e cultural do Brasil, especialmente no período pós-escravidão, termo também utilizado por outro internauta da *Skoob*, cuja resenha dispomos na Figura 38.

Figura 38 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Duas irmãs, uma só voz

Esse  , sem d vida, um dos melhores livros nacionais que eu já li em toda a minha vida. Itamar soube surpreender ao mesmo tempo em que foi fiel ao cenário existente no Brasil daquela época.

O livro possui poucos diálogos, mas cada parágrafo por si tr s reflexões profundas e retratos das injustiças vividas pelo povo de  gua Negra, que não são nada diferentes das do período pós-escravidão.

Eu adorei o fato de o autor ter dado para cada irmã seu próprio ponto de vista, trazendo a história novas nuances e visões de mundo.

Enfim, uma obra genial e marcante.

Fonte: *Skoob* (2022).

Conforme podemos averiguar na resenha representada na Figura 38, alude-se a um importante período que envolve diretamente os negros, o que destacamos anteriormente.

Contudo, o título da resenha já revela que o enfoque dado por esse internauta da *Skoob* é nas irmãs, as quais, curiosamente, não têm seus nomes registrados na resenha, assim como na anterior, da Figura 37, porém, não restam dúvidas de que ambos se referem à Bibiana e Belonísia.

Sob nossa interpretação, salientamos que as duas irmãs têm uma só voz, segundo o internauta da *Skoob*, não somente pelo fato de uma delas ter sua língua cortada (o que sequer foi mencionado pelo receptor de *Torto arado* em sua resenha), mas pelo caráter de representação de pessoas que viviam no Brasil na época do período da pós-escravidão, sobre o qual é ressaltado nos dois primeiros parágrafos. Essas demarcações corroboram aquilo que Schmidt (2008) teoriza sobre o literário estar integrado à cultura e sobre os valores sociais e culturais incorporados pela história e pela narração, o que também fica perceptível na resenha representada na Figura 39.

Figura 39 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

"Sobre a terra há de viver o mais forte"
 Você está perdendo anos de vida não lendo *Torto Arado*, sério. Um dos livros mais lindos que já li, um favorito que vou guardar com carinho e certamente irei reler em vários momentos.

É incrível a forma como Itamar fala sobre a escravidão, e sobre como ela supostamente acabou (ainda existe a tal da escravidão moderna).

Consegui me conectar muito com a história, sou baiana também, eu vi muitos parentes meus viverem de forma muito parecida.

Eu amei a relação das irmãs, o quanto elas são unidas e, ao mesmo tempo, tão distantes uma da outra. São duas mulheres extremamente fortes, cada uma enfrentando seus leões.

Derramei muitas lágrimas, obrigada Itamar, sentia cada personagem em cada linha.

Terminei o livro querendo esquecer de toda história para ler de novo, e de novo e de novo.

Suponho que o livro se passe entre os anos 70-80, e é triste dizer que muita gente ainda passa por aquelas situações. Fica cada vez mais aquela sensação de que a escravidão não tem tantos anos assim. Afinal, por volta desses mesmos anos, ainda haviam ex-escravizados vivos.

Esse livro merece todos os prêmios que recebeu e mais!

Quero conhecer todos os outros livros do Itamar que ele lançar.

"Vocês podem até me arrancar como uma erva ruim, mas nunca irão arrancar a terra de mim."

Fonte: *Skoob* (2022).

Após intitular sua resenha com uma das frases mais impactantes encontradas em *Torto arado* e destacadas pelo seu público receptor, o internauta da *Skoob* inicia sua resenha

recomendando a leitura desse romance. Aliás, conforme acentua, ele o lerá novamente, enfatizando seu encantamento pela maneira como o autor Itamar Vieira Junior explora a escravidão em *Torto arado*, sendo tais escritas demarcadoras do resultado de determinada cultura, acentuando a herança cultural do período escravocrata, ilustrando as palavras resgatadas teoricamente por Laraia (2001).

No parágrafo seguinte de sua resenha, o internauta da *Skoob* revela sobre sua conexão com a história, o que teoricamente respaldamos em Jauss (1979), quando o teórico evidencia sobre o prazer de si no prazer do outro. Em outras palavras, o internauta da *Skoob* revela identificar-se e conectar-se com a história retratada em *Torto arado*, por ser da Bahia, assim como as personagens principais do romance de Itamar Vieira Junior, pontuando outros aspectos dele e também do período de escravidão nele representado, ratificando o que teoricamente Woodward (2013) caracteriza como sendo marcações simbólicas.

Diante dessas representações e marcações simbólicas realizadas em *Torto arado*, em que a força feminina é destaca por vários internautas da *Skoob*, confirmamos as sensibilizações e perspectivizações de considerável público leitor do romance de Itamar Vieira Junior sobre a vida e trajetória das personagens Bibiana e Belonísia. As protagonistas, conforme os próprios internautas da *Skoob* destacaram, representam milhares de brasileiros em vários aspectos, sobretudo no contexto do período da pós-escravidão, em que a força feminina se revela como fator importante e decisivo na vida dessas pessoas, o que nos motiva a tecermos percepções e análises considerando as forças e as vozes femininas encontradas em *Torto arado*, focalizadas por Itamar Vieira Junior e notabilizadas pelo seu público leitor.

5.6 Forças e vozes femininas sob o olhar do autor e dos leitores

Ao percebermos a força presente nas personagens de *Torto arado*, sobretudo as femininas, desde a pré-seleção das resenhas, julgamos fundamental analisarmos as forças e vozes femininas encontradas no romance de Itamar Vieira Junior e destacadas pelos internautas da *Skoob* em suas resenhas. Muitos deles, por sinal, deixam explícitas palavras que permitem esse diagnóstico, como as expressões *força feminina*, encontrada 18 vezes, e *vozes femininas*, no plural, coincidentemente também detectada 18 vezes. Além disso, surgem outras palavras que acentuam o protagonismo e a força feminina, como *guerreira(s)*, que aparece 23 vezes, entre várias outras, conforme observamos na resenha representada na Figura 40.

Figura 40 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Estritamente necessário

Belonísia e Bibiana são forças da natureza, são a representatividade de luta e resiliência, cada uma a sua maneira, mas ainda sim potentes. A narrativa me surpreendeu muito, inicialmente eu achava que ficaria preso só ao fatídico acontecimento, porém o livro vai além, desvenda as nuances dos povos que há muito estão aqui e que estão esquecidos e silenciados.

Fonte: Skoob (2022).

Em consonância à proposta de investigação neste subcapítulo, a partir do que havíamos percebido previamente sobre as forças e vozes femininas enfatizadas por internautas da *Skoob*, identificamos na resenha representada na Figura 40 a expressão *forças da natureza*, atribuída às protagonistas Bibiana e Belonísia. Diante disso, confirmamos, tanto em *Torto arado* quanto na identificação do internauta da *Skoob*, aquilo que teoricamente ratificamos por meio de Woodward (2013), de que os símbolos marcam a identidade, a qual é construída também socialmente.

Na continuidade da resenha, constatamos, na prática, a teoria de Woodward (2013) acerca da identidade, visto que o internauta da *Skoob* confirma que as irmãs protagonistas representam, de forma potente, a luta e a resiliência. Portanto, em *Torto arado*, temos um símbolo da identidade de um povo, que é lido pelo público receptor, que se sensibiliza e se sente modificado a partir da realização da leitura, o que confirma também a teoria do Efeito Estético de Iser (1996, 1999) e da Estética da Recepção do texto de Jauss (1994). Esse contexto é encontrado em muitas outras resenhas, a exemplo da apresentada na Figura 41.

Figura 41 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Torto Arado

Que livro é esse, minha gente?! A história e a cultura de um povo injusticado e oprimido dentro dessa narrativa tão lindamente construída pelo autor. Numa linguagem sensível e por vezes poética, a vida dos personagens se apresenta aos nossos olhos de forma bem realista, onde a ficção por vezes dá lugar a uma dura e triste realidade vivida por tantas pessoas, assumindo um caráter de denúncia sobre um passado não muito distante do nosso povo. Personagens muito humanos, com erros e acertos em sua trajetória, mas que buscam sempre o melhor para si e para sua família. A força da mulher está muito presente nesse texto. Apesar da exploração, dos abusos e da violência por elas sofrida, continuam firmes e lutam incansavelmente. Outra ponto interessante no livro é a narração ser feita por diferentes pontos de vista, o que nos permitiu ter uma visão mais ampla e compreender melhor o universo ali construído. Conhecer um pouco sobre uma das religiões advindas da África, suas crenças e costumes praticados pelo seu povo foi um grande presente que esta narrativa nos trouxe. Saio dessa leitura com uma mistura de sensações, mas o que prevalece é o poder inspirador dessa obra incrível.

Fonte: Skoob (2022).

Considerando a resenha disposta na Figura 41, diagnosticamos que as forças e as vozes femininas permeiam o texto do internauta da *Skoob* desde o início, posto que este revela

como *Torto arado* retrata a história de um povo injustiçado. E, ao continuar escrevendo sobre o cenário e as personagens, o internauta destaca a força das mulheres, que permanecem firmes e enfrentam os problemas que afetam o povo, além de afrontar os desafios que lhes são exclusivos, como abusos e violências.

Diante dessas percepções, em que o protagonismo e a luta do povo, especialmente das mulheres, são percebidos e acentuados pelo internauta da *Skoob*, ele conclui que o livro é incrível e lhe despertou uma mistura de sensações. Essa reação coincide ao encanto do elemento de linguagem, conforme a expressão teórica de Gadamer (2014), da qual nos valem em nossos estudos. Esse encanto é encontrado em *Torto arado* e propagado pelo público em seus registros, sobretudo nas resenhas disponíveis na *Skoob*. Assim, passamos a analisar individualmente mais algumas resenhas que abordam o tema deste subcapítulo, como a apresentada na Figura 42.

Figura 42 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Itamar nem parece homem escrevendo

Não me entendam mal, esse título estranho vai fazer sentido.

Não muito raro é encontrar autores homens que escrevem personagens femininas de maneira estereotipada e superficial. São universos distintos e a feminilidade ainda é algo interpretado de maneira até caricata. Itamar me fez esquecer que aquela história é uma ficção, me fez esquecer que aquelas personagens não existiam, talvez porque existiram muitas Bibianas, Salús, Donanas e Belonísias. Me fez esquecer quem era o autor..

Itamar me apresentou faces da força feminina que há muito tempo eu não olhava. Me fez lembrar de minhas avós que cada uma ao seu modo são mulheres fortes, ligadas à terra. *Torto Arado* me conectou com uma face da feminilidade que é muito profunda, com a minha ancestralidade e espiritualidade. Os últimos capítulos então! Nossa.. sensacional! Eu não vi um defeito no livro. É maravilhoso!

Fonte: *Skoob* (2022).

Quando analisamos a resenha, percebemos que o internauta da *Skoob* se surpreende com a sensibilidade e o olhar do autor Itamar Vieira Junior para as personagens femininas. Já no título da resenha fica subentendida a reação e a percepção desse leitor de *Torto arado*, ao afirmar que “nem parece ser homem escrevendo”. Aliás, a resenha é praticamente toda voltada para as personagens femininas do romance de Itamar Vieira Junior e para as características de estilo do autor manifestadas por meio de seu texto.

Sendo assim, temos indícios para encontrarmos a resposta da pergunta feita por Woodward (2013) e que transcrevemos em nosso segundo capítulo teórico acerca do porquê as pessoas investirem nas posições que os discursos da identidade oferecem a elas. Logo, imaginamos que Itamar Vieira Junior, mesmo sendo uma figura masculina, percebe em sua realidade, bem como na de inúmeras pessoas que encontra em sua trajetória de vida, o que manifestou em uma de suas entrevistas que subsidiaram o capítulo anterior, destacando a luta

das mulheres em meio ao cenário do interior nordestino, em que prevalece, muitas vezes, o machismo, a resistência, a seca, a luta pela terra e pelo término da desigualdade.

Ao examinarmos a resenha representada na Figura 42, notamos que o internauta da *Skoob* menciona, além do nome das protagonistas, o de outras personagens femininas. Ainda, os nomes das quatro personagens femininas citadas estão registrados no plural, a fim de acentuar a intenção do internauta da *Skoob* em confirmar que elas representam inúmeras mulheres que se encontram em situação parecida na vida real.

Além disso, no último parágrafo de sua resenha, o internauta destaca sobre as faces da força feminina apresentadas pelo autor Itamar Vieira Junior em seu romance, remetendo-o às suas lembranças. Ora, trata-se de mais uma comprovação do que Schmidt (2008) afirma teoricamente acerca da incorporação dos valores sociais e culturais na relação entre história e narração. Nesse sentido, as forças femininas identificadas pelos internautas da *Skoob* fazem com que *Torto arado* receba adjetivos como os registrados também na resenha da Figura 43.

Figura 43 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Crucial, viceral, impactante

Acho que não tinha como ser diferente. Esse livro conversa com a gente de uma forma íntima, avassaladora. Ele nos chama pra fazer parte da família de Belonísia, Bibiana, Zeca Chapéu grande, Salu, Donana? e essa narrativa envolve a gente, nos faz sentir com os personagens.

Mas principalmente eu quero pontuar a riqueza de detalhes, a preocupação que autor tem em ser fiel com aquilo que ele se propôs a apresentar. A riqueza histórica e cultural que carrega.

Mas não é só na chapada, na Bahia, é no Brasil. É parte da nossa história, a escravidão, as marcas dessa crueldade, as lutas que foram apagadas da nossa história. Continuam sendo.

É o lado que não tem voz, como Belonísia, é o lado que nunca foi escutado, nunca contou a sua história, as suas crenças, a sua sabedoria, o seu conhecimento e sua sua ciência. Pq ciência dos povos tbm é ciência.

Está ali enraizado.

E Santa Rita pescadeira vem nos mostrar isso, ela é a ancestral, ela é a história viva que é deixada morrer pelo novo, que foi obrigada a morrer pelos brancos, mas continua vagando, procurando para que alguém se lembre dela, seja na consciência, seja na coragem, seja no desejo, seja no íntimo e no instinto.

Santa Rita pescadeira não abandona tudo que viu, sentiu e lutou. Ela é só passa pelo mundo esperando alguém para transpor tudo que seu corpo sentiu, tudo que seus olhos viram, tudo que sua força lutou. Esse é espírito ancestral.

Eu amei como autor trouxe um protagonismo de mulheres e ele escreve a história duplamente te apagada, mulheres negras, sabemos tão pouco sobre elas. Historicamente falando elas foram apagadas, quantas mulheres deram seu sangue para proteger seus filhos, seus companheiros, outras mulheres em sofrimentos. Quantas delas deram seus braços e suas forças, ainda tinham seus corpos usados como objetos de crueldade e perversão.

Mulheres como Belonísia que sem voz e no desejo de ser amada entraram em situações de abuso, mas que não se renderam. Mulheres como Donana que fizeram sua própria justiça. Mulheres como Salu, amáveis e firmes. Mulheres Bibiana que perderam seu mundo por causa da injustiça de homens mesquinhos. Mulheres como tantas que ainda estão entre nós, lutando e sem contar a sua história. Sem serem ouvidas.

Obrigada Itamar por isso, por escrever essas mulheres.

Fonte: *Skoob* (2022).

Conforme constatamos na resenha representada na Figura 43, há, já no primeiro parágrafo, a menção a várias personagens de *Torto arado*, com as quais o internauta da *Skoob* admite sentir-se envolvido, assim como com a história narrada. Logo, temos nessas manifestações a confirmação da identificação de identidades de um povo, em que as mulheres têm seu papel na cultura e na sociedade representado no texto literário. Portanto, *Torto arado* faz parte de um processo cultural, que mostra a identidade individual e coletiva, o que amparamos teoricamente em Woodward (2013), sobretudo com relação aos termos que usamos ao explanarmos sobre a identidade e sua representação feita por Itamar Vieira Junior, e atualizada na leitura do público receptor do romance.

Ao se aprofundar nas questões históricas e geográficas associadas às personagens, o internauta da *Skoob* salienta, ao longo de sua resenha, a falta de voz de Belonísia, mas, ao mesmo tempo, em sua conclusão, assevera que Itamar Vieira Junior trouxe o protagonismo de mulheres que se sacrificaram para proteger os outros, mesmo estando em condições desfavoráveis e em meio a injustiças. Assim, por ser o enfoque da resenha, imaginamos que os adjetivos *crucial*, *visceral* e *impactante*, encontrados no título da resenha, são atribuídos pelo internauta da *Skoob* às questões que ele retrata em seu texto e, conforme constatamos, devem-se principalmente à força e à luta das mulheres. Aliás, algo semelhante ocorre com outro internauta, conforme identificamos em sua resenha, a qual dispomos na Figura 44.

Figura 44 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Um encanto

Não havia uma parte do livro que eu não finalizasse com um aperto no peito de saudades das irmãs.

O livro inicia com o ponto de vista de Bibiana, por quem me afeiçoei rapidamente. Quando essa primeira parte acabou, senti saudades imediatamente, e praticamente comecei a segunda parte do livro já em negação, achando que não haveria ninguém que pudesse ocupar o lugar dela em mim, mas estava muito enganada.

Com o ponto de vista da segunda irmã, Belonísia, percebi que também haveria espaço para ela, um espaço até bem maior.

A terceira e última parte do livro, narrada por uma terceira personagem, foi o ponto chave para que as duas irmãs, seu pai, sua mãe, irmãos, filhos, sobrinhos, vizinhos... se tornassem parte de mim.

Me envolvi muito na narrativa, que inclusive é o principal ponto que nos leva de cabeça a adentrar a história das duas, e representa maravilhosamente uma história tão brasileira e que infelizmente não aprendemos de forma adequada.

Além da saudade de Bibiana e Belonísia, fica também a reflexão sobre uma parte do Brasil e da história do país que permanece recente, apesar do tempo passado.

Saí desse livro com pensamentos e visões diferentes que tinha de quando o abri pela primeira vez.

Fonte: *Skoob* (2022).

A partir do título da resenha, “*Um encanto*”, já apreendemos que esse internauta da *Skoob* também ficou fascinado pelo romance *Torto arado*. Aqui, cumpre ressaltar que verificamos que o autor da resenha é uma figura feminina, em razão da presença do adjetivo enganada no final do segundo parágrafo, o qual se refere ao próprio resenhista. Esses processos de identificação revelam o que Eco (2011) teoriza sobre a operação textual, na qual o leitor é configurado como sujeito do enunciado ao realizar a recepção do texto e, como ocorre na rede social *Skoob*, ao manifestar-se sobre a leitura realizada.

Ao longo de sua resenha, o internauta da *Skoob* revela suas identificações e afeições com as personagens principais, Bibiana e Belonísia, confirmando a teoria da postura emocional de Jauss (1994) e da sensibilidade social de Sodré (2023), visto que fica explícito em suas revela es de que ele sentirá saudades de Bibiana e Belonísia, tamanha a rela o construída com as personagens protagonistas. Nesse sentido, diagnosticamos o tema das forças e vozes femininas, principalmente nas revela es sobre as características das mulheres protagonistas de *Torto arado*, que, conforme o próprio internauta acentua no penúltimo parágrafo de sua resenha, representam uma história recente do Brasil. Esse contexto também   encontrado na resenha apresentada na Figura 45.

Figura 45 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

  primeira vista fala sobre a forte rela o entre duas irmãs, Bibiana e Belonísia, que vivem na pequena comunidade de lavradores da fazenda  gua Negra, na Chapada Diamantina. Ainda quando crianças, movidas pela curiosidade, encontraram uma faca misteriosa entre os pertences da avó. Um acidente aconteceu e então suas vidas estariam para sempre ligadas, uma irmã se transformou na extensão da outra, a sua voz.

  através do olhar e das vivências das irmãs que entendemos mais sobre os trabalhadores daquela região. Mulheres e homens negros, descendentes de escravos, totalmente marginalizados e esquecidos p s aboli o da escravatura. Eles vivem em uma condi o de trabalho análogo   escravidão há gera es e têm a religiosidade como resistência. Vamos acompanhar o processo para que eles se reconheçam como quilombolas e reivindiquem a posse da terra onde trabalharam a vida toda, onde estão enterrados seus ancestrais.

A história   dividida em 3 partes contadas respectivamente por: Bibiana, quem vai desenvolvendo uma consciência social e política; Belonísia, a força da natureza que defende a terra por amor, por não se enxergar separada dela; e por Santa Rita Pescadeira, entidade que atravessou o tempo acompanhando de perto a história da popula o negra daquele lugar.

A potência e a importância de termos mulheres negras fortes como protagonistas refletindo e expondo profundamente o racismo, exclusão social, heranças coloniais, latifúndio, sincretismo religioso. Esse livro   o reconhecimento e a voz de uma popula o que foi historicamente esquecida.

Fonte: *Skoob* (2022).

O internauta ainda tece argumentos acerca das personagens de *Torto arado*, enfatizando as protagonistas Bibiana e Belonísia, bem como a outra narradora, a entidade

Santa Rita Pescadeira. Entretanto, somos direcionados ao último parágrafo, onde encontramos a marca mais significativa da representação da força feminina em *Torto arado*, destacada pelo internauta da *Skoob*. Após a explanação sobre as personagens principais de *Torto arado*, o internauta da *Skoob* pontua, na conclusão de sua resenha, sobre a importância de haver mulheres negras fortes e a potência que é tê-las como protagonistas não só na realidade, mas também na literatura. Nesse contexto, expõe o racismo, a exclusão social, o sincretismo religioso, e outros temas que ainda são enfrentados por inúmeros brasileiros na atualidade. Ora, a literatura de *Torto arado* é uma luta contra o esquecimento, ou melhor, como reitera o internauta da *Skoob*, é a representação de uma população historicamente esquecida.

Diante disso, percebemos que as forças e vozes femininas confirmam nossos prognósticos de que *Torto arado* é uma contribuição não apenas para a área da literatura, mas também de denúncia sobre acontecimentos na realidade, que atingem grande parte da população do interior do Brasil, que ainda é oprimido ou marginalizado. Esses dois termos são encontrados em Woodward (2013), quando ela teoriza sobre a política da identidade, que, segundo a estudiosa, é um fator importante de mobilização política. Além do mais, temas dessa magnitude, frequentemente encontrados na literatura, e com personagens e cenários que representam a realidade, contribuem para que os leitores identifiquem em textos literários, como *Torto arado*, as marcas de um clássico, o que de fato foi frisado por dezenas de internautas da *Skoob* e nos motivam a analisar esse aspecto no próximo subcapítulo.

5.7 O clássico na voz contemporânea: apontamentos e percepções dos leitores

Durante a seleção das resenhas, considerando as três fases de análise propostas por Bardin (2016), já na etapa de pré-análise – o primeiro polo cronológico estabelecido pela teórica que propõe o método de Análise de Conteúdo –, percebemos que a palavra *clássico* foi mencionada e destacada por dezenas de internautas da *Skoob* em suas resenhas. Isso nos instigou a investigar mais pormenorizadamente essas resenhas, levando-nos a constatar que muitas delas relacionam essa palavra ao contexto da contemporaneidade. Nesse sentido, é preciso evidenciar que a palavra *clássico* aparece 562 vezes no total das resenhas dentro do período estipulado para coleta de dados e a palavra *contemporâneo(a)* aparece 146 vezes, ambas subsidiando nossas análises neste subcapítulo, a partir da seleção de resenhas, sendo a primeira escolhida representada na Figura 46.

Figura 46 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Salve o Jarê

Tenho adiado escrever essa resenha sobre *Torto Arado* para evitar repetir o que muitos disseram sobre essa leitura... mas está realmente difícil. Vamos então às minhas impressões sobre a obra:

Torto Arado é um clássico moderno (é o clichê mais comum... mas é verdade!) cujas irmãs protagonistas da trama são fenomenais, inesquecíveis e de uma força interior inspiradora.

A trama se passa em um clima de tensão sobre como será o futuro dos personagens tanto individualmente quanto como um grupo de trabalhadores daquela fazenda. Esse clima de tensão é reforçado com violência, seca, assassinatos, ambição, doença e fome.

E mesmo em ambiente natural e social tão hostil, a bondade aflora em muitos momentos assim como uma certa "mágica", presente tanto nas tradições quanto nos rituais religiosos. É como se as ações e sentimentos de alguns daqueles seres humanos fossem flores que nascem um deserto contra tudo e todos.

Livro muito bem escrito, bons diálogos, transporta o leitor para aquele ambiente do interior da Bahia, leitura fluida mesmo apresentando diversas palavras que eu não conhecia, enfim, 5 estrelas.

PS.: Em tempo, acho que nunca esquecerei a palavra "jarê" e seu ritual que mescla santos com entidades do candomblé.

Fonte: *Skoob* (2022).

No título da resenha já nos deparamos com a contemplação do internauta sobre o jarê, que, conforme já explicitamos no capítulo anterior, na parte da descrição dos elementos, é um ritual religioso realizado pelos quilombolas, e está presente de forma marcante no romance *Torto arado*, inclusive vinculado à família das protagonistas. Nesse contexto, o internauta da *Skoob* destaca em sua resenha sobre os temas da seca, ambição, assassinatos, doença, fome e violência, os quais sabemos que foram explorados por outros autores que tiveram seus nomes difundidos na literatura. Certamente, isso contribui para que muitos leitores de *Torto arado* o caracterizem como um *clássico moderno* – expressão encontrada no segundo parágrafo da resenha representada na Figura 46. Como o próprio internauta descreve, essa expressão chega a ser um clichê, de tão verídica e evidente que se torna aos olhos dos leitores.

Além dos temas que já mencionamos, salientados pelo internauta da *Skoob* em sua resenha, percebemos, ainda no mesmo parágrafo em que menciona a expressão *clássico moderno*, a ênfase para a força feminina das protagonistas, adjetivadas como fenomenais e inesquecíveis. Isso legitima a sua percepção sobre a alcançabilidade e aceitação de *Torto arado* por parte do público leitor, confirmando o que Iser (1996a) teoriza a respeito do prazer do texto, que oferece o que na vida real não pode ser alcançado. De forma semelhante, identificamos os sentimentos experienciados por outro leitor em virtude do prazer do texto, cujos registros em sua resenha estão representados na Figura 47.

Figura 47 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Torto Arado
 Então, li o livro pra um projeto pessoal de leitura de autores e/ou personagens negros.

Vi muitas pessoas colocando hype nesse livro e elogiando muito a obra e o autor. Não é atoa que o livro ganhou dois prêmios em 2020.

Pra ser bem sincera: o livro é lento, cansativo e não muito fácil.

A escrita do autor é muito boa, confesso que me deixou bem animada, mas ao mesmo tempo parecia que estava lendo um clássico. Então me cansou um pouco.

O livro trata de construção de personagens, do universo, como uma jornada do herói que vemos em livros de autores clássicos como Machado. Por isso eu me irritava um pouco, por não ter uma história muito bem definida. Às vezes me perdia.

Os personagens são bem interessantes, todos eles. Me apeguei demais as irmãs Bibiana e Belonisia. Fiquei concentrada nas histórias individuais delas.

O livro aborda questões importantes demais!! Fala sobre o povo quilombola, sobre a vida no sertão, desigualdade social, racismo e muitas outras questões. É uma leitura muito importante e, como eu disse, tem tudo pra se tornar um livro clássico.

Ótima experiência de leitura!!

Fonte: Skoob (2022).

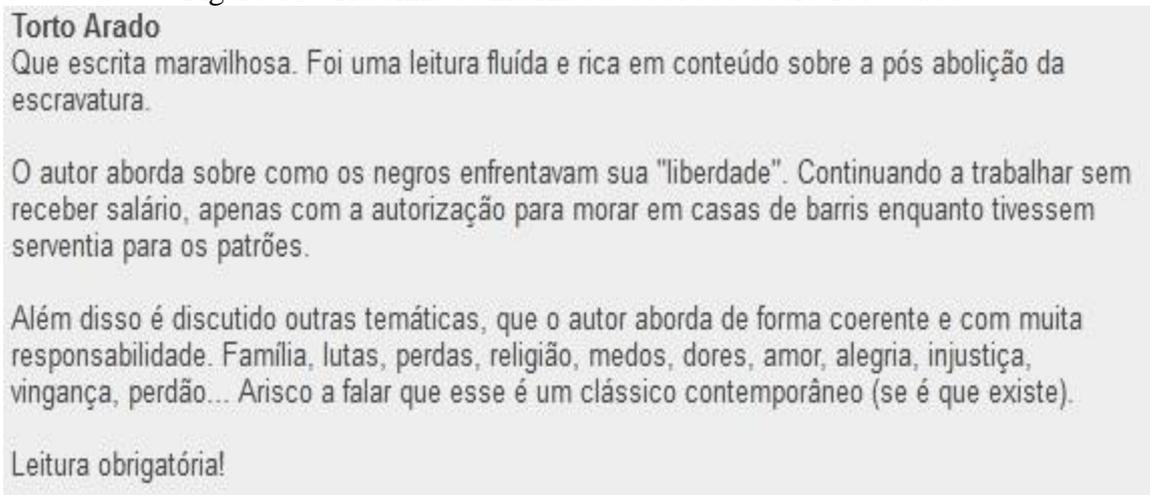
Ao analisarmos a resenha em questão, notamos que, no início dela, o internauta da *Skoob* revela que realizou a leitura de *Torto arado* por motivos e particularidades pessoais, contemplando a escrita de autores negros ou que contenham personagens negros. Sem dúvida, isso nos remete aos estudos de Woodward (2013) e Hall (2006) a respeito da identidade, assim como aos de Schmidt (2008) sobre história e narração, afirmando que ambas incorporam valores sociais e culturais – no caso, voltados para a experiência dos negros, conforme buscado por esse internauta.

Além disso, o cenário dos negros ressaltado no primeiro parágrafo pelo internauta da *Skoob* é resgatado no último parágrafo, no qual destaca que o livro aborda questões como a vida no sertão, a desigualdade social e o racismo, que, de acordo com o próprio autor da resenha, são questões muito importantes. Ora, esses cenários da identidade dos negros, demarcados pelo contexto social e cultural, são operadores da identidade humana, termo que encontramos em nossos estudos teóricos embasados em Sodré (2023).

Entre o primeiro e o penúltimo parágrafo da resenha, constatamos a ênfase do internauta nas personagens, sendo elas adjetivadas como interessantes. Logo, a composição das personagens e o cenário social e cultural dos negros fazem com que o internauta da *Skoob* afirme que o romance de Itamar Vieira Junior possui uma composição semelhante à

identificada em autores clássicos, como Machado de Assis. Isso nos direciona ao adjetivo contemporâneo associado ao termo clássico e retomado por outros internautas, como no caso do leitor cuja resenha está representada na Figura 48.

Figura 48 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*



Fonte: Skoob (2022).

Conforme já anunciamos anteriormente, o internauta da *Skoob*, autor da resenha que transpomos para a Figura 48, arrisca afirmar que *Torto arado* é um clássico contemporâneo, destacando, ainda no mesmo parágrafo, as temáticas exploradas por Itamar Vieira Junior, como a família, as lutas, a religião, os medos, as dores, as injustiças, entre outras questões que remetem a clássicos e, ao mesmo tempo, são contextos a serem explorados por autores. Isso é inferido por nós como uma referência ao caráter de representação de uma realidade, coincidindo com a teoria do prazer estético e da arte de representação, postuladas por Jauss (1979; 1994).

Aliás, a teoria do prazer de si no prazer do outro, teorizada por Jauss (1979), permeou sob nossos olhos durante a leitura e análise da resenha representada na Figura 48, posto que, já em seu início, o internauta da *Skoob* declara que a escrita de *Torto arado* é maravilhosa e que a realização da leitura foi fluida e rica em conteúdo sobre a temática da pós-abolição da escravatura, lembrando-nos também da teoria de Gadamer (2014) sobre a congregação da obra de arte com o mundo da existência, o que identificamos na resenha a seguir, representada na Figura 49.

Figura 49 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Bem? considerando a profundidade e a variedade de tantas críticas especializadas e de tantos prêmios recebidos, é quase impossível falar algo que não já não tenha sido dito sobre o romance de Itamar Vieira Junior, mas eu não poderia deixar essa leitura passar despercebida.

Por exemplo, durante a cerimônia do Prêmio LeYa, *‘Torto Arado’* foi reconhecido como vencedor, por unanimidade, pelo júri, em razão da *‘solidez da construção, o equilíbrio da narrativa e a forma como ela aborda o universo rural do Brasil, colocando ênfase nas figuras femininas, na sua liberdade e na violência exercida sobre o corpo num contexto dominado pela sociedade patriarcal’*.

A obra se passa na Fazenda Água Negra, uma comunidade rural da região de Chapada Diamantina (Bahia), e é narrada por duas personagens, as irmãs Bibiana e Belonísia, cujas vidas são marcadas para além dos laços sanguíneos. Descendentes de escravos, elas nasceram e cresceram sem direito à terra na qual vivem com a sua família, demonstrando a dura realidade das práticas escravocratas ainda presentes nas relações de trabalho *‘condição agravada pelo meio rural onde estão inseridas.*

‘Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar, fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar. Como eram bons, porque não havia mais chicote para castigar o povo.’ (p. 204)

Embora aborde temas tristes como a fome, a seca, a pobreza, o machismo, a dureza da vida que depende diretamente da terra frente à falta de perspectiva de mudança no futuro, o livro também tem momentos de leveza e beleza, promovendo um devido resgate cultural dos costumes, da religião e da fé afrodescendente, parte essencial no processo de formação do povo brasileiro.

Ainda é cedo para averiguar o diagnóstico do nascimento de um clássico, contudo, não há como negar que estamos diante de um dos melhores romances contemporâneos da literatura brasileira.

Recomendo!

Fonte: Skoob (2022).

Ao selecionarmos as resenhas na etapa da pré-análise, encontramos o registro da concepção de clássico na resenha representada na Figura 49, por questões semelhantes as dos demais internautas já considerados em nossas análises individuais realizadas neste subcapítulo. Entretanto, nessa resenha, destacamos outras questões expressivas, por exemplo, sobre como essas temáticas circulam entre as mídias, que, conforme ratificamos em Martín-Barbero (1997), são meios massivos de articulação de práticas de comunicação, o que integra a *Skoob* e as milhares de resenhas a respeito de *Torto arado* encontradas nessa rede social.

Sendo assim, ao analisarmos trechos como o do início da resenha representada na Figura 49, em que o internauta da *Skoob* observa que já existe uma significativa variedade de críticas sobre *Torto arado*, percebemos, amparados na teoria de Chartier (1998) – que afirma que todos podem ser considerados críticos –, que esses internautas revelam, por meio de sua criticidade, aspectos fundamentais do romance de Itamar Vieira Junior. Em paralelo,

reconhecem seu papel como receptores do texto e, ao registrarem suas impressões, assumem a função de críticos por meio de seus registros sobre a leitura realizada.

Em uma resenha mais extensa do que a maioria das mais de 3.000 resenhas sobre *Torto arado*, compreendidas no período considerado na nossa coleta de dados, constatamos, além da revelação que destacamos anteriormente sobre a ampla circulação do romance de Itamar Vieira Junior, também sobre os impactos desse texto sobre os seus receptores. Portanto, temos, nesse processo de escrita, leitura, registros sobre o texto lido e sua circulação, as marcas dos eventos de letramento, como nos respalda teoricamente Soares (2002), que também destaca sobre os impactos e as consequências da escrita na sociedade e, diante de manifestações de internautas da *Skoob* em suas resenhas, como a representada na Figura 49, essas consequências são nítidas e reveladoras das reações de receptores de *Torto arado*.

Ao nos direcionarmos novamente ao conteúdo da resenha representada na Figura 49, verificamos a ênfase dada pelo internauta da *Skoob* aos temas que o fazem concluir, no último parágrafo, que *Torto arado* é o nascimento de um clássico. Ao abordar sobre tema da pós-escavidão, por exemplo, o internauta da *Skoob* faz uma citação direta de *Torto arado* para ratificar suas afirmações acerca da situação dos negros e trabalhadores, os quais são representados por Itamar Vieira Junior em seu romance. Essas representações e características de personagens fazem com que os leitores de *Torto arado* o destaquem como clássico, muitos deles, inclusive, evidenciam essa percepção no título de suas resenhas, como no caso do internauta da *Skoob* cuja resenha representamos na Figura 50.

Figura 50 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Um clássico contemporâneo, sem dúvidas
 A sinopse já trata da história do livro, então vou me ater aqui nesta resenha às minhas impressões sobre a leitura.
 A narrativa é fluida durante quase toda a história (emperrei um pouco na terceira parte), é muito interessante notar a diferença da percepção da vida na fazenda entre as duas irmãs, bem como de como essa realidade é afetada por questões maiores, a exemplo da política e da estrutura social do país.
 Aos poucos, o enredo vai nos envolvendo e fazendo-nos refletir sobre a realidade dos negros após a abolição, que continuou sendo de exploração e de negação de direitos básicos, como a propriedade, a moradia digna e a educação. O tratamento dos donos da terra às famílias me lembrou as relações feudais, bem como os senhores de engenho do nordeste ou os coronéis do interior do país. Fazem concessões, mas mantêm os trabalhadores na rédea curta, pegam parte da produção de suas roças, negam-lhes quaisquer possíveis melhorias de vida... E hoje as mesmas dificuldades, o mesmo racismo (considerado "velado" ou até mesmo inexistente, mas que persiste e deve ser discutido) são enfrentados por aqueles que se aglomeram em comunidades na periferia ou mesmo nas grandes favelas de centros urbanos.
 É um excelente livro para se discutir em sala de aula, fica a dica para os/as professores de Português, Literatura e História do Brasil, ou até mesmo um projeto interdisciplinar. Recomendo bastante!

Fonte: Skoob (2022).

“Um clássico contemporâneo, sem dúvidas” é o título da resenha disposta na Figura 50, o que, para nós, exprime a afirmação de que *Torto arado* é, para esse internauta da *Skoob*, um clássico na contemporaneidade, o que é sobrelevado com o emprego da expressão *sem dúvidas*. As palavras *clássico* e *contemporâneo* não são usadas novamente pelo internauta no decorrer de sua resenha. Entretanto, tal conceituação fica implícita ao longo dos temas que ele explora ao tecer suas argumentações sobre o romance de Itamar Vieira Junior.

Além disso, o cenário do clássico contemporâneo está evidente também no último parágrafo da resenha, pois o internauta afirma que *Torto arado* é um livro excelente para ser estudado em sala de aula, nas disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e História nacional, o que nos permite associar tal assertiva aos alertas de Lemke (2010) a respeito das inovações em sala de aula devido às mídias. Logo, percebemos que tanto estudiosos quanto internautas da *Skoob*, que representam vozes não acadêmicas, estão preocupados com o contexto escolar, e identificam diferentes possibilidades, seja a partir de um livro como *Torto arado*, seja pela utilização de recursos midiáticos.

Diante desse contexto, podemos salientar as interações proporcionadas por *Torto arado*, desde a interação entre autor, texto e leitor, até as interações estabelecidas a partir dessa tríade, incluindo as manifestações e produções dos receptores do texto, os quais, com base na interação, estabelecem o que Lemke (2010) descreve como combinação sógnica significativa. Nessa perspectiva, a literatura é um meio de veiculação de informações para que ocorra uma combinação sógnica significativa entre diferentes sujeitos da sociedade e, assim, obtenha resultados que evidenciem o cenário tanto real quanto ficcional e permitam registros sobre a própria produção literária realizada por públicos diferentes, a exemplo dos internautas da *Skoob*, o que se observa nos registros da resenha representada na Figura 51.

Figura 51 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Futuro clássico

"Torto Arado" é definitivamente um dos melhores livros da literatura brasileira publicado nos últimos anos, se não O melhor.

Esse livro é tão emocionante e melancólico ao mesmo tempo, ao contar a história das duas irmãs Bibiana e Belonisia é possível a narrativa te mostra a triste realidade não tão antiga de milhares de mulheres, homens e crianças que passaram suas vidas inteiras cuidando de terras e fazendas sem ganhar nada em troca e tendo que se tornarem famílias auto-suficientes.

Todos os detalhes são retratados de forma tão crua e sem nenhum tipo de máscara, mostrando a real vidas dessas pessoas, cada capítulo é como um soco no estômago. Esse com certeza se tornará um clássico da nossa literatura, e é um livro que deveria ser lido por todos sem nenhuma exceção.

Fonte: *Skoob* (2022).

Dado o contexto da resenha da Figura 51, averiguamos que a argumentação de que *Torto arado* é ou ainda será considerado um clássico já está explícita no título; e já confirmamos no primeiro parágrafo que o internauta considera o livro de qualidade, pois o descreve como sendo um dos melhores da literatura brasileira publicado nos últimos anos – e ainda acrescenta que talvez seja o melhor. Manifestações como estas nos conduzem à teoria da Estética da Recepção, na qual Jauss (1994) teoriza sobre as camadas de leitores e os diferentes gostos. Isso se evidencia no expressivo número de leitores de *Torto arado* que expressam sua admiração e apreço pelo romance, atribuindo-lhe adjetivos qualitativos.

Ademais, ao nos depararmos com manifestações em que os receptores de *Torto arado* registram suas impressões positivas e realizam seus próprios registros, como é o caso das resenhas da *Skoob*, percebemos uma colaboração social, termo que encontramos em Vattimo (2010), o qual ressalta sobre o estabelecimento de designações nessas exigências de colaboração social. Logo, inferimos, a partir dessa teoria e de resenhas da *Skoob*, que o papel do leitor, nesse âmbito da colaboração social, é cumprido quando há o registro dessa atualização do texto realizado pela compreensão, interpretação e aplicação, que são, conforme já vimos no primeiro capítulo teórico, respaldadas em Zilberman (1989), as três etapas da hermenêutica literária, ramo de estudos que compreende a recepção do texto.

Portanto, o cenário da recepção do romance *Torto arado* por parte de seus leitores, que registram suas percepções nas resenhas da *Skoob*, revela a grandiosidade da obra, e as mais diferentes compreensões e conexões possíveis, inclusive no aspecto de percebê-lo como um clássico, que deve ser estudado nas escolas, ou, ainda, recomendado para ser lido por todos, como é o caso da advertência feita pelo internauta da *Skoob*, cuja resenha está representada na Figura 51. Outros internautas, porém, mencionam o contexto do clássico, mas com outros enfoques, estabelecendo links com outros textos literários, como é o caso do internauta que escreveu a resenha representada na Figura 52.

Figura 52 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

O início do livro é eletrizante e a escolha de deixar o leitor sem saber qual irmã fica muda durante a primeira parte inteira do livro foi muito intrigante e bem-feita. Gostei muito da dinâmica repleta de tensão e codependência entre as irmãs na primeira parte. Os temas abordados de comunidade quilombola, trabalho análogo à escravidão e perseguição de líderes de movimentos de trabalhadores rurais me remeteu ao documentário "Cabra Marcado para Morrer" (1984) e adorei encontrá-los também na nossa literatura. Também achei muito importante o relato de como o ciclo dos diamantes na região da Chapada Diamantina possibilitou a formação daquela comunidade de trabalhadores como quilombolas, bem como o seu impacto para o inconsciente coletivo do local com as histórias dos homens que enlouqueceram na busca do diamante que teria o poder de magicamente mudar suas vidas. Outros aspectos que gostei foram o foco nas mulheres da comunidade, o destaque para a religião do jaré típica do local, e o ar de magia e mistério trazido pela personificação de entidades espirituais. No entanto, não gostei muito da escolha de mudar o foco da narrativa do relacionamento das irmãs para a história do lugar e da comunidade. Embora entenda que foi proposital, a mudança de foco me tirou da história, já que, naquela altura, eu já estava envolvida com o enredo das irmãs e queria ler mais sobre a relação, as tensões e a reconciliação delas. No entanto, o livro não voltou a focar nas duas e foi ampliando cada vez mais a abordagem para se tornar a história da comunidade e não mais das irmãs. Reconheço que faz sentido que, à medida que as duas irmãs envelhecem, o mundo delas também se amplie e saia apenas da roça da casa de barro para ir em direção à toda a comunidade da terra que vivem. Mas ainda achei a mudança de foco abrupta e, quando a história nas segunda e terceira partes foi se tornando cada vez mais sobre a comunidade, mais passei a comparar a obra com o livro "Becos da Memória" (2006) da Conceição Evaristo. Esta outra obra me veio muito à cabeça durante a leitura, pois também aborda a história de uma comunidade a partir da vida particular dos seus moradores, porém ela faz isso desde o início e, na minha opinião, de forma mais competente e sem causar a sensação de que o livro perde ritmo no desenvolvimento. Por fim, acho que não gostei muito do final, por nenhum motivo mais válido a não ser pelo sentimento de proteção que passei a nutrir por Belonísia e por sentir falta de um retorno mais assertivo à história íntima das duas irmãs. Ainda assim, esses pontos negativos não passam de aspectos que dizem respeito à minha preferência pessoal. O livro é sim de muita qualidade e importância, como disseram os críticos: "nasceu clássico".

Fonte: *Skoob* (2022).

Em uma resenha de apenas um extenso parágrafo, mas com várias questões diferentes e importantes, o internauta da *Skoob* inicia enfatizando sobre o fato de ter gostado da primeira parte do livro pela forma que se envolveu com a trama das irmãs protagonistas, mas que sentiu falta de uma continuidade nas outras partes. No entanto, isso não impossibilita que ele destaque outros pontos que lhe despertaram interesse e que tenha gostado, como o enfoque para as mulheres da comunidade, a religião e o contexto de magia e mistério por meio das entidades espirituais presentes em *Torto arado*, confirmando a teoria de Sodré (2023) sobre os sistemas de representa o construídos na diversidade e na instabilidade das crenças.

Afinal, Itamar Vieira Junior realiza representa es de determinada cultura e povo, que são identificadas pelo público leitor e subsidiam comentários e demais textos acerca de *Torto arado*, propagando suas percep es, com diferentes enfoques, e contribuindo para um mundo de experiências, conforme mencionado por Vattimo (2010) ao teorizar sobre as fic es e a linguagem. Esta linguagem está presente tanto no romance de Itamar Vieira Junior quanto nas resenhas de seus leitores encontradas na *Skoob*, das quais nos valem para nossas investiga es.

Diante das resenhas selecionadas para este tópico, considerando também as outras dezenas em que aparece a menção de *Torto arado* ser um clássico, e muitas ainda o adjetivando como contemporâneo, confirmamos que esse contexto é algo que marcou a muitos leitores e confirma sua satisfação ao viverem essa experiência hermenêutica, de leitura do romance de Itamar Vieira Junior, associando elementos que o levam a poder ser considerado um clássico, como é o caso dos temas explorados. Outra questão que percebemos em algumas resenhas em que aparece a menção sobre *Torto arado* ser um clássico é a comparação com outros textos literários, tendo sido a intertextualidade um fator que nos chamou a atenção durante a seleção e pré-análise e que, por isso, nos motivou a investigar melhor as relações com outros textos registrados por internautas da *Skoob*, que passamos a enfatizar no próximo subcapítulo.

5.8 Intertextualidades e relações possíveis estabelecidas pelos receptores de *Torto arado*

Ao realizarmos a leitura e a pré-seleção, surpreendemo-nos com alguns aspectos que já havíamos antecipado enquanto leitores de *Torto arado*, como no caso da intertextualidade. Durante a leitura do romance de Itamar Vieira Junior, estabelecemos também algumas relações com outros textos literários e, ao percebermos que muitos internautas da *Skoob* compararam aspectos de *Torto arado* a outras obras, julgamos pertinente e importante averiguarmos mais pormenorizadamente as relações intertextuais estabelecidas pelo público leitor que se manifestou na rede social *Skoob*.

Durante a etapa da pré-análise, na seleção e organização do material coletado, notamos consideráveis relações de intertextualidade estabelecidas pelos internautas da *Skoob* entre *Torto arado* e outras obras literárias. Nesse sentido, as marcas intertextuais não aparecem com o registro da palavra intertextualidade explícita nas resenhas, mas é possível identificá-la pelas menções dos títulos de outros textos literários, dos nomes de outros autores, bem como os conteúdos identificados como relacionáveis pelos internautas da *Skoob*.

Dado o exposto, esclarecemos que inúmeros outros textos literários foram citados ao longo das mais de 3.000 resenhas consideradas para análise e, portanto, destacamos em nossos estudos, mais detalhadamente neste subcapítulo. Em questão de números, por exemplo, é natural que autores do nordeste brasileiro, que exploram em seus livros o mesmo contexto social e cultural, apareçam em evidência e em maior quantidade nas relações intertextuais estabelecidas por internautas da *Skoob*.

Diante disso, elucidamos que entre os nomes mais recorrentes estão os autores e obras de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Jorge Amado e Rachel de Queiroz, o que já era esperado, pois todos esses escritores exploram em seus textos a temática do interior nordestino, da mesma forma que Itamar Vieira Junior faz em *Torto arado*. Em questão de números, o nome de Graciliano aparece 33 vezes, sendo 27 delas acompanhado do sobrenome Ramos; o nome de sua obra *Vidas secas* aparece 28 vezes; o nome de Jorge Amado aparece 24 vezes; o de Guimarães Rosa, 21; e o de Rachel de Queiroz, 12³.

Entretanto, o que mais despertou nossa atenção ao longo da etapa de seleção e organização dos materiais foi o fato de aparecerem vários outros autores e textos literários contemporâneos em dezenas de resenhas dos internautas da *Skoob*, assim como o nome do autor colombiano Gabriel García Márquez, que aparece 17 vezes, e seu romance *Cem anos de solidão*, que aparece 16 vezes. Essas relações de intertextualidade são estabelecidas por questões e aspectos diferentes daqueles que os internautas da *Skoob* fazem comparações com autores do interior nordestino e brasileiro, os quais abordamos neste momento, a partir da Figura 53.

Figura 53 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Torto arado é um livro necessário. Para ser sincera a leitura não foi tão fluida, nem tão envolvente como acreditei que seria, mas ele é um manifesto que nos lembra que a realidade do povo brasileiro é bem diversa a depender de sua origem e regionalidade. É quase inacreditável que em pleno século XXI ainda exista pessoas que trabalhem em condições análogas à escravidão! A mistura com a religião local (Jarê) dá um toque especial ao livro, que nos faz lembrar as histórias de Jorge Amado.

Fonte: *Skoob* (2022).

Como podemos perceber, mesmo em resenhas mais curtas, como no caso da representada na Figura 53, as relações estabelecidas com outros autores e textos literários podem ser encontradas, embora sem muito aprofundamento. No caso dessa resenha, por exemplo, a relação de intertextualidade é encontrada explicitamente apenas no final, quando o internauta da *Skoob* revela que *Torto arado*, em virtude de temas presentes na obra, o fez lembrar das histórias escritas pelo autor Jorge Amado.

Diante da relação de autores contemporâneos com os do século passado, considerando temáticas e cenários afins, constatamos que os cenários sociais e culturais, marcas de identidade nacional brasileira, ainda estão muito presentes na atualidade. Teoricamente, respaldamos essa percepção nas palavras de Woodward (2013), a qual assevera que a

³ É importante esclarecer que, em nossas contagens, consideramos os nomes grafados incorretamente pelos internautas da *Skoob*, desde que fosse evidente a que autor se referiam naquele momento.

identidade tem sido uma questão cerne das discussões contemporâneas, especialmente no contexto das identidades nacionais e étnicas, diante da emergência de novos movimentos sociais. *Torto arado*, conforme demonstrado a nós e a muitos internautas da *Skoob*, contribui valorosamente para essas necessidades.

Sendo assim, confirmamos que Itamar Vieira Junior e *Torto arado* ocupam lugares de fala – termo que encontramos em Amaral (2005) – em que denunciam realidades históricas, porém ainda existentes no interior do Brasil. Paralelamente, isso nos remete aos estudos teóricos que realizamos amparados em Sodré (2023) sobre as relações entre o ser social e as operações da identidade humana. Logo, a identidade do interior nordestino tem sido operadora de uma identidade marcante no Brasil e identificada por autores e leitores, como é o caso de inúmeros internautas da *Skoob*, incluindo aquele cuja resenha está representada na Figura 54.

Figura 54 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

A luta pela terra
 Me lembrei bastante de *Os sertões*, *Tocaia Grande*, *Fogo Morto* e *Usina*. A busca pela prosperidade e a ligação inseparável com a terra é a mãe do conflito e também da felicidade. Aí daquele que se meter no caminho, pois terá de igual modo a língua cortada e o destino selado.

"Sobre a terra há de viver sempre o mais forte"

A literatura brasileira é própria e única. Ao mesmo tempo que choca também traumatiza, sendo que o mais leve conforto é uma inerte melancolia.

Assim, te garanto, você não se sentirá feliz ao terminar este livro.

Fonte: *Skoob* (2022).

Ao nos depararmos com a resenha encontrada na Figura 54, percebemos, já no título, que o internauta da *Skoob* destaca o tema da luta pela terra, o que possivelmente o leva a mencionar outros textos literários que abarcam o cenário do interior nordestino, como é o caso do livro *Os sertões*. Convém ressaltar que o autor, Euclides da Cunha, apareceu apenas três vezes ao longo das mais de 3.000 resenhas que consideramos para a análise, enquanto o título do livro foi citado apenas uma vez, ou seja, nesta resenha. Além do romance de Euclides da Cunha, também aparecem, na sequência da resenha, os títulos *Tocaia Grande* e *Fogo Morto*, ambos de autoria de Jorge Amado, e *Usina*, do autor José Lins do Rego, o qual, por sinal, tem seu nome registrado apenas seis vezes, considerando todas as resenhas⁴.

⁴ Vale esclarecer que, ao mencionarmos que aparecem poucas vezes os nomes de autores como José Lins do Rego e Euclides da Cunha, não estamos desmerecendo esses escritores, apenas registrando os dados encontrados para fins de evidência aos receptores de nossa pesquisa.

Após mencionar os títulos dos livros, o internauta da *Skoob* se detém em alguns aspectos que percebeu em *Torto arado*, como a relação das personagens com a terra, destacando isso como o conflito central do enredo. E, no outro parágrafo, refere-se a um trecho de *Torto arado*, o qual, por sinal, é mencionado dezenas de vezes por internautas da *Skoob*. Aliás, “Sobre a terra há de viver sempre o mais forte” é um fragmento de *Torto arado* que aparece 164 vezes ao longo das mais de 3.000 resenhas consideradas em nosso estudo, o que, para nós, é bastante expressivo e demonstra o impacto dessa frase para seu público receptor.

Na continuidade de sua resenha, o internauta da *Skoob* dirige-se para uma rápida descrição sobre a literatura brasileira, considerada por ele como própria e única, mas que também impacta por abordar questões traumáticas e melancólicas, isto é, temas fortes, de sofrimento às personagens. E, como sabemos, o público leitor se sensibiliza diante de ficções assim; uma vez que o texto provoca reações e efeitos em seus receptores, o que é defendido pelos estudos teóricos de Jauss (1994) e Zilberman (1989), dos quais nos valem desde o início de nossa pesquisa. Assim, esses estudiosos respaldam teoricamente as análises das resenhas dos internautas da *Skoob*, auxiliando-nos na compreensão das manifestações dos internautas da *Skoob*, sobretudo quando estes revelam suas percepções com relações a diversos temas, bem como nas comparações com outros autores e textos literários, como é o caso da resenha representada na Figura 55.

Figura 55 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Leitura obrigatória

Torto Arado, de fato, merece a fama que tem. Começo dizendo que é uma leitura necessária para todos os brasileiros e me arrisco em declarar que seria uma excelente escolha para leitura escolar. Livro muito bem escrito e é narrado por duas irmãs: Bibiana e Belonísia, de família humilde e filhas de trabalhadores rurais, as quais após um acidente tornam as suas vidas ligadas. O enredo se passa no sertão da Bahia, no período pós abolição, retratando as lutas diárias, fé e os pensamentos das pessoas que vivem em Água Negra. Um romance bem construído e denso, e sua a leitura possui boa fluidez, pois o autor mostra uma simplicidade ao contar a história. Me fez lembrar um pouco de vidas secas, do escritor Graciliano Ramos, pois retrata a vida no campo. Gostei bastante da experiência com o livro, que é bem reflexivo e também poético.

Fonte: *Skoob* (2022).

Do mesmo modo que os demais internautas da *Skoob*, dentre os quais já mencionamos essa questão, esse internauta também salienta seu ponto de vista sobre *Torto arado* ser uma excelente opção para ser estudado nas escolas. Por conseguinte, o internauta da *Skoob* pontua que o romance de Itamar Vieira Junior é bem escrito, destacando as protagonistas e, na sequência, o enredo e o espaço onde se passa a história, assim como o contexto histórico. Após essas evidenciações, o internauta direciona sua resenha novamente para a composição e

construção de *Torto arado*, quando, em nova frase, salienta que isso o faz lembrar do livro *Vidas secas*, que, como já evidenciamos, foi escrito por Graciliano Ramos, e tem como cenário a vida no campo.

Outros internautas também sublinham questões temáticas do interior do Brasil e os temas raciais e regionais que aparecem em *Torto arado*. Os destaques feitos pelos receptores do romance de Itamar Vieira Junior confirmam o que, teoricamente, é enfatizado por Hall (2006), quando afirma que as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação. Isso se associa ao que também encontramos nos estudos de Sodré (2023), que salienta sobre as práticas patrimoniais existentes, atreladas aos temas sociais e regionais explorados pelo autor de *Torto arado* e identificados pelos seus leitores. Um exemplo disso são as resenhas que já analisamos e ainda analisaremos, como a representada na Figura 56.

Figura 56 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Um acontecimento

Não vou fazer um texto muito grande para esse livro, pois tudo que eu disser será apenas repetição do quanto ele é incrível, e porque já se tornou um clássico de nossa literatura. Por estar lendo outras obras com temas raciais e regionais, senti ecos de autores baianos, como Adonias Filho em "As velhas", mas também da americana Alice Walker em "A cor púrpura". Como baiano, e por ouvir muitas histórias, a obra foi mais latente e me trazendo um pertencimento, pelo modo de falar, por conhecer a região onde se passa a história, pela terra, e isso foi muito bom. A história de Belonísia e Bibiana, e sua família, transcende estereótipos, trazendo força e coragem, nos contando uma história nossa, brasileira e palpável.

Fonte: Skoob (2022).

Conforme podemos averiguar na resenha, o internauta da *Skoob* registra sobre o quanto *Torto arado* é incrível não só para ele, mas para muitos outros de seus leitores e, na continuidade de sua resenha, acentua sobre o fato de o romance já ter se tornado um clássico da literatura brasileira. Todavia, é na sequência da resenha que encontramos a intertextualidade, estabelecida pelos temas raciais e regionais, porém comparada a outros autores baianos, como o autor Adonias Filho e sua obra *As velhas*, mas também a escritores estrangeiros, ao citar a escritora norte-americana Alice Walker e seu livro *A cor púrpura*.

Após as menções intertextuais, o internauta da *Skoob* revela ser baiano e já ter ouvido muitas histórias, o que fez com que *Torto arado* despertasse nele uma sensação de pertencimento, proporcionando-lhe bem-estar. Logo, esses sentimentos e sensações nos reportam às teorias do Efeito Estético e da Estética da Recepção, em que se destaca, conforme ratifica Jauss (1994) teoricamente, a postura emocional do leitor e a subjetividade da interpretação, bem como o gosto dos diversos leitores. Ao mesmo tempo, também se enquadra com a expressão teórica de Sodré (2023) acerca da sensibilidade social, e às

concepções de identidade e cultura de Woodward (2013) e Hall (2006), e, ainda, aos lugares de fala elencados por Amaral (2005).

Além disso, todo esse aparato teórico subsidia as análises que realizamos aqui no subcapítulo da intertextualidade, visto que nosso objetivo não é estudar sobre esse termo, mas sim analisar em que aspectos ele ocorre, direcionando-nos aos temas e demais aspectos que fizeram os receptores de *Torto arado* estabelecer conexões e comparações com outros autores e obras, a exemplo da resenha representada na Figura 57. Sendo assim, detemo-nos às compreensões embasadas nas teorias sobre identidade e cultura, bem como sobre a Estética da Recepção, o Efeito Estético e a Teoria das Mediações, sendo o próprio texto um mediador de informações, como já vimos por meio de Martín-Barbero (1997).

Figura 57 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Eis a impressionante obra *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior.

O livro narra a história de uma família negra que mora no interior da Bahia. Elas moram no terreno de um latifundiário. A trama se passa na Fazenda Água Negra, no Sertão da Bahia, no início dos anos de 1960

Logo no início da obra as duas irmãs, Bibiana e Belonísia, em sua infância, encontram uma faca linda, reluzente e bem talhada e acontece um acidente: elas cortam suas línguas, e uma delas chega a decepar a língua!

A Linguagem bem peculiar da região, estilo Guimarães Rosa. Você que morou ou conviveu no interior conhece os termos a linguagem e vai gostar muito da obra.

Além disso, cada capítulo há uma alternância de narrador, um hora é uma das irmãs em outro momento é a outra e assim vai se exposto prismas diferentes.

Há diversos acontecimentos durante a obra como casamento de uma das irmãs com um primo. Logo em seguida eles vão embora e que há um amadurecimento dela. Em acontecimentos posteriores, eles retornam e o marido é morto pelos donos de terras pelo fato dele sugerir melhores condições e que as famílias tenham suas terras asseguradas.

A outra irmã, que ficou com problemas de fala, casa-se com um homem difícil, que tem problemas com bebidas, rude. Não muito tempo depois ela também fica viúva.

Na última parte, é apresentado outra vertente: a trajetória da mãe. Converte, assim, essas três mulheres, vividas, batalhadoras, que vivem da roça, do arado, torto e difícil. Isso nos faz ressaltar a força da mulher na família o quanto ela é forte, é heroína.

Então há diversas temas abordadas na obra: a questão agrária, os mitos do sertão, a questão educacional em um lugar lúgubre e remoto, a força da mulher diante dos desafios da família, de criar os filhos entre outros temas.

Como já li outros livros semelhantes, sentir que ele se baseia em Raquel de Queiroz, apresenta alguns termos bem singulares como Guimarães Rosa. Pelas semelhanças das narrativas, acho que tem inspira-se também em Jorge Amado e, por que não, Gabriel Garcia Marquez. E você notar esse espectro de grandes escritores dentro de um livro só, sugere que é uma obra realmente fantástica!

Há muito mais no livro. Vale a pena!!!

Fonte: Skoob (2022).

Ao averiguarmos a resenha disposta na Figura 57, percebemos que o internauta da *Skoob* inicia sua resenha descrevendo *Torto arado* como impressionante e, em seguida, começa a escrever um breve resumo do romance, enfatizando sobre o lugar onde se passa o enredo e, no próximo parágrafo, direciona-se para as irmãs protagonistas. Ademais, considerando os espaços do interior da Bahia, vai tecendo suas argumentações e percepções sobre a obra de Itamar Vieira Junior.

Com relação à intertextualidade, ela se faz presente na resenha representada na Figura 57 em dois momentos. No primeiro momento, no terceiro parágrafo, quando o internauta da *Skoob* menciona o estilo de Guimarães Rosa, comparando-o ao de Itamar Vieira Junior em *Torto arado*, voltando-se para as pessoas do interior, às quais, segundo ele, irão gostar do romance por conta da linguagem encontrada ali. Portanto, na colocação desse internauta, o Leitor-Modelo, conceito que aprofundamos teoricamente por meio de Eco (2011), é aquele sujeito que se criou no interior.

O segundo momento da resenha em que aparecem relações intertextuais é no penúltimo parágrafo, em que o internauta da *Skoob* faz sobressair que *Torto arado* é semelhante ao estilo de Rachel de Queiroz, Guimarães Rosa e Jorge Amado. Além desses autores, o internauta também menciona Gabriel García Márquez – assim como vários outros internautas, conforme explicitamos mais inicialmente neste subcapítulo. Para nós, essa menção de intertextualidade foi uma surpresa positiva e entusiasmante. Assim, para entendermos por que houve uma considerável referência ao autor e à obra *Cem anos de Solidão*, realizamos algumas investigações. Dito isso, muitos dos receptores de *Torto arado* mencionam Gabriel García Márquez e *Cem anos de Solidão* por uma razão principal, que verificamos na resenha representada na Figura 58.

Figura 58 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Realismo fantástico no contexto brasileiro

Nos primeiros capítulos do livro, parecia que eu que eu estava lendo uma cópia de Cem Anos de Solidão, livro de Gabriel García Marquez do qual eu gosto muito e que constitui um ícone do realismo fantástico. Isto me causou de um lado uma reação boa, por ser um gênero que gosto muito, e por outro me causou um desconforto por parecer uma certa falta de inovação replicar um livro escrito há 40 anos atrás. Mas esta sensação foi se dissipando ao progredir no livro, pois ele me surpreendeu com sua originalidade e com a capacidade de representar características únicas da história e da cultura brasileira ao mesmo tempo que relata uma trama cativante. A conclusão é de que se trata de um excelente livro que foi uma boa surpresa e me deu novamente contato a um gênero do qual gosto tanto. Recomendo!

Fonte: *Skoob* (2022).

Conforme realça o internauta da *Skoob* em sua resenha, a relação entre *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, e *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, ocorre em virtude do realismo fantástico encontrado em ambas as obras. A semelhança desse aspecto entre as duas obras é tão forte que é enfatizada por vários internautas, muitas vezes utilizando palavras que reverberam essa conexão. Como exemplo, temos esta resenha, na qual o internauta revela sentir como se estivesse lendo a obra *Cem anos de Solidão*, do escritor colombiano.

Contudo, ao prosseguirmos a leitura da resenha, percebemos que o internauta da *Skoob* ressalta que *Torto arado* possui originalidade, pois introduz inovações ao longo de seu enredo. À guisa de suas conclusões, o internauta da *Skoob* declara que *Torto arado* é um excelente livro pela originalidade e representação das características da história e da cultura brasileira, concomitantemente à narração de uma trama cativante, da qual inferimos que ele esteja se referindo às protagonistas Bibiana e Belonísia, bem como à entidade Encantada, que é o principal ícone do realismo fantástico no romance de Itamar Vieira Junior. A estilística de *Torto arado* é comparada à de *Cem anos de solidão* por outros internautas, como é o caso do internauta cuja resenha representamos na Figura 59.

Figura 59 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

O resgate de um Brasil invisível

Não quero fazer uma breve apresentação da história do excelente livro *Torto Arado*. Acho importante situar aqueles que pretendem ler o livro, até mesmo para incentivar, embora duvide de minhas habilidades nesse sentido. Sou um leitor, apenas isso.

O que quero falar de *Torto Arado* é o sentimento que me revolveu, uma mistura de poesia, tristeza e de beleza. Não seria exagero dizer que o livro já nasce clássico, graças a pena de Itamar Vieira Júnior, graduado e Mestre em Geografia e Doutor em Estudos Étnicos e Africanos. Isso por si só explica o impressionante mergulho mágico na comunidade quilombola situada na Fazenda de Água Negra, um relato de servidão que remonta da escravidão aos dias atuais, mas também de insubordinação social que expressa a fibra de nossa gente. São pessoas simples, agarrada a terra, a vida rural, que mal entende a exploração do homem branco a sua volta.

Lembrei-me imediatamente de *A Casa dos Espíritos*, de Isabel Allende, e *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, não pela similaridade da história, mas por seu estilo épico. Uma escrita lírica e bela ao retratar cenas de uma impagável dívida social com os negros de nosso país. O livro é, antes de tudo, um resgate do Brasil Real, que muitos teimam em manter invisível.

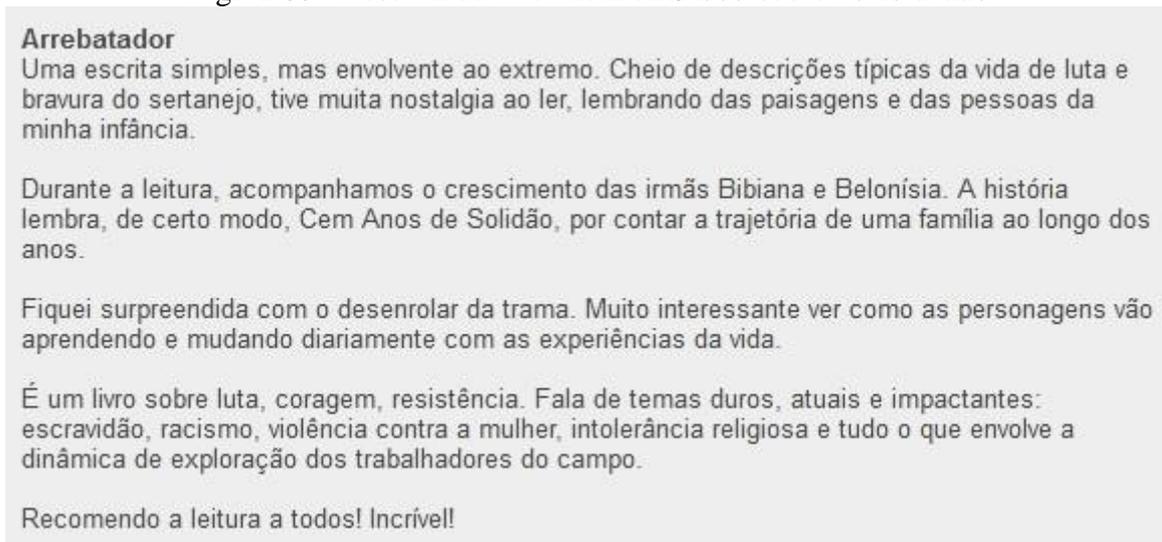
Fonte: *Skoob* (2022).

Adjetivado como excelente também por este internauta da *Skoob*, *Torto arado* e seu autor são o cerne da resenha apresentada na Figura 59. Nesse caso, no último parágrafo, o internauta da *Skoob* menciona, além de *Cem anos de solidão*, a obra de Isabel Allende, *A casa dos espíritos*. Segundo ele, ambas se aproximam de *Torto arado* devido à semelhança em seus estilos épicos. Portanto, além dos temas, fortemente acentuados por inúmeros internautas da

Skoob, também o estilo de escrita de Itamar Vieira Junior é comparado ao de demais escritores, que, por sinal, escrevem a respeito de temáticas notoriamente diferentes das dele.

A questão de estilo de escrita, destacada por vários internautas da *Skoob*, nos remete às palavras de Gadamer (2014), das quais nos aprofundamos no primeiro capítulo teórico, sobretudo quando ele afirma que a linguagem é meio para sejam realizados acordos entre interlocutores e o texto. Em outras palavras, os leitores percebem e realizam conexões porque a linguagem possibilita essas percepções e relações, as quais são permitidas pelo texto e, principalmente, pela linguagem, a qual, ainda conforme Gadamer (2014), viabiliza a experiência hermenêutica, isto é, de realizar a interpretação e compreensão do texto. E, ainda, oportuniza realizar conexões como as que já analisamos anteriormente e continuamos analisando a seguir. Sob a análise de resenhas individuais, detenhamo-nos, por ora, àquela representada na Figura 60.

Figura 60 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*



Fonte: Skoob (2022).

Devido ao título da resenha, percebemos que o internauta da *Skoob* ficou impactado com a leitura de *Torto arado*, qualificando-o como *arrebatador*. Ele destaca, no início da resenha, que, para ele, o romance é bastante envolvente, apesar de sua escrita simples. Logo após, discorre que o romance de Itamar Vieira Junior é repleto de narração sobre o sertanejo, que possui uma vida de luta e bravura e, com isso, o internauta da *Skoob* revela que teve nostalgia, lembrando-se de sua infância. Isso nos conduz aos sistemas de representação mencionados por Silva (2013), e à afirmação de Hall (2006) sobre as identidades que o mundo oferece.

Na sequência de sua resenha, o internauta menciona as protagonistas Bibiana e Belonísia, cuja história o faz lembrar do livro *Cem anos de solidão*, que já mencionamos anteriormente por aparecer em outras resenhas. No entanto, este internauta revela que estabeleceu tal relação entre ambos os livros pelo fato de eles contarem a trajetória de uma família. Continuando sua resenha, o internauta volta-se para os temas explorados em *Torto arado*, como a luta, a coragem e a resistência associadas a questões atuais e impactantes, tais como o racismo, a violência contra a mulher, a intolerância religiosa, entre outras. Cabe dizer que essas temáticas contribuem para o que o internauta da resenha representada na Figura 61 mencione a obra *Torto arado* como patrimônio brasileiro contemporâneo.

Figura 61 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Patrimônio brasileiro contemporâneo

Logo quando comecei a ler, senti uma conexão muito parecida com aquela que tive ao ler *Grande Sertão: Veredas*. Ainda não consigo afirmar se foi por conta das paisagens, ou da forma narrativa. Mas comecei com aquela sensação de proximidade muito bem vinda.

A história das irmãs Bibiana e Belonisia começa logo de cara com um evento trágico que vai percorrer toda a narrativa e que vai impactar toda a obra.

Com relação a esse evento, achei genial a forma como Itamar Vieira deixa o suspense no ar, na primeira parte do livro.

As relações entre os moradores/trabalhadores de Água Negra com os donos da fazenda é parte central da obra, com uma representação muito forte de quem é dono dos meios de produção. Essa referência muito clara ao Marxismo é consolidada na imagem de Severo, o primo que desperta sentimento nas irmãs.

Para formar o trio temático central da obra está a religião de matriz africana, com as entidades que "cavalgam" os humanos nas festividades do jarê e que tem um papel fundamental na terceira parte do livro.

A escrita poética é precisa e afiada, ainda mais quando mostra algumas personagens que despertam uma consciência de si, do mundo e de si NO mundo. A consciência das injustiças que vivem.

As referências históricas da escravidão e as consequências da pós-abolição também são muito fortes e extremamente realistas para entendermos que esse abolicionismo não foi por bondade, foi por um esquema político e econômico, deixando a população negra desamparada. Esse desamparo é o que está explícito nessa história.

O início da militância e da busca por direitos, a união das pessoas "mesmo com as desavenças do cotidiano", como afirma no livro.

Foi uma leitura muito rica, muito bonita de se viver e se conhecer essa realidade e poder aprender mais sobre o povo brasileiro com seus ônus e bônus. Conhecer de forma bela e poética, a podridão da divisão de classes.

Fonte: *Skoob* (2022).

Em uma resenha mais extensa que as demais, o internauta da *Skoob* começa sua escrita declarando que *Torto arado* lhe proporcionou uma relação intertextual com o clássico *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. A conexão foi aprazível para ele, mas confia que não sabe se a relação que estabeleceu entre as duas obras se deu devido às paisagens ou à

forma narrativa. A partir dessa afirmação, direciona sua resenha para suas percepções sobre *Torto arado*.

Dentre suas interpretações, o internauta da *Skoob* destaca o suspense acerca do episódio ocorrido com as irmãs Bibiana e Belonísia, bem como as relações entre os moradores e trabalhadores daquela comunidade com os donos da fazenda, que são, segundo este receptor de *Torto arado*, os donos dos meios de produção, o que o fez lembrar da vertente marxista. A relação estabelecida com Marxismo acontece, conforme afirma em sua resenha, em virtude de Severo, personagem que acaba tendo uma espécie de triângulo afetivo/amoroso com as irmãs Bibiana e Belonísia.

Ao longo de sua resenha, o internauta da *Skoob* ainda ressalta outras questões e conclui corroborando que a leitura de *Torto arado* foi rica e bonita para ele, podendo vivenciar e conhecer a realidade do povo brasileiro por meio da ficção. Nesse viés, a literatura passa a retratar e pertencer também à cultura popular, que adquire o status de patrimônio, de acordo com Certeau (2012). Assim, temos na literatura contemporânea aquilo que já vimos em Sodré (2023), um jogo de recomposição considerando elementos estruturais nessa transição histórica.

Portanto, percebemos que a intertextualidade serviu como fio condutor para outros temas e aspectos abordados pelos internautas da *Skoob*, revelando, ao longo das análises, resultados interessantes. Desse modo, conseguimos realizar investigações mais detalhadas, com base em nosso corpo teórico, tanto para aquele voltado para a recepção do texto e a hermenêutica literária quanto para o que compreende sobre a identidade e a cultura. Afinal, temos intensas revelações e concepções entrelaçadas nas resenhas sobre *Torto arado*, em que cada receptor faz suas considerações conforme suas interpretações e compreensões dentro de sua individualidade. E, nesse sentido, pelo fato de dezenas de internautas terem registrado a respeito do regionalismo, tecemos algumas investigações acerca desse elemento no próximo subcapítulo.

5.9 Identidade e cultura regionalista sob o olhar dos leitores do romance de Itamar Vieira Junior

Ao efetuarmos as primeiras etapas de seleção do material, constatamos que um dos tópicos mais acentuados era a relação de *Torto arado* com a realidade do interior do nordeste brasileiro e, nesse sentido, resolvemos investigar, em tópico exclusivo, o regionalismo nordestino presente nas resenhas dos internautas da *Skoob*. A palavra *regionalismo* aparece 16

vezes ao considerarmos as 3.119 resenhas que abrangem o período de seleção de dados que estipulamos, o que não parece ser muito.

Contudo, o cenário da região retratada em *Torto arado* é registrado com frequência pelos internautas da *Skoob* em suas resenhas, o que confirmamos pelo número de vezes que aparecem outras palavras associadas ao contexto regionalista: *nordestino(s)* aparece 113 vezes; *interior*, 244; *baiano(a)*, 238; *Bahia*, 226; *sertão*, 397; *sertanejo*, 21; *quilombola*, 312; e *nordeste*, 75. Logo, temos um expressivo número de vezes em que aparecem palavras ligadas ao regionalismo nordestino de nosso país, e que passamos a analisar em algumas resenhas que selecionamos, a começar pela que está representada na Figura 62.

Figura 62 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

sangue, suor e sumo de buriti
 deu pra sentir na pele toda a intimidade, a intensidade e a indignação em "Torto arado".

a história é dividida em 3 partes, contadas respectivamente pelas irmãs Bibiana, Belonísia e por Santa Rita Pescadeira, uma entidade cabocla que por muitas gerações testemunha a fé, a fome e a falta de direitos do povo de Água Negra.

a obra de Itamar Viera Júnior é íntima, porque visita a conexão mais profunda entre duas irmãs que compartilham das mesmas dores e lutas, descrevendo uma simbiose que vai desde a tragédia que marcou suas infâncias até as últimas consequências de uma vida de trabalho e privação.

é intensa porque, ao mesmo tempo em que provoca, também sacia uma fome selvagem por afeto, dignidade e justiça, depois de levar nosso coração às portas da inanição.

é indignada por contestar o domínio pesado de mãos que não são merecedoras de suas terras, e por borrar, com suor, sangue e sumo de buriti, os limites entre reparação e vingança.

um livro que me fez lembrar Graciliano Ramos e as mazelas dos retirantes em "Vidas secas", mas com o acréscimo de um amor fraternal capaz de transformar a vida de uma comunidade escravizada pelas próprias necessidades.

por fim, um manifesto de que mesmo caminhos tortuosos podem nos trazer redenção.

Fonte: *Skoob* (2022).

Ao sondarmos sobre a presença do regionalismo na resenha, verificamos centenas de internautas de *Skoob* que registraram a respeito deste tema, mas sem mencionar a palavra regionalismo propriamente, como é o caso da resenha representada pela Figura 62. Entretanto, o contexto regional é facilmente identificado por meio de palavras ou expressões, por exemplo no título da resenha, em que aparece o *sumo de buriti*, que aparece novamente ao longo do texto. Para fins de esclarecimento, salientamos que buriti é uma fruta originária da Amazônia e é produzida por uma árvore da família das palmeiras, típica do interior brasileiro.

Além disso, diagnosticamos a presença do regionalismo na resenha representada na Figura 62 no penúltimo parágrafo, no qual, por sinal, há uma intertextualidade estabelecida com o romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Nessa parte, o regionalismo destacado em *Torto arado* ocorre pela menção à comunidade escravizada retratada por Itamar Vieira Junior em seu romance, que reside na cidade fictícia Água Negra, no interior da Bahia, representando, assim, inúmeras cidades e povos da realidade desse estado e de outros com contextos sociais, culturais e históricos semelhantes.

Desse modo, as lutas que envolvem o povo de Água Negra, principalmente pelos seus direitos à terra, são marcas não de regionalismo, mas também da identidade de um povo. Afinal, a identidade ocorre por meio das práticas e das relações sociais, conforme já identificamos teoricamente em Woodward (2013), que acrescenta que as relações sociais são marcações simbólicas que demarcam a diferenciação social. Nesse sentido, *Torto arado* passa a ser um sistema de representação da cultura e identidade de um povo do interior da Região Nordeste. Essa representação é, consoante Sodré (2023), uma construção preventiva contra a diversidade e a instabilidade das crenças, o que também identificamos em outras resenhas, como a que encontramos disposta na Figura 63.

Figura 63 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Um livro visceral e poético, com uma linguagem simples. Que delícia ler regionalismo cultural sem aquele ar de tristeza de devastar o peito, mas sim relatando uma força absoluta, que melhor ainda: vem das personagens femininas Belonisia e Bibiana. Livro pra ler e reler de tempos em tempos??

Fonte: *Skoob* (2022).

Apesar de ser uma resenha relativamente curta, conforme podemos constatar, há um entrelaçamento de vários tópicos de *Torto arado* mencionados pelo internauta da *Skoob*, como a linguagem encontrada no livro, as personagens protagonistas e o regionalismo. Portanto, este é um dos 16 internautas que empregam a palavra *regionalismo* em sua resenha. Enquanto outros representam o regionalismo por meio da descrição de elementos relacionados a ele encontrados em *Torto arado*, este internauta menciona a palavra propriamente, acrescentada pelo adjetivo cultural.

Por conseguinte, o regionalismo cultural referido pelo internauta da *Skoob* é representativo da força absoluta, que, conforme é salientado na resenha, é marcante nas personagens Belonisia e Bibiana. Logo, percebemos que essa força absoluta das personagens, junto aos demais elementos mencionados pelo internauta da *Skoob*, desencadeiam nele

percepções e provocações, perceptíveis em outras centenas de resenhas, mesmo que curtas, como esta que estamos analisando. Tais reações são comuns e ocorrem graças à recepção do texto, que é, conforme Zilberman (1989), recebida e interpretada de maneiras diferentes devido à individualidade de cada sujeito, o que nos motiva a verificarmos também a resenha apresentada na Figura 64.

Figura 64 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

O Brasil em Torto Arado

Sertão, quilombo, disputa por terras, violência doméstica e a religião Jarê: este é Torto Arado e também o Brasil que não vemos na TV.

Protagonizado pelas irmãs Bibiana e Belonísia, podemos experimentar na obra a força feminina, as dificuldades da vida no sertão sem direito a praticamente nada, e também a existência de um sistema escravocata do qual ninguém parece dar muita atenção para resolver. Sim, isso é um problema que cria um ambiente de sobrevivência e não de vivência, de escassez em terras abundantes em extensão, de um povo que encontrou aquelas terras muito antes do homem branco. Lembrando que o ponto de vista do livro é a partir dos trabalhadores dessas terra.

Ler Torto Arado é uma experiência. Sim, todo livro é... mas este tem algo de poético e intenso ao mesmo tempo. Alguém mais sentiu até sede na descrição da seca que assolou a região da fazenda Água Negra, onde mora a família de Torto Arado? Além da sede, fiquei com o coração partido. ?

Me senti muito conectada a cada acontecimento da vida das meninas e também à forma como cada uma enfrenta seus medos. Bom, como cada protagonista enfrenta seus medos, na verdade. Como apesar da metáfora sobre a falta de voz do povo do sertão, cada uma tenta defender o que acredita ser justo. É de formas diferentes.

O livro inteiro é incrível mas a terceira parte, narrada por uma entidade do Jarê, é arrebatadora. Alguns capítulos li duas vezes. Mas não falarei sobre eles aqui, de jeito nenhum. É inteligente, sensacional e de repente, tudo se explica. ?

Obs: a história gira em torno das irmãs Bibiana e Belonísia, desde a infância até a idade adulta. Ao colocarem na boca a faca da avó, objeto de muita curiosidade por ser bem guardado, acabam se cortando. Uma, superficialmente, porém a outra, termina com língua na mão. Bem vindo ao primeiro capítulo. Desafio você a largar o livro a partir daí. Duvido.

Fonte: *Skoob* (2022).

Em contraste com a resenha anterior, a representada na Figura 64 possui um tamanho considerável, dividida em vários parágrafos, e, conseqüentemente, com um aprofundamento maior nos temas destacados por esse internauta da *Skoob*. Já no título, observamos a menção ao Brasil, o que nos permite inferir que o internauta identificou relações entre *Torto arado* e a(s) realidade(s) encontrada(s) em nosso país.

No primeiro parágrafo da resenha, identificamos o significado da palavra Brasil disposto no título, pois o internauta da *Skoob* deixa evidente que o Brasil retratado em *Torto arado* é um Brasil diferente daquele costumeiramente mostrado nas mídias. Aliás, a questão de existir mais de um Brasil é aprofundada teoricamente por Sodré (2023), quando afirma

que, na verdade, existe a falsa tese dos “dois Brasil”, haja vista que, segundo ele, existe uma forte heterogeneidade sociocultural no cenário sul-americano, demarcado por uma dinâmica múltipla de identificações.

Diante disso, ao nos ampararmos em Sodré (2023), reiteramos que o sociocultural brasileiro retratado por Itamar Vieira Junior em *Torto arado* e ressaltado pelo internauta da *Skoob* é aquele que não é mostrado pela televisão, em virtude da existência da acentuada diferença de culturas dentro do Brasil. Portanto, se a mídia ignora determinada cultura e grupo social, ela não está ocultando um Brasil diferente, mas sim oprimindo uma parte da heterogeneidade sociocultural brasileira. Em outras palavras, é como mostrar apenas a ponta do iceberg, ou seja, uma parte do todo de uma nação.

Sendo assim, a parte da heterogeneidade sociocultural mostrada em *Torto arado*, e ocultada pela televisão, conforme destacado na resenha, é aquela em que se registra o cenário do sertão, do quilombo, da disputa pelas terras, e de religiões mais regionalistas, como o jarê. Nesse ensejo, por serem realidades regionalistas, se não forem mostradas nas mídias, não chegarão às demais pessoas, sobretudo aos brasileiros de outras regiões. E *Torto arado*, aos olhos de muitos internautas, parece ter entre seus propósitos o de mostrar a realidade sociocultural do interior nordestino a sujeitos de outros lugares. Enfim, os temas regionalistas também são identificados na resenha representada na Figura 65.

Figura 65 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Uma ode à cultura baiana
 Torto Arado, foi um livro que me ganhou na sinopse e que me fez desejar a leitura imediatamente. Depois descobri que havia ganhado o prêmio Jabuti 2020 e que Itamar Vieira Junior era baiano (assim como eu)!
 Em uma narrativa poética, nos é contada a história de Bibiana e Belonísia, duas irmãs de origem quilombola que vivem na fazenda de Água Negra. A história se desenrola ao longo da vida delas e vemos todas as alegrias e sofrimentos do povo negro que viviam nas fazendas baianas em condições subumanas após a abolição da escravatura.
 Itamar rege com maestria a história, enquanto insere elementos culturais e religiosos, fundamentais para compreendermos a força do povo que habitava a fazenda. Com personagens fortes e tendo mulheres como protagonistas a maior parte do tempo, o livro levanta ótimas discussões sobre sincretismos religiosos, cultura do sertanejo, conhecimento tradicional e comunidades quilombolas, bem como o seu abandono perante a sociedade, fruto do racismo estrutural.
 Torto Arado é daqueles livros fundamentais e que torço para que seja considerado um clássico e lido por muita gente!
 Não podia ser diferente de: 5 Estrelas e Favorito

Fonte: Skoob (2022).

Ao enfocarmos nossas análises para o regionalismo, percebemos sua forte presença desde o título da resenha da Figura 65, haja vista que o internauta da *Skoob* assevera que *Torto arado* é uma ode, isto é, referência e exaltação à cultura baiana. Dado o exposto pelo

internauta, confirmamos o que teoricamente é frisado por Schmidt (2008), de que história e narração incorporam valores sociais e culturais e, portanto, o literário é integrado à cultura, sobretudo quando autor e leitor se identificam, de certa forma, por meio do texto.

Afinal, conforme o próprio internauta da *Skoob* revela no final do primeiro parágrafo da sua resenha, ele também é baiano, assim como o autor de *Torto arado*, o que legitima a experiência vivida por ambos por meio da socialização, que, segundo as ratificações teóricas de Sodré (2023),   um fenômeno marcado pela representa o de um indivíduo realizado por outro. Em *Torto arado*, Itamar Vieira Junior realiza representa es de um povo e de comunidades cuja identidade e cultura são formadas e transformadas no interior nordestino do Brasil.

Ao explanar a respeito das personagens e do espaço narrado em *Torto arado*, o internauta da *Skoob* enfatiza em sua resenha sobre a história escrita por Itamar Vieira Junior, atrelando a ela elementos culturais e religiosos que demarcam as lutas e as injustiças acometidas ao sertanejo e ao quilombola, e que evidenciam o racismo estrutural mencionado pelo internauta da *Skoob*. A respeito disso, podemos estabelecer uma correla o com os estudos teóricos de Sodré (2023), que reitera sobre o racismo brasileiro de hoje ser um efeito da antiga estrutura escravista, demarcando uma herança autoritária de práticas patrimoniais dos latifundiários. Nessa conjuntura, *Torto arado*   caracterizado como uma ode   cultura baiana, nordestina e interiorana por internautas da *Skoob*, e por outros como um retrato dela, o que presenciamos na resenha representada na Figura 66.

Figura 66 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

O retrato do interior nordestino

Torto Arado conta a história de duas irmãs e de sua família, além da de outros personagens que aparecem com o passar da história. Obviamente, a vida destas pessoas não   nada fácil, visto que   marcada pela explora o. O livro aborda questões sociais, raciais, familiares e místicas, as quais o fazem muito marcante e  nico. Eu nunca havia lido outro livro parecido. A obra   ótima e vale a pena ser lida por todos.

Fonte: Skoob (2022).

  medida que fomos selecionando e pr -analisando as resenhas da *Skoob* acerca de *Torto arado*, fizemos uma pr -sele o conforme percebíamos a presença dos principais temas e assuntos ressaltados pelos internautas da rede social, considerando resenhas de todos os tamanhos. A resenha que está representada na Figura 66, por exemplo, apesar de ser curta, confirma firmemente o regionalismo e a percep o do internauta da *Skoob* sobre a representa o do interior nordestino brasileiro no romance de Itamar Vieira Junior.

Entretanto, ao mesmo tempo em que destaca o caráter regional do interior nordestino, o internauta da *Skoob* aborda sobre outros aspectos da obra, como as irmãs protagonistas e a família delas, bem como menciona que a vida delas não era fácil. O internauta ainda assinala o misticismo presente em *Torto arado*, e outros temas relacionados aos seres humanos ali representados, concluindo que o romance é único e que deve ser lido por todos, o que nos permite identificar a presença das teorias do Efeito Estético e da Estética da Recepção, cujo objetivo é, conforme já frisamos em Zilberman (1989), estudar o público leitor do texto enquanto sujeito ativo no processo literário. Aliás, identificamos essas afirmações também em trechos da resenha apresentada na Figura 67.

Figura 67 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Torto Arado, do escritor Itamar Vieira Junior, é daqueles livros que nos mostram a força de viver, o amor a família, a preocupação com o outro e dedicar-se a ajuda-lo. Mostra a luta pela sobrevivência e o não desanimar diante tantas dificuldades.
Vi os diferentes significados da palavra lindo.
Nesse livro vivi e conheci tradições antigas, crenças, fé e orações.
Foi uma "viagem" inesquecível pelo interior do sertão brasileiro, pelo sertão baiano e me mostrou as relações semi escravagistas, discriminação e acima de tudo a não desistir, a lutar pela vida sempre.
O que precisamos ter em mente é que isso tudo: a pobreza, discriminação racial e social, dores físicas, etc existem e precisamos buscar juntos acabar com isso. Nós todos como seres humanos precisamos nos preocupar uns com os outros.
Sinopse da editora: Nas profundezas do sertão baiano, as irmãs Bibiana e Belonisia encontram uma velha e misteriosa faca na mala guardada sob a cama da avó. Ocorre então um acidente. E para sempre suas vidas estarão ligadas — a ponto de uma precisar ser a voz da outra. Numa trama conduzida com maestria e com uma prosa melodiosa, o romance conta uma história de vida e morte, de combate e redenção.

Fonte: Skoob (2022).

As reações do indivíduo leitor, manifestadas no texto, permitem diagnosticar sua postura emocional, visto que o próprio internauta da *Skoob* afirma ter vivido tradições antigas por meio da leitura de *Torto arado*. Além disso, diz que o romance lhe proporcionou uma viagem inesquecível ao sertão do Brasil e da Bahia. Nesse sentido, confirmamos a atestação e a realização da atualidade do passado – termos que encontramos na teoria de Gadamer (2014), a partir do que o internauta da *Skoob* leu e destacou, com base em suas vivências associadas ao texto escrito por outro sujeito.

Considerando os sentimentos de resiliência e empatia sentidos pelo internauta da *Skoob* com relação às personagens de *Torto arado* e às pessoas da vida real representadas por elas, diagnosticamos o fenômeno da colaboração social, considerada teoricamente por Vattimo (2010) em seus estudos, e o da sinergia, estudada por Ricoeur (1997), que afirma que texto e leitor possuem um envolvimento e relacionamento, em que a configuração do texto

está disposta ao leitor, assim como este é modificado pelo texto. Ainda, precisamos considerar que o texto foi escrito por um autor com suas próprias intenções e estilos de escrita, que são, no caso de Itamar Vieira Junior em *Torto arado*, segundo o internauta da *Skoob*, realizados com maestria, o que se confirma também na resenha representada na Figura 68.

Figura 68 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Extraordinário e emocionante!

Itamar Vieira Junior nos presenteia com um livro real, forte e histórico e de uma delicadeza simplesmente impressionante!

É um livro que não deixa espaço para achismos. Tudo é explicado e concluído de uma forma convincente, inclusive o significado do título - e o quanto nos comove essa descoberta!

A história se passa no sertão nordestino e desnuda o dia a dia de um povo muito presente na vida dos brasileiros, mas infelizmente nem sempre muito presente na memória destes. Itamar traz para nossas vidas a lembrança de uma época escravagista e perversa - uma herança deplorável que carregamos no nosso íntimo.

O livro nos faz lembrar as crenças e a origem do nosso povo de uma maneira tão extraordinária que nos transporta vividamente para uma época que conhecemos através dos livros e das histórias contadas.

A riqueza de detalhes é tamanha que construímos uma ambientação singular. Itamar desenha na nossa mente a força da escravidão, da terra, da revolta, do arado, da culpa, das crenças, do amor, da construção, da religião, da amizade e da família!

Escancara as dificuldades de se viver e sobreviver com tão pouco e com tanta luta, tanta submissão, tanta insistência e com tantas provações e privações.

O resumo do livro faz com que nos interessemos pela leitura - e é encontrado facilmente na internet, por isso deixo de citá-lo aqui - mas garanto que representa muito pouco perto do que essa leitura nos traz.

Que personagens! Que ambientação! Que linguagem! Que história!

Extraordinário e emocionante!

Fonte: *Skoob* (2022).

Extraordinário e emocionante são os adjetivos atribuídos a *Torto arado* pelo internauta da *Skoob* no título da resenha e também no final do texto, conforme podemos averiguar. Essas impressões são confirmadas ao longo da resenha, em que as marcas que nos levam ao regionalismo são registradas pelo internauta da *Skoob* já no início da resenha, principalmente apreendidas a partir das palavras real, forte e história. Afinal, no terceiro parágrafo da resenha, o internauta da *Skoob* frisa que a história se passa no sertão nordestino, o que revela, conseqüentemente, o caráter de regionalismo que permeia nossas análises neste subcapítulo.

Nesse viés, realidade, ficção e impressões do leitor são registradas concomitantemente ao longo de sua resenha, que enfoca sobre os desafios das pessoas frente o contexto social, cultural, geográfico e histórico, demarcando os lugares de fala das personagens e de pessoas da vida real, que, segundo Amaral (2005), têm suas posições sociais e simbólicas constituídas e legitimadas pelo contexto em que estão inseridas. Portanto, o lugar de fala do sujeito representado em *Torto arado* tem sua identidade formada pela interação entre o eu e a sociedade, conforme confirmamos nas palavras teóricas de Hall (2006) sobre a identidade e a cultura.

Em linhas gerais, ao considerarmos a identidade e a cultura do regionalismo do interior do Nordeste do Brasil, sob as percepções e registros dos leitores de *Torto arado*, confirmamos que muitos dos internautas da *Skoob* se sensibilizaram com a realidade vivida por várias pessoas representadas pelas personagens do romance de Itamar Vieira Junior, mesmo o texto literário tendo caráter ficcional.

Desse modo, concluímos que a literatura, a exemplo de *Torto arado*, é capaz de representar a realidade de pessoas e, associada ao caráter ficcional, mesmo com a presença de elementos místicos, permite aos seus leitores se emocionarem e sensibilizarem a partir do que está narrado no texto. Logo, em virtude da forte presença desses três elementos em *Torto arado*, identificados em centenas de resenhas de internautas da *Skoob*, julgamos que um subcapítulo com ênfase nos elementos realidade, ficção e realismo mágico agrega significativamente para nossas investigações propostas.

5.10 Realidade, ficção e realismo mágico: três elementos fortalecedores da voz do romance

Muitas das resenhas dos internautas da *Skoob* enfocaram a relação entre a realidade e a ficção, com destaque para o realismo mágico como integrante da ficção, presente em *Torto arado*. Ao fazermos o levantamento do número de vezes em que são mencionadas essas palavras ou outras do mesmo campo semântico, percebemos o número expressivo de resenhas em que há, ao menos, uma parte delas direcionada para os elementos da realidade, da ficção e do realismo mágico: *realidade* aparece 674 vezes; *ficção*, 99; *ficcional*, 15; *realismo*, 84; *mágico*, 88 (dessas, o termo *realismo mágico* aparece 51 vezes); e *místico*, 28.

Posto isso, ao considerarmos o realismo mágico nas resenhas dos internautas da *Skoob*, percebemos que há outros termos que se referem ao mágico e ao encantado, como a

própria personagem Santa Rita Pescadeira, que remete a uma entidade mística. Na Figura 69, por exemplo, o internauta já destaca o realismo mágico no título de sua resenha.

Figura 69 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Realismo Mágico

Uma história tão dolorida e profunda, das vidas e das gerações sem terra ou bens, não poderia ser contada a não ser através do realismo mágico. A dor se torna poesia e a lágrima em mel escorrendo até a boca. Itamar Vieira Junior soube relatar a confluência de questões tão viscerais como a história, a fé, os encantos, a dor e a beleza (apesar) da vida de lutas de um povo que não tinha terra, mas tinha a terra dentro de si.

Fonte: Skoob (2022).

Com relação aos aspectos da realidade, da ficção e do realismo mágico em nossas investigações, começamos a perceber que eles não são tão indissociáveis assim. O internauta da *Skoob* cuja resenha está representada na Figura 69, por exemplo, mistura, de certa forma, esses três elementos nas duas frases de sua curta resenha. A começar pelo título dela, *Realismo mágico*, o que nos permitiria inferir que o internauta da *Skoob* enfocaria nesse elemento em sua resenha.

Entretanto, ao lermos a resenha, identificamos apenas algumas palavras que remetem ao realismo mágico, como o próprio *realismo mágico*, na segunda linha, e *encantos*, na quarta linha, mas esta palavra não necessariamente remete ao místico. O realismo mágico, porém, está tão entrelaçado não só à ficção, mas também à realidade, que, conforme o próprio internauta da *Skoob* afirma na primeira frase de sua resenha, a história narrada em *Torto arado* é tão dolorida e profunda que só poderia ser contada através do realismo mágico, porque, segundo este receptor do romance, esse elemento pode fazer com que a dor vire poesia.

Diante da observação de que o realismo mágico tem a capacidade de transformar a dor em poesia, lembramo-nos de Schmidt (2008), que afirma que o literário é integrado à cultura. Logo, o literário, representando uma cultura baseada em fatos reais, tem a possibilidade, devido a seu caráter ficcional, de narrar os fatos em seu próprio estilo e à sua maneira, pré-determinada estrategicamente pelo autor, que foi o que certamente Itamar Vieira Junior fez ao recorrer ao realismo mágico para narrar histórias com acontecimentos tão difíceis de serem compreendidos na realidade. Outros internautas da *Skoob*, porém, destacam a realidade e o tom poético de *Torto arado* sem se deterem ao realismo mágico, como é o caso do receptor que tem sua resenha representada na Figura 70.

Figura 70 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Histórico e poético

O autor conseguiu dar tanta vida às personagens principais que vou, sinceramente, sentir saudade delas. A escrita é muito clara e muito bem pensada, sem floreios. A cada final de capítulo eu sentia que havia terminado uma poesia muito boa. Também me sinto feliz de ter o português como língua mãe e poder ler o original (assim como comentaram em outra resenha deste mesmo livro), porque só nossa língua pode traduzir os cenários e sensações deste livro. Por fim é difícil acreditar que o autor não conheceu as personagens e viveu um tempo com elas em Água Negra, porque finalizei o livro com o sentimento de que alguém tinha acabado de me contar sua história, mas certamente se não contou a dele, contou a de milhares de pessoas.

Fonte: Skoob (2022).

Os adjetivos *histórico* e *poético* revelam a dualidade entre realidade e ficção, posto que cada uma das palavras remete a um campo. O contexto da palavra *histórico* empregada no título é, portanto, da realidade, o que se confirma ao longo da resenha, mais especificamente no fim dela, quando o internauta da *Skoob* afirma que teve a impressão, ao terminar a leitura de *Torto arado*, de que leu sobre a história da própria pessoa que escreveu, acrescentando que, se não é a história dele, do autor, é a de milhares de pessoas. Logo, inferimos que o internauta da *Skoob* conhece que o que é narrado em *Torto arado* ocorre com pessoas na vida real.

Já o contexto do adjetivo *poético* fica a cargo da literatura, do caráter ficcional do romance *Torto arado*, que é o âmbito onde ficam o estilo de escrita e as estratégias de Itamar Vieira Junior ao narrar a realidade de milhares de pessoas, associando-a ao realismo mágico, à construção das personagens e dos narradores. Esses aspectos não aprofundados pelo internauta da *Skoob*, mas percebidos amplamente em nossa leitura e análise de *Torto arado*. Afinal, ao longo de sua resenha, o internauta da *Skoob* menciona sobre a escrita do romance e de como se sentia com relação a ela.

Aliás, essas percepções e manifestações de leitores do romance de Itamar Vieira Junior confirmam o que teoricamente Petit (2009) assevera acerca das experiências com os textos, de que eles ajudam a despertar regiões silenciadas e a dar-lhes forma simbolizada, transformando-as. Ou seja, *Torto arado* faz com que muitos de seus leitores se envolvam com o texto e percebam nele relações com a realidade de milhares de pessoas, bem como fiquem admirados em como é possível narrar tais acontecimentos em uma estilística de escrita como a pré-determinada por Itamar Vieira Junior. Algo parecido ocorre com outro internauta da *Skoob* ao registrar suas impressões em sua resenha, que apresentamos na Figura 71.

Figura 71 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Fantástico em vários sentidos, se não em todos

Torto Arado se tornou um dos meus livros preferidos. Primeiramente, a narrativa é maravilhosa, uma história que prende e te faz ver a realidade a partir da visão dos personagens de uma forma profunda, ainda mais com as mudanças de narrador. Achei sensacional a forma com que o autor aborda questões políticas e sociais importantíssimas direta e indiretamente, às vezes com críticas claras e evidentes no enredo e às vezes pouco desenvolvidas, mas que fazem o leitor pensar.

Tirando a trama principal, o livro traz pequenas outras tramas que por si só poderiam se tornar outros romances, o leitor nunca sabe o que vai ser melhor explicado no futuro e essa curiosidade deixa a leitura ainda melhor: quando achamos que algo não vai ser explicado, eis que a explicação vem de forma bem amarrada no enredo.

Além disso, a complexidade das personagens e a forma com que são apresentadas e se desenvolvem na história é maravilhosa, impossível não se apegar e sentir as dores de cada uma. Por fim, mas não menos importante, foi uma experiência maravilhosa a comunidade que serve como plano de fundo para o romance (apesar de no fim achar que a comunidade é quase que um personagem principal) e tudo o que se relaciona com ela, como a questão da terra, a escravidão e a presença dos Encantados, que torna o livro ainda mais especial.

Achei o livro fantástico, de uma riqueza inexplicável e que recomendo para todos!

Fonte: Skoob (2022).

Conforme podemos verificar, o internauta da *Skoob* enfatiza sobre a realidade, de forma explícita, já na segunda frase de seu texto, acentuando que *Torto arado* é uma narrativa maravilhosa pelo fato de cativar e prender o leitor, fazendo-o ver a realidade a partir das personagens e das mudanças de narrador. Na continuidade da resenha, o aspecto da realidade continua sendo o estopim de suas argumentações, em que destaca sobre as questões políticas e sociais abordadas por Itamar Vieira Junior em *Torto arado*, instigando o leitor a refletir sobre esses assuntos.

Ademais, nas próximas frases de sua resenha, o internauta da *Skoob* explana a respeito da construção de *Torto arado* e sobre as personagens principais, realçando a forma de instigar a curiosidade dos leitores ao envolver outras tramas à principal narrada, fazendo com que o internauta chegue a afirmar que essas tramas poderiam se tornar outros romances. Logo após, declara que a experiência de leitura do romance foi maravilhosa, e é nesse momento que o internauta menciona a comunidade e os temas que existem na realidade, retratados em *Torto arado*, como a questão da terra e da escravidão, bem como cita a presença dos seres encantados.

Ao aludir sobre os encantados, ainda na mesma frase de sua resenha, o internauta da *Skoob* reitera que sua presença fez de *Torto arado* ainda mais especial. Nesse sentido, percebemos que o estilo de escrita e narração de Itamar Vieira Junior em seu romance conquistou considerável parte de seu público leitor, a exemplo deste internauta da *Skoob*. A aceitação de sua obra nos remete às palavras teóricas de Ricoeur (1997), que pontua sobre o fato de que a estratégia de persuasão parte do autor, que é respondida pelo leitor, sujeito que

se apropria do texto ao realizar sua leitura e, no caso de *Torto arado*, faz com que muitos de seus leitores reajam e se manifestem positivamente sobre suas percepções, interpretações e compreensões, inclusive agradecendo ao autor do romance pela sua escrita, como é o caso do internauta da resenha representada na Figura 72.

Figura 72 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

Pensativa. Agradecida.

Me senti tão próxima do ambiente e das personagens durante essa leitura. Parecia que estava sentada em casa ouvindo um familiar ou um conhecido contar um pouco da sua história. E, de fato, de várias maneiras se assemelha com a vivência de muita gente que conheço. Ao mesmo tempo, também abriu muito meus olhos para outras realidades que sei há muito das existências, porém nunca havia parado para refletir dignamente a respeito. Difícil explicar a totalidade do que senti ao longo dessa experiência de leitura, e nem vou tentar explicitar isso, só posso dizer que não consigo pensar no Itamar sem sentir felicidade, agradecimento e, de algum modo, também orgulho. Uma narrativa incrível: necessária e muito bem construída. Quem ainda não leu "Torto Arado", por favor, leia.

Fonte: Skoob (2022).

Quando nos deparamos com o título desta resenha, percebemos, pelos dois adjetivos presentes, que o internauta da *Skoob* teve duas reações diferentes a partir da leitura de *Torto arado*, possivelmente ambas prefiguradas pelo autor Itamar Vieira Junior. Afinal, já vimos nas teorias da Estética da Recepção e do Efeito Estético que a obra provoca determinados efeitos no leitor, conforme ratificamos em Zilberman (1989) e Jauss (1994), devido ao caráter de jogo do texto, conceito teorizado por Iser (1979).

Logo, amparados na linha teórica que retomamos anteriormente, afirmamos que o adjetivo *pensativa* foi empregado pelo internauta da *Skoob* porque *Torto arado* fez com que ele pensasse, refletisse a respeito da obra e dos temas da realidade retratados no romance, cuja confirmação realizamos ao longo do texto da resenha. Portanto, os efeitos causados pelo texto no leitor estão intrinsecamente ligados à postura emocional do receptor do texto, que é outro conceito teórico de Jauss (1994).

Já o segundo adjetivo do título, *agradecida*, identificamos ao longo do texto ter sido empregado para reiterar que *Torto arado* foi uma narrativa incrível e ao mesmo tempo necessária, tendo sido muito bem construída, e, logo após essas adjetivações, o internauta da *Skoob* recomenda a realização da leitura do romance de Itamar Vieira Junior àqueles que ainda não o leram. Sendo assim, identificamos a postura deste internauta da *Skoob* diante da obra *Torto arado*, sobre o qual tece impressões acerca do ato de ler, o que também é feito por outro internauta em sua resenha, a qual dispomos na Figura 73.

Figura 73 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

No sertão baiano as irmãs Bibiana e Belonísia se envolvem em um acidente que altera a sua vida e torna a conexão entre essas irmãs imprescindível por muito tempo. Onde uma torna-se a voz da outra.

Uma narrativa poética que conta os desígnios da sobrevivência dessas irmãs, uma história sobre amor e dor; vida e morte, redenção e luta.

Uma leitura difícil, que por alguns momentos se tornou arrastada, mas que no final cumpriu o seu papel em meu coração e me encantou de uma forma que não esperava.

Totalmente fora da minha Zona de Conforto, me envolveu ao ler as narrações da luta cotidiana. A pobreza e o machismo presente me angustiava. Conhecer um pouco mais através do realismo mágico da cultura e religião de matrizes africanas foi um momento de aprendizagem e construção cultural.

Uma leitura sobre reconhecimento, justiça social, família e relações. Difícil mais importante.

Fonte: *Skoob* (2022).

Assim como o internauta da Figura 72, este também realiza comparações dos temas explorados em *Torto arado* e a realidade deles no interior brasileiro, relacionando, portanto, o ficcional com o real, o que encontramos, em certa medida, em todos os cinco parágrafos da resenha. Nessa perspectiva, resgatamos a teoria de Woodward (2013), quando ela afirma que a identidade é relacional e estabelecida por uma marcação simbólica, visto que, diante desse contexto, o romance *Torto arado* é uma marcação simbólica da identidade de brasileiros do sertão nordestino, em que a ficção se relaciona com determinada realidade.

Entretanto, ao aprofundar sobre essa relação da realidade representada na ficção, o internauta da *Skoob* registra em sua resenha sobre o realismo mágico encontrado no romance de Itamar Vieira Junior, esclarecendo que é por meio dele que o autor permite aos leitores conhecerem mais sobre as culturas e religiões africanas, colaborando, dessa forma, para a aprendizagem acerca da construção cultural. A percepção sobre a representação da cultura existente na realidade no texto ficcional condiz também com a teoria de Sodré (2023) a respeito do entrelaçamento simbólico constitutivo do ser social, fazendo com que textos ficcionais como *Torto arado* sejam operadores de identidade humana. Considerando o caráter da cultura e da construção da narrativa, relacionando ficção com realidade, trazemos para uma análise mais individualizada a resenha exposta na Figura 74.

Figura 74 - Resenha de internauta da *Skoob* sobre *Torto arado*

?Sobre a terra há de viver sempre o mais forte?

Torto Arado conta a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, unidas de forma única por um acidente ocorrido em sua infância. Através do realismo mágico, Itamar Vieira Júnior denuncia a realidade dos trabalhadores de fazendas descendentes de escravos, sem remuneração, explorados de sol a sol, em troca de uma morada de barro ou um prato de comida.

Todas as personagens são incrivelmente bem construídas e é impossível não se apegar a elas. A que eu mais me identifiquei foi Belonísia, apesar de não ter nem 10% de sua força. Ao longo do livro acompanhamos a história das irmãs, de seus familiares e vizinhos conforme os anos vão passando e sua relação com a terra e com a religião, que é muitíssimo presente na história. De acordo com o autor, essa religião ?mescla referências da umbanda, candomblé, catolicismo, xamanismo e espiritismo, e que é regida pelos encantados, entidades presentes no cotidiano da comunidade para além da dimensão sobrenatural?.

A questão principal do livro é a escravidão moderna, escondida pelas ?gentilezas? que os donos das terras fazem pelos trabalhadores. A história, portanto, gira em torno da realidade desses trabalhadores (assim como indígenas, quilombolas, ribeirinhos) e de seu permanente anonimato, pois são silenciados principalmente quando resolvem correr atrás de seus direitos e resistir à opressão.

Além disso, o autor também expõe o patriarcado cruel presente nas relações matrimoniais.

Segundo ele, as protagonistas são mulheres, pois nelas viu a força que muitos homens não demonstravam na hora de cuidar da família. Torto Arado conta a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, unidas de forma única por um acidente ocorrido em sua infância. Através do realismo mágico, Itamar Vieira Júnior denuncia a realidade dos trabalhadores de fazendas descendentes de escravos, sem remuneração, explorados de sol a sol, em troca de uma morada de barro ou um prato de comida.

Todas as personagens são incrivelmente bem construídas e é impossível não se apegar a elas. A que eu mais me identifiquei foi Belonísia, apesar de não ter nem 10% de sua força. Ao longo do livro acompanhamos a história das irmãs, de seus familiares e vizinhos conforme os anos vão passando e sua relação com a terra e com a religião, que é muitíssimo presente na história. De acordo com o autor, essa religião ?mescla referências da umbanda, candomblé, catolicismo, xamanismo e espiritismo, e que é regida pelos encantados, entidades presentes no cotidiano da comunidade para além da dimensão sobrenatural?.

A questão principal do livro é a escravidão moderna, escondida pelas ?gentilezas? que os donos das terras fazem pelos trabalhadores. A história, portanto, gira em torno da realidade desses trabalhadores (assim como indígenas, quilombolas, ribeirinhos) e de seu permanente anonimato, pois são silenciados principalmente quando resolvem correr atrás de seus direitos e resistir à opressão.

Além disso, o autor também expõe o patriarcado cruel presente nas relações matrimoniais. Segundo ele, as protagonistas são mulheres, pois nelas viu a força que muitos homens não demonstravam na hora de cuidar da família.

Fonte: *Skoob* (2022).

Pelo fato de estarmos diante de uma resenha extensa e com vários assuntos e tópicos diferentes, optamos por analisar os principais aspectos relacionados à realidade, à ficção e ao realismo mágico. Vários aspectos da realidade, como a escravidão e as condições precárias dos trabalhadores, são ressaltados pelo internauta da *Skoob*. Contudo, gostaríamos de destacar o caráter de denúncia acentuado na resenha, demarcado como intencional pelo autor Itamar Vieira Junior, o que confirma os propósitos do autor por meio do texto, que são um par solidário vinculado ao público, conforme já averiguamos na teoria de Candido (2006).

Além disso, segundo este internauta da *Skoob*, o realismo mágico está presente em *Torto arado* na forma em que o autor encontrou de denunciar a realidade que acontecia nas fazendas do interior nordestino, em que os trabalhadores nas fazendas trabalhavam

arduamente e sem remuneração adequada. As afirmações dos internautas da *Skoob* comprovam nossa percepção sobre a indissociabilidade entre a realidade, a ficção e o realismo mágico nesses aspectos de textos literários, como o romance *Torto arado*.

Sendo assim, tendo em vista os tópicos que analisamos, não somente da realidade, da ficção e do realismo mágico, mas dos temas que examinamos individualmente, percebemos como é importante a presença de cada um dos elementos para o sucesso do texto literário, bem como sua importância não somente para o texto ou para o autor, mas também para o leitor, que é o sujeito receptor e agente atualizador do texto. Portanto, o caráter de preocupação de Itamar Vieira Junior em escrever uma narrativa bem construída, em que as personagens e os cenários representem a realidade de muitos brasileiros, foi cumprido ao ser destacada por centenas de internautas da *Skoob*, confirmando nossa tese de que a leitura e a escrita são formas de registro e propagação de identidades por meio das vozes do autor e do leitor, ligadas pelo texto e demais canais de comunicação e veiculação de informações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do premiado romance *Torto arado*, Itamar Vieira Junior foi recebido em milhares de lares, e um expressivo número de leitores lançou no mundo virtual, através da rede social *Skoob*, suas principais percepções sobre o livro. Esses comentários permitiram nossas análises, assim como as teorias da Estética da Recepção de Jauss (1994) e do Efeito Estético de Iser (1996b, 1999a), as quais visitamos e revisitamos inúmeras vezes, e a cada novo contato nos deixavam mais envolvidos pelas suas abordagens.

Da mesma forma que consumamos a importância da abordagem teórica amparada na Estética da Recepção e do Efeito Estético, percebemos que os estudiosos que aprofundaram os conceitos de identidade e cultura, a exemplo de Woodward (2013) e Hall (2006, 2013), nos subsidiaram nos estudos teóricos e nas análises das resenhas, visto que há a representação, em *Torto arado*, da identidade e da cultura de um povo que perpassou conflitos históricos, geográficos, econômicos, sociais, morais e psicológicos.

Em vista aos estudos realizados, asseguramos que as vozes identitárias expressadas no romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, são recebidas por distintos públicos leitores, caracterizados e identificados por protocolos e juízos de leitura diversos entre si durante e após o processo de recepção e atualização do texto, gerando diferentes interpretações, compreensões e aplicações. Logo, são vozes reverberadas em um romance recebido por milhares de leitores que se manifestaram na rede social *Skoob* e expressaram suas principais percepções e impressões a respeito de *Torto arado*, acrescentando a ele a sua identidade de leitor.

Além disso, os internautas da *Skoob*, leitores de *Torto arado*, evidenciam em suas resenhas as principais percepções quanto ao texto literário, conforme foram guiados pelo autor, mas também influenciados pela sua própria formação de sujeito. Afinal, existe um jogo entre autor, texto e leitor, no qual cada um tem sua função, um complementando o outro e, dessa forma, possibilitando a veiculação da comunicação e a construção de sentido e identidade, consoante os estudos de Martín-Barbero (1997) e Woodward (2000). Diante disso, é natural que os leitores manifestem suas impressões sobre *Torto arado*, destacando aspectos como o contexto social e histórico abordado no cenário do romance, bem como os conflitos que estão envoltos em torno das personagens principais, as irmãs Bibiana e Belonísia.

Portanto, reiteramos que o romance contemporâneo *Torto arado* é construído por estratégias e informações previamente organizadas pelo autor Itamar Vieira Junior e que orientam o leitor, condicionando as relações pré-estabelecidas entre texto e receptor. Ao

mesmo tempo, os leitores imprimem suas vozes identitárias ao texto mediante a subjetividade da interpretação, a qual identificamos com o subsídio da teoria de Jauss (1994), uma vez que o fato de cada leitor ser único e ter sua própria formação da identidade determina que cada receptor do romance *Torto arado* realize suas próprias compreensões sobre o texto.

Sendo assim, conforme pudemos constatar a partir dos resultados obtidos, confirmamos que a significativa circulação e propagação do romance contemporâneo *Torto arado* nos diversos veículos de comunicação devem-se, sobretudo, à qualidade literária resultante das vozes identitárias que Itamar Vieira Junior criou no universo de sua narrativa, e que foram recebidas e atualizadas por milhares de leitores, que também imprimiram suas percepções ao romance, atualizando-o conforme a(s) leitura(s) realizada(s). Dessarte, o romance *Torto arado* é uma representação identitária e cultural, escrito por um sujeito com sua identidade em construção e propagação também por meio do texto, o qual é recebido por sujeitos que têm seu discurso e sua identidade modificados de alguma forma durante a leitura e atualização do texto, em um processo sistêmico de troca mútua entre texto e leitor no decorrer da viagem proporcionada pela leitura.

Posto isso, ratificamos o caráter heterogêneo formado pelas vozes do texto compreendidas pelos leitores, e que, através destes, ganham força à medida que são interpretadas, compreendidas e atualizadas pelos receptores do texto. Por fim, temos a representação da(s) identidade(s) do romance *Torto arado* sob a ótica de seus diversos leitores, de forma concomitante em que conseguimos captar a heterogeneidade identitária e cultural dos receptores deste texto, que se manifestaram na *Skoob* por meio de suas resenhas, sendo que questões como conflitos familiares, sociais e territoriais se sobressaíram.

A partir do evidenciado pelo público receptor, salientamos que a qualidade literária de *Torto arado* também se deve à estruturação do romance aliada às temáticas. Afinal, a abordagem tanto em uma perspectiva familiar e socioemocional das personagens quanto social e cultural é associada à divisão em três partes do romance, que, por sinal, comprova a riqueza da habilidade arquitetônica do autor em conduzir os cinco elementos de uma narrativa: espaço, tempo, narrador, personagens e enredo, os quais estão imbricados e se manifestam em nossas análises da recepção do romance.

Através de *Torto arado*, Itamar Vieira Junior concede aos seus leitores uma leitura emocionante para muitos e convida-os a adentrarem em um mundo de conflitos e reviravoltas que denunciam o sofrimento de um povo que ainda vive os resquícios da escravidão, ao mesmo tempo em que retrata o protagonismo e a força das mulheres. Confirmamos, tanto no

romance quanto nos estudos teóricos a respeito da identidade e da cultura, a preocupação acerca das injustiças e do sofrimento das pessoas encontradas às margens da sociedade.

Para muitos leitores de *Torto arado*, participantes da rede *Skoob*, esse romance é uma forma de denúncia, de justiça, de mostrar as atrocidades que ainda acontecem a pessoas em cenários muitas vezes esquecidos ou até mesmo desconhecidos à grande parte da sociedade, como é o caso do interior sertanejo. É o sufoco e o silêncio transformados em palavras. É a realidade de alguém e a sensibilidade transformadas em narrativa. É o silêncio gritado por meio da literatura, que abre espaço às pessoas de diferentes identidades e culturas.

De nada adiantaria Itamar Vieira Junior realizar o registro dos fatos por meio de *Torto arado* se não houvesse quem o recebesse. No entanto, os leitores da *Skoob* provam que essa obra contemporânea atingiu e conquistou estimado público, e, ao que tudo indica, ainda continua sendo recebida por outros leitores, possivelmente prefigurados por Vieira Junior. Sem dúvida, a obra conquistou um público considerável, que vai além do que era esperado pelo autor.

Percebemos que cada um dos internautas da *Skoob*, receptores de *Torto arado*, identificou aspectos diferentes em suas leituras, pelo menos é o que indicaram as manifestações realizadas por eles nesse dispositivo de mediação virtual. Muitos também registraram comparações entre o livro de Vieira Junior e outros autores, sobretudo clássicos que retratam o regionalismo e o interior brasileiro, o que fez com que dezenas de internautas da *Skoob* adjetivassem *Torto arado* como um clássico na contemporaneidade.

Dessa forma, tanto *Torto arado* quanto as milhares de resenhas de internautas da *Skoob* são formas de comunicação, desde aquilo que está escrito até a maneira como o texto é apresentado ao leitor. Afinal, o ato de comunicar requer um espaço estratégico, pois possibilita que as informações circulem rapidamente na contemporaneidade, ao recorrer aos meios virtuais de comunicação. Nessa ágil proliferação de informações, existem meios de comunicação, como os da internet, que são acessíveis à maior parte da população. Logo, diferentes sujeitos sociais têm a possibilidade de se comunicar via esses meios e, assim, há uma pluralidade de identidades culturais perpassadas virtualmente. Temos, então, comunicação por meio de mediações, o que é enfatizado por Martín-Barbero (1997) em seus estudos sobre as matrizes culturais.

Estamos, desse modo, diante de uma cultura heterogênea, na qual também estão inseridas pessoas interioranas, que vivem da terra, de um pedacinho de chão que é disputado por fazendeiros, que têm uma cultura diferente, instaurada pelo sofrimento vivenciado e marcado por um histórico que perpassa a dor da escravidão. Nas representações dessas

vivências sofridas, como as retratadas em *Torto arado*, nos deparamos com informações que marcam a identidade e a cultura de um povo, que Itamar Vieira Junior almeja retratar e disseminar por meio de seu texto literário.

Outrossim, a literatura baseada em realidades embainhadas em dor e sofrimento tende a, no mínimo, sensibilizar seu público. Isso significa que uma representação de pessoas que constituem identidade e cultura de um povo que sofreu e sofre arduamente em um interior esquecido e ignorado por significativa parcela da sociedade é possibilitada graças a sujeitos como Itamar Vieira Junior, que resolvem ficcionalizar experiências próprias ou baseadas na vida de outros a fim de informar, por meio das massas, inclusive midiáticas, o que acontece na vida de um determinado grupo de pessoas.

Portanto, há uma riqueza em *Torto arado*, um mediador entre Itamar Vieira Junior e seus leitores, os quais também repassam informações sobre as interpretações, compreensões e aplicações que realizaram por meio de comentários feitos na *Skoob*, por exemplo, o que incita novamente a mediação e a comunicação estabelecida pelos seus canais de veiculação e propagação de informações.

Aliás, levar as informações adiante, para outros sujeitos, nos quais está viva a cultura, pode ser, sobretudo, uma necessidade humana, o que nos parece ter ocorrido também no caso de *Torto arado*, que se tornou a materialização daquilo que Itamar Vieira Junior via como necessário ser externado. Por conseguinte, o texto literário lhe deu suporte, condições e meios para externar suas angústias e percepções a respeito de pessoas como aquelas que representou por meio das protagonistas e seu povoado.

Sendo assim, a partir do momento em que a leitura passa a existir graças à ação realizada pelo leitor, a recepção do texto faz com que este seja dotado de significação para seu receptor, ou seja, as lacunas passam a ser preenchidas conforme as compreensões do leitor, que, dessa forma, atualiza o texto por meio da realização da leitura, a qual o modifica de alguma forma. Em vista disso, as vestimentas que encobrem o romance *Torto arado* são, de modo todo especial, envoltas em uma estilística que justifica sua escolha como *corpus* de análise de nossa pesquisa, pois percebemos a complexidade em torno de *Torto arado* ao longo das análises, divididas nos dez subcapítulos que elencamos conforme as palavras que mais aparecem nas resenhas da *Skoob*.

Comprendemos, dessa forma, que a importância e a significação de um texto, no nosso caso de investigação o romance *Torto arado*, está naquilo que o leitor vai descobrir durante o processo da leitura, e não naquilo que está em sua obviedade. É justamente o desconhecido um dos fatores que desperta a atenção e o gosto pela realização da leitura.

Afinal, já abordamos teoricamente em Iser (1999b) que o leitor é um sujeito curioso, o que está intimamente ligado às lacunas encontradas no texto e ao processo de direcionamento do leitor.

Aliás, conforme pudemos perceber nas análises, milhares de internautas direcionaram suas resenhas na *Skoob* para o contexto histórico representado em *Torto arado*, o que é confirmado pelos expressivos números de palavras ligadas a esse contexto, ao considerarmos a história de um povo, a escravidão, as lutas de um povo do interior, representadas por Itamar Vieira Junior em seu romance. Fazer narrativa com base em episódios reais, por si só, já é um ato de bravura; é narrar uma trama da realidade que merece reconhecimento, o que é confirmado pelos leitores. Caso contrário, não encontraríamos tantas resenhas na *Skoob* sobre a obra *Torto arado*.

Precisamos, também, levar em conta, nos resultados encontrados, a quantidade de temas diferentes destacados por internautas da *Skoob* em uma mesma resenha, uma vez que muitos comentaram, inclusive no mesmo parágrafo, sobre mais de um tema ou elemento de *Torto arado* que lhes sobressaiu em sua leitura. A força das personagens femininas, a estrutura e estilística de escrita e o contexto histórico e regional foram enfatizados principalmente sob um viés emocional do leitor, o que é compreensível, tendo em vista que o aspecto afetivo permite que o autor exponha suas emoções, e que o leitor as perceba e compreenda, sendo o aspecto verbal aquele que torna isso possível, ou seja, as palavras são facilitadoras do processo de interação e comunicação.

Portanto, o caráter de mediação do texto e das resenhas na *Skoob* faz circular mais rapidamente a cultura, articulada pelos autores, editores e demais responsáveis pela produção e recepção do texto. Com efeito, o caráter recepional do texto está embalsamado em conceitos revestidos na teoria do Efeito Estético de Iser (1996b, 1999a), que considera o texto um elemento em potencial sob o viés do leitor, que é um sujeito ativo justamente pelo fato de agir sobre o texto.

Além disso, percebemos, por meio das resenhas encontradas na *Skoob*, que o leitor é um sujeito com identidade e cultura, o que já amparamos nas teorias de Woodward (2013), por exemplo. Esse caráter identitário e cultural, associado às emoções do leitor, fizeram com que pudéssemos perceber que tanto o aspecto cultural quanto o afetivo podem ser compreendidos e repassados pelos leitores, inclusive no meio digital, o que constatamos nas análises das resenhas dos internautas da *Skoob*.

A propósito, a identidade, a cultura e os aspectos emocionais são elementos que também integram um texto literário devido à sua composição heterogênea. Logo, o fato de a

literatura e o texto literário serem multissignificativos faz com que se revele um contexto produtivo por parte do leitor, uma vez que este se identifica com aquilo que lhe é atraente no texto, ou seja, com aquilo que lhe é aprazível e julgou importante ou interessante.

Da mesma forma, a conjuntura de cada leitor, que possui sua própria formação cultural, faz com que ele realize uma leitura individual, de acordo com suas características particulares, relacionando-a a outros fatos, conhecidos e até mesmo vivenciados ou presenciados por ele. Isso permitiu, por exemplo, comparações com outros textos ou acontecimentos históricos feitas pelos internautas da *Skoob* em seus comentários sobre o romance *Torto arado*, a ponto de centenas dos leitores do romance adjetivarem-no como clássico, comparando-o, inclusive, com inúmeros clássicos dos séculos passados.

Diante disso, concluímos que encontramos uma formação cultural e identitária envolvida no texto, formada pelos sujeitos envolvidos desde a escrita até sua recepção. Afinal, um texto, constituído por um autor que possui sua voz, influenciado por outros sujeitos e textos, é atualizado por diferentes leitores, que possuem sua própria formação identitária e cultural, consumando uma conexão entre autor, texto e leitor. Assim, ao analisarmos a recepção de *Torto arado* pelo público leitor que registrou suas impressões na rede social *Skoob*, identificamos e conseguimos compreender melhor as identidades e culturas ecoadas por intermédio do romance, conduzido e atualizado pelos seus receptores conforme suas interpretações, compreensões e aplicações.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia Franz. Lugares de fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. **Revista Contracampo**, n. 12. p. 103-113, 2005. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17388/11025>. Acesso em: 22 jan. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASILIAN PUBLISHERS. **“Torto Arado”, livro de Itamar Vieira Junior traduzido para mais de dez idiomas, vai ganhar adaptação teatral**. Maio, 2023. Disponível em: <https://brazilianpublishers.com.br/noticias/torto-arado-livro-de-itamar-vieira-junior-traduzido-para-mais-de-dez-idiommas-vai-ganhar-adaptacao-teatral/>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. *In*: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 83-98.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobránszky. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6231520/mod_resource/content/1/A%20aventura%20do%20livro.pdf. Acesso em: 23 nov. 2023.
- ECO, Umberto. O Leitor-Modelo. *In*: ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 35-49.
- FANTÁSTICO. **Em passeio pelo Recôncavo Baiano, Itamar Vieira Junior fala das origens de personagens de “Salvar o fogo”**. Julho, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/07/02/em-passeio-pelo-reconcavo-baiano-itamar-vieira-junior-fala-das-origens-de-personagens-de-salvar-o-fogo.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 14. ed. Petrópolis, RS: Vozes, 2014.
- GIRARDI JÚNIOR. Liráucio. Teoria das mediações e estudos culturais: convergências e perspectivas. **Revista Líbero**, São Paulo. v. 12, n. 23, junho de 2009, p. 117-127.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 103-133.

ISER, Wolfgang. **A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção**. Trad. Maria Angela Aguiar. Porto Alegre: Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Volume 3, Número 2, 1999b.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996b. v. 1.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999a. v. 2.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996a.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. *In*: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 105-118.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. *In*: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Tradução de Luiz Costa Lima e Peter Naumann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 85-103.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

LEMKE, Jay. Letramento metamidiático: Transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 49, n. 2, p. 455-479, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010318132010000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 set. 2021.

LITERAFRO. O portal da literatura afro-brasileira. Itamar Vieira Junior. **Literafro**. Belo Horizonte, dezembro, 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior>. Acesso em: 5 dez. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PIGLIA, Ricardo. “O que é um leitor?”. *In*: PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 19-37.

REVISTA CENARIUM. Livro **‘Torto Arado’ vira canção em novo disco de Rubel, com Liniker e Luedji Luna**. Março, 2023. Disponível em: <https://revistacenarium.com.br/livro-torto-arado-vira-cancao-em-novo-disco-de-rubel-com-liniker-e-luedji-luna/>. Acesso em 08 de dezembro de 2023.

RICOEUR, Paul. Mundo do texto e mundo do leitor. *In*: RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: Tomo III. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p. 273-314.

RUBEL. **Torto arado** [Letra de música]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rubel/torto-arado/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SCHMIDT, Rita Terezinha. “Centro e margens: notas sobre a historiografia literária”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, DF, n. 32, p. 127-141, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231172728.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 73-102.

SKOOB. [Rede social]. **Torto arado**. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/torto-arado-915037ed921450.html>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento e cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1C9P3Irm4ec6ueRG_MYvY5DoNWILH1_Qb/view. Acesso em: 20 dez. 2023.

VATTIMO, Gianni. **Diálogo com Nietzsche**: ensaios 1961-2000. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/dialogo-com-nietzsche-ensaios-de-1961-2000.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR. Itamar. **Itamar Vieira Junior fala sobre ancestralidade e representatividade**. [Entrevista concedida a] Douglas Glier Schütz, Brasil de fato 20 anos, maio, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2023/05/26/itamar-vieira-junior-fala-sobre-ancestralidade-e-representatividade>. Acesso em: 5 dez. 2023.

VIEIRA JUNIOR. Itamar. **O lavrador**: Itamar Vieira Jr. trabalha pela reforma agrária, enquanto colhe louros de ser maior escritor brasileiro hoje. [Entrevista concedida a] Marcos Candido. Ecoa Uol, janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/itamar-vieira-jr-trabalha-pela-reforma-agraria-enquanto-colhe-louros-de-ser-maior-escritor-brasileiro- hoje-/#cover>. Acesso em: 5 dez. 2023.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 7-72.

WORDART. [Gerador de nuvem de palavras]. Disponível em: <https://wordart.com/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.



UPF

UNIVERSIDADE
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900
(54) 3316 7000 - www.upf.br